

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Vanderléia de Andrade Haiski

**A LITERATURA DE TESTEMUNHO NA AMÉRICA LATINA COMO  
ELEMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA, DA DOR E DO  
TRAUMA**

Santa Maria, RS  
2021



**Vanderléia de Andrade Haiski**

**A LITERATURA DE TESTEMUNHO NA AMÉRICA LATINA COMO ELEMENTO  
DE RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA, DA DOR E DO TRAUMA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Letras – Ênfase em Estudos Literários**.

Orientador: Prof. Dr. Lizando Carlos Calegari

Santa Maria, RS  
2021

Haiski, Vanderléia de Andrade  
A LITERATURA DE TESTEMUNHO NA AMÉRICA LATINA COMO  
ELEMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA, DA DOR E DO  
TRAUMA / Vanderléia de Andrade Haiski.- 2021.  
195 p.; 30 cm

Orientador: Lizandro Carlos Calegari  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2021

1. Literatura de testemunho 2. Ditadura latino  
americana 3. Memória 4. Dor 5. Trauma I. Calegari,  
Lizandro Carlos II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, VANDERLÉIA DE ANDRADE HAISKI, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Vanderléia de Andrade Haiski**

**A LITERATURA DE TESTEMUNHO NA AMÉRICA LATINA COMO ELEMENTO  
DE RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA, DA DOR E DO TRAUMA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Letras - Ênfase em Estudos Literários**.

**Aprovada em 15 de dezembro de 2021:**

---

**Lizandro Carlos Calegari, Dr. (UFSM)**  
(Orientador/ presidente)  
(por videoconferência)

---

**Élcio Loureiro Cornelsen, Dr. (UFMG)**  
(por videoconferência)

---

**Fabíola Simão Padilha Trefzger, Dra. (UFES)**  
(por videoconferência)

---

**João Luis Pereira Ourique, Dr. (UFPel)**  
(por videoconferência)

---

**Rosani Úrsula Ketzner Umbach, Dra. (UFSM)**  
(por videoconferência)

Santa Maria, RS  
2021

**NUP:** 23081.014893/2022-37 **Prioridade:** Normal

**Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação**

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

**COMPONENTE**

<b>Ordem</b>	<b>Descrição</b>	<b>Nome do arquivo</b>
2	Folha de aprovação	Folha de aprovação.pdf

**Assinaturas**

**22/02/2022 10:44:33**

ROSANI URSULA KETZER UMBACH (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

**22/02/2022 11:03:13**

FABÍOLA SIMÃO PADILHA TREFZGER (Pessoa Física)

Usuário Externo (947.\*\*\*.\*\*\*-\*\*) 1960

**22/02/2022 11:23:21**

JOAO LUIS PEREIRA OURIQUE (Pessoa Física)

Usuário Externo (723.\*\*\*.\*\*\*-\*\*) 1960

**28/02/2022 08:06:09**

ELCIO LOUREIRO CORNELSEN (Pessoa Física)

Usuário Externo (041.\*\*\*.\*\*\*-\*\*) 1960

**08/03/2022 10:18:38**

LIZANDRO CARLOS CALEGARI (PROFESSOR ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO)

26.04.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE ENSINO - DE-POLI

Código Verificador: 1181423

Código CRC: 840852d0

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, autor da vida, que me sustenta em cada momento, que me dá forças para vencer as adversidades e prosseguir em busca dos meus sonhos.

À minha família, pelo amor, carinho e incentivo.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, pelos preciosos ensinamentos transmitidos.

Ao Prof. Dr. Lizandro Carlos Calegari, de modo especial, pela orientação segura, sábia e competente. Obrigada pela confiança, por entender as minhas dificuldades e angústias, pelo constante incentivo e auxílio no decorrer da pesquisa, pelo exemplo de profissional e pela amizade. Sou grata por todo o conhecimento compartilhado!

Aos professores Élcio Loureiro Cornelsen, Cláudia Maria Perrone, Neiva Graziadei e Rosani Úrsula Ketzer Umbach, pela leitura e observações atentas do trabalho e pelas sugestões no exame de qualificação.

Aos professores Fabíola Simão Padilha Trefzger, João Luis Pereira Ourique, Élcio Loureiro Cornelsen e Rosani Úrsula Ketzer Umbach, por terem aceitado fazer parte da banca de defesa e pelas contribuições importantes à tese.

Aos meus amigos, pelas palavras de motivação e incentivo para alcançar os meus objetivos.

A Cristal, minha companheira de quatro patas, que esteve ao meu lado nas noites de estudos.

Enfim, agradeço a todos que fazem parte de minha vida e que, de uma forma ou de outra, contribuíram para essa conquista.



### ***Canción de la exiliada***

*Me cortaron la voz:  
dos voces tengo.  
En dos lenguas distintas  
mi canto vierto.  
Me arrancaron el sol:  
dos soles nuevos  
como dos relucientes  
tambores sueno.  
Me aislaron de mi gente  
y hoy a mi pueblo  
vuelve mi canto doble  
como en un eco.  
Y a pesar de lo oscuro  
de este destierro,  
se enciende hoy mi poesía  
contra un espejo.  
Me cortaron la voz,  
dos voces tengo.*

(Alicia Partnoy)



## RESUMO

### A LITERATURA DE TESTEMUNHO NA AMÉRICA LATINA COMO ELEMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA, DA DOR E DO TRAUMA

Autora: Vanderléia de Andrade Haiski  
Orientador: Dr. Lizandro Carlos Calegari

O objetivo desta tese é analisar os relatos testemunhais latino-americanos **Tejas Verdes**: diário de un campo de concentración en Chile (1974), do chileno Hernán Valdés, **La escuela**: relatos testimoniales (1984), da argentina Alicia Partnoy, **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura (1999), do brasileiro Flávio Tavares, e **El furgón de los locos** (2001), do uruguaio Carlos Liscano, atentando para a relação entre a constituição problemática das testemunhas dessas narrativas, o trauma que marcou cada uma delas e a pertinência desses textos para a amenização da dor das vítimas, partindo-se das noções de autoritarismo, violência e trauma. Dentre os objetivos específicos que visam a dar conta do propósito geral da pesquisa, destacam-se os seguintes: pesquisar as características da literatura de testemunho na América Latina; estudar as diferenças e as semelhanças entre os relatos testemunhais e históricos; analisar o impacto do trauma na constituição subjetiva das testemunhas das obras que constituem o *corpus* deste projeto; examinar a relação entre constituição formal dos livros e o contexto latino-americano da segunda metade do século XX; avaliar o papel da narrativa na ressignificação dos traumas. A tese desta pesquisa é de que, ao escrever, o sobrevivente transfere parte da vivência traumática e seus sintomas para a narrativa e, com isso, confere uma ressignificação à história, à dor e às memórias do passado e, também, alivia a carga traumática originada de sofrimentos relacionados ao período sombrio das ditaduras latino-americanas. A pesquisa é de base bibliográfica. Nesse sentido, elementos da teoria literária a partir da literatura comparada, agregando-se perspectivas interdisciplinares com outras áreas do conhecimento, são considerados para o propósito da pesquisa em curso. Para o embasamento das propostas elencadas, busca-se respaldo em autores como Bruno Bettelheim, Cathy Caruth, Dori Laub, Jaime Ginzburg, Néstor Braunstein, Márcio Seligmann-Silva, Marcelo e Maren Viñar, Renato Franco, Shoshana Felman, Sigmund Freud, Theodor Adorno e Walter Benjamin.

**Palavras-chave:** Literatura de testemunho. Ditadura latino-americana. Memória. Dor. Trauma.



## ABSTRACT

### THE LITERATURE OF TESTIMONY IN LATIN AMERICA AS AN ELEMENT OF RESIGNIFICATION OF MEMORY, PAIN, AND TRAUMA

Author: Vanderléia de Andrade Haiski  
Advisor: Lizandro Carlos Calegari, Ph.D.

The objective of this dissertation is to analyze the Latin American testimonial reports **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile (1974), by the Chilean Hernán Valdés, **La escuela**: relatos testimoniales (1984), by the Argentinian Alicia Partnoy, **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura (1999), by the Brazilian Flávio Tavares, and **El furgón de los locos** (2001), by the Uruguayan Carlos Liscano, paying attention to the relationship between the problematic constitution of the witnesses of these narratives, the trauma that marked each one of them, and the relevance of these texts to alleviate the victims' pain, based on the notions of authoritarianism, violence, and trauma. Among the specific objectives of this research, the following ones stand out: to outline the characteristics of testimony in Latin America; to study the differences and the similarities between testimonial and historical accounts; to analyze the impact of trauma on the subjective constitution of the witnesses of the works that constitute the *corpus* of this project; to examine the relationship between the formal constitution of the books and the Latin American context of the second half of the 20th century; to evaluate the role of such narratives to resignify traumas. The main argument of this research is that, when the survivor writes, he/she transfers part of the traumatic experience and its symptoms to the narrative, and, therefore, gives a new meaning to the history, pain, and memories of the past, and also alleviates the traumatic charge originated from sufferings related to the dark period of the Latin American dictatorships. The research is bibliographically based. In this sense, elements of literary theory from comparative literature, joining interdisciplinary perspectives with other areas of knowledge, are considered for the purpose of the research. Bruno Bettelheim, Cathy Caruth, Dori Laub, Jaime Ginzburg, Néstor Braunstein, Márcio Seligmann-Silva, Marcelo and Maren Viñar, Renato Franco, Shoshana Felman, Sigmund Freud, Theodor Adorno, and Walter Benjamin are the main scholars who underscore the present approach.

**Keywords:** Testimony Literature. Latin American dictatorship. Memory. Pain. Trauma.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>TESTEMUNHO E HISTÓRIA: A DITADURA NA AMÉRICA LATINA</b> .....	21
2.1	A LITERATURA DE TESTEMUNHO .....	21
2.2	ENTRE A HISTÓRIA E A ESCRITA .....	32
2.3	AS DITADURAS NA AMÉRICA LATINA: CHILE, ARGENTINA, BRASIL E URUGUAI .....	41
<b>3</b>	<b>A ESCRITA DA DOR: TRAUMA, MEMÓRIA, TORTURA E REPRESENTAÇÃO</b> .....	57
3.1	O SOBREVIVENTE E A RELAÇÃO COM O TRAUMA, A MEMÓRIA E A TORTURA.....	57
3.2	A REPRESENTAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS: A IMPORTÂNCIA DO TESTEMUNHO E DO OUVINTE .....	71
3.3	O NARRADOR NO RELATO TESTEMUNHAL .....	87
<b>4</b>	<b>MEMÓRIA, TORTURA E TRAUMA NOS RELATOS TESTEMUNHAIS DA DITADURA LATINO-AMERICANA</b> .....	105
4.1	AS MEMÓRIAS DO CÁRCERE: ENTRE O ESQUECER, O RECORDAR E O TESTEMUNHAR.....	105
4.2	A REPRESENTAÇÃO DA TORTURA E DA DOR NA NARRATIVA DO SOBREVIVENTE .....	126
4.3	A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA EM HERNÁN VALDÉS, ALICIA PARTNOY, FLÁVIO TAVARES E CARLOS LISCANO .....	154
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	179
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	189



## 1 INTRODUÇÃO

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

(Walter Benjamin)

A presente tese intitulada “A literatura de testemunho na América Latina como elemento de ressignificação da memória, da dor e do trauma” procura analisar os livros **Tejas Verdes**: diário de un campo de concentración en Chile (1974), do chileno Hernán Valdés, **La escuela**: relatos testimoniales (1984), da argentina Alicia Partnoy, **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura (1999), do brasileiro Flávio Tavares, e **El furgón de los locos** (2001), do uruguaio Carlos Liscano, considerando o contexto ditatorial latino-americano na segunda metade do século XX. Nesse sentido, a questão que norteia esta pesquisa é a seguinte: qual é a relação entre a constituição das testemunhas desses relatos, o trauma que atingiu cada uma delas e a narrativa por elas escrita? A hipótese de trabalho é de que, em virtude do impacto da violência, do autoritarismo e do trauma na constituição dessas testemunhas, surgiram relatos que visam, por um lado, a criticar o discurso oficial, denunciando as opressões no continente latino-americano, por outro, a contribuir para a amenização dos sintomas do trauma dessas vítimas.

Os livros que constituem o *corpus* desta tese foram produzidos na América Latina e reportam-se a contextos ditatoriais que motivaram vivências traumáticas a seus autores. Assim, **Tejas Verdes**, de Valdés, narra o drama vivido pelo autor durante sua passagem pela prisão que empresta nome ao texto. Em **La escuela**, Partnoy narra, em primeira pessoa, os horrores sofridos num centro clandestino de detenção na cidade de Bahía Blanca, na Argentina. **Memórias do esquecimento**, de Tavares, é um relato sobre a prisão e a tortura do autor durante o período ditatorial brasileiro. Preso pela ditadura, Tavares foi libertado com outros 14 presos em troca do embaixador dos Estados Unidos, e, em 1969, iniciou longo exílio no qual foi vítima (e sobrevivente) da chamada Operação Condor. **O furgão dos**

**loucos**, de Liscano, é um relato sobre a história do autor como prisioneiro da ditadura uruguaia devido à sua militância como tupamaro<sup>1</sup>.

**Tejas Verdes**, do chileno Hernán Valdés, é uma narrativa em forma de diário, contando parte da vida do próprio autor em um campo de concentração, Tejas Verdes, situado perto de San Antonio, na província de Santiago. Através de uma detalhada narração do sistema de detenção, do terror e das humilhações da vida cotidiana no campo de concentração, e dos métodos de interrogatório e de tortura, Valdés revela, implicitamente, a ideologia e os propósitos do regime chileno. O livro relata a inexplicável prisão do autor, em casa, os interrogatórios iniciais, a transferência para o campo e, também, as sessões de tortura. Trata-se de um relato da perplexidade e da vulnerabilidade de um cidadão comum diante da arbitrariedade, da brutalidade e da ignorância daqueles que têm o poder sobre sua vida e que, tampouco, conhecem o motivo de sua detenção.

**La escuelita** trata de um centro clandestino de detenção – La escuelita – situado a nordeste da cidade de Bahía Blanca, no bairro de Villa Floresta, na Argentina. O local era conhecido como uma edificação precária e ruínosa, que servira para guardar cavalos militares, mas que foi demolida antes da queda da ditadura. Alicia Mabel Partnoy, uma sobrevivente, escreveu esse livro sobre os seus padecimentos naquele centro.

**Memórias do esquecimento** é um relato sobre a prisão e a tortura de militantes e civis após o golpe militar de 1964 no Brasil. Formado em Direito e professor da UnB, o jornalista Flávio Tavares participou da resistência à ditadura, ocasião em que foi preso. Libertado com outros 14 presos em troca do embaixador dos Estados Unidos, em 1969, iniciou longo exílio no qual foi vítima (e sobrevivente) da chamada Operação Condor. A propósito, destaca-se aqui a dimensão da Operação Condor, a qual foi uma campanha promovida pelos Estados Unidos, oficialmente implementada em novembro de 1975, pela união de países com regimes ditatoriais do Cone Sul, incluindo o Brasil, o Chile, a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e a Bolívia. Assim, a Operação Condor transformou o Cone-Sul em um bloco sem fronteiras e ignorou as normas de regulamentos internacionais que garantiam proteção para os refugiados políticos em países estrangeiros. Ela

---

<sup>1</sup> O vocábulo designa um grupo guerrilheiro marxista-leninista uruguaio de guerrilha urbana, que operou entre 1960 e 1970, antes e durante a ditadura militar no Uruguai (1973-1985).

atuou por meio de repressão política e do terror de Estado e envolveu operações de inteligência, perseguição sistematizada e assassinato de opositores das ditaduras militares.

O livro de Tavares também é um relato sobre parte da vida do autor. Engendrado numa consciência que, se, por um lado, sabe que as memórias contribuem para o estabelecimento de maior acuidade historiográfica, fornecendo novos subsídios aos interessados no período focado; por outro, demonstra a vontade e, por vezes, a necessidade do esquecimento, para que a normalidade cotidiana possa ser retomada sem que sonhos perturbadores e lembranças desagradáveis irrompam involuntariamente, reatualizando a dor de outros tempos.

**El furgón de los locos** é um relato sobre a vivência do autor, Carlos Liscano, como prisioneiro da ditadura uruguaia devido à sua militância como tupamaro. O escritor, nascido em Montevideu, em 1949, foi preso político no Uruguai por 13 anos, período em que esteve confinado em uma prisão em que não havia luz, móveis ou janelas, sendo o contato corporal e a fala proibidos, a alimentação, residual, e a tortura, constante. Mais de uma década após a sua libertação, Liscano escreve sobre a sua vivência, e o principal aspecto do seu relato diz respeito a como ele não enlouqueceu em meio ao confinamento, considerando-se que, nesses casos, há um esvaziamento da condição humana, pois o indivíduo é reduzido a um corpo pulsante quase que por acidente.

O desenvolvimento da presente pesquisa justifica-se pela importância do estudo das teorias do trauma para a compreensão de narrativas testemunhais produzidas na América Latina no século XX. Observa-se que as quatro narrativas testemunhais que constituem o *corpus* da pesquisa são de países do Cone Sul e, portanto, não dão uma dimensão total da América Latina. Porém, muitas das teorias que dão suporte à pesquisa são referentes à América Latina, considerando as similaridades das ditaduras que ocorreram nos diferentes países. Assim, a relevância do trabalho situa-se no valor do trauma, da violência e do autoritarismo para a elucidação de fenômenos ligados aos acontecimentos históricos narrados através de testemunhos. Com base nisso, a pesquisa é pertinente na medida em que possibilita a compreensão do compromisso ético do não esquecimento através de relatos testemunhais envolvendo episódios históricos catastróficos. Além disso,

ela amplia o entendimento sobre a dimensão ética dessa literatura, quando a memória sobre os fatos históricos ameaça dissipar-se na contemporaneidade.

A propósito, a demanda de reflexões sobre o assunto é cada vez mais urgente, porque, no momento atual, estariam se concretizando, de diferentes formas, os pesadelos formulados nos anos 1960, 1970 e 1980 acerca da desumanização. Nessa perspectiva, o contexto histórico interessa enquanto elemento de possível inserção na discussão a respeito dos conflitos sociais, conflitos esses, muitas vezes, enfatizados através de determinadas obras. Em virtude disso, esse estudo procura, em sua delimitação, focar os aspectos históricos assinalados pelo caráter autoritário, atentando, ainda, para a realidade social do período delimitado.

Partindo-se desses pressupostos, esta pesquisa ganha relevância na medida em que tais testemunhos estimulam uma revisão da história latino-americana, já que essa passa a ser recontada a partir do ponto de vista dos excluídos do poder. Afora a importância que esses relatos ganham por serem narrativas de resistência, eles são necessários para que seus autores lidem com assuntos que marcaram a sua constituição enquanto seres humanos agredidos pela violência histórica. Com isso, esses livros são analisados na perspectiva de que funcionam como ferramentas para o alívio dos sintomas do trauma que cada um dos autores carrega.

Com base em tais argumentos, a presente tese situa-se dentro da linha de pesquisa *Literatura, Comparatismo e Crítica Social* do Programa de Pós-Graduação em Letras – nível: Doutorado – da Universidade Federal de Santa Maria, uma vez que intenta, a partir de um conjunto de obras produzidas no contexto latino-americano, esboçar uma crítica a uma realidade opressora, violenta e autoritária, sem perder de vista a importância que os relatos assumem na elucidação de fatos históricos bem como na tentativa de ressignificação do trauma.

O objetivo geral deste estudo é analisar quatro relatos testemunhais latino-americanos, atentando para a relação entre a constituição problemática das testemunhas dessas narrativas, o trauma que marcou cada uma delas e a pertinência desses textos para a amenização da dor das vítimas, partindo-se das noções de autoritarismo, violência e trauma. Dentre os objetivos específicos que visam a dar conta do propósito geral da pesquisa, destacam-se os seguintes:

pesquisar as características da literatura de testemunho na América Latina; estudar as diferenças e as semelhanças entre os relatos testemunhais e históricos; analisar o impacto do trauma na constituição subjetiva das testemunhas das obras que constituem o *corpus* deste projeto; examinar a relação entre constituição formal dos livros e o contexto latino-americano da segunda metade do século XX; avaliar o papel da narrativa na ressignificação dos traumas.

A tese desta pesquisa é de que, ao escrever, o sobrevivente transfere parte da vivência traumática e seus sintomas para a narrativa e, com isso, confere uma ressignificação à história, à dor e às memórias do passado e, também, alivia<sup>2</sup> a carga traumática originada de sofrimentos relacionados ao período sombrio das ditaduras latino-americanas. Assim, partindo-se dessas noções, fazem-se os seguintes questionamentos: 1) como se definem as testemunhas das catástrofes históricas?; 2) qual é a relação delas com as narrativas produzidas?; 3) qual é a importância dos relatos que elas produziram para a ressignificação ou para a amenização da dor do trauma?. Esta tese busca atender a essas perguntas, considerando os relatos testemunhais **Tejas Verdes**, **La escuela**, **Memórias do esquecimento** e **El furgón de los locos**.

Para a abordagem das temáticas selecionadas, são consideradas teorias que auxiliam na análise e na interpretação dos diferentes aspectos relacionados ao trauma, ao autoritarismo e à violência nas aludidas obras testemunhais latino-americanas. Nesse sentido, faz-se necessário ir além do campo da teoria literária e buscar respaldo em outras áreas do conhecimento como psicanálise, sociologia e história. Isso significa, então, que o presente trabalho não se prende a um método de leitura totalmente rígido e pré-determinado. Ele abriga referenciais teóricos na medida em que esses forem úteis para a construção da análise interpretativa.

A tese está organizada em três capítulos principais: *Testemunho e história: a ditadura na América Latina*, *A escrita da dor: trauma, memória, tortura e representação*, e *Memória, tortura e trauma nos relatos testemunhais da ditadura latino-americana*. O primeiro capítulo, *Testemunho e história: a ditadura na América Latina*, apresenta-se subdividido em três partes, abordando três tópicos que

---

<sup>2</sup> Amenização não apenas no sentido de simplesmente sentir menos dor, mas no sentido de buscar a justiça e ganhar algum tipo de reconhecimento, devolvendo, assim, aos protagonistas da violência, da crueldade e da barbárie a autoria inquestionável de seus atos.

se correlacionam. Primeiramente, a literatura de testemunho é contextualizada, considerando seu surgimento com a ocorrência da *Shoah* e a vertente latino-americana. Em seguida, discute-se a relação entre ficção e história, bem como questões relacionadas à narrativa. Por fim, faz-se uma contextualização da história da ditadura na América Latina, com ênfase nos contextos chileno, argentino, brasileiro e uruguaio, trazendo à tona dados dos autores, da fortuna crítica e dos livros que constituem o *corpus* desta tese.

No segundo capítulo, intitulado *A escrita da dor: trauma, memória, tortura e representação*, é estabelecida, primeiramente, uma relação entre elementos diretamente vinculados às vítimas de violência, como o trauma, a memória e a tortura. Após, discute-se a questão da representação, considerando os episódios históricos de violência e a sua relação com o trauma. E, por último, a abordagem concentra-se na figura do narrador do relato testemunhal e nas suas peculiaridades.

Já no terceiro capítulo, *Memória, tortura e trauma nos relatos testemunhais da ditadura latino-americana*, tem-se a análise dos textos que constituem o *corpus* da tese. O exame privilegia tópicos que vão ao encontro dos objetivos da pesquisa e considera as teorias abordadas nos capítulos anteriores, como o trauma, a tortura, a dor e a memória das vítimas, bem como a forma nos relatos testemunhais.

A pesquisa é de base bibliográfica. Nesse sentido, elementos da teoria literária a partir da literatura comparada, agregando-se perspectivas interdisciplinares com outras áreas do conhecimento, serão considerados para o propósito da pesquisa em curso. Com isso, dentre os principais teóricos que embasam a proposta, estão: Bruno Bettelheim, Cathy Caruth, Dori Laub, Néstor Braunstein, Márcio Seligmann-Silva, Shoshana Felman, Sigmund Freud, Theodor Adorno e Walter Benjamin.

## 2 TESTEMUNHO E HISTÓRIA: A DITADURA NA AMÉRICA LATINA

### 2.1 A LITERATURA DE TESTEMUNHO

A palavra é o próprio homem. Somos feitos de palavras. Elas são nossa única realidade ou, pelo menos, o único testemunho de nossa realidade.

(Octavio Paz)

Nas últimas décadas, o termo “literatura de testemunho” tem sido usado em artigos acadêmicos, em livros e em diversas formas de mídia. Certamente, quando se fala em literatura de testemunho, logo se pensa em uma literatura que difere da literatura “tradicional”, com caráter ficcional, como romances e contos. Ao buscar a origem da palavra “testemunha”, encontram-se alguns termos para defini-la: “[o] primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (*tertis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores”<sup>3</sup>. Já o segundo termo, “*superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final de um evento e pode, portanto, dar testemunho disso”<sup>4</sup>.

A literatura<sup>5</sup> de testemunho, na perspectiva atual, está relacionada ao segundo termo, *superstes*, pois diz respeito a alguém que (sobre)viveu um acontecimento e tem a possibilidade de dar o testemunho sobre ele. De modo geral, essa literatura tem relação direta com determinados períodos históricos marcados pela violência e pelo autoritarismo, sendo as narrativas que deles surgiram uma forma de reação dos sobreviventes a tais acontecimentos. Há, ainda, um terceiro termo relacionado com o testemunho, *auctor*<sup>6</sup>, o qual “indica a testemunha enquanto o seu testemunho pressupõe sempre algo – fato, coisa ou

<sup>3</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. 2008. p. 27.

<sup>4</sup> Idem. Ibidem. p. 27.

<sup>5</sup> Aqui, naturalmente, a palavra “literatura” não tem sentido de algo meramente ficcional, fantasioso e, por vezes, mentiroso. Diz respeito a uma categoria, a literatura de testemunho, que, enquanto relato de um sobrevivente, agrega elementos históricos e individuais em sua constituição.

<sup>6</sup> Idem. Ibidem. p. 149. Segundo Agamben, “[o] significado moderno do termo ‘autor’ aparece relativamente tarde. Em latim, *auctor* significa originariamente quem intervém no ato de um menor (ou de quem, por algum motivo, não tem capacidade de realizar um ato juridicamente válido), para lhe conferir o complemento de validade de que necessita. [...] Entre as acepções mais antigas do termo, aparecem também as de ‘vendedor’ em um ato de transferência de propriedade, de quem ‘aconselha ou persuade’ e, por fim, de ‘testemunha’”.

palavra – que lhe preexiste, e cuja realidade e força devem ser convalidadas ou certificadas”<sup>7</sup>. Cada um desses três termos representa a ideia de testemunho e têm características próprias. Ainda sobre o *auctor*, Giorgio Agamben afirma que o

*auctor* contrapõe-se a *res* (*auctor magis... quam res... movit*: a testemunha tem mais autoridade do que o fato testemunhado – Liv., 2, 37, 8) ou a *vox* (*vores... nullo auctore emissae*: palavras cuja verdade nenhuma testemunha garante – Cic., Coel. 30). O testemunho sempre é, pois, um ato de “autor”, implicando sempre uma dualidade essencial, em que são integradas e passam a valer uma insuficiência ou uma incapacidade.

Desse modo, explicam-se também o sentido de “fundador de uma estirpe ou de uma cidade” que o termo *auctor* tem nos poetas, e o significado geral de “pôr em ser, dar existência”<sup>8</sup>.

Nessa concepção, considerando que o mundo clássico não admite a criação *ex nihilo*, isto é, a partir do nada, e, assim, a criação sempre implica o aperfeiçoamento de algo informe ou incompleto, todo autor é coautor de sua matéria inacabada. Segundo o estudioso, “o ato do *auctor* completa o do incapaz, dá força de prova ao que, em si, falta, e vida ao que por si só não poderia viver”<sup>9</sup>, e pode-se afirmar que é justamente essa incompletude ou imperfeição que se integram ao *auctor*-testemunha e que dá sentido às suas palavras. Nessa perspectiva, o testemunho de um sobrevivente é legítimo e significativo somente se “vier a integrar o de quem não pode dar testemunho”<sup>10</sup>. Isto é, o testemunho nunca será uma criação totalmente nova, exclusiva, pois ele estará impregnado de outras vozes que não tiveram a oportunidade de serem manifestas.

A literatura de testemunho surgiu no século XX, um período marcado por grandes contrastes e transformações, algo que levou Eric Hobsbawm a defini-lo como a “era dos extremos”<sup>11</sup>. Se, por um lado, o século XX foi notável em avanços científicos e tecnológicos, por outro, juntamente com tais conquistas, surgiram as grandes catástrofes. O século que passou foi um período tão violento, que colocou em questionamento a racionalidade da sociedade. Milhares de pessoas, ao mesmo tempo em que poderiam usufruir dos benefícios que a modernidade proporcionava,

<sup>7</sup> Idem. Ibidem. p. 150.

<sup>8</sup> Idem. Ibidem. p. 150.

<sup>9</sup> Idem. Ibidem. p. 151.

<sup>10</sup> Idem. Ibidem. p. 151.

<sup>11</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. 1995.

tiveram suas vidas destruídas de forma brutal e, por que não assim dizer, “irracional”.

O referido século viveu alguns colapsos extremos: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os massacres ocorridos em Hiroshima e Auschwitz, as guerras do Japão contra a China (1937-1939) e a da Coreia (1950-1953), bem como as ditaduras latino-americanas. Frente a esses acontecimentos, surge uma literatura preocupada em dar atenção a essas catástrofes. Seus autores, na maioria das vezes, são sobreviventes desses episódios violentos. Muitas pessoas que vivenciaram ou foram testemunhas das catástrofes, apesar da dificuldade e até da impossibilidade de narrarem esses eventos, sentem o anseio de testemunhá-los, de tentar traduzir, de algum modo, tais situações.

A propósito, analisando os sobreviventes de catástrofes históricas, Dori Laub<sup>12</sup> percebeu que eles procuravam contar suas histórias não apenas porque sobreviveram, mas principalmente como uma estratégia de sobrevivência. Conforme define o autor, “o testemunho é, portanto, o processo no qual o narrador (o sobrevivente) recupera sua posição como testemunha: reconstitui o ‘eu’ interior e, dessa maneira, a possibilidade de uma testemunha ou ouvinte dentro de si mesmo”<sup>13</sup>. Márcio Seligmann-Silva<sup>14</sup>, a rigor, complementa essa ideia, alegando que a importância do testemunho reside não somente na narração dos fatos violentos, mas na resistência da vítima à compreensão de tais episódios.

A literatura de testemunho, conforme Seligmann-Silva, pode ser considerada uma das maiores contribuições do século XX para a história dos gêneros literários. Segundo o autor, ela se diferencia das duas grandes linhas que marcaram a produção literária até os dias atuais, pois “não visa nem a imitação (da natureza,

---

<sup>12</sup> LAUB, Dori. Bearing Witness, or the Vicissitudes of Listening. In: FELMAN, Shoshana; LAUB, Dori (Eds.). **Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis and History**. 1992.

<sup>13</sup> LAUB, Dori. Truth and Testimony: the Progress and the Struggle. In: CARUTH, Cathy (Ed.). **Trauma: Explorations in Memory**. 1995. p. 70. Todas as traduções são de nossa autoria. Traduzido do original: “The testimony is, therefore, the process which the narrator (the survivor) reclaims his position as a witness: reconstitutes the internal “thou,” and thus the possibility of a witness or a listener inside himself”.

<sup>14</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura de trauma. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 48.

da história, ou mesmo de ideias) nem a criação ‘absoluta’ (como na doutrina romântica que levou à busca da ‘arte pela arte’)<sup>15</sup>. Essa literatura implica

a afirmação da necessidade de se *construir* um passado que está fadado a ficar em ruínas (a estética das ruínas, aliás, como é bem conhecido, também é romântica nas suas origens). Indivíduo e mundo são construídos simultaneamente através dessa literatura<sup>16</sup>.

Nesse sentido, a literatura de testemunho conduz à reflexão sobre o possível vínculo entre literatura e realidade, pois quem testemunha, via de regra, faz uma narrativa caracterizada pelo “real” traumático. Ainda de acordo com o ensaísta, nesse contexto, a realidade em si não é o elemento principal para o sobrevivente, mas a sua capacidade de percebê-la e simbolizá-la. Assim, a pessoa que testemunha tem uma relação singular com a linguagem, pois rompe as barreiras dessa linguagem as quais tentavam encobrir o “indizível”<sup>17</sup>. Como se verifica, a narrativa de testemunho é uma filha da própria história, fruto de um século marcado por grandes catástrofes, o que leva a pensar sobre a proximidade ou os limites entre a história e a ficção.

O testemunho, enquanto ato de relatar, apresenta algumas acepções, e essas permitem perceber os contornos das vertentes que abordam a relação entre literatura e testemunho. É possível pontuar a existência de duas grandes vertentes que são denominadas: *Shoah* e *testimonio*. Ambas estão ligadas a fatos e/ou a eventos históricos marcantes (a primeira ao massacre judeu nos campos de concentração e a segunda à história de opressão nos países latino-americanos e aos regimes autoritários instaurados na região a partir da década de 1940). Abordar tais aspectos acarreta entender as peculiaridades formais e temáticas nas produções de cada vertente, mesmo percebendo aspectos em comum entre elas.

Em razão de essas vertentes serem envoltas em peculiaridades formais e temáticas, convém abordá-las separadamente, para, assim, a partir do estudo de suas especificidades, construir a caracterização do testemunho que é materializado nos livros selecionados. Tendo como critério o aspecto cronológico,

<sup>15</sup> Idem. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, literatura, arte e tradução. 2005. p. 110.

<sup>16</sup> Idem. *Ibidem*. p. 110.

<sup>17</sup> Idem. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. 2003. p. 48.

partindo dos estudos mais antigos para os mais recentes, inicia-se a revisão bibliográfica pelos estudos sobre a *Shoah* e, em seguida, discute-se o *testimonio*.

Seligmann-Silva<sup>18</sup> faz uma distinção entre os termos *Zeugnis* (do alemão) e *testimonio*, pois, embora os dois sejam usados para se referir ao testemunho, é importante pensar nesses termos a partir de seus contextos. O primeiro termo está no âmbito de um evento histórico, ou seja, a *Shoah* e a Segunda Guerra Mundial, e, ao pensar nesse testemunho, estabelece-se uma relação com a psicanálise, para abordar questões do trauma e, também, da história e da teoria da memória. O segundo termo, *testimonio*, está igualmente relacionado a um evento histórico, mas que diz respeito à ditadura, à repressão às minorias étnicas, às mulheres e aos homossexuais, e à exploração econômica. Esse termo pensa o testemunho a partir da tradição religiosa da confissão e da apresentação de vidas “exemplares”, tradição da crônica e da reportagem<sup>19</sup>.

Os estudos sobre a *Shoah*<sup>20</sup> estão relacionados às ressonâncias do terror resultante da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente, com o extermínio de judeus nos campos de concentração nazistas. Cabe indicar, também, que, além dos judeus, outras minorias foram assassinadas pelo regime nazista, tais como ciganos, poloneses, comunistas, homossexuais, prisioneiros de guerra soviéticos, Testemunhas de Jeová e deficientes físicos e mentais, totalizando cerca de 11 milhões de civis que foram mortos intencionalmente. Tal vertente surge, segundo Valéria de Marco<sup>21</sup>, das reflexões de um grupo interdisciplinar, composto por historiadores, psicanalistas, dentre outros estudiosos, que buscavam compreender

<sup>18</sup> Idem. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 81.

<sup>19</sup> CORNELSEN, Élcio Loureiro. O testemunho na chave do trauma: aspectos teóricos. In: UMBACH, Rosani Ketzer; CALEGARI, Lizandro Carlos (Orgs.). **Estética e política na produção cultural**: as memórias da repressão. 2011. p. 12.

<sup>20</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**: Literatura, Violência e Direitos Humanos. 1998. p. 16. Nos referenciais teóricos sobre a literatura de testemunho, várias palavras são usadas para designar o massacre que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, com a criação dos campos de concentração. Dentre esses termos, citam-se *Shoah*, Holocausto, barbárie, genocídio, extermínio. Holocausto deriva do grego *holócauston*, que aparece na mais antiga versão da Bíblia e que foi transcrito por São Jerônimo na Vulgata pelo termo *holocaustum*. Essa palavra significaria “queimar totalmente” e era empregada para denominar o sacrifício ritual marcado pela imolação não apenas entre os judeus, mas entre outras culturas. Seligmann-Silva destaca que essa denominação não teria sido aceita por muitos estudiosos do tema e pela maioria dos judeus, pois esses negam que aquele morticínio possa ter sido considerado um sacrifício e muito menos reduzido a um fenômeno a mais na linha ascendente da história. Já o termo hebraico *Shoah*, ou *Shoa*, significa catástrofe, destruição, aniquilamento. Por esse motivo, o vocábulo *Shoah* será usado ao longo desta tese.

<sup>21</sup> MARCO, Valéria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. **Lua Nova, Revista de Cultura e Política**. 2004.

os horrores sem precedentes, empreendidos por homens (especificamente os nazistas) contra outros homens (os judeus), que eram julgados pelos primeiros como seres inferiores, o que justificou o tratamento violento e desumano nos campos de concentração, atos, até então, impensáveis.

De Marco<sup>22</sup> pontua, ainda, a existência de duas ramificações nos estudos do testemunho dentro da vertente da *Shoah*. A primeira, segundo ela, negaria a dimensão ficcional do testemunho e exaltaria seu teor de veracidade a tal ponto que negaria a possibilidade de abordagem desses relatos pelo viés estético, pois se privilegiaria a postura ética de um relato por excelência verídico. A segunda ramificação seguiria na contramão da primeira e veria os relatos testemunhais sob o ponto de vista da abordagem estética, atentando para o modo como a narrativa é construída e, conseqüentemente, como as sensações são elaboradas em tais relatos.

Em ambos os modos de olhar para os textos, é possível notar o signo de um episódio verídico, pois são textos que só podem surgir do relato de quem a vivenciou. Desse modo, o relato da *Shoah* deve, obrigatoriamente, ser o relato de um sobrevivente, aquele que vivenciou o trauma e, em seu relato, tenta transformar em discurso sua vivência. Como decorrência, de acordo com Seligmann-Silva<sup>23</sup>, ter-se-á uma narrativa marcada pela literalização e pela fragmentação. A primeira seria responsável pela tradução do vivido em palavras, e a segunda, marcada pela incapacidade de tradução dos nós da memória (trauma) em um discurso coerente e ordenado.

Na Alemanha, a literatura de testemunho recebe diferentes ênfases. Ela pode se integrar como parte da *teoria da memória*, com os estudos de Aleida Assmann<sup>24</sup>, como uma reflexão sobre a *teoria da representação* no plano literário e artístico, com os trabalhos de Sigrid Weigel<sup>25</sup> e, também, no sentido de delinear

---

<sup>22</sup> Idem. *Ibidem*. p. 53.

<sup>23</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 85.

<sup>24</sup> ASSMANN, Aleida. **Erinnerungsräume**: Formen and Wandlungen des Kulturellen Gedächtnisses. Munique: C. H. Beck, 1999. Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 86.

<sup>25</sup> WEIGEL, Sigrid. Pathologie und Normalisierung in deutschen Gedächtnisdiskurs. In: SMITH, Gary; EMRICH, Hinderk M. (Eds.). **Vom Nutzen des Vergessens**. Berlim: Akademie Verlag. 1996. p. 241-263. / \_\_\_\_\_. *Télescope* im Unbewußtsein: Zum Verhältnis von Trauma, Geschichtsbegriff und Literatur. In: WEIGEL, S. (Ed.). **Trauma**. Zwischen Psychoanalyse und Kulturellen Deutungsmuster. Colônia/ Weimar/ Viena: Böhlau, 1999. p. 51-76. / \_\_\_\_\_. *Zeugnis*

uma história da noção de *esquecimento*, com a pesquisa de Harald Weinrich<sup>26</sup>. Isso posto, observa-se que o que se concebe como literatura de testemunho da *Shoah* é flexível quanto à forma (abrangendo diferentes gêneros) e à ênfase (aceitando diferentes abordagens).

Dentre os autores que são estudados como constituintes do cânone testemunhal da *Shoah*, independentemente de serem testemunhas primárias ou não, estão Primo Levi, Paul Celan, Jorge Semprun, Adam Czerniakow, Georges Perec, Charlotte Delbo, Maurice Blanchot, David Rousset, entre outros<sup>27</sup>. A literatura decorrente da *Shoah* abrange diferentes formas e gêneros, como romances, crônicas, contos, entre outros. Destacam-se, também, os diversos relatos de testemunho escritos pelos sobreviventes da barbárie. Dentre os relatos mundialmente conhecidos estão **É isto um homem?** (1947), de Primo Levi; **O diário de Anne Frank** (1947), de Anne Frank, publicado postumamente; **A noite** (1958), de Elie Wiesel; **Eu sou o último judeu** (2009), de Chil Rajchman; e **Depois de Auschwitz** (2013), de Eva Schloss.

A escritora Regina Igel afirma que a literatura de testemunho judaica tem como característica principal a combinação de estilos, ou seja, apresenta traços pedagógicos, juntamente com descrições de vivências – reais ou imaginadas – de um período violento<sup>28</sup>. Nessa categorização, a exposição didática é combinada ao testemunho pessoal e à ficcionalidade e compreende grande parte das narrativas dos sobreviventes que relataram suas vivências da *Shoah*. Desse modo, a narrativa une a memória e a imaginação, sem gerar grandes conflitos acerca da fidelidade ao momento histórico e à criatividade ficcional. Devido ao distanciamento temporal do episódio, informações como eventos, datas, locais, conterrâneos, entre outros, aliam-se a reflexões e a percepções pessoais das lembranças,

---

und Zeugenschaft, Klage und Anklage. In: **Zeugnis und Zeugenschaft**: Jahrbuch des Einstein Forums. Berlin: Akademie-Verlag, 2000. p. 111-135. Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 86.

<sup>26</sup> WEINRICH, Harald. **Lethe**: Kunst und Kritik des Vergessens. Munique: C. H. Beck, 1997. Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 86.

<sup>27</sup> Idem. Ibidem. p. 86.

<sup>28</sup> IGEL, Regina. **Imigrantes judeus/ escritores brasileiros**: o componente judaico na literatura brasileira. 1997. p. 224.

revelando “intenções ambíguas entre uma angústia de reter o passado e a necessidade de livrar-se dela através de uma catarse”<sup>29</sup>.

A segunda vertente teórica do testemunho surge no âmbito dos estudos latino-americanos e, de modo semelhante à composição da *Shoah*, apresenta duas ramificações. A primeira está ligada à (re)escrita da história dos excluídos, com o surgimento de narrativas que dão voz aos marginalizados socialmente, operando uma recuperação e uma escritura no âmbito social de quem foi renegado a um segundo plano. A segunda está ligada ao relato das vítimas dos regimes militares ditatoriais que assolaram a América Latina nas décadas de 1950 e 1960. Essa concepção tem em sua gênese diferentes discursos (literário, documental e jornalístico) e apresenta um teor documental (de reverso da história), imprimindo, nessa literatura, um forte teor político.

Outro aspecto da história dos estudos do gênero testemunho na América Latina está ligado ao fato de ser um gênero institucionalizado, diferente do que ocorre com os estudos da *Shoah*, no qual se problematizam as fronteiras entre o verídico e o ficcional; e o narrador enfatiza, a todo o momento, a dimensão verídica, como um respaldo ao que é narrado. O *testimonio* latino-americano, no caso dos relatos dos excluídos, surge como um gênero oficialmente verídico, no ano de 1969, com a criação de uma categoria do Prêmio Casa das Américas, que será responsável não apenas por reconhecer a existência do novo gênero, mas também por iniciar um processo de institucionalização e formalização desse, que, com o passar do tempo, agregou e sistematizou diferentes ordenações textuais.

Valéria de Marco<sup>30</sup> pontua a existência de duas formas de ordenação das narrativas: o romance-testemunho (ficção construída com base em relatos) e o testemunho romanceado (composto por texto com relatos verídicos ordenados em prólogo, notas e o testemunho em si). Formalmente, o testemunho latino-americano recupera a composição da autobiografia, com a incorporação da dimensão histórica, marcada pela representação de uma memória relevante que ajuda a compor a história de um povo. Desse modo, a dimensão coletiva se

---

<sup>29</sup> Idem. Ibidem. p. 224.

<sup>30</sup> MARCO, Valéria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. **Lua Nova, Revista de Cultura e Política**. 2004. p. 47.

sobrepõe à dimensão individual, pois a narrativa, embora carregada de um teor individual, importa enquanto voz de uma coletividade e/ou o registro de um fato.

Assim, o *testimonio* pode ser configurado como um gênero que se concebe formalmente a partir de características do gênero romance (ordenação do texto, matéria narrada e implicações da narrativa) e é motivado por um viés revolucionário. Segundo Beatriz Sarlo<sup>31</sup>, as narrativas possibilitam pensar 1) sobre o dito e o não-dito; 2) o que é calado nelas, pois, embora as reflexões em torno das quais gira o texto sejam de cunho individual, elas permitem a recuperação de um fato coletivo; e 3) a voz que está latente no texto, no caso, a do opressor, trata-se de uma voz que se configura como o outro em comparação ao narrador. Ainda sobre a literatura de testemunho na América Latina, de acordo com Seligmann-Silva, “ocorre uma convergência entre política e literatura. Dentro de uma perspectiva de luta de classes assume-se esse gênero como o mais apto para ‘representar os esforços revolucionários’ dos oprimidos”<sup>32</sup>.

Na América Latina, o conceito de *testimonio* surgiu no início dos anos 1960<sup>33</sup>. A ditadura converteu-se em tema literário e se tornou objeto de muitos escritores, os quais utilizaram a arte para discutir o acontecimento de forma não oficial, proporcionando uma visão dos fatos históricos de outra perspectiva. Como exemplo, tomam-se obras publicadas durante a ditadura no Brasil: **Dez histórias imorais** (1967), de Aguinaldo Silva; **Copacabana: posto 6** (1972), de Cassandra Rios; **Feliz ano novo** (1975), de Rubem Fonseca; e **Zero** (1975), de Ignácio de Loyola Brandão, entre outras. Muitas dessas obras literárias, juntamente com outras representações artísticas como músicas, filmes, novelas e teatros, foram censuradas durante a ditadura, visto que condenar a liberdade de expressão, opinião e questionamentos é uma característica dos regimes autoritários. Além disso,

[q]uando houver o não comprometimento do artista com a história oficial, o escritor terá a liberdade necessária para construir uma espécie de micro-história, em que é valorizado o diminuto, o pessoal, o cotidiano, o marginal, temas, em geral, desconsiderados pela historiografia oficial<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. 2007. p. 118.

<sup>32</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 87.

<sup>33</sup> Idem. Ibidem. p. 87.

<sup>34</sup> Idem. Ibidem. p. 41.

Nesse sentido, os relatos de testemunho confrontam a historiografia oficial, visto que a testemunha tem a possibilidade de narrar fatos que não se encontram registrados. Ainda, a narrativa, a partir da voz de uma vítima, que sobreviveu a um evento violento, pode trazer à tona outra dimensão ou versão até de fatos já escritos na história, pois é uma voz carregada de vivências, detalhes e emoções, contrária à suposta ideia de neutralidade que, por vezes, é almejada por um historiador ao narrar um acontecimento.

A literatura de *testimonio* é constituída a partir de diferentes gêneros como crônica, autobiografia, confissão, reportagem e ensaios. Dentre os autores considerados do cânone do *testimonio*, estão Rigoberta Menchú, Miguel Barnet, Maria Esther Gílio, José Maria Arguedas, Omar Cabezas e Bermejo González<sup>35</sup>. Estudiosos como René Jara e Hernán Vidal<sup>36</sup>, John Beverly<sup>37</sup> e Hugo Achugar<sup>38</sup> trataram sobre a teoria do *testimonio* em suas investigações sobre o tema. A propósito, nessa temática, o papel da testemunha ganha uma dimensão mais ampla pois, conforme Jeanne Marie Gagnebin,

testemunha não é somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente<sup>39</sup>.

---

<sup>35</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 91.

<sup>36</sup> JARA, René; VIDAL, Héran (Orgs.). **Testimonio y literatura**. Minneapolis: Institute for the Study of Ideologies and Literature, 1986. Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 91.

<sup>37</sup> BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo (Orgs.). **La voz del outro**: testimonio, subalternidad y verdad narrativa. Lima/ Pittsburg: Latinoamericana Editores, 1992. Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 91.

<sup>38</sup> ACHUGAR, Hugo (Org.). **Em otras palabras, otras historias**. Montevideu: Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Departamento de Publicaciones, 1994. Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 91.

<sup>39</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2009. p. 57.

As cenas de extrema violência narradas nos testemunhos têm forte influência sobre a matéria narrada: a situação limite, em outras palavras, o trauma. Segundo Jaime Ginzburg<sup>40</sup>, a relação entre o testemunho e o indizível está pautada na concepção de trauma, enquanto categoria tomada da psicanálise, que é “algo que evitamos lembrar, evitamos reencontrar, pelo grau intolerável de dor que a ele se associa”. Essa definição peculiar do trauma faz a crítica rever concepções habituais de representação, memória e narração, em virtude, sobretudo, da matéria narrada<sup>41</sup>.

O trauma, numa acepção ampla, define-se como uma ferida na memória, uma dor extrema que corta a vida da vítima em duas metades, descentrando-a e fragmentando-a. O traumatizado debate-se com imagens violentas do passado, e seus relatos são marcados por *flashbacks*, problematização da concepção de sujeito e de identidade, contradições, esquecimentos, relatos fragmentados, oscilação de foco narrativo, problematização das categorias de espaço e de tempo, dentre outras particularidades<sup>42</sup>.

Particularmente nos relatos testemunhais latino-americanos, nota-se uma problematização no que diz respeito à concepção de sujeito, no caso, da concepção de identidade das testemunhas. As narrativas das vítimas, assinaladas pelo trauma, que se faz perceber por lapsos de memórias, fragmentação textual, problematizações nas categorias tempo e espaço – visam a denunciar a história de opressão, violência e autoritarismo na América Latina, propondo, com isso, uma crítica social. Essas narrativas são importantes também na medida em que os autores veem nos textos possibilidades de uma ressignificação do trauma.

Esse assunto, aliás, foi desenvolvido por vários autores, dentre eles, Cathy Caruth<sup>43</sup>, Dori Laub<sup>44</sup> e Shoshana Felman<sup>45</sup>. O ponto em comum entre esses autores é de que a linguagem e, por extensão, a narrativa (oral ou escrita) têm uma função importante para indivíduos que passaram por uma situação traumática.

<sup>40</sup> GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. **Diálogos Latinoamericanos**. 2001. p. 131.

<sup>41</sup> Ainda a respeito desse assunto, cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: \_\_\_\_\_; NESTROVSKI, Arthur (Orgs.). **Catástrofe e representação**. 2000. p. 73-98.

<sup>42</sup> BRAUNSTEIN, Néstor A. **Sobrevivendo ao trauma**. s. d.

<sup>43</sup> CARUTH, Cathy (Ed.). **Trauma: Explorations in Memory**. 1995.

<sup>44</sup> LAUB, Dori. Truth and Testimony: the Progress and the Struggle. In: CARUTH, Cathy (Ed.). **Trauma: Explorations in Memory**. 1995. p. 61-75.

<sup>45</sup> FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. 2000.

Para as pessoas que vivenciaram um episódio violento, a linguagem possibilita conferir significação a tais vivências e, por intermédio do seu conjunto de normas, pode conduzir a uma organização coerente e racional dos fatos envolvidos.

A violência e o autoritarismo dos regimes ditatoriais atingiram profundamente cada um dos autores dos relatos testemunhais que constituem o *corpus* deste estudo, de modo que ficaram marcados por sequelas físicas e psicológicas. Se, conforme Theodor Adorno (1983), em meio às catástrofes, não é mais permitido um olhar neutro, isento e objetivo, pode-se dizer que cada um dos narradores desenvolve um olhar de perplexidade para a história e para o seu passado, de forma que suas narrativas abrigam elementos que denunciam o seu trauma, mas que, ao mesmo tempo, contribuem para a amenização da dor formulada no passado.

As discussões e o entendimento sobre a literatura de testemunho não se limitam apenas ao âmbito da teoria literária. Isto é, para a análise e a compreensão de um relato testemunhal, faz-se necessário buscar respaldo em conhecimentos e teorias dos campos da historiografia, sociologia, psicanálise, entre outros. Assim, a partir dos diferentes pressupostos teóricos que dão embasamento para o tema, serão analisados os quatros relatos de testemunho que compõem o *corpus* desta pesquisa.

## 2.2 ENTRE A HISTÓRIA E A ESCRITA

[E]m tempo de atrocidades, os menores detalhes se gravam indelevelmente na memória humana.

(Frei Betto, **Batismo de sangue**)

Ao longo dos tempos, a história e a ficção têm gerado discussões acerca de suas similaridades e particularidades, especialmente pelo fato de elas desempenharem uma função em comum: apresentar ou representar os eventos que marcaram as civilizações. As reflexões relativas à escrita da história surgem na perspectiva da história como narrativa e relato, e esse embate, em si mesmo, já tem sua própria trajetória. Um indivíduo atento e crítico tem a percepção de que um livro de história é apenas uma determinada parte da história que restou, escolhida

de forma criteriosa e conveniente pelo historiador que a selecionou. Além disso, entende-se que, numa obra de ficção como o romance, há a possibilidade de múltiplas representações do mundo. Assim, a narrativa histórica e a narrativa ficcional percorrem caminhos semelhantes, ainda que cada uma mantenha suas singularidades. E, embora a linha que separa história e ficção pareça cada vez mais tênue, a questão é constantemente estudada e discutida num debate distante de se esgotar.

Segundo Paul Veyne, “a história é filha da memória”<sup>46</sup>, por isso, não se pode conhecer um evento *a priori*. O que individualiza um acontecimento não são os diferentes detalhes ou o seu conteúdo, mas o fato de que tais eventos acontecem em determinado período histórico e que nunca mais tornam a se repetir, mesmo se tal episódio fosse narrado por repetidas vezes. Nesse sentido, Veyne destaca que

[a] história é uma narrativa de eventos: todo resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração, o que permite evitar alguns falsos problemas. Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba em uma página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos<sup>47</sup>.

Como se observa no texto de Veyne, as narrativas históricas e ficcionais possuem aspectos em comum, como a seleção e a organização dos elementos que compõem a narração. Além do mais, ambas utilizam, em suas narrações, categorias como personagens, fatos, espaço e tempo. O autor destaca as confluências de tais narrativas ao afirmar que “a história é anedótica. Ela interessa porque narra, assim como o romance”<sup>48</sup>. Todavia, há uma diferenciação entre o romancista e o historiador que não deve ser ocultada: para esse último, não é a beleza ou a raridade o mais importante; o que lhe interessa, a rigor, é “só a verdade”<sup>49</sup>. Enquanto que, na narrativa ficcional, a verdade está em um plano

---

<sup>46</sup> VEYNE, Paul. Apenas uma narrativa verídica. In: \_\_\_\_\_. **Como se escreve história**. 2008. p. 19.

<sup>47</sup> Idem. Ibidem. p. 18.

<sup>48</sup> VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: e Foucault revoluciona a história. 1998. p. 23.

<sup>49</sup> Idem. Ibidem. p. 23.

secundário; na história, ela ocupa um papel primordial, com intuito de estabelecê-la como conhecimento sobre o passado.

Assim, numa concepção tradicional, a história buscaria a veracidade, pressuporia a objetividade e o distanciamento do interpretante, enquanto que a narrativa ficcional se comprometeria com a verossimilhança, sendo o escritor guiado pela imaginação. Além do mais, a ficção implicaria a subjetividade e a participação do leitor. Entretanto, essas são apenas algumas contraposições entre a narrativa histórica e a ficcional, cuja influência está distante de proporcionar uma oposição radical entre história e ficção.

Dois princípios delimitam a evolução milenar do conhecimento histórico. O primeiro, de origem grega, diz que a história envolve o conhecimento desinteressado, e não memórias dinásticas ou nacionais. Já o segundo e atual princípio assegura que “todo fato é digno de história”<sup>50</sup>, abrindo precedentes, desde então, para que todo historiador perceba qualquer tipo de fato como algo merecedor de atenção. Basicamente, também são dois os elementos fundamentais que despertam a atenção do ser humano pela história: inicialmente, seria o fato de que todo indivíduo pertence a um grupo social, familiar, nacional, e a história seria uma espécie de consciência que o sujeito ou uma nação tomam de si mesmo. A outra razão seria simplesmente a curiosidade, seja ela anedótica ou associada à inteligibilidade<sup>51</sup>.

Hayden White argumenta que o historiador, ao selecionar e organizar os eventos de sua narrativa, deve prever e responder, ao longo de sua construção, a alguns tipos de questões, como, por exemplo, o modo como aconteceu determinado evento, o que aconteceu e no que resultou tal situação. Esses questionamentos o conduzirão à escolha das estratégias narrativas que empregará na construção do seu relato. Nesse sentido, White discorre sobre a elaboração do enredo, que proverá o sentido de uma história por intermédio da modalidade de história que foi contada<sup>52</sup>. O autor segue a direção apontada por Northrop Frye, em **Anatomia da crítica**, e destaca quatro modos de elaboração de enredo: a história romanesca, a tragédia, a comédia e a sátira<sup>53</sup>. Há outros tipos de enredos, como o

---

<sup>50</sup> Idem. Ibidem. p. 60.

<sup>51</sup> Idem. Ibidem. p. 69.

<sup>52</sup> WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. 1995. p. 23.

<sup>53</sup> FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. 1973. p. 37-72.

épico, porém, é imperativo ao historiador assumir no enredo o conjunto de histórias que compõe sua narrativa, adquirindo, desse modo, uma forma de história “abrangente ou *arquetípica*”. Assim, o historiador assume uma função fundamental, pois

deve “interpretar” os seus dados, excluindo de seus relatos certos fatos que sejam irrelevantes ao seu propósito narrativo. De outro lado, no empenho de reconstruir “o que aconteceu” num dado período da história, o historiador deve inevitavelmente incluir em sua narrativa um relato de algum acontecimento ou conjunto de acontecimentos que carecem de fatos que poderiam permitir uma explicação plausível de sua ocorrência. E isso significa que o historiador precisa “interpretar” o seu material, preenchendo as lacunas das informações a partir de inferências ou de especulações<sup>54</sup>.

As inferências ou as especulações são variáveis de acordo com os indivíduos, de modo que uma situação ou um período histórico podem ter diferentes interpretações e representações, conforme o historiador responsável por “reconstruir” tal período. De acordo com White, “o *modo como* uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular”<sup>55</sup>. Desse modo, conforme o autor, trata-se fundamentalmente de uma “operação literária”, ou seja, “criadora de ficção”<sup>56</sup>, reafirmando, assim, a relação de proximidade entre a história e a literatura. E essa condição atribuída à narrativa histórica de maneira alguma diminui seu *status* como fornecedora de conhecimento.

Observando a narrativa com uma visão formal, pode-se dizer que “uma narrativa histórica é não só uma *reprodução* dos acontecimentos nela relatados, mas também um *complexo de símbolos* que nos fornece direções para encontrar um *ícone* da estrutura desses acontecimentos em nossa tradição literária”<sup>57</sup>. A narrativa histórica aponta, ao mesmo tempo, para os fatos históricos descritos na

<sup>54</sup> WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. 1994. p. 65.

<sup>55</sup> Idem. Ibidem. p. 102.

<sup>56</sup> Idem. Ibidem. p. 102.

<sup>57</sup> Idem. Ibidem. p. 105. Entenda-se aqui que, para tal afirmação, White recorreu às noções de signo, símbolo e ícone, desenvolvidas pelo filósofo e matemático norte-americano Charles Sanders Peirce, em sua filosofia da linguagem, de caráter semiótico, com o intuito de distinguir o que é fictício nas representações realistas do mundo, bem como o que é realista nas manifestações assumidamente fictícias.

narrativa e para o tipo de história que o historiador elegeu para que o leitor a tome por ícone<sup>58</sup> dos acontecimentos e, assim, familiarize-se com eles.

Para White, a antiga distinção entre ficção e história – a primeira como representação do imaginário e a segunda como representação do verdadeiro – “deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o *real* comparando-o ou equiparando-o ao *imaginável*”<sup>59</sup>. Nesse sentido, as narrativas históricas possuem estruturas complexas em que o mundo da vivência é concebível de, pelo menos, duas formas: uma como o “real” e outra que se revela como “ilusória” no transcorrer da narrativa, pois se trata de uma ficção do historiador o preenchimento das diversas lacunas deixadas pelos fatos da história, bem como a organização de tais eventos, num começo, meio e fim, em que se faz uso de construções poéticas para conferir aos eventos históricos narrados o aspecto de coerência. Com isso, o historiador e o narrador de ficção – como o poeta ou o romancista – atribuem sentido às suas narrativas, conferindo ao que originariamente parecia obscuro ou problemático o aspecto de uma forma reconhecível com a qual o leitor sente-se familiarizado. Logo, vale ressaltar que “[n]ão importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado; a maneira de dar-lhe um sentido é a mesma”<sup>60</sup>.

Roland Barthes, num ensaio intitulado “O discurso da história”, de 1967, retoma a questão das possíveis relações entre história e ficção, e procura defender a ideia de que tais discursos, a despeito de suas diferenças, têm em comum o fato de serem ideológicos, não somente em virtude da matéria que explicitamente defendem, mas também pela sua própria estrutura. A pergunta básica que norteia as reflexões do autor é a seguinte:

---

<sup>58</sup> Não se pretende aqui realizar um tratado de semiótica, mas apenas esclarecer o conceito de ícone dentro da teoria semiótica de Peirce, a fim de contextualizar a explicação de White. “O ícone é um signo cuja qualidade significante provém meramente de sua qualidade. [...] Um ícone puro seria, portanto, um signo não comunicável, porque o ícone puro é independente de qualquer finalidade, serve só e simplesmente como signo pelo fato de ter a qualidade que o faz significar. [...] Um pequeno exemplo dado por Peirce fornece elementos para que possamos entender melhor como se dá, num fenômeno semiótico, a aproximação ao ícone puro: ‘Ao contemplar uma pintura, há um momento em que perdemos a consciência do fato de que ela não é a coisa. A distinção do real e da cópia desaparece e por alguns momentos é puro sonho; não é qualquer existência particular e ainda não é existência geral. Nesse momento, estamos contemplando um ícone’”. NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. 1995. p. 78-79.

<sup>59</sup> WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. 1994. p. 115.

<sup>60</sup> Idem. *Ibidem*. p. 115.

[a] narração dos acontecimentos passados, submetida comumente, em nossa cultura, desde os gregos, à sanção da “ciência” histórica, colocada sob a caução imperiosa do “real”, justificada por princípios de exposição “racional”, essa narração difere realmente, por algum traço específico, por uma pertinência indubitável, da narração imaginária, tal como se pode encontrar na epopeia, no romance, no drama? E, se esse traço – ou essa pertinência – existir, em que lugar do sistema discursivo, em que nível de enunciação deverá colocar-se?<sup>61</sup>.

Na tentativa de sugerir uma resposta a essa questão, Barthes recorre ao discurso de alguns historiadores clássicos como Heródoto, Maquiavel, Bossuet e Michelet, e discorre sobre três aspectos importantes: a enunciação, o enunciado e a significação. O processo de enunciação aparece no discurso do historiador de diferentes maneiras. Na primeira delas, insere-se o *shifter*<sup>62</sup> de escuta, ou seja, o caráter testemunhal mencionado pelo historiador, que, além do fato relatado, faz referência ao ato do informante e à palavra do enunciante que se refere a esse ato<sup>63</sup>. Esse *shifter* indica, então, todas as fontes externas, isto é, os testemunhos e os elementos que, através da sua escuta e compreensão, o historiador integra ao seu discurso.

A segunda maneira de marcar no enunciado o ato de enunciação é pela presença de *shifters* que organizam a narrativa do historiador (como frases do tipo: “como dissemos acima”, “como veremos adiante”, etc.). Além disso, Barthes considera a relação do tempo da enunciação e do enunciado. Como observa nas **Histórias florentinas**, de Maquiavel, na medida em que o relato se aproxima do tempo presente, com a história diminuindo a sua marcha, a tendência é aumentar a pressão da enunciação. Outro fator que interfere na enunciação são os *flashbacks* ou a narrativa não linear, a exemplo do que ocorre nos relatos de Heródoto.

Já a terceira forma de marcar a enunciação refere-se às inaugurações do discurso histórico, ou seja, “lugares onde se encontram o começo da matéria enunciada e o exórdio da enunciação”<sup>64</sup>. O exórdio, para alguns historiadores, é

<sup>61</sup> BARTHES, Roland. O discurso da história. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. 2004. p. 163-164.

<sup>62</sup> No sentido que Jakobson confere ao termo. Palavra originada do verbo em inglês *shift*, que significa “mudar, trocar”. Esse vocábulo foi traduzido também para o francês como *embrayeurs*, terminologia usada por Jakobson, cujo significado indica aquela classe de palavras que varia conforme a situação em que são empregadas.

<sup>63</sup> BARTHES, Roland. O discurso da história. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. 2004. p. 164.

<sup>64</sup> Idem. Ibidem. p. 166. Barthes afirma que, em todo discurso, o exórdio expõe um dos problemas mais interessantes da retórica, na medida em que alia as rupturas de silêncio e a luta contra a afasia.

performativo, pois seu modelo é poético. Segundo o autor, a função principal desse recurso não é marcar a subjetividade, mas sim embaralhar os tempos, a fim de criar a impressão de um tempo mítico, o que assemelharia o historiador ao poeta ou adivinho. Além disso, há outros signos que remetem aos seus protagonistas: o enunciante e o receptor ou destinatário, ou ainda, como forma de marcar o sujeito, omite-se esse último, nos casos em que se deseja dar a impressão de que o discurso é objetivo e a história se conta por si própria.

Quanto ao enunciado do discurso histórico, Barthes se utiliza das categorias de análise da narrativa e, assim, divide o enunciado em “unidades de conteúdo”<sup>65</sup>, classificados em “existentes”, que correspondem aos agentes ou aos personagens da narrativa, e os “ocorrentes”, que correspondem às funções. Além disso, no discurso histórico, a narrativa não questiona, nem nega ou duvida, pois ela é somente afirmativa. O enunciado do discurso histórico positivista, de certo modo, não é assumido por ninguém, mas é capaz de conduzir o leitor à conclusão de que o que é dito é verdadeiro. Ao generalizar suas observações sobre a estrutura do enunciado, Barthes sugere que o discurso histórico oscila entre dois polos, conforme a densidade de seus índices e funções<sup>66</sup>. Isso significa que a história é conduzida de maneira metafórica e se aproxima do lírico e do simbólico quando, num historiador, predominam as unidades indiciais, remetendo a cada momento a um significado implícito; pelo viés oposto, quando são predominantes as unidades funcionais, a história toma forma metonímica e se assemelha à epopeia.

Barthes aponta ainda para uma terceira história, cujo melhor exemplo seria constituído pelas obras de Maquiavel: é uma história reflexiva, estratégica, que tenta reproduzir, por intermédio da estrutura do discurso, as estruturas das escolhas vividas pelos sujeitos do processo relatado. E, por fim, quanto à significação, o autor enfatiza que, no discurso histórico, esse processo “visa sempre a ‘preencher’ o sentido da História: o historiador é aquele que reúne menos fatos do que significantes e os relata, quer dizer, organiza-os com a finalidade de estabelecer um sentido positivo e de preencher o vazio da série pura”<sup>67</sup>. Dessa forma, o discurso histórico é uma elaboração ideológica, não apenas pelas ideias que ele defende, mas também pela sua própria estrutura. Além disso, vale

---

<sup>65</sup> Idem. Ibidem. p. 170.

<sup>66</sup> Idem. Ibidem. p. 174.

<sup>67</sup> Idem. Ibidem. p. 176.

destacar a relação entre o discurso histórico e o “real”, pois tal discurso não acompanha esse “real”, mas apenas dá a ele um significado, através da repetição contínua do que “aconteceu”. Até o século XIX, tanto a história quanto os romances contentavam-se com a maneira como eram articulados e acreditava-se naquilo que era narrado por meio de elementos persuasivos<sup>68</sup>.

Já Walter Benjamin, discorrendo sobre o conceito de história, desmonta os pressupostos tanto do positivismo liberal quanto do historicismo mecânico, por intermédio de um instrumental filosófico que levanta uma crítica ao conceito de tempo contínuo e linear que alicerça a história pretensamente objetiva e contínua. Essa crítica à história e aos seus pressupostos conduz à tarefa de “escovar a história a contrapelo”<sup>69</sup>, de reescrevê-la, observando também o ponto de vista dos vencidos e dominados, de forma que o historiador exponha as fragilidades e questione o seu processo de escrita. Para o autor, “[e]m cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela”<sup>70</sup>. Além do mais, “[a] tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade”<sup>71</sup>. Como resultado disso, é possível construir um discurso que ofereça resistência às ideologias dominantes, através de um tipo de relato permeado por diferenças quanto ao ponto de vista.

A relação entre literatura e realidade é bastante complexa. No caso da literatura de testemunho, um sobrevivente que narra as suas vivências, narra a sua história. Porém, essa história não é totalmente desprovida de ficção, pois as lacunas em sua memória, bem como a leitura e a percepção dos acontecimentos vivenciados, serão completadas e narradas de acordo com a sua intuição. Assim, como afirmar que determinadas partes da narrativa são “reais” ou “históricas” e outras são “ficcionalis”? Ao tratar da literatura de testemunho, Seligmann-Silva avalia que o conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra, na

---

<sup>68</sup> Convém destacar, aqui, em particular, os romances realistas que visam à apreensão da realidade pelos sentidos, por meio de recursos como relação causal, tempo linear, espaços bem definidos e narrador onisciente.

<sup>69</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 1994. p. 225.

<sup>70</sup> Idem. Ibidem. p. 224.

<sup>71</sup> Idem. Ibidem. p. 226.

qual, via de regra, testemunha-se algo extraordinário e que exige um relato<sup>72</sup>. Esse relato, no entanto, mostra uma deficiência da narração: “a impossibilidade de recobrir o vivido (o ‘real’) com o verbal”<sup>73</sup>. O aspecto “inimaginável” da vivência traumática desconstrói o sistema da linguagem e, então, essa linguagem só pode enfrentar o “real” quando munida com a própria imaginação. Em suma, por intermédio da arte, o que é intraduzível ou inenarrável, pode ser desafiado, na tentativa de se representar o acontecido.

Com isso, as memórias do Holocausto e, em particular, a literatura de testemunho, conforme Seligmann-Silva, “desconstr[õem] a historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários) ao incorporar elementos antes reservados à ‘ficção’”. Nesse caso, portanto, é difícil e, por vezes, impossível estabelecer ou demarcar os limites entre o que é histórico e o que é ficcional no relato de testemunho. Acrescente-se a isso que a leitura do passado por meio de obras testemunhais é necessária, pois se opõe à “musealização” ou apenas ao registro documental dos fatos ocorridos: “ela [a literatura de testemunho] está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo *no presente*”. Ao invés da tradicional representação, tal como era concebido o dado histórico, o seu registro agora passa a ser o do índice: “ela quer *apresentar, expor* o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes”<sup>74</sup>.

O surgimento das ditaduras militares na América Latina e, com elas, novas catástrofes envolvendo políticas de extermínio de opositores, massacres de prisioneiros, revogação de direitos civis, tortura sistemática, repressão e censura, sofrimentos físicos e psicológicos a uma parte significativa da população, entre outras violências, colocou a literatura em um novo patamar. Em uma narrativa que não se configura plenamente como história, nem como ficção, surgem os denominados (inadequadamente?) “romances-reportagens” e “romances de denúncia”<sup>75</sup>, que tiveram como objetivo primeiro denunciar as atrocidades do regime militar e confrontar os acontecimentos políticos registrados na versão oficial. Nesse sentido, não convém inserir a literatura de testemunho em um único

---

<sup>72</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 47.

<sup>73</sup> Idem. *Ibidem*. p. 46.

<sup>74</sup> Idem. *Ibidem*. p. 57.

<sup>75</sup> FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 359.

gênero, pois ela “é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura – após 200 anos de autorreferência – seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o ‘real’”<sup>76</sup>.

### 2.3 AS DITADURAS NA AMÉRICA LATINA: CHILE, ARGENTINA, BRASIL E URUGUAI

Há coisas que não desaparecem; dentre elas está a violência.

(Byung-Chul Han)

A história da América Latina é marcada por ciclos de violência. Cada país tem um percurso particular de violência, mas variações dessas práticas podem ser constatadas em diferentes países. Destacam-se, devido ao teor e à densidade dessas violências, os conflitos das colonizações, as disputas de territórios, as guerras e as revoluções de independência, a exploração e a escravidão, e os golpes militares que se sucederam em diversos países tais como, no Peru, em julho de 1962; no Equador, em julho de 1963; em Honduras, em outubro de 1963; no Brasil, em abril de 1964; na Argentina, em junho de 1966, em março de 1972 e em março de 1976; no Chile, em setembro de 1973; e, no Uruguai, em junho de 1976, entre outros<sup>77</sup>.

Sobre a violência, aliás, o filósofo e escritor Byung-Chul Han salienta que “[a] aversão à violência não é algo característico da Idade Moderna. Ela é apenas proteica e, dependendo da constelação social, suas formas de manifestação se modificam”<sup>78</sup>. Por essa perspectiva, pode-se refletir na trajetória da humanidade e na sua relação com a violência. É possível perceber perplexidade, indignação e revolta no olhar de um indivíduo que, de algum modo, se depara com os horrores da *Shoah*, com os campos de trabalhos forçados do Gulag, com os massacres no Camboja ou com a escravidão.

<sup>76</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 373.

<sup>77</sup> ALMEIDA, Agassiz. **A ditadura dos generais: estado militar na América Latina: o calvário na prisão**. 2007. p. 156.

<sup>78</sup> HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. 2017. p. 7.

No entanto, por vezes, é possível que não se tenha a mesma percepção sobre eventos violentos que se caracterizam por uma proximidade temporal menor, por uma forma distinta ou mais discreta de manifestação, ou que ainda não foram amplamente examinados ou que são uma ameaça eminente no presente. Incluem-se, nesse último caso, as ditaduras latino-americanas, que, em muitos países, é ainda uma questão mal resolvida. Nesses países, algumas questões confrontam-se tais como os relatos de vítimas e de sobreviventes com a historiografia oficial e com o reconhecimento e as ações por parte do Estado. Além disso, há também a negação e o desconhecimento daqueles que não foram vítimas e que ignoram a história, seja a oficial seja a das testemunhas.

Ao tratar sobre episódios históricos de violência, convém pensar sobre como atuam os regimes totalitários. Para tanto, consideram-se as reflexões de Hannah Arendt a respeito do totalitarismo, no qual,

[n]a tradição política do Ocidente, a ação é definida em termos de dar e executar ordens. Mas esta ideia sempre pressupôs alguém que comanda, que pensa e deseja e, em seguida, impõe seu pensamento e o seu desejo sobre um grupo destituído de pensamento e de vontade – seja por meio da persuasão, da autoridade ou da violência<sup>79</sup>.

Assim, os regimes totalitários usam os instrumentos da violência como um meio para alcançarem determinados propósitos. O fim prático do totalitarismo é “amoldar à sua estrutura o maior número possível de pessoas, acioná-las e mantê-las em ação; um objetivo político que constitua a finalidade do movimento totalitário simplesmente não existe<sup>80</sup>. Portanto, o totalitarismo estabelece uma relação de absolutismo e de dominação por partes dos governantes, de subjugação da população, de violência e repressão, de censura, entre outras atrocidades, que visam somente aos interesses de quem governa, anulando a voz, a vontade e os ideais dos governados.

O totalitarismo, embora assentado sob os mesmos elementos, manifestou-se em diferentes períodos e regimes de governo ao longo da história. A principal diferença “entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento, mas como instrumento

---

<sup>79</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. 1989. p. 375.

<sup>80</sup> Idem. *Ibidem*. p. 376.

corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes”<sup>81</sup>. Nesse sentido, o totalitarismo existente nos períodos ditatoriais da modernidade não visa, de um modo geral, ao extermínio da população, mas ao seu domínio absoluto, livre de questionamentos, bem como subordinação total das massas.

A matéria dos regimes totalitários é o domínio de toda a população e o aniquilamento de qualquer realidade não-totalitária. O governo totalitário busca o controle absoluto da população, pois, “se não lutarem pelo domínio global como objetivo último, correm o sério risco de perder todo o poder que porventura tenham conquistado”<sup>82</sup>. É preciso ter controle sobre o pensamento e as ações dos indivíduos, e qualquer condição que ameace esse controle pode ser considerada um “crime” pelos opressores. Isso se dá porque “[n]em mesmo um homem sozinho pode ser dominado de forma absoluta e segura a não ser em condições do totalitarismo global”<sup>83</sup>. Logo, a violência é um instrumento essencial para a repressão e para a dominação de quem confronta o sistema ou, simplesmente, de quem é visto como uma possível ameaça.

Aliás, cabe aqui enfatizar que, apesar de terem em comum aspectos como opressão, uso da força e da violência, prisões e tortura, o totalitarismo e o autoritarismo são considerados conceitos distintos. Isso se dá devido às diversas características específicas de cada um deles. Por exemplo, dentre outras diferenciações, “enquanto um sistema totalitário força a mobilização das massas através de mecanismos de integração e de persuasão, um sistema autoritário renuncia a uma participação dirigida das massas, satisfazendo-se com a apatia política geral”<sup>84</sup>. Assim, a forma como um regime chega ao poder é um dos elementos que distingue o totalitarismo do autoritarismo. Devido a esse e a outros fatores, tem-se claro aqui que a *Shoah* aconteceu numa condição de totalitarismo, e as ditaduras civil-militares latino-americanas, de autoritarismo.

A respeito da violência e da sua condição indissociável dos regimes totalitários, pode-se afirmar que ela “sempre foi a *ultima ratio* na ação política, e a

---

<sup>81</sup> Idem. Ibidem. p. 26.

<sup>82</sup> Idem. Ibidem. p. 442.

<sup>83</sup> Idem. Ibidem. p. 442.

<sup>84</sup> JESSE, Eckhard. Die Totalitarismusforschung im Streit der Meinungen. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Totalitarismus im 20. Jahrhundert. Eine Bilanz der internationalen Forschung.** Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 1996, p. 20, in CORNELSEN, Elcio. Totalitarismo. **Literatura e Autoritarismo.** 2009. p. 130.

força sempre foi a expressão visível do domínio e do governo”<sup>85</sup>. Usada em regimes autoritários e/ou totalitários, incluindo-se as ditaduras, a violência apresenta-se de diferentes formas, variando de acordo com o contexto histórico, mas com um aspecto em comum: não há princípios e não há limites quando se faz uso da violência para sujeitar um indivíduo. Nessa acepção, “a força sem coibição só pode gerar mais força, e a violência administrativa em benefício da força – e não em benefício da lei – torna-se um princípio destrutivo que só é detido quando nada mais resta a violar”<sup>86</sup>.

Isso posto, como compreender os períodos ditatoriais latino-americanos? Nessa perspectiva, há vários aspectos a serem abordados. Primeiramente, o Estado militar “controla realidades heterogêneas, seja como nação e território, num sistema político-militar rígido, destacadamente no comando da burocracia administrativa. Faz-se instrumento das forças sociais dominantes”<sup>87</sup>. Já em relação às Forças Armadas, o golpe militar é marcado pela dinâmica de um Estado militar arbitrário e, com isso, assegura o *status quo* que, à mercê das classes privilegiadas, pode ser subvertido ou remanejado para assegurar o fundamental, isto é, as relações de dominação, a exclusão social, bem como o comando político de um território. Nesse contexto, “[c]onjugadas ao militarismo, as elites desfecham golpes, salvaguardando, assim, o *status quo* e, conseqüentemente, os privilégios dos grupos dominantes.”<sup>88</sup> Além disso,

[f]azem-se afiançadores do pacto de dominação. Deles se originam ditaduras, algumas ferozes, com nível de repressão à cara do nazismo, comandadas por um paradigmático “patriarca” – na criação de García Márquez – ou um fanfarrão general com quatro estrelas de latão e, no peito estufado, incontáveis e reluzentes medalhas<sup>89</sup>.

Na barbárie da *Shoah*, os judeus não tinham valor algum para o então líder alemão Adolf Hitler. Para cumprir o seu desejo de dominação, Hitler não hesitava em eliminá-los e reduzir seus corpos a pó nos diversos crematórios construídos com essa finalidade. As vidas prisioneiras não tinham valor algum. Embora se

<sup>85</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. 1989. p. 167.

<sup>86</sup> Idem. Ibidem. p. 167.

<sup>87</sup> ALMEIDA, Agassiz. **A ditadura dos generais**: estado militar na América Latina: o calvário na prisão. 2007. p. 145.

<sup>88</sup> Idem. Ibidem. p. 145.

<sup>89</sup> Idem. Ibidem. p. 145.

tenha consciência de que a *Shoah* foi um acontecimento de proporções únicas, é plausível notar, ainda que em outra dimensão, que os regimes ditatoriais não tinham nenhum respeito pelas vidas dos chamados de “resistência” ou “comunistas”. Nas ditaduras civil-militares, a vida humana foi anulada através da banalização das prisões, das torturas, do exílio e do extermínio indiscriminado de milhares de cidadãos latino-americanos. No Brasil ditatorial, o Estado, “através do seu aparato repressivo, considerou que os ‘comunistas’ eram indignos de viver e podiam morrer como ratos”<sup>90</sup>, reafirmando a brutalidade do regime.

Sob essas condições, muitos indivíduos conheceram a tortura nos porões das ditaduras, a qual foi uma prática recorrente e marcante de tais períodos. Por meio da violência psicológica, sexual e física, as ditaduras na América Latina se destacaram pelos milhares de presos submetidos à tortura e, em muitos casos, conduzidos à morte. Pelos diversos relatos testemunhais e arquivos da ditadura, torna-se possível conhecer muitos dos métodos de tortura utilizados em homens, mulheres e até crianças. Dentre eles, destacam-se o pau de arara, a geladeira, os choques elétricos, o afogamento, a cadeira do dragão, a palmatória, o uso de produtos químicos, os estupros, a introdução de animais (como ratos) dentro do corpo e os espancamentos.

Hernán Valdés, Alicia Partnoy, Flávio Tavares e Carlos Liscano, autores dos relatos testemunhais que compõe o *corpus* deste estudo, viveram e sobreviveram as ditaduras em seus respectivos países. A prisão, as torturas e o exílio marcaram profundamente cada um deles e, também, deram origem aos seus relatos de testemunho. Portanto, é importante conhecer o contexto em que esses autores estiveram inseridos e como se deram as suas relações com a ditadura.

A ditadura militar chilena iniciou-se com o golpe militar executado no país em 11 de setembro de 1973, contra o então presidente Salvador Allende. O presidente Allende, eleito nas eleições presidenciais de 04 de setembro 1970, foi um político socialista, e a sua candidatura recebeu o apoio de uma coalizão de partidos de esquerda do Chile, chamada de Unidade Popular. No entanto, o governo do então presidente foi marcado pela grave crise econômica e pela polarização política existente no país. Na tomada do poder, o palácio presidencial foi bombardeado pela aviação, atacado por tanques e, inclusive, invadido pela

---

<sup>90</sup> FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. 2017. p. 15.

tropa. O presidente Allende foi encontrado morto num salão, pois se suicidou com uma submetralhadora soviética.

O regime militar instituído foi liderado pelo general Augusto Pinochet de 1974 até 1990. Esse período caracterizou-se por intensa repressão e censura, e resultou na morte de mais de três mil pessoas. Além disso, houve prisão e tortura de aproximadamente 45 mil pessoas e o exílio de milhares de cidadãos chilenos. Os ministros do governo deposto foram enviados como “prisioneiros de guerra” à base militar de Dawson, localizada no estreito de Magalhães, e foram obrigados a realizarem trabalhos forçados e ginástica na neve<sup>91</sup>.

O escritor e poeta Hernán Valdés nasceu no Chile, em 1934. Valdés estudou cinema em Praga, na década de 1960. Ele viveu alguns anos em Paris e, em 1970, retornou ao Chile. Após o golpe de Pinochet, em 12 de fevereiro de 1974, agentes civis armados entraram em seu apartamento, em Santiago, à procura de Miguel Enríquez, líder do MIR<sup>92</sup>. Embora eles estivessem equivocados, pois Valdés informou que não conhecia ninguém do MIR, ele foi preso e admitido no dia seguinte no campo de prisioneiros de Tejas Verdes, localizado perto do porto de San Antónío, a pouco mais de 100 quilômetros da capital Santiago, onde foi torturado. Valdés passou um mês em Tejas Verdes e, quando foi libertado, pediu asilo na embaixada da Suécia. Em maio daquele ano, chegou a Barcelona e, dentro de alguns dias, começou a escrever o que resultaria em **Tejas Verdes**: diário de un campo de concentración en Chile, livro que narra a história de um indivíduo submetido à humilhação e à dor da prisão já nos primeiros tempos da ditadura.

**Tejas Verdes**: diário de un campo de concentración en Chile, publicado em 1974, foi o primeiro testemunho da repressão no Chile, sendo considerado um dos mais importantes nessa categoria. Escrito em forma de diário, a narrativa apresenta um relato de cada dia em que autor passou na prisão, começando no dia 12 de fevereiro de 1974 e terminando no dia 15 de março do mesmo ano, com exceção do dia 28 de fevereiro de 1974, que não consta no diário. Cada dia é

---

<sup>91</sup> GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. 2014. p. 346-347.

<sup>92</sup> O Movimento de Esquerda Revolucionário – MIR (sigla em espanhol) foi uma organização de extrema esquerda chilena fundada em 1965. Sob o apoio de Cuba, pretendia instalar um Estado marxista no Chile através de uma revolução. Distinguiu-se por suas ações diretas e paramilitares desde 1967 e por sua posterior resistência à Ditadura Militar como movimento de guerrilha. No seu auge, em 1973, contava com 10.000 membros.

narrado com riqueza de detalhes e emoções, como descreve o próprio autor, “[e]ste não é nem pretende ser outra coisa que um testemunho de tipo emocional”<sup>93</sup>. A riqueza de detalhes também se deve a urgência do autor em narrar a sua história de vida, para que não se perdesse na memória: “[e]stas páginas são escritas com toda pressa, ‘no calor da memória’”<sup>94</sup>.

Valdés também publicou as seguintes obras: **Poesía de salmos** (1954), **Apariciones y desapariciones** (1964), **Cuerpo creciente** (1966), **Zoom** (1971), **A partir del fin** (1981), **La historia subyacente**, publicado em alemão em 1984 e em espanhol em 2007; **Fantasmas literários** (2005) e **Tango en el desierto** (2011). O autor também teve o seu trabalho reconhecido através do Prêmio Municipal de Literatura de Santiago, em 1967, por **Cuerpo creciente**, e o Prêmio de Ensaio Altazor, em 2006, por **Fantasmas literários**.

O relato de testemunho **Tejas Verdes**: diário de un campo de concentración en Chile, publicado primeiramente em Barcelona, na Espanha, em 1974, e, posteriormente, em 1997, em Santiago, no Chile, foi objeto de estudo nos artigos “El rol mediador de la memoria entre ‘el ser’ y ‘lo vivido’ en **Tejas Verdes** de Hernán Valdés. Su dificultad e imprecisión” (s. d.), de Arone-Ru Gumas López, e “El testimonio, modelo para re-armar la subjetividad: el caso de **Tejas Verdes**” (2006), de Nora Strejilevich, e, também, nos trabalhos de conclusão de curso “**Tejas Verdes**, de Hernán Valdés: testimonio, tortura y aniquilación: (La insinuación de la indeci(di)bilidad en lo testimonial)” (2004), de Vicente Bernaschina Schürmann, e “Aprendizaje y desaprendizaje en **Tejas Verdes**: testimonio de una memoria” (2004), de Álvaro Carvajal.

Já as ditaduras argentinas, que tomaram o domínio em junho de 1966, com o presidente deposto Arturo Umberto Illia, em março de 1972, com o presidente deposto Arturo Frondizi Ercoli, e em março de 1976, com a presidente deposta Maria Estela Martinez de Peron, deixaram um grande número de vítimas. Os governos tiranos da Argentina, desde os golpes militares até a Guerra das Malvinas, causaram, de acordo com Agassiz Almeida, “uma das maiores carnificinas humana e moral da história do homem, com mais de 10 mil

<sup>93</sup> HERNÁN, Valdés. **Tejas Verdes**: diário de um campo de concentração no Chile. s. d. p. VII.

<sup>94</sup> Idem. **Tejas Verdes**: diário de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 6. Traduzido do original: “Estas páginas están escritas a toda prisa, ‘all calor de la memoria’”.

desaparecidos, 30 mil mortos, 40 mil torturados, 100 mil presos, 80 mil exilados, com perseguições e demissões, que totalizaram mais de 500 mil vítimas”<sup>95</sup>.

A ativista de direitos humanos, poeta e tradutora Alicia Mabel Partnoy nasceu em 07 de fevereiro de 1955, em Bahía Blanca, Argentina. Depois que o presidente argentino Juan Perón morreu, os estudantes da esquerda do partido político peronista, organizados com fervor nas universidades do país e com os trabalhadores, foram perseguidos e presos. Houve um golpe militar em 1976, e as pessoas começaram a desaparecer. Alicia Partnoy foi uma das vítimas do golpe ao se tornar uma prisioneira política. Ela se tornou ativista do Movimento Juvenil Peronista enquanto frequentava a Southern National University.

Em 12 de janeiro de 1977, Partnoy foi levada de sua casa pelo Exército, deixando para trás sua filha de 18 meses, sendo aprisionada em um campo de concentração chamado La Escuelita. Por três meses e meio, Partnoy foi vendada, brutalmente espancada, passou fome, foi molestada e forçada a viver em condições desumanas. Após isso, ela foi transferida do campo de concentração para a prisão de Villa Floresta, em Bahía Blanca, na qual ficou seis meses e, após, foi transferida para outra prisão. Assim, Partnoy passou um total de dois anos e meio como prisioneira de consciência, isto é, sem acusações formais.

Em 1979, Partnoy foi forçada a deixar a Argentina e se mudou para os Estados Unidos, onde se reencontrou com sua filha e com seu marido. Em 1985, ela narrou a sua história sobre o que aconteceu com ela em La Escuelita, em um livro de mesmo nome<sup>96</sup>. A partir do relato da autora, foi possível chamar a atenção para o tratamento das mulheres em relação aos desaparecimentos dos latino-americanos. Além de relatar a sua condição de sobrevivente da ditadura argentina de forma escrita, Alicia Partnoy também testemunhou perante as Nações Unidas, a Organização dos Estados Americanos, a Anistia Internacional e a Comissão Argentina de Direitos Humanos. O seu depoimento é registrado em uma

---

<sup>95</sup> ALMEIDA, Agassiz. **A ditadura dos generais**: estado militar na América Latina: o calvário na prisão. 2007. p. 219.

<sup>96</sup> O relato de testemunho de Alicia Partnoy traz as marcas de uma narrativa escrita no próprio exílio. O livro foi publicado primeiramente nos Estados Unidos, em 1984, com o título **The Little School**: Tales of Disappearance & Survival; depois, na Inglaterra, em 1987, e, somente vinte e cinco anos mais tarde, foi publicado na Argentina, com o título **La escuela**: relatos testimoniales (2006). Na primeira publicação do livro, em inglês, além do trabalho de tradução da própria autora, a obra contou com o auxílio de mais dois tradutores: Lois Athey e Sandra Braunstein. Neste trabalho, será utilizada a versão em espanhol, publicada em 2006, na Argentina, levando em consideração a língua materna da autora bem como o seu país de origem.

compilação de depoimentos da Comissão Nacional para a Investigação dos Desaparecidos.

Após a escrita no exílio de **The Little School** (1984), Alicia produziu outras obras, muitas delas com as temáticas voltadas à sua vivência na ditadura e no exílio. Destacam-se os livros da autora: **You Can't Drown the Fire: Latin American Women Writing in Exile** (1988), **Revenge of the Apple/ Venganza de la Manzana** (1992), **Discurso de la solidaridad en los poemarios testimoniales de Argentina, Chile y Uruguay** (1997), **Discurso de la solidaridad en los poemarios testimoniales de Argentina, Chile y Uruguay** (1997), **Volando bajito** (2005) e **Río de sangre** (2010), escrito juntamente com Don Davis e Kate Gale.

O relato de testemunho **La escuela** tem sido objeto de diferentes estudos. Para exemplificar, tomam-se aqui os seguintes artigos: “**La escuela**, de Alicia Partnoy: una escritura del limite” (2008), de Adriana Bocchino; “Afirmación subjetiva y deber de memoria en **La escuela**, de Alicia Partnoy” (2014), de Alicia Salomone; e “Exilio y autotraducción en la narrativa testimonial concentracionaria argentina: el caso de **The Little School: Tales of Disappearance and Survival in Argentina**, de Alicia Partnoy (1986)” (2014), de Paula Simón. Além desses, há diversos estudos publicados em inglês, como: “Human Rights and Testimonial Fiction: Alicia Partnoy and the Case of Argentina’s Disappeared” (2009), de Pramod K. Nayar; “Tenues límites entre la historia y las historias”: Reading Alicia Partnoy’s Textual and Visual Testimony, **La escuela**” (2015), de Patricia Lopex Gay; e “Testimonio as Resistance in Alicia Partnoy’s **The Little School**” (2016), de Rania Reda Nasy, entre outros.

A Ditadura Militar, no Brasil, iniciou com o golpe militar, em 31 de março de 1964, que resultou na deposição do então presidente João Goulart, e se estendeu, oficialmente, até o ano de 1985. O golpe militar tinha por objetivo evitar o avanço das organizações populares do Governo de João Goulart, acusado de ser comunista. Nesse período, a ditadura assumiu três principais fases: a primeira foi de 1964 a 1968, com os governos de Castelo Branco e de Costa e Silva, caracterizados pelo militarismo autoritário; em seguida, de 1969 a 1979, assumiram os generais Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, conduzindo um

período nazimilitarista<sup>97</sup>; e, na última fase, de 1979 a 1985, sob o comando do general João Batista Figueiredo, observaram-se o militarismo e o período de transição para um regime democrático<sup>98</sup>.

O regime se caracterizou pela censura à imprensa, pela restrição aos direitos políticos e pela perseguição policial aos opositores do regime. O período foi marcado pela violência, pelas prisões, pela tortura, por mortes e pelo desaparecimento de pessoas, sendo que muitas dessas ações continuam obscuras. Nesse contexto, “os crimes de torturas e mortes difamantes, genocídios, desaparecimentos dos corpos dos mortos fizeram-se estratégia político-militar, ou seja, institucionalizaram-se estes tipos de delito”<sup>99</sup>.

O jornalista e escritor Flávio Tavares relatou a sua vivência no contexto da ditadura militar brasileira no livro **Memórias do esquecimento**, lançado em 1999, o qual conquistou o prêmio Jabuti, em 2000, na categoria reportagem. O autor, cujo nome de batismo é Flávio Aristides Freitas Hailliot Tavares, nasceu em Lajeado, RS, em 12 de junho 1934. Formou-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), mas não chegou a atuar como advogado. Tavares foi eleito presidente da União Estadual de Estudantes e membro do Conselho da União Nacional de Estudantes em 1954, em Porto Alegre, RS. Atou no jornalismo desde cedo, quando, após uma viagem à União Soviética e à China, em 1956, recebeu um convite para escrever uma série de reportagens sobre a viagem no **Semanário Hoje** (RS). Tavares teve outra rápida passagem pelo jornal **A Hora** (RS) e se consolidou como jornalista quando se tornou comentarista político da edição gaúcha do jornal **Última Hora**.

Em 1961, Flávio Tavares cobriu a Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Punta del Leste, Uruguai, onde conheceu Ernesto Che Guevara (1928-1967), que era delegado de Cuba. O jornalista retratou Che Guevara em um ensaio fotográfico anos mais tarde. No mesmo ano, viveu intensamente a chamada Campanha da Legalidade, que garantiu a posse de João Goulart na presidência do Brasil. Em janeiro de 1963, passou a residir em Brasília,

---

<sup>97</sup> Regime ditatorial de natureza cruel e violenta, que se assemelhava ao nazismo de Hitler, chegando a ser, não uma ditadura militar, e sim um “nazimilitarismo” por conta dos atos de extermínios de opositores e cassação dos direitos políticos.

<sup>98</sup> ALMEIDA, Agassiz. **A ditadura dos generais**: estado militar na América Latina: o calvário na prisão. 2007. p. 187.

<sup>99</sup> Idem. *Ibidem*. p. 187.

Distrito Federal, onde fez parte da fundação da Universidade de Brasília, UnB, e atuou como professor. Por seus posicionamentos políticos e por sua militância na esquerda partidária da luta armada, foi preso três vezes durante a ditadura militar brasileira.

A primeira prisão do escritor se deu em 1964, logo após o golpe militar, mas ele foi solto em seguida. Após isso, participou do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), organização brasileira que se opunha ao Regime Militar. Já a segunda prisão de Tavares foi em 1967, sob a acusação de ser o mentor de uma guerrilha no Triângulo Mineiro. Recebeu um *habeas corpus* sete meses mais tarde e foi morar no Rio de Janeiro, para assumir o posto de editor-chefe do jornal **Última Hora**, condição que durou até a decretação do AI-5, quando se afastou de seu cargo. Posteriormente, envolveu-se em uma ação armada com o intuito de libertar presos políticos da Penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro, e foi preso pela terceira vez “na manhã de 6 agosto de 1969”<sup>100</sup>. Tavares conheceu a prisão e os diferentes métodos de tortura, tanto psicológica<sup>101</sup> quanto física<sup>102</sup>, como os choques elétricos e o pau de arara.

Em 04 de setembro de 1969, o embaixador dos Estados Unidos, Charles Burke Elbrick, foi sequestrado em Botafogo, RJ, perto da embaixada americana. Os sequestradores exigiram como resgate a libertação de 15 presos políticos, além da divulgação de um manifesto, que foi deixado no carro do embaixador<sup>103</sup>. Assim, oito horas após o sequestro do embaixador americano, a Junta Militar aceitou libertar os 15 presos políticos. Flávio Tavares foi um dos 15 presos políticos trocados pelo embaixador dos Estados Unidos. Contudo, ao invés da liberdade, o jornalista começou o seu exílio, ao embarcar na Base Aérea do Galeão, para uma viagem de 26 horas, algemado, até o México. Durante o exílio, trabalhou primeiramente como tradutor e dublador de telenovelas. Tempos depois, foi contratado pelo jornal mexicano **Excelsior**, pertencente a uma cooperativa de trabalhadores.

---

<sup>100</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 22.

<sup>101</sup> Idem. Ibidem. p. 21.

<sup>102</sup> Idem. Ibidem. p. 55-56.

<sup>103</sup> Idem. Ibidem. p. 95.

Em 1974, o jornalista foi morar em Buenos Aires, Argentina, e, oito meses depois, reatou seu vínculo com o Brasil, escrevendo para o jornal **O Estado de S. Paulo** e, para não criar problemas, assinava com o pseudônimo de Júlio Delgado<sup>104</sup>. Já em 1977, o jornalista foi ao Uruguai para contratar um advogado para um colega do **Excelsior**, que lá estava preso. Porém, nessa ocasião, Tavares foi sequestrado e torturado por militares dos órgãos de repressão uruguaios. Devido a uma campanha de solidariedade internacional, o jornalista foi expulso do Uruguai 195 dias depois e, no dia 25 de janeiro de 1978, deixou Montevideo para se exilar em Lisboa, Portugal, de onde continuou como correspondente dos jornais **Excelsior** e **Estadão** e onde viveu até o final do ano seguinte, quando a Lei da Anistia lhe permitiu voltar ao Brasil<sup>105</sup>.

O jornalista Flávio Tavares consolidou-se também como escritor. Além do livro **Memórias do esquecimento** (1999), o qual constitui o *corpus* desta pesquisa e no qual apresenta seu testemunho como vítima da ditadura militar brasileira, também é autor dos seguintes títulos: **O dia em que Getúlio matou Allende** (2004), que recebeu o Prêmio da APCA 2004, na categoria Não Ficção, e o Prêmio Jabuti 2005, na categoria Reportagem e Biografia; **O Che Guevara que conheci e retratei** (2007); **1961: o golpe derrotado** (2012); **Meus 13 dias com Che Guevara** (2013); **1964: o golpe** (2014); e **As três mortes de Che Guevara** (2017). Além disso, escreveu o roteiro do documentário **O dia que durou 21 anos** (2012), dirigido por seu filho, Camilo Tavares.

As obras do escritor já foram objeto de vários estudos. Do livro **Memórias do esquecimento** destacam-se a dissertação de mestrado intitulada “Nos limites da memória: testemunhos da tortura em Flávio Tavares e Luís Roberto Salinas Fortes” (2010), de Diego Porto del Cistia Nieto, e as teses de doutorado “A escrita da dor: testemunhos da ditadura militar” (2008), de Fabricio Flores Fernandes, e “Ficções de vida na obra de Carlos Liscano” (2009), de Juan Pablo Chiappara Cabrera. Além disso, há os artigos “O boom da memória e a retórica testemunhal: breve análise da obra literária de Flávio Tavares” (2012), de Délcio Marquetti, “As memórias dos torturados pela ditadura militar brasileira: o testemunho dos sobreviventes” (2015), de Paulo Bungart Neto.

---

<sup>104</sup> Idem. Ibidem. p. 231.

<sup>105</sup> Idem. Ibidem. p. 243.

No Uruguai, a ditadura se tornou típica a partir do momento em que se autodenominou um regime “cívico-militar”<sup>106</sup>. O termo “cívico-militar” se refere ao uso de um presidente civil relativamente impotente como chefe de Estado na fase inicial do regime militar. Isso distinguiu a ditadura uruguaia das demais ditaduras da América Latina, nas quais altos oficiais militares tomaram o poder de imediato e atuaram como chefes de Estado. O discurso do então presidente do Uruguai, Juan María Bordaberry, realizado em 27 de junho de 1973, foi um marco do início da ditadura uruguaia. Com transmissão pela televisão e pela rádio, o presidente Bordaberry, com o apoio das Forças Armadas, anunciou a criação de um Conselho de Estado para substituir as funções legislativas e fechou o Senado e a Câmara, argumentando que o objetivo era projetar uma reforma constitucional que ratificasse os ideais republicanos-democráticos. Bordaberry assumiu a presidência em 1972, como presidente constitucional, e terminou seu mandato em 1976, como ditador.

A ditadura uruguaia, que teve início em 27 de junho de 1973 e término em 28 de fevereiro de 1985, foi polêmica por suas violações aos direitos humanos, pela tortura e pelo desaparecimento inexplicável de muitos uruguaios. O autoritarismo atingiu todas as esferas da sociedade. De acordo com Elio Gaspari,

[o]s militares supervisionavam até mesmo as escolhas de capitães de times de futebol. O principal presídio da ditadura chamou-se La Libertad. Os prisioneiros políticos foram transformados em cobaias de vingança e de experiências psiquiátricas. Ao banimento dos textos freudianos nas universidades correspondeu um experimentalismo behaviorista nos cárceres<sup>107</sup>.

Nesse contexto, viveu o autor do relato de testemunho **Él furgón de los locos**. Escritor, tradutor, dramaturgo e jornalista, Carlos Liscano Fleitas nasceu em 18 de março de 1949, em Montevidéu, Uruguai. Aos 23 anos, Liscano foi preso e torturado por sua militância como Tupamaro. O Movimento de Liberação Nacional-Tupamaros (MLN-T) foi um grupo guerrilheiro marxista-leninista uruguaio de guerrilha urbana, o qual atuou nas décadas de 1960 e 1970, antes e durante a

<sup>106</sup> GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. 2014. p. 344.

<sup>107</sup> Idem. Ibidem. p. 344.

ditadura militar no Uruguai (1973-1985). O fundador dos Tupamaros foi Raul Sendic, advogado, revolucionário guerrilheiro e político do Uruguai.

De acordo com o jornalista e escritor Elio Gaspari, “[o]s conflitos latino-americanos sempre tiveram algo de espetacular, mas nos cinco anos de duração da agonia do regime democrático uruguaio o componente de teatralidade mórbida adquiriu níveis inéditos”<sup>108</sup>. Pela esquerda, os Tupamaros, com aproximadamente três mil militantes, iniciaram suas ações em 1968, realizando feitos difíceis de imaginar tais como assalto a um cassino e devolução das gorjetas aos crupiês pelos correios; incêndio ao prédio da General Motors; maior roubo de joias dos tempos modernos, levando cerca de 6 milhões de dólares da caixa forte de uma banco; o sequestro do cônsul brasileiro e do embaixador inglês; a fuga por um túnel de 106 presos do Presídio de Punta Carretas, em setembro de 1971, entre outros<sup>109</sup>.

O Estado uruguaio, frente aos atos dos Tupamaros, entregou o caso aos militares, que desarticularam o movimento de esquerda em cerca de três meses. No final de 1972, havia 2.600 presos, dentre os quais, o escritor Carlos Liscano. Ele foi preso e torturado, permanecendo durante 13 anos (1972-1985) na penitenciária conhecida como Libertad, onde começou a escrever. A sua situação como prisioneiro da ditadura uruguaia foi relatada no livro **El furgón de los locos** (2001). Já os Tupamaros retornaram à vida pública, como um partido legal, após a restauração da democracia no Uruguai, em 1985.

Depois de ser libertado, no final da ditadura cívico-militar uruguaia, em 1985, Liscano viajou para a Suécia, onde viveu até junho de 1996. O escritor, assim, retornou ao Uruguai e, desde então, mora em Montevideu. Na Suécia, enquanto fazia trabalhos como faxineiro, professor de espanhol e de matemática e tradutor, começou a editar seus primeiros trabalhos de narrativa e poesia. Escritor de renome, Liscano constituiu uma vasta produção literária, dentre os quais, mencionam-se: **El método y otros juguetes carcelarios** (1987), **Memorias de la guerra reciente** (1988), **La mansión del tirano** (1992), **El charlatán** (1994), **El Informante y otros relatos** (1997), **Ejercicio de impunidad: Sanguinetti y Batlle**

---

<sup>108</sup> Idem. Ibidem. p. 343.

<sup>109</sup> Idem. Ibidem. p. 343.

contra Gelman (2004) e **El escritor y el otro** (2007)<sup>110</sup>. Além das diversas obras publicadas, o escritor fez diversos trabalhos de tradução, como “Tu momento en la tierra”, de Vilhem Moberg, em 1995, e “Swedenborg, explorador de la naturaleza y del espíritu. Su obra y sus seguidores”, de Inge Jonsson e Olle Hjern, em 1996, e também redigiu vários manuais para ensino de língua espanhola.

Ao longo de sua carreira como escritor, Carlos Liscano tem recebido diversos prêmios e reconhecimentos. Em 2013, recebeu o reconhecimento da Ordem do Cavaleiro de Artes e Letras, pelo Governo da França. Recebeu, além desse, diversos outros prêmios como, por exemplo, o Prêmio do Público, no Festival de Lieja, em 2008, por **Ma famille**, e o Prêmio Édito de Teatro do Ministério da Educação e da Cultura, em 2002. Ademais, em duas ocasiões, recebeu o Prêmio Bartolomé Hidalgo, concedido pela Câmara Uruguaia do Livro. O livro **El furgón de los locos** ganhou o Prêmio de Narrativa, outorgado pelo Ministério da Educação e Cultura do Uruguai, em 2002.

A propósito, o referido livro, além de sua versão original em espanhol, foi traduzido e publicado em língua portuguesa, no ano de 2003, em inglês, em 2004, e, em francês, em 2008. Dentre os estudos sobre o relato testemunhal **El furgón de los locos**, destacam-se aqui os artigos “O teor ficcional e testemunhal em **El furgón de los locos**, de Carlos Liscano” (2014), de Franciane Canesche de Freitas e Juan Pablo Chiappara Cabrera e “La literatura de testimonio – fragmento: **El furgón de los locos**, de Carlos Liscano” (2012), de Wellington Pedro da Silva.

---

<sup>110</sup> Entre as demais publicações de Liscano, estão: **Souvenirs de la guerre recente** (2007), **¿Estará no más cargada de futuro?** (1989), **Agua estancada y otras historias** (1990), “Uno no puede ir a trabajar después de una noche así” (1993), **El camino a Ítaca** (1994), **Pa gränsen**: la vida al margen (1994), **Miscellanea observata** (1995), **Porträtt av ett par**: retrato de pareja (1995), **Le rapporteur et autres récits** (2005), **Ma famille en cinq pièces d’Amérique latine** (1999), **La meva família**, **L’informant** (2000), **Ma famille** (2001), **Changement du style** (1999), **La subvention** (1999), **Les nigauds en Petites pièces d’auteurs** (2000), **El lenguaje de la soledad** (2000), **La ciudad de todos los vientos** (2000), **Teatro** (2001), **La sinuosa senda** (2002), **Un hombre que trabaja y cumple con su deber en el diván**: 25 autoconfesiones (2003), **Conversaciones con Tabaré Vázquez** (2003), **Ejercicio de impunidad**: el caso Gelman (2009), **L’impunité des bourreaux** (2007), **Lengua curiosa** (2003), **Soy el tarumba les presento es al ñudo rempujar** (2003), **Le rapporteur** (2005), **Nulla dies sine línea** (2006), **L’écivain et l’autre** (2010), **Lo scrittore e l’altro** (2011), **El escritor y el otro** (2011), **Juego de manos** (2008), **Manuscritos de la cárcel** (2010), **La libreta negra** (2011), **Le lecteur inconstant suivi de Vie du corbeau blanc** (2011), **Oficio de ventriloquia 1** (2011), **Oficio de ventriloquia 2** (2011), “Carlos Liscano: ficções do eu ficções do outro” (2013), **Libreta de cuero** (2014), **Viaje a la noche** (2014), **El Tarumba en viva el pollo** (2014), **Escritor indolente** (2014), **Vida del cuervo blanco** (2015), **Apuntes de la cárcel** (2016), **El escritor y el outro** (2016).

Ademais, foi objeto de estudo da tese de doutorado intitulada “Carlos Liscano: textos do cárcere. Reflexão e ironia” (2017), de Selomar Claudio Borges.

Enfim, o Chile, a Argentina, o Brasil e o Uruguai têm a história marcada por períodos em que a democracia foi abolida e a nação foi tomada por regimes ditatoriais. Tais períodos foram assinalados pela forte censura, pela violência do Estado para com a população, pelo número excessivo de prisões, pelas agressões e pelo uso das mais diferentes técnicas de tortura como prática constante. Nos referidos países, milhares de cidadãos foram forçados a deixar sua terra natal em busca de exílio em países distantes. Além disso, há questões ainda não elucidadas nesses contextos como, por exemplo, as pessoas desaparecidas durante as ditaduras. Enfim, muitas similaridades aproximam a história dos períodos ditatoriais desses países, bem como a sua relação com o autoritarismo, a violência e o trauma que as vítimas carregam consigo.

Todos os autores dos relatos testemunhais aqui tratados vivenciaram os períodos ditatoriais dos seus respectivos países e, independentemente de suas militâncias, foram vítimas do autoritarismo, em regimes que almejavam o domínio absoluto sobre os indivíduos. A vida na prisão, a tortura e o exílio constituíram a vivência traumática dos narradores, cada um com suas peculiaridades, que perpassam as suas narrativas testemunhais.

A seguir, as questões que permeiam os relatos testemunhais da ditadura latino-americana, através dos sobreviventes, tais como o trauma, a memória e a tortura, serão abordadas. Ademais, pretende-se discutir a problemática da representação elaborada pelo sobrevivente de um acontecimento de extrema violência, bem como analisar um dos elementos que tem um papel fundamental nas narrativas, isto é, o narrador do relato testemunhal. O conhecimento dos pressupostos teóricos que norteiam tais questões será fundamental para um melhor entendimento acerca dos relatos testemunhais e, igualmente, para a sua análise.

### 3 A ESCRITA DA DOR: TRAUMA, MEMÓRIA, TORTURA E REPRESENTAÇÃO

#### 3.1 O SOBREVIVENTE E A RELAÇÃO COM O TRAUMA, A MEMÓRIA E A TORTURA

A memória cruel com dor recorda  
A marcha errante que seguiu a vida

(Johann W. Goethe)

A violência subjuga o indivíduo, desestrutura a sua identidade e as suas convicções e deixa marcas que o acompanham ao longo da vida. Os eventos catastróficos do século XX elevaram a violência a um nível sem precedentes. Após eventos de extrema violência como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a *Shoah*, as guerras de colonização e os períodos ditatoriais, pode-se dizer que a sociedade contemporânea tem carregado as marcas desses acontecimentos, pois o passado a constitui no presente, e a história e o trauma desses eventos são transmitidos de uma geração a outra. Assim, “[e]star no tempo ‘pós-catástrofe’ significa habitar essas catástrofes”<sup>111</sup>.

Logo, declarar que esses eventos aconteceram no passado não significa, de forma alguma, uma aproximação com o conceito de “superação” ou de “passado, que passou”<sup>112</sup>. Aqui, o passado não é sinônimo do que ficou para trás, ao contrário, é como uma ferida aberta na memória daqueles que passaram (ou para aqueles cuja história foi transmitida) por campos de concentração, trabalhos forçados e escravos, prisões, torturas, exílio e todo tipo de crueldade que o ser humano é capaz de impor ao seu semelhante. Nesse sentido, é necessário situar as teorias do trauma e da memória na sociedade contemporânea e os eventos passados e presentes que a constituem.

A literatura de testemunho é fruto desses eventos de extrema violência e, para compreendê-la, é imprescindível uma leitura de tais narrativas tendo em mente as teorias do trauma e da memória, bem como o conhecimento dos fatos históricos. Walter Benjamin, em seu ensaio intitulado “Experiência e pobreza”, de

---

<sup>111</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 63.

<sup>112</sup> Idem. Ibidem. p. 63.

1933, já abordava os efeitos dos eventos de extrema violência nas vítimas. Referindo-se à guerra de 1914 a 1918, Benjamin avalia que, “[n]a época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos”<sup>113</sup>. Ressalta-se, aqui, que os livros de guerra que, nos 10 anos seguintes, tomaram o mercado literário, não contavam com experiências que fossem transmissíveis de boca em boca. Apesar de terem vivenciado um dos mais terríveis acontecimentos históricos, os combatentes não conseguiam verbalizar suas experiências. Isso porque, de acordo com o autor, a guerra moderna careceria de um sentido para os combatentes.

Cabe aqui esclarecer que Benjamin faz uma diferenciação entre os termos experiência e vivência. Tal diferenciação baseia-se “na oposição entre *Erfahrung* e *Erlebnis*, aqui traduzidas respectivamente como ‘experiência’ (real ou acumulada, sem intervenção da consciência) e ‘vivência’ (experiência vivida, evento assistido pela consciência)”<sup>114</sup>. Sobre tais termos, Leandro Konder esclarece que *Erfahrung* trata-se do “conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem; o sujeito integrado em uma comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo”<sup>115</sup>. Já o segundo termo, *Erlebnis*, refere-se à “vivência do indivíduo privado, isolado, é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos”<sup>116</sup>.

Em relação ao trauma, Sigmund Freud, em sua conferência “Fixação em traumas – o inconsciente”, ao analisar sujeitos que passaram por situações traumáticas, nota que há uma fixação em determinada parte do passado, como se não fosse possível se libertar dela. Dessa forma, o sujeito traumatizado tende a permanecer ali enclausurado, num esforço de suportar a carga de sua vida e, por isso, aliena-se do presente e do futuro. Esse comportamento apresenta-se de forma análoga ao que é descrito pelo psicanalista como neuroses traumáticas, as

<sup>113</sup> BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 1994. p. 114-115.

<sup>114</sup> Idem. \_\_\_\_\_. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 1989. p. 146.

<sup>115</sup> KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 1999. p. 83.

<sup>116</sup> KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 1999. p. 83.

quais ocorrem especialmente por intermédio de episódios de guerra<sup>117</sup>. Com isso, o trauma prende o sujeito de tal modo ao passado, em especial, ao momento do acidente traumático, que o impossibilita de viver o presente de forma plena ou, ainda, o leva a ignorar totalmente o presente e o futuro. Isso ocorre devido à “incapacidade de [a vítima] lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso”<sup>118</sup>.

Portanto, os indivíduos que carregam em si o trauma “não vivem com as memórias do passado, mas com um evento que não pôde e não prosseguiu até a sua conclusão”<sup>119</sup>. Isto é, aquele que atravessou um evento traumático continua a viver nele. Não é uma experiência completa, acabada, distante. O trauma é imune ao tempo, pois “não se resigna a ser passado”<sup>120</sup>. Além disso, segundo Néstor A. Braunstein, “[e]m um trauma alguém (*some-body*, um corpo) atravessa uma situação na qual poderia morrer, mas não o faz”<sup>121</sup>. Por isso, o sujeito é um sobrevivente do trauma e carrega em si uma culpa irracional por ter sobrevivido enquanto muitos morreram. O sobrevivente confronta-se com “cicatrizes inapagáveis”<sup>122</sup>, visto que, para o trauma, não há uma cura.

Em “Além do princípio de prazer”, ao tratar das neuroses traumáticas, Freud aponta algumas considerações imprescindíveis sobre o trauma. Para o psicanalista, trata-se de um processo que ocorre no inconsciente, isto é, o indivíduo nunca consegue recordar a totalidade do que está reprimido nesse inconsciente, e justamente o que não é possível de ser lembrado pode ser essencial para uma tomada de consciência e para uma reparação das lembranças que o estão ferindo. A vítima tem dificuldade de trazer para o plano do consciente os episódios violentos do passado, visto que a resistência do ego consciente e inconsciente é influenciada pelo princípio do prazer<sup>123</sup>, ou seja, ela “busca evitar o

---

<sup>117</sup> FREUD, Sigmund. Fixação em traumas – o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. 1996. p. 281-282.

<sup>118</sup> Idem. *Ibidem*. p. 283.

<sup>119</sup> LAUB, Dori. Bearing Witness, or the Vicissitudes of Listening. In: FELMAN, Shoshana; \_\_\_\_\_. (Eds.). **Testimony**: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History. 1992. p. 69. Traduzido do original: “[...] live not with memories of the past, but with an event that could not and did not proceed through its completion [...]”.

<sup>120</sup> BRAUNSTEIN, Néstor A. **Sobrevivendo ao trauma**. s. d. s. p.

<sup>121</sup> Idem. *Ibidem*. s. p.

<sup>122</sup> Idem. *Ibidem*. s. p.

<sup>123</sup> Segundo Freud (1976), o princípio de prazer “é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível” (p. 83).

desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido”<sup>124</sup>. Com isso, a psicanálise esforça-se em conseguir a tolerância desse desprazer por intermédio de um apelo ao princípio da realidade<sup>125</sup>.

Nessa perspectiva, buscando uma melhor compreensão da abrangência do princípio do prazer, Freud descreve como traumáticas “quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor”<sup>126</sup>. Assim, o conceito de trauma diz respeito a essa condição com uma ruptura numa barreira que, sob outras condições, é eficaz contra os estímulos vindos de fora e que podem abalar o sujeito. Logo, “[u]m acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis”<sup>127</sup>.

Com a indicação de que a raiz da neurose traumática se situa em uma fixação no momento do acidente traumático, o acontecimento pode ser repetido regularmente através do sonho, por exemplo, que é capaz de conduzir o indivíduo a um retorno completo para tal circunstância. Por isso, o indivíduo revive a situação traumática com a impressão de que essa vivência ainda faz parte do presente<sup>128</sup>. Nessa perspectiva, pessoas que vivenciaram ou foram testemunhas de fatos traumáticos rememoram tais situações constantemente, seja de forma consciente seja de forma inconsciente, revivendo o sofrimento causado pelo episódio violento que originou o trauma.

Dessa maneira, pode-se constatar que o inconsciente atua sob a lei da constância e que, quando o indivíduo passa por uma situação de violência, com uma carga afetiva excessivamente grande, o ego humano defende-se do perigo de uma ameaça externa ou que está incorporado a uma forma assumida pelo próprio ego. Surgem, então, os sintomas do trauma. Em decorrência disso, se esses

---

<sup>124</sup> FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. 1976. p. 33.

<sup>125</sup> O princípio da realidade, por sua vez, é o princípio que faz o ser humano compreender e aceitar que nem tudo o que se deseja é possível, que se for possível nem sempre é imediato, que nem sempre pode ser conservado e, muitas vezes, não pode ser aumentado. Isso implicaria a consciência das noções entre limites internos e externos.

<sup>126</sup> FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. 1976. p. 45.

<sup>127</sup> Idem. *Ibidem*. p. 45.

<sup>128</sup> Idem. Fixação em traumas – o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. 1996. p. 282-283.

sintomas são frutos de processos mentais inconscientes, tão logo esses processos se tornarem conscientes, os sintomas podem desaparecer. Por isso, é importante o indivíduo narrar essas situações traumáticas, uma vez que tais narrativas o auxiliariam na compreensão e na tomada de consciência de tais processos. No entanto, nem todo traumatizado tem consciência da sua condição, dos sintomas e das alterações que o trauma lhe causou, e de como a narrativa pode ter um efeito terapêutico.

O psiquiatra Roman Leśniak, do Departamento de Psiquiatria da Academia de Medicina de Cracóvia e membro do movimento de resistência durante a ocupação nazista, realizou uma pesquisa sobre as alterações de personalidade com 100 ex-prisioneiros do campo de Auschwitz-Birkenau. De acordo com o estudioso, “o trauma psicológico profundo pode ser responsável pelo desenvolvimento de novas atitudes e por uma nova hierarquia de valores, além de fortalecer atitudes antigas e de mudar a abordagem da vida, de uma forma geral”<sup>129</sup>. O estudo observou que as desordens de personalidade pós-traumáticas eram de natureza diversa e que a sua disseminação no grupo de 100 indivíduos era ampla.

Enfim, na referida pesquisa, as desordens de personalidade pós-traumáticas foram classificadas em três grupos de natureza geral<sup>130</sup>, a seguir: 1) mudanças em relacionamentos com outras pessoas, de natureza negativa (evitar outras pessoas, desconfiar e subestimar o outro), conforme observado pelos próprios participantes da pesquisa e na maioria dos casos, ou de natureza positiva (aumento do amor pelas pessoas); 2) atitudes alteradas em relação a outras pessoas e, também, ao mundo exterior, podendo ser positivas (aumento da tolerância e religiosidade, da moral e valores éticos), exageradamente positivas (muito mais valor à vida ou a valores materiais) ou negativas, em sua maioria (ressentimento, pessimismo, falta de perspectivas, cinismo, não ter medo da morte), e 3) permanente mudanças de caráter, na maioria dos indivíduos de natureza negativa (irritabilidade, choro,

<sup>129</sup> LEŚNIAK, Roman. Post-Camp Personality Alterations in Former Prisoners of the Auschwitz-Birkenau Concentration Camp. In: RYN, Zdzisław Jan; SUŁOWICZ, Władysław (Eds.). **Auschwitz Survivors: Clinical Psychiatric Studies**. 2013. p. 38. Traduzido do original: “Severe psychological trauma may be responsible for the development of the new attitudes and a new value hierarchy as well as strengthening old attitudes and changing the approach to life in general”.

<sup>130</sup> O estudo também faz uma análise mais particular dos sujeitos da pesquisa. No entanto, não se pretende fazer aqui uma avaliação individual dos sujeitos da pesquisa, mas ter uma noção geral de como o trauma afeta as vítimas.

complexo de inferioridade, preocupação com problemas de saúde) e, em alguns poucos casos, de caráter positivo (mais coragem, maior autossuficiência e atividade)<sup>131</sup>.

Destarte, essa pesquisa demonstrou como as vítimas de eventos violentos sofrem com os sintomas do trauma, que as acompanham depois de estarem livres da situação de aprisionamento, opressão e sofrimento. A maioria dos sujeitos da pesquisa apresentaram alterações negativas nas condições de relacionamentos, atitudes e caráter. Corroborando esse entendimento, Bruno Bettelheim, estudioso de Freud e também vítima da barbárie nazista, afirma que ser aprisionado em um campo de concentração tem um “impacto desintegrador da personalidade”<sup>132</sup> e, também, há “os efeitos posteriores perpétuos de tal trauma, que parecem exigir formas muito especiais de domínio se não quisermos sucumbir a eles”<sup>133</sup>. Assim, nessa conjuntura pós-violência, surgem as narrativas testemunhais, que são elaboradas em meio aos sintomas do trauma para justamente elaborar e suportar esse trauma. O que se quer demonstrar aqui é que, em sua maioria, as vítimas de eventos traumáticos têm mudanças negativas em sua personalidade e em seu comportamento, enquanto poucos têm mudanças positivas, mas o fato é que todos os indivíduos carregam em si marcas do trauma, que alteraram sua personalidade, seu comportamento, suas atitudes e sua perspectiva de vida. Assim sendo, a narrativa de testemunho auxiliaria a

[d]esfazer esse aprisionamento em um fado que não pode ser conhecido, não pode ser contado, mas só pode ser repetido, um processo terapêutico – um processo de construção de uma narrativa, de reconstrução de uma história e, essencialmente, de re-externalização do evento – tem que ser colocado em movimento. Esta re-externalização do evento pode ocorrer e ter efeito somente quando se pode articular e transmitir a história, literalmente transferi-la para outro fora de si e, depois, trazê-la de volta para dentro. Contá-la, assim, implica uma reafirmação da hegemonia da realidade e uma re-externalização do mal que afetou e contaminou a vítima do trauma<sup>134</sup>.

<sup>131</sup> LEŚNIAK, Roman. Post-Camp Personality Alterations in Former Prisoners of the Auschwitz-Birkenau Concentration Camp. In: RYN, Zdzisław Jan; SUŁOWICZ, Władysław (Eds.). **Auschwitz Survivors: Clinical Psychiatric Studies**. 2013. p. 42.

<sup>132</sup> BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. 1989. p. 34.

<sup>133</sup> Idem. *Ibidem*. p. 34.

<sup>134</sup> LAUB, Dori. Bearing Witness, or the Vicissitudes of Listening. In: FELMAN, Shoshana; \_\_\_\_\_ (Eds.). **Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History**. 1992. p. 69. Traduzido do original: “To undo this entrapment in a fate that cannot be known, cannot be told, but can only be repeated, a therapeutic process – a process of constructing a narrative, of reconstructing a history and essentially, of re-externalizing the event – has to be set in motion.

Desse modo, tendo em mente que “o trauma é o real impossível de simbolizar”<sup>135</sup>, a linguagem e a narrativa auxiliam o sobrevivente a retramar a sua história, reorganizar suas memórias, enfim, simbolizar, mesmo que forma incompleta, a vivência traumática e externalizá-la, conduzindo-o a compreender a sua realidade. Por mais doloroso que seja, a vítima necessita do seu passado para constituir-se como sujeito histórico e, para tanto, precisa representá-lo. Segundo Braunstein, “[a] vivência traumática, não podendo se integrar no simbólico, não pode tampouco cair no esquecimento”<sup>136</sup>. Logo, existe a necessidade de representação desses eventos que são incompreensíveis e que resistem a serem traduzidos por palavras. Assim, restam ao sobrevivente, como propõe o autor, duas opções: “a palavra ou o trauma”<sup>137</sup>. A narrativa, então, teria um efeito terapêutico, no sentido de amenizar os sintomas do trauma e possibilitar ao sobrevivente uma nova perspectiva de conviver com a vivência traumática.

Para elaborar a narrativa, a memória se constitui num elemento fundamental para o sobrevivente, pois é através dela que ele encontra a possibilidade de reconstituir e reelaborar as vivências passadas. Sem a memória, não há como o sobrevivente se constituir historicamente. Ela nunca será completa, pois convive paralelamente com o esquecimento, e ambos constituem o sobrevivente e a sua narrativa. A propósito, Enrique Serra Padrós, com base em considerações feitas pelo historiador francês Jacques Le Goff, ao buscar um conceito de memória, propõe que

[a] palavra memória, de origem latina, deriva de *menor* e *oris*, e significa “o que lembra”, ligando-se assim ao passado; portanto, ao já vivido. A nível individual, a memória é a capacidade de um conjunto de funções psíquicas que possibilitam conservar certas informações, “graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”<sup>138</sup>.

---

This re-externalization of the event can occur and take effect only when one can articulate and transmit the story, literally transfer it to another outside oneself and then take it back again, inside. Telling this entails a reassertion of the hegemony of reality and a re-externalization of the evil that affected and contaminated the trauma victim”.

<sup>135</sup> BRAUNSTEIN, Néstor A. **Sobrevivendo ao trauma**. s. d. s. p.

<sup>136</sup> Idem. Ibidem. p. 9.

<sup>137</sup> Idem. Ibidem. p. 9.

<sup>138</sup> PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na história. **Letras: Literatura e Autoritarismo**. 2001. p. 79-80.

Assim, a memória tem como função preservar o passado, pois sem ela seria difícil conservar as lembranças, tanto individuais quanto coletivas. Embora o trauma estabeleça uma relação direta com a memória individual, a memória coletiva e a memória historiográfica merecem atenção no sentido de que ambas podem auxiliar o indivíduo na organização de sua memória individual ou no preenchimento de suas lacunas, não obstante a existência de divergências ou conflitos entre a memória individual e os demais tipos de memórias. Para o sociólogo Maurice Halbwachs, as lembranças individuais estão vinculadas a pessoas e a lugares específicos e, por isso, “[n]ossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estamos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos”<sup>139</sup>. Nesse sentido, a memória individual é também uma memória em parte compartilhada, que pode ser modificada, na medida em que novos fragmentos são acrescentados a ela, por meio de fatos esquecidos que são lembrados ou por algum fator externo que alterou o ponto de vista sob o qual o passado era observado.

Cabe lembrar aqui que a memória coletiva dos períodos ditatoriais também sofreu a tentativa de ser suprimida, pois os governos militares interviam até mesmo “na vida cultural por meio da adoção de rígida censura dirigida tanto a seus vários setores como contra todo tipo de obra”<sup>140</sup>. No entanto, a resistência à censura permitiu que a memórias desses acontecimentos históricos fossem preservadas através das diversas formas de artes e, também, da conservação de registros e de documentos históricos. Desse modo, o sobrevivente pode fazer uso da memória coletiva para auxiliá-lo a reconstituir sua memória individual.

Sobrevivente da ditadura chilena, Hernán Valdés, após ser libertado e exilado, teve pressa em registrar suas memórias, justamente devido ao medo do esquecimento e à dificuldade de essa narrativa se agravar com o passar do tempo. Enquanto muitos dos sobreviventes, num primeiro momento, tentavam esquecer a vida na prisão e a tortura, o autor sentiu a necessidade de escrever tudo o que a

---

<sup>139</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2006. p. 30.

<sup>140</sup> FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 353.

sua memória havia registrado, em virtude da intensidade da vivência e da falta de referência temporal que havia na prisão. Valdés destaca que o seu relato de testemunho

trata-se de um diário reconstituído (ninguém pode conceber licenças como as de escrever e guardar nenhum tipo de texto nessas condições), mas neste processo de reconstituição fiz todo o possível para preservar a cronologia mais fidedigna do cotidiano, que é particularmente difícil, levando-se em conta a ausência total de referências e períodos temporais que caracterizam esses lugares<sup>141</sup>.

A vítima e testemunha de um evento violento, através da evocação de suas memórias, tem a possibilidade de organizar mentalmente as suas vivências e, então, articular o presente ao passado e ao futuro, situando-se em sua condição corrente. Porém, lembrar, organizar e externar essas memórias implica a testemunha ter que lidar com os atos falhos da memória, o esquecimento, a repressão ou a resistência, e até mesmo com o anseio de dispor de um ouvinte confiável e encontrar nas palavras a significação adequada para expressar tais lembranças, e esses fatores podem tornar a tarefa bastante complexa.

Para Seligmann-Silva, “a memória – assim como a linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios etc. – não existe sem sua resistência”<sup>142</sup>, assim como a memória não existe sem o esquecimento. Notam-se a resistência à memória nos anos de silêncio e, às vezes, a tentativa de esquecimento, por parte dos sobreviventes. Muitos dos relatos testemunhais surgiram depois de vários anos da vivência traumática. Essas são relações indissociáveis, que se unem e se complementam umas às outras. Logo, o passado, por vezes, é como imagens mutiladas, sobre as quais o sujeito resiste em recordar e/ou em narrar. De acordo com Geoffrey Hartman,

---

<sup>141</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 5. Traduzido do original: “[...] se trata de un diario reconstituído (nadie puede concebir licencias como las de redactar y guardar ningún tipo de texto en esas condiciones), pero en este proceso de reconstitución he hecho todo lo posible por conservar la más fidedigna cronología de la cotidianidad, lo que resulta harto difícil si se tiene en cuenta la total ausencia de referencias y plazos temporales que caracteriza a estos lugares”.

<sup>142</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. 2003. p. 52.

[a] memória, e especialmente a memória usada na narração, não é simplesmente um nascer póstumo da experiência, uma formação secundária: ela *possibilita* a experiência, permite que aquilo que chamamos de o real penetre na consciência e na apresentação das palavras, para tornar-se algo mais do que só o trauma seguido por um apagamento mental higiênico e, em última instância, ilusório<sup>143</sup>.

Assim, a memória é “evidência de continuidade”<sup>144</sup>, pois ela possibilita ao indivíduo traumatizado resgatar o seu passado. É importante lembrar, contudo, que a memória de um sobrevivente é uma memória ferida, fragmentada, que evoca dores e angústias. O indivíduo traumatizado não reproduz conscientemente as lembranças dos fatos envolvidos, mas ele repete, de forma inconsciente, os sintomas do trauma. Desse modo, a memória exerce uma função importante na medida em que auxilia o sujeito a narrar e a reorganizar a situação traumática internamente, pois “uma neurose poderia resultar de uma espécie de ignorância – um não-saber acerca de acontecimentos mentais que se deveria saber”<sup>145</sup>.

Em alguns sobreviventes, a memória, mesmo silenciada, não se apagou. Ela é chamada de “memória profunda”<sup>146</sup> e, através dela, o sobrevivente vive paralelamente no acontecimento passado. Nesses casos, Geoffrey Hartman sugere ao sobrevivente ir além da simples narrativa, porquanto ele considera como um fator fundamental a transmissão da memória pessoal para a cultural. E, para a transmissão das experiências violentas sofridas, como o Holocausto, “precisamos de *todas* as nossas instituições de memória: da escrita histórica tanto quanto do testemunho, do testemunho tanto quanto da arte”<sup>147</sup>. Nesse sentido, a história se incorpora à arte e à imaginação, para que, num processo de rememoração, tais circunstâncias sejam narradas. Segundo Hartman, nesse processo, existe uma imagem ou lembrança essencial que deve ser reconquistada: “aquela da humanidade do sobrevivente”<sup>148</sup>.

Na introdução do seu relato de testemunho, Flávio Tavares declara: “[e]squecer? Impossível, pois o que eu vi caiu também sobre mim, e o corpo e a

<sup>143</sup> HARTMAN, Geoffrey. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. 2000. p. 222-223.

<sup>144</sup> Idem. Ibidem. p. 223.

<sup>145</sup> FREUD, Sigmund. Fixação em traumas – o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. 1996. p. 288.

<sup>146</sup> HARTMAN, Geoffrey. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. 2000. p. 214.

<sup>147</sup> Idem. Ibidem. p. 215.

<sup>148</sup> Idem. Ibidem. p. 216.

alma sofridos não podem evitar que a mente esqueça ou que a mente lembre. Sou um demente escravo da mente”<sup>149</sup>. Ao passar por um acontecimento traumático, cada sobrevivente desenvolve uma relação única com a memória, com o trauma que fica da vida na prisão, do isolamento, da tortura, e de tantas outras violências, e, também, com a possibilidade de narrá-la. Aliás, a memória, conforme argumenta Roney Cytrynowicz, age em favor do sobrevivente, visto que ela procura apaziguar os conflitos, fechar as feridas, restaurar as ruínas e silenciar as dores. Afora isso, “ela tem compromisso com a subjetividade, com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstituir uma vida, um futuro, e isso por mais que ela conte das dores e das feridas”<sup>150</sup>. Para Tavares, não restou outra alternativa senão narrar suas vivências, anos depois, como uma forma de reorganizar as suas memórias e de conviver com o seu passado: “[e] por não esquecer te conto, minha amada. Como um grito te conto. Ouve e lê”<sup>151</sup>.

A propósito, a tortura tem sido apontada como um dos elementos mais presentes na memória dos prisioneiros dos regimes ditatoriais. Observando os relatos testemunhais que constituem o *corpus* desta pesquisa, a tortura é um componente marcante nas narrativas e, possivelmente, um dos acontecimentos mais intensos e cruéis para os sobreviventes. Por vezes, há a resistência do torturado em falar sobre o seu estado emocional, pois ele se depara com uma condição humilhante, degradante e assustadoramente primitiva. No entanto, “[a] tortura não é uma doença do torturado, é um mal endêmico da civilização, que cresce e se expande com progresso como qualquer tecnologia que possa ser aperfeiçoada e robotizada, como qualquer indústria”<sup>152</sup>. Trazer à tona as memórias da tortura é expor a face mais frágil e íntima do terror. Conforme Marcelo N. Viñar,

---

<sup>149</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**. 2012. p. 13.

<sup>150</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 131-132.

<sup>151</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**. 2012. p. 13.

<sup>152</sup> VIÑAR, Marcelo N. Especificidad de la tortura como trauma: el desierto humano cuando las palabras se extinguen. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis APDEba**. 2005. p. 2. Traduzido do original: “La tortura no es una enfermedad del torturado, es un mal endémico de la civilización, que crece y se expande con el progreso como cualquier tecnología perfectible y robotizable, como cualquier industria”.

[s]e a intimidade do corpo sensível é a mais secreta e opaca que cada um de nós tem (ou o oximoro do que é mais nosso e mais estranho), falar publicamente sobre tortura e o torturado não é uma operação simples ou inocente, já que subverte a barreira entre o íntimo e o público<sup>153</sup>.

A tortura é um instrumento de destruição física e psíquica e uma forma de dominação do indivíduo. Ao prisioneiro, afastado abruptamente do convívio familiar e social, destituído de todos os seus bens materiais, isolado e fragilizado, sem amparo material e emocional, resta-lhe apenas o seu próprio corpo. Em seu relato de testemunho, Liscano refere-se à sua relação com o corpo e à tortura repetidas vezes: “[o] corpo, que durante tantos anos foi o único que tive, apesar dos golpes, das misérias, do nojo que uma vez senti por ele, agora já no caminho da velhice, animal amigo, continua sendo fiel”<sup>154</sup>. Na prisão, o corpo era o único “bem” que restava ao prisioneiro. Torturá-lo representava o domínio total do Estado sobre o sujeito, do torturador sobre o torturado, a destituição do último “recurso” que restara ao prisioneiro.

A tortura provoca um impacto desintegrador no ser humano. No prefácio da versão traduzida e publicada no Brasil do testemunho de Carlos Liscano, o jornalista, professor e ativista político Cid Benjamin argumenta que

[o] lado mais desumano da tortura é fazer do corpo de alguém seu maior inimigo. Assim, a tortura não é um ato de infinita violência, por ter como objetivo causar sofrimento a outro ser humano. É algo muito pior: é a tentativa de quebrar lá dentro, na alma, uma pessoa através da dor física. É a tentativa de anular a vontade e a consciência de alguém, que são precisamente o que distingue os seres humanos. É o esforço para fazer com que uma pessoa se negue a si mesma<sup>155</sup>.

Nessa perspectiva, o estudo realizado pelos psicanalistas Maren Ulriksen de Viñar e Marcelo N. Viñar propõe que, no ápice da tortura, há uma rejeição do corpo em sofrimento, e isso conduziria a uma reestruturação ilusória de outro corpo, em um nível alucinatório. Há, então, o afastamento e a projeção maciça do corpo

<sup>153</sup> Idem. Ibidem. p. 7. Traduzido do original: “Si la intimidad del cuerpo sensible es lo más secreto y opaco que tenemos cada uno (o el oximoron de lo que nos es más propio y más ajeno), hablar públicamente sobre la tortura y el torturado no es una operación ni simple ni inocente, ya que subvierte la barrera entre lo íntimo y lo público”.

<sup>154</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 185. Traduzido do original: “El cuerpo, que durante tantos años fue lo único que tuve, pese a los golpes, a las miserias, al asco que una vez senti por él, ahora, ya en el camino de la vejez, animal amigo, sigue siéndome fiel”.

<sup>155</sup> Idem. **O furgão dos loucos**. 2003. p. 11.

ilusório nesse novo espaço de sua relação com os demais, pois esse espaço provém da necessidade da substituição simbólica através de imagens de outros corpos, palavras e ações, que resgatam a própria matéria do grupo com o qual o torturado partilhava seus princípios. Dessa forma, “essa substituição é um trabalho de elaboração que permite passar pela morte real, na qual o desaparecimento do corpo no símbolo permite resgatar as identificações anteriores e escapar da dualidade proposta como a única alternativa aparente”<sup>156</sup>. Logo, há a reapropriação de outra pessoa frente ao torturador; um outro sujeito próprio que redobra o afastamento operado pela mente/ corpo e que estabelece um afastamento do ideal/ morte<sup>157</sup>.

Assim, “na tortura, é sempre uma questão de passar por uma morte: a do ideal ou a do corpo. Isso, por sua vez, não é estranho às suas raízes corporais (narcisismo infantil). Somente o fascismo é capaz de romper esse amálgama constitutivo do ser”<sup>158</sup>. A tortura é, então, uma situação de quase morte, e o torturado é um sobrevivente. Não havendo uma morte completa, há uma morte simbólica do indivíduo: seja do seu corpo, seja das suas convicções. Logo, ela rompe com a fusão da constituição humana de corpo e mente, e é característica de movimentos fascistas, embora não exclusivamente, os quais exercem forte controle autocrático ou ditatorial sobre os indivíduos.

As ditaduras que se instauraram na América Latina e a base repressiva que o Estado assumiu trouxeram um componente notável, a saber, a tortura. Apenas no Brasil, estima-se que aproximadamente 120 mil pessoas passaram pelas prisões, das quais cerca de 40 mil sofreram os mais diversos tipos de tortura. Além disso, em torno de 500 militantes foram mortos por órgãos repressivos, 152 foram considerados “desaparecidos”, e dezenas de baleados e mortos em manifestações públicas<sup>159</sup>. Mas o que torna a tortura um elemento tão atraente para ser usado de

---

<sup>156</sup> VIÑAR, Maren Ulriksen de; VIÑAR, Marcelo N. Exílio y tortura. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Fracturas de memoria**: crónicas para una memoria por venir. 1993. p. 64. Traduzido do original: “Esta sustitución es un trabajo de elaboración que permite pasar por la muerte real, en la que la desaparición del cuerpo en el símbolo permite rescatar las identificaciones anteriores y escapar de la dualidad propuesta como única alternativa aparente”.

<sup>157</sup> Idem. Ibidem. p. 64.

<sup>158</sup> Idem. Ibidem. p. 65. Traduzido do original: “En la tortura se trata siempre de transitar por una muerte: la del ideal o la del cuerpo. Este, a su vez, no es ajeno a sus raíces corporales (narcisismo infantil). Sólo el fascismo es capaz de romper esa amalgama constitutiva del ser”.

<sup>159</sup> ALMEIDA, Agassiz. **A ditadura dos generais**: estado militar na América Latina: o calvário na prisão. 2007. p. 360.

forma indiscriminada durante as ditaduras? A resposta parece ser relativamente simples: “[...] ela funciona. O preso não quer falar, apanha e fala. É sobre essa simples constatação que se edifica a complexa justificativa da tortura pela funcionalidade”<sup>160</sup>. Há um sistema lógico, perverso e terrível, em que a tortura se apoia, isto é, o conflito entre os mundos distintos do torturador e o da sua vítima. Na perspectiva do torturador, é um método surpreendentemente eficiente<sup>161</sup>. Entretanto, quanto ao Estado, “a tortura raramente é reconhecida e nunca é abertamente defendida”<sup>162</sup>.

Num interrogatório a prisioneiros, existem perguntas e respostas. Já na tortura, quando uma vítima decide falar, as “suas respostas são produto de sua dolorosa submissão à vontade do torturador, e não das perguntas que ele lhe fez”<sup>163</sup>, e, por isso, as vítimas confessam a verdade e, até mesmo, coisas que nunca souberam ou imaginaram. Ademais, nenhum método de tortura pode ser considerado típico de um país, embora algumas técnicas sejam mais recorrentes em determinados lugares, pois, ao longo da história, os diversos métodos de tortura foram sendo disseminados e “aperfeiçoados”.

As ditaduras chilena, argentina, brasileira e uruguaia foram marcadas pela repressão e pela brutalidade do Estado para com a sociedade. Alicia Partnoy, no prefácio de **La escuela**, por exemplo, denuncia essa condição na América Latina: “[c]onheci só uma escolinha, no entanto, em nosso continente há muitas ‘escolas’ cujos professores se especializam em ensinar a perder a memória e a convicção ideológica através da tortura e de humilhações”<sup>164</sup>. Os relatos testemunhais abordados nesta pesquisa contêm as marcas da violência desses períodos em suas narrativas. Hernán Valdés, Alicia Partnoy, Flávio Tavares e Carlos Liscano, prisioneiros e torturados nos regimes ditatoriais de seus respectivos países, elaboram suas memórias e seus testemunhos como sobreviventes desses acontecimentos violentos e traumáticos. Suas narrativas, as quais serão analisadas em detalhes posteriormente, possuem características singulares dos

---

<sup>160</sup> GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. 2014. p. 39.

<sup>161</sup> Idem. Ibidem. p. 39.

<sup>162</sup> Idem. Ibidem. p. 44.

<sup>163</sup> Idem. Ibidem. p. 41.

<sup>164</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 15. Traduzido do original: “Conocí sólo una Escuela, sin embargo, en nuestro continente hay muchas “escuelas” cuyos maestros se especializan en enseñar a perder la memoria y la convicción ideológica a fuerza de tortura y humillaciones”.

sobreviventes que sentem a necessidade de reorganizar as memórias e externalizar vivência traumática.

### 3.2 A REPRESENTAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS: A IMPORTÂNCIA DO TESTEMUNHO E DO OUVINTE

Tenho vontade de escrever e necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito. O papel tem mais paciência do que as pessoas.

(Anne Frank)

Etimologicamente, *sobreviver* a um evento violento é *viver além da expectativa*. No momento em que todas as evidências apontam para o fim da existência, para o encerramento trágico de uma história de vida, surge a possibilidade de continuar. Eis aí a questão: como seguir em frente após passar por um evento de extrema violência, o qual a vítima não consegue apreender? Primeiramente, é necessário conceber a possibilidade de representar e dotar de sentido tal vivência. Narrar o trauma pode se constituir numa alternativa para o sobrevivente coexistir de maneira mais amena com o trauma e com a dor e organizar e estruturar as suas memórias, mas essa não é, de forma alguma, uma tarefa simples de se realizar.

A representação da catástrofe implica um embate entre a impossibilidade de narrar o evento traumático e a necessidade do sobrevivente de simbolizar tal vivência. No ensaio “A história como trauma”<sup>165</sup>, Seligmann-Silva problematiza a questão da representação da *Shoah*, um evento de dimensões únicas e que, por isso mesmo, resiste à representação dentro dos moldes tradicionais. O autor menciona que a vivência do homem moderno frente à materialização das catástrofes foi percebida por Charles Baudelaire ainda no século XIX, e a onipresença desses choques na vida cotidiana teria desmantelado a noção de gêneros puros, fazendo surgir formas literárias híbridas (entre o poema e a prosa, por exemplo), problematizando o registro histórico e social no âmbito literário.

---

<sup>165</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Catástrofe e representação**: ensaios. 2000. p. 73-98.

Frente a um evento de dimensões incomensuráveis como a *Shoah*, na percepção da realidade enquanto catástrofe, a teoria literária por si só não teria ainda elementos ou parâmetros para dar conta da representação. De acordo com Seligmann-Silva, a partir dessa perspectiva, “a representação, vista na sua forma tradicional, passou, ela mesma, aos poucos, a ser tratada como impossível, já que “o elemento universal da linguagem é posto em questão tanto quanto a possibilidade de uma intuição imediata da ‘realidade’”<sup>166</sup>. Assim, a partir do “evento-limite”<sup>167</sup> da *Shoah*, procurou-se discutir sobre novos parâmetros de representação, nos quais esse evento poderia ser incluído.

Nesse sentido, o embate acerca da historiografia da *Shoah* conduziu ao desmoronamento da concepção convencional de representação. As críticas sobre a possibilidade de representação estenderam seu olhar sobre as relações entre “realidade e descrição, ou seja, o sujeito e o objeto da análise, ou ainda: a descrição e o seu meio linguístico”<sup>168</sup>. Diante de um evento catastrófico, as certezas e as convicções sobre a realidade em que o sujeito está inserido são abaladas e, como consequência, não há mais a possibilidade de representação através das narrativas tradicionais, pois se trata de uma realidade que não pode ser apreendida pelo sujeito.

Dessa maneira, trata-se da possibilidade de um sobrevivente ter condições de representar, de dar forma, a sua vivência, de um modo significativo e aceitável, visto que a literatura não dá conta de cobrir o “real”. Nessa perspectiva, a narrativa testemunhal é uma escrita processual, que está em constante andamento e que não pode ser acabada. A história da América Latina também é constituída por uma série de fatos violentos e traumáticos que precisam ser revistos e que ganham novas dimensões através do *testimonio*. A violência e o trauma, a violação dos direitos humanos e a banalização da vida, os quais ocorreram nos períodos ditatoriais, tentaram ser traduzidos nos relatos de testemunhos através do esforço e do engajamento daqueles que foram vítimas desses acontecimentos.

Segundo Seligmann-Silva, o testemunho enquanto narrativa atesta uma falta, isto é, “a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o

---

<sup>166</sup> Idem. Ibidem. p. 75.

<sup>167</sup> Idem. Ibidem. p. 75.

<sup>168</sup> Idem. Ibidem. p. 76.

vivido (o 'real') com o verbal"<sup>169</sup>. A vivência traumática, com violências, torturas e outros acontecimentos inimagináveis, problematiza a linguagem ao tentar dar conta de algo que pode parecer demasiadamente terrível para ser verdadeiro. Nesse sentido, a linguagem "só pode enfrentar o 'real' equipada com a própria imaginação: por assim dizer, só com a arte a intraduzibilidade pode ser desafiada – mas nunca totalmente submetida"<sup>170</sup>.

Nessa perspectiva, a literatura de testemunho conduz à reflexão sobre a relação entre literatura e "realidade", uma vez que ela desloca o conceito do "real" para a tentativa de realização da narrativa de um evento excepcional. A relação da testemunha com a linguagem é complexa, pois a impossibilidade de simbolizar o seu testemunho está na raiz de sua consciência, e a linguagem e/ou a escrita precisam nascer "de um vazio – a cultura, do sufocamento da natureza e o simbólico, de uma reescritura dolorosa do 'real' (que é vivido como trauma)"<sup>171</sup>. Assim, ao adentrar no mundo da linguagem para tentar simbolizar a sua vivência, a testemunha "desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o 'indizível' que a sustenta"<sup>172</sup>. Logo, o sobrevivente tem a possibilidade de compor o indizível através da criação da linguagem, reconstruindo e dando forma à sua vivência traumática, visto que "[o] ato de narrar assemelha-se [...] a um instigante quebra-cabeça, que, pouco a pouco, por meio de acréscimo de detalhes mínimos à experiência traumática, acaba por adquirir uma configuração nítida"<sup>173</sup>.

Muitos dos indivíduos que passaram por uma situação catastrófica, apesar das dificuldades e até da impossibilidade de narrar tais situações, têm o anseio de testemunhar, de tentar traduzir a sua vivência, enquanto há, também, aqueles que preferem silenciar. O sobrevivente da ditadura uruguaia, Carlos Liscano, por exemplo, conta em seu relato que, após muitos anos tentando suprimir suas lembranças do cárcere, cedeu à inquietação interior de narrar suas memórias: "[e] a voz será irrefreável, e me dirá o que escrever, resgatará os fatos, as sensações,

---

<sup>169</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 46.

<sup>170</sup> Idem. Ibidem. p. 47.

<sup>171</sup> Idem. Ibidem. p. 48.

<sup>172</sup> Idem. Ibidem. p. 48.

<sup>173</sup> Idem. Ibidem. p. 362.

os sentimentos que eu não lembrava”<sup>174</sup>. O testemunho de um sobrevivente encontra-se simultaneamente entre a necessidade e a impossibilidade de narrar.

Nesse sentido, a narrativa se coloca como um elemento essencial ao sobrevivente. Luiz Costa Lima, aliás, define a narrativa como “o estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, o irregular e o acidental entram em uma ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita mas coincide com ela; que é pois *constitutiva* de seu objeto”<sup>175</sup>. Como se observa, a narrativa desenvolve funções primordiais que podem auxiliar na organização temporal do testemunho do sobrevivente, visto que, em situações limites, essa vítima tende a perder as referências temporais e espaciais. No momento da escrita, o sobrevivente tem a possibilidade de iniciar o estabelecimento de uma ordem ao evento traumático, permitindo constituir sua narrativa e externalizá-la.

Assim, para as pessoas que vivenciaram um episódio violento, a tentativa de organizar um relato sobre tais acontecimentos consiste na busca de conferir significação a tal vivência e conduzir uma narrativa a respeito dos fatos envolvidos. Com isso, o testemunho atuaria como um elemento facilitador da constituição de pensamentos e de vivências e da tradução e da comunicação delas aos ouvintes e/ou aos leitores. Das narrativas escritas surge a literatura de testemunho e, quanto ao papel da literatura, pode-se afirmar que ela

está na vanguarda da linguagem: ela nos ensina a jogar com o simbólico, com suas fraquezas e artimanhas. Ela é *marcada* pelo “real” – e busca caminhos que levem a ele, procura estabelecer vasos comunicantes com ele. Ela nos fala da vida e da morte que está no seu centro [...], de um visível que não percebemos em nosso estado de vigília e de constante *Angst* (angústia), diante do pavor do contato com as catástrofes externas e internas<sup>176</sup>.

Isso posto, compreende-se que a literatura é capaz de lidar com questões mais complexas do sujeito e é através dela que o sobrevivente pode passar a simbolizar a sua dolorosa experiência e amenizar as suas angústias, num processo facilitador da convivência entre o sobrevivente e o trauma. A ideia de que um

<sup>174</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 183. Traduzido do original: “Y la voz se hará indetenible, me dirá qué escribir, rescatará hechos, sensaciones, sentimientos que no recordaba”.

<sup>175</sup> LIMA, Luiz Costa. **A aguarrás do tempo**: estudos sobre a narrativa. 1989. p. 17.

<sup>176</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 74.

acontecimento doloroso pode ser atenuado por meio de uma narrativa é atestada a partir de um pequeno texto escrito por Walter Benjamin intitulado “Conto e cura”. Nele, o filósofo alemão relata sobre a mãe que conta histórias para a criança doente e, logo em seguida, sugere que a narração teria o poder de curar. Aliás, o autor propõe que o próprio “relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo”<sup>177</sup>. Surge, então, a hipótese de que a narração formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas.

Essa mesma linha de pensamento apresentada por Benjamin é defendida por Claude Lévi-Strauss. O antropólogo francês procura entender como, em uma comunidade primitiva, um feiticeiro pode curar um doente. O texto aborda a tribo indígena Cuna, que habita no Panamá. Uma mulher, que está parindo, sofre muitas dores durante um parto difícil. A cura é possível porque, atribuindo significado às dores internas e aceitando a sua presença dentro do sistema de significados conhecido, a doente se integra a uma experiência na qual “os conflitos se realizam numa ordem e num plano que permitem seu livre desenvolvimento e conduzem ao seu desenvolvimento”<sup>178</sup>. Não se trata de explicar conceitualmente à parturiente as causas das dores, mas de propiciar condições para que ela simbolize essas dores e as integre em um sistema conhecido. O que é estranho torna-se familiar, provocando o “desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência [de transformações] cujo desenvolvimento a doente sofreu”<sup>179</sup>.

Sigmund Freud é outro autor que sustenta a hipótese da narrativa como forma de amenização e, ainda segundo ele, inclusive, de superação de traumas. Em seus estudos, o psicanalista refere-se a processos mentais inconscientes que desencadeariam os sintomas do trauma<sup>180</sup>. Esses sintomas, segundo ele, são frutos de um processo inconsciente e que “oferecem a mais clara indicação de que existe uma região da mente, por completo isolada do resto”<sup>181</sup>, conduzindo à convicção de que há o inconsciente na mente. Ademais, o sentido dos sintomas

<sup>177</sup> BENJAMIN, Walter. Conto e cura. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. 1995. p. 269.

<sup>178</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: \_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. 2003. p. 229.

<sup>179</sup> Idem. Ibidem. p. 228.

<sup>180</sup> FREUD, Sigmund. Fixação em traumas – o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: conferências introdutórias sobre psicanálise. 1996. p. 285.

<sup>181</sup> Idem. Ibidem. p. 286.

sempre é desconhecido para quem os tem, pois não se constroem sintomas por intermédio de processos conscientes. Com isso, se os processos inconscientes se tornarem conscientes, os sintomas tendem a desaparecer e, assim, é importante refletir se a narrativa não serviria como um meio para essa “tomada de consciência”.

Freud destaca ainda que, durante um tratamento, o médico deve esperar que o indivíduo recorde e narre suas experiências. Além disso, o autor sugere que o conhecimento que auxiliará o paciente deve basear-se em uma modificação interna, do próprio eu. Em “Recordar, repetir e elaborar”, Freud recorda três fases pelas quais a técnica psicanalítica passou desde os seus primórdios<sup>182</sup>. Dessas, destaca-se a terceira e última fase, na qual o analista estuda tudo o que se ache presente, no momento, ou seja, na superfície da mente do paciente e, a partir daí, fazer uso da interpretação de suas narrativas para identificar as resistências existentes e, então, torná-las conscientes ao sujeito. Dessa forma, o médico revela as resistências ocultas a seu paciente e, quando tais resistências forem vencidas, o paciente frequentemente relaciona situações e vinculações esquecidas com mais facilidade. O objetivo de tais técnicas, na psicanálise, “[d]escritivamente falando, trata-se de preencher as lacunas na memória; dinamicamente, é superar resistências devidas à repressão”<sup>183</sup>.

Como quer que seja, conforme destaca Seligmann-Silva, o testemunho, oral ou escrito, consiste numa necessidade elementar da vítima, pois dele depende a sobrevivência daquele que atravessou uma situação radical de violência, isto é, o testemunho apresenta-se como condição de sobrevivência. Segundo o autor, “[n]arrar o trauma, portanto, tem, em primeiro lugar, esse sentido primário de desejo de renascer”<sup>184</sup>. Porém, chama atenção o crítico, esse testemunho nunca é total, ele “só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade”, ou seja,

---

<sup>182</sup> A primeira fase – a da catarse de Breuer – enfatizava o momento em que o sintoma se formava e, persistentemente, se esforçava por reproduzir os processos mentais envolvidos nessa circunstância, com o propósito de “dirigir-lhes a descarga ao longo do caminho da atividade consciente. Recordar e ab-reagir, com o auxílio, era a que, àquela época, se visava”. A segunda fase, quando a hipnose foi abandonada, transformou-se em descobrir o que o paciente deixava de recordar, a partir das associações livres feitas por ele. Nessa técnica, “a resistência deveria ser contornada pelo trabalho da interpretação e por dar a conhecer os resultados desta ao paciente”. FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. 1996. p. 163.

<sup>183</sup> Idem. *Ibidem*. p. 163.

<sup>184</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.** 2008. p. 66.

é parcial e limitado<sup>185</sup>. Nessa perspectiva, a narrativa é essencial, embora nunca dê conta de forma completa da experiência do sobrevivente, conforme corrobora o testemunho do brasileiro Flávio Tavares: “[é] impossível, ou pelo menos enganoso, tentar explicar com os olhos e a realidade de hoje o que víamos com os olhos de ontem na realidade de ontem”<sup>186</sup>.

É válido considerar a perspectiva que a estudiosa Shoshana Felman traz acerca do testemunho. Segundo Felman, o testemunho é “uma prática *discursiva*, em oposição a uma *teoria pura*”<sup>187</sup>. Testemunhar é uma ação em que o sobrevivente precisa “*comprometer-se a contar, prometer e produzir* seu próprio discurso como evidência material da verdade – é executar um *ato de fala*, em vez de simplesmente formular uma declaração”<sup>188</sup>. Desse modo, o testemunho é um ato de discurso performativo e, na história, trata-se de uma ação que excede qualquer significado sintetizado e acontecimentos em que o impacto desencadeia quaisquer reificações conceituais ou delimitações constatadas<sup>189</sup>. Em vista disso, o testemunho pode se contrapor à historiografia, pois ela não pode dar conta da memória coletiva ou individual sobre determinado fato histórico. Assim, o testemunho, por um lado, possibilita ampliar questões históricas que se apresentam formalmente de modo sintetizado e, por outro, pode alargar as informações e o entendimento sobre os acontecimentos históricos.

Afora isso, a linguagem, tanto na sua forma escrita quanto oral, é uma maneira de registrar a memória, seja ela individual ou coletiva, para que o passado não se perca no esquecimento e para que outras pessoas, de diferentes lugares e culturas, em tempos próximos ou distantes, tenham acesso a tais registros. Portanto, além da condição primária de que há, em alguns sobreviventes, a necessidade de testemunhar, outros fatores podem ser motivadores para a

<sup>185</sup> Idem. Ibidem. p. 67.

<sup>186</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 178.

<sup>187</sup> FELMAN, Shoshana. Education and Crisis, or the Vicissitudes of Teaching. In: \_\_\_\_\_; LAUB, Dori (Eds.). **Testimony**: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History. 1992. p. 5. Traduzido do original: “[...] a discursive practice, as opposed to a pure theory”.

Ao se referir à “teoria pura”, no referido texto, Felman tem em mente que o testemunho não é uma declaração completa nem uma descrição totalizante de um evento. Ao contrário, a linguagem está em um processo contínuo e em teste, pois ela não se apresenta como uma conclusão, um veredito ou uma autotransparência do conhecimento.

<sup>188</sup> Idem. Ibidem. p. 5. Traduzido do original: “[...] to *vow to tell*, to *promise* and *produce* one’s own speech as material evidence for truth – is to accomplish a *speech act*, rather than to simply formulate a statement”.

<sup>189</sup> Idem. Ibidem. p. 5.

narrativa, dentre os quais se destacam, aqui, a oportunidade de confrontar a historiografia oficial e a possibilidade de homenagear e/ou dar voz àqueles que foram silenciados ou que não sobreviveram. Esses fatores não são excludentes, pois podem atuar conjuntamente na motivação do sobrevivente em narrar a sua experiência traumática. Assim sendo, reconstituir a história e resguardá-la do esquecimento é

um formidável ataque ao inimigo, uma vez que ela [a narrativa] abrange tanto a denúncia da barbárie e das atrocidades por ele [regime político] cometidas como a reconstituição do rosto desfigurado dos mortos, ao quais tentaram, no passado, construir uma vida diversa da do atual presente. Narrar as ruínas dessa tentativa é um modo de atualizá-las<sup>190</sup>.

Os relatos testemunhais promovem, portanto, um confronto com a história dos manuais e dos livros oficiais, adentrando em minúcias não ditas, seja intencionalmente seja por desconhecimento, e denunciam as barbáries cometidas às vítimas e aos que não sobreviveram. A propósito, Alicia Partnoy, sobrevivente da ditadura argentina, expõe, na introdução de **La escuela**, a sua motivação para escrever a sua obra: "[a]s vozes dos companheiros da Escolinha ressoam fortemente em minha memória. Eu publico esses relatos para que essas vozes não sejam silenciadas"<sup>191</sup>. Numa ditadura marcada pela violência extrema, com cerca de 30 mil argentinos desaparecidos entre 1976 e 1979<sup>192</sup>, a sobrevivente e autora usa o seu relato também como forma de denúncia, como um possível caminho para se buscar justiça às vítimas. Nessa perspectiva, segundo Ari Gandsman,

[o] papel dos sobreviventes na pós-ditadura argentina tem sido amplamente limitado por uma ênfase estreita em seu trabalho de testemunho. Encurralados pela necessidade urgente de buscar a justiça contra os militares criminosos – mesmo durante os anos 1980 e 1990, quando a justiça não era possível –, eles identificaram agressores e vítimas. Os testemunhos estavam amplamente ligados a esse valor pragmático e ao objetivo legal de enviar os agressores para a prisão. O terror e a tortura que os sobreviventes vivenciaram nos campos clandestinos tiveram que ser canalizados por essa estrutura legal estreita.

<sup>190</sup> FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. 2003. p. 362.

<sup>191</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 15. Traduzido do original: "Las voces de los compañeros de La Escuela resuenan con fuerza en mi memoria. Publico estos relatos para que esas voces no sean silenciadas".

<sup>192</sup> Idem. Ibidem. p. 7.

Os sobreviventes, nesse sentido, tornam-se os condutores da justiça, com a experiência pessoal sendo secundária a um apelo à verdade e à justiça históricas. Dentro dessa narrativa formalizada, os desaparecidos são em grande parte resumidos numa ampla categoria nebulosa, na qual são tratados como “vítimas inocentes” – inocentes não apenas do “terrorismo”, mas também das crenças políticas<sup>193</sup>.

Essa denúncia veiculada por diversos relatos testemunhais está atrelada a um forte senso de justiça, de fazer com que os agressores sejam identificados e punidos. Partnoy ainda manifesta em seu relato que, ao compartilhar a sua experiência, ela presta “[...] homenagem a uma geração de argentinos perdidos na tentativa de alcançar a justiça e a mudança social”<sup>194</sup>. E acrescenta: “[t]ambém presto homenagem às vítimas da repressão na América Latina”<sup>195</sup>. A testemunha indica aqui a problemática do confronto com a história e as injustiças causadas pela posição dada aos agentes do Estado através dos mecanismos legais e, também, presta tributo às vítimas.

Em consonância com o relato de Partnoy, o chileno Hernán Valdés, em **Tejas Verdes**, também atribui o seu testemunho às demais vítimas da ditadura: “[d]edico este livro aos meus antigos colegas Tejas Verdes, aos inesperados conhecidos ou estranhos que agora estão lá”<sup>196</sup>. Nota-se, assim, que, em ambos os relatos, as testemunhas apontam em suas narrativas para aqueles que não puderam testemunhar, que não sobreviveram a experiência. Embora o testemunho seja a narrativa de uma experiência pessoal, ele remete a um coletivo, no sentido de dar voz aos silenciados. Assim, conforme George Yúdice, “[m]ais do que

---

<sup>193</sup> GANDSMAN, Ari. *The Ex-Disappeared in Post-Dictatorship Argentina: The Work of Testimony and Survivors at the Margins*. In: HIGH, Steven (Ed.). **Beyond Testimony and Trauma: Oral History in the Aftermath of Mass Violence**. 2015. p. 51. Traduzido do original: “The role of survivors in post-dictatorship Argentina has largely been confined by a narrow emphasis on their testimonial work. Trapped by the urgent need to pursue justice against military perpetrators – even during the 1980s and 1990s, when justice was not possible – they identified perpetrators and victims. Testimonies were largely linked to this pragmatic value and legal goal of sending perpetrators to prison. The terror and torture that survivors experienced in the clandestine camps had to be funneled through this narrow legal framework. Survivors in this sense become the conduits of justice, with personal experience being secondary to a call for historic truth and justice. Within this formalized narrative, the disappeared are largely abstracted into a broad nebulous category in which they are treated as “innocent victims” – innocent of not only “terrorism” but also of political beliefs altogether”.

<sup>194</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 15. Traduzido do original: “[...] tributo a una generación de argentinos perdida en el intento de lograr justicia y cambio social”.

<sup>195</sup> Idem. *Ibidem*. p. 15. Traduzido do original: “También rendo tributo a las víctimas de la represión en América Latina”.

<sup>196</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 7. Traduzido do original: “Dedico este libro a mis ex compañeros de Tejas Verdes, a los imprevisibles conocidos o desconocidos que ahora están allí”.

qualquer outra forma de escrita na América Latina, o testemunho contribuiu para o desaparecimento do papel tradicional do intelectual/ artista como porta-voz dos ‘sem voz’<sup>197</sup>, isto é, a literatura de testemunho tornou-se o principal veículo de representação daqueles que foram silenciados.

O ingresso do sobrevivente no universo da “ilusão”, para a possível representação do mundo, transforma-se em algo “empenhado”, porque há principalmente o compromisso com aquilo que é ético, pois, através do texto literário, são representados valores, normas e princípios, buscam-se a reparação da justiça e a revelação da verdade. Afora tais características, duas funções são atribuídas à arte: a catarse, que Aristóteles compreendia como purgação ou purificação de emoções como a piedade e o temor, e a função de instruir ou agradar, ou instruir agradando<sup>198</sup>. A catarse está relacionada a “uma experiência especial das paixões ligadas à arte poética”<sup>199</sup>. Quanto à função de instruir, dentro da tradição clássica, Aristóteles compreende que o conhecimento advindo da literatura tem por objeto aquilo que é provável ou verossímil, a *dóxa* (opinião, senso comum), enfim, as sentenças que permitem entender e regular a conduta humana e a vida social. Por esse viés, considerando-se a arte literária, pode-se pensar no prazer como a estética e o aprender como ética. A catarse, então, ao final da purificação das emoções, promoveria um novo *ethos* (ética).

Nesse sentido, a literatura de testemunho permite uma experiência catártica primeiramente ao sobrevivente, que tem uma nova compreensão da sua experiência traumática, mas atinge de forma profunda também o leitor, promovendo em ambos um novo conhecimento. Além do mais, como destaca a filósofa Hannah Arendt,

[p]or mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que possam nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos companheiros. Tudo o que não possa se converter em objeto de discurso – o realmente sublime, o realmente horrível ou misterioso – pode encontrar uma voz com a qual ressoe no mundo, mas não é exatamente

<sup>197</sup> YÚDICE, George. Testimonio and Postmodernism. In: GUGELBERGER, Georg M. (Ed.). **The Real Thing: Testimonial Discourse and Latin America**. 1996. p. 42. Traduzido do original: “More than any other form of writing in Latin America, the *testimonio* has contributed to the demise of the traditional role of the intellectual/ artist as a spokesperson for the ‘voiceless’”.

<sup>198</sup> ARISTÓTELES. **Poética**. 2008. p. 42-43.

<sup>199</sup> COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2001. p. 35.

humano. Humanizamos o que ocorre no mundo e em nós mesmos apenas ao falar disso, e no curso da fala aprendemos a ser humanos<sup>200</sup>.

A autora alemã, de origem judaica, faz a reflexão acima tendo em mente os horrores da *Shoah* e da Segunda Guerra Mundial, eventos catastróficos que silenciaram milhares de vítimas. Por mais doloroso que seja, tratar sobre esses eventos seria como proceder a um resgate da humanidade. O mesmo se aplica aos violentos regimes ditatoriais da América Latina, sobre os quais ainda hoje paira uma penumbra de fatos ocultos, e que, ao se converterem em objeto de discurso, é um instrumento que conduz a uma reflexão profunda sobre a condição humana na modernidade, suas atitudes e escolhas. Um relato de testemunho não é um texto escrito com o intuito de provocar prazer no leitor, mas de colocá-lo em confronto com as bases históricas e culturais que o cercam, de causar desconforto e indignação diante da perversão humana e de conduzir a uma reflexão acerca das questões que envolvem as catástrofes causadas pelos homens.

No âmbito dessas questões, é importante destacar que, para que o sobrevivente possa elaborar a sua narrativa testemunhal, há um elemento fundamental que deve ser levado em consideração: trata-se do papel do ouvinte. A vítima que se propõe a relatar a sua experiência precisa perceber que conta com um ouvinte confiável que tenha real interesse em ouvir a sua história, livre de julgamentos ou de acusações. Esse ouvinte exerceria uma função primordial e, ao mesmo tempo, única dentro desse processo. De acordo com Dori Laub,

[o] ouvinte da narrativa da extrema dor humana, do trauma psíquico em massa, enfrenta uma situação única. Apesar da presença de documentos amplos, de artefatos abrasadores e de memórias fragmentárias de angústia, ele procura algo que de fato é inexistente; um registro que ainda precisa ser feito<sup>201</sup>.

---

<sup>200</sup> ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. 2008. p. 33-34.

<sup>201</sup> LAUB, Dori. Bearing Witness or the Vicissitudes of Listening. In: FELMAN, Shoshana; \_\_\_\_\_ (Eds.). **Testimony: Crisis of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History**. 1992. p. 57. Traduzido do original: "The listener to the narrative of extreme human pain, of massive psychic trauma, faces a unique situation. In spite of the presence of ample documents, of searing artifacts and of fragmentary memoirs of anguish, he comes to looking for something that is in fact nonexistent; a record that has yet to be made".

O ouvinte é espectador de algo que ainda está sendo construído e, assim como o sobrevivente, não sabe qual percurso a narrativa pode tomar nem qual será o resultado final. Nesse sentido, Laub assinala alguns aspectos decisivos que cabem ao ouvinte do sobrevivente. Segundo o autor, o ouvinte se torna um participante e um coautor do evento traumático, pois, por meio desse gesto de escuta interessada, é como se ele revivesse o trauma da vítima. O ouvinte, ao interagir com os lamentos ou os silêncios do sujeito, pode se tornar uma espécie de testemunha do ocorrido. Assim, ele deve respeitar o que é dito ou o que é silenciado pela vítima, de modo que se torne “uma companhia numa viagem para uma terra desconhecida, uma viagem que o sobrevivente não pode atravessar ou retornar sozinho”<sup>202</sup>.

Nesse sentido, o pesquisador adverte que o ouvinte deve ser alguém dotado de habilidades e de conhecimentos específicos para lidar com a situação, pois, se ele não o for, pode haver um retorno ao evento traumático. Laub destaca que o ouvinte deve ser sensível no reconhecimento de pistas deixadas pelo falante sobre seus desejos mais imediatos – falar, calar-se, chorar, etc. – para que a narrativa testemunhal se construa. Além disso, o ouvinte “precisa saber que o sobrevivente do trauma que está testemunhando não tem conhecimento prévio, nem compreensão nem memória do que aconteceu”<sup>203</sup>. No entanto, o início do relato testemunhal coincide com o momento em que os “círculos de associações e reflexões se cruzam, se convergem, e que uma lembrança latente e esquecida pode, de repente, surgir – voltar à vida – estabelecendo um elo adicional na cadeia testemunhal”<sup>204</sup>. Dessa forma, é necessário um investimento efetivo do ouvinte: o de “ser *discretamente presente*, durante todo o testemunho”<sup>205</sup>.

Assim, o sobrevivente testemunha por si mesmo (pelo anseio de traduzir a sua experiência), testemunha pelo outro (em memória daqueles que não tiveram voz), testemunha por justiça (na expectativa de que os culpados sejam punidos) e

---

<sup>202</sup> Idem. Ibidem. p. 59. Traduzido do original: “a companion in a journey onto an uncharted land, a journey the survivor cannot traverse or return from alone”.

<sup>203</sup> Idem. Ibidem. p. 58. Traduzido do original: “[...] needs to know that the trauma survivor who is bearing witness has no prior knowledge, no comprehension and no memory of what happened”.

<sup>204</sup> Idem. Ibidem. p. 71. Traduzido do original: “[...] circles of associations and reflections intersect, converge, a latent and forgotten memory might suddenly emerge – come back to life – establishing a further link in the testimonial chain”.

<sup>205</sup> Idem. Ibidem. p. 71. Traduzido do original: “[...] to be *unobtrusively present*, throughout the testimony”.

testemunha pelos fatos históricos que se encontram ocultos (pois a historiografia oficial não dá conta ou não deseja o registro dos eventos de extrema violência). A literatura de testemunho assume diferentes funções, devido ao modo distinto de como ela se relaciona com o autor-testemunha e com o passado. Ademais, ela se diferencia da autobiografia e da historiografia, pois “apresenta uma outra voz, um ‘canto (ou lamento) paralelo’, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado”<sup>206</sup>. Ainda estabelecendo a sua relação com a arte literária, de acordo com George Yúdice,

[a] escrita testemunhal [...] se encaixa e contribui para o desafio contínuo ao literário, que não é mais entendido simplesmente como uma atividade cultural autônoma condicionada por fatores sociais e políticos. Enquanto as normas genéricas a que qualquer texto se conforma ainda são consideradas “relativamente autônomas” – isto é, elas se mantêm em diversos contextos –, elas agora também são compreendidas como tendo uma função social e política, que varia da reprodução da hegemonia à intervenção pragmática na organização da sociedade<sup>207</sup>.

A literatura de testemunho, portanto, relaciona-se com as artes como algo engajado, que parte de uma necessidade de um determinado presente na relação com um passado individual, mas que também pode, em certa instância, aludir ao coletivo. Trata-se de uma literatura que se apresenta engajada social e politicamente e que pode intervir de forma determinante na sociedade, através da tomada de consciência dos fatos históricos.

Aliás, quanto se trata de arte relacionada com eventos de extrema violência, surgem argumentos a favor e contra a ideia de representação, especialmente por essa ser uma forma de arte recente, que surgiu primeiramente com a *Shoah* e, posteriormente, estendeu-se a outros episódios catastróficos da humanidade. Ao refletir sobre a representação de eventos violentos, retoma-se, então, a famosa frase de Theodor Adorno, que afirma ser um ato bárbaro escrever poemas após

<sup>206</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 79.

<sup>207</sup> YÚDICE, George. Testimonio and Postmodernism. In: GUGELBERGER, Georg M. (Ed.). **The Real Thing**: Testimonial Discourse and Latin America. 1996. p. 47. Traduzido do original: “Testimonial writing [...] fits into and contributes to the ongoing challenge to the literary, which is no longer understood simply as an autonomous cultural activity conditioned by social and political factors. While the generic norms to which any text conforms are still regarded as “relatively autonomous” – that is, they hold across diverse contexts – they are now also understood to have a social and political function, which ranges from the reproduction of hegemony to pragmatic intervention in the organization of society”.

Auschwitz<sup>208</sup>. Certamente, o filósofo alemão não estava se referindo apenas ao gesto de escrever poemas, mas também da complexa relação entre a ética e a estética, ao representar artisticamente marcas da sociedade que atravessou o Holocausto e que ainda carrega a herança desse acontecimento.

Nessa perspectiva, é importante pensar a função da arte e, de modo especial, a arte como representação de acontecimentos violentos e traumáticos, tendo em vista aqui particularmente a arte literária. Algumas experiências são tão brutais, como as prisões e as torturas dos períodos ditatoriais, que é difícil encontrar palavras adequadas e suficientes para descrevê-las e, mesmo quando encontradas, as atrocidades sofridas pelos sobreviventes são tão absurdas, pois perpassam aquilo que é humanamente aceitável, que podem ser vistas ou interpretadas como inverossímeis ou mentirosas.

Assim, pode-se questionar se é possível conferir aos fatos considerados absurdos, extremamente violentos, ou mesmo ao “inenarrável”, um sentido aceitável por intermédio da arte. É necessário ter em mente que apenas a verdade e/ou a descrição dos fatos exatamente como sucederam ao sobrevivente não são suficientes para tornar a narrativa verossímil. A descrição de uma cena de tortura, por exemplo, contínua e com os métodos mais cruéis como “a coroa de Cristo”, “a latinha”, ou “a cadeira do dragão”<sup>209</sup>, usados nos porões da ditadura, podem parecer inverossímeis a um leitor comum. Por isso, o sobrevivente tende a selecionar as suas memórias, para que seu relato seja aceitável ao leitor. Como descreve Flávio Tavares, em seu testemunho, “[n]essa viagem ao ventre da tragédia, ainda não contei tudo”<sup>210</sup>.

Diferentemente de outros gêneros, como o romance ou o conto, o relato de testemunho confere, de um modo geral, mais ênfase à ética do que à estética, mas ambas devem estar presentes. No relato de testemunho de Hernán Valdés, logo no início, o autor adverte o leitor de que, na urgência de registrar suas memórias, “[...] não se deve buscar nelas nenhum tipo de elaboração literária”<sup>211</sup>; no entanto, há uma seleção e uma organização das suas memórias que tornam o relato

---

<sup>208</sup> ADORNO, Theodor. **Mínima moralia**. 1993. p. 26.

<sup>209</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 247.

<sup>210</sup> Idem. Ibidem. p. 227.

<sup>211</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 6

admissível ao leitor. Aristóteles, o grande pensador da recepção artística, declarou em sua obra **Poética** que “[d]eve preferir-se o impossível verossímil ao possível inverossímil”<sup>212</sup>.

Nessa perspectiva, Roland Barthes diferencia dois tipos de textos, o de prazer e o de fruição. O texto de prazer é “aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura”<sup>213</sup>. Texto de fruição, ao contrário, é aquele que põe o leitor em estado de perda, de desconforto, e “faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem”<sup>214</sup>. A literatura de testemunho pode ser compreendida como o texto de fruição, aquele que pretende causar desconforto ao leitor e conduzi-lo ao conhecimento e à reflexão acerca dos fatos envolvidos. Em especial, a literatura de testemunho espera estabelecer vínculos por parte do leitor com as ações e com o universo extraliterário<sup>215</sup>. Certamente, tais relações dependem da leitura realizada e da interação entre o leitor e o texto.

Existem alguns argumentos que se opõem às representações da arte sobre as catástrofes. Primeiramente, há o risco de haver uma banalização de uma tragédia ou um acontecimento violento, ao tentar imprimir o belo nessas representações, “amenizando” o sofrimento dos que passaram por uma experiência traumática. Na tentativa de expressar essa arte, um evento como a ditadura pode tornar-se apenas mais uma experiência infeliz sofrida por uma minoria, perdendo sua dimensão trágica e, assim, distanciando-se do verdadeiro sofrimento das vítimas. Theodor Adorno destaca essa possibilidade ao afirmar que

[a] assim chamada versão artística da dor física daqueles que foram derrotados com coronhadas contém, embora distante, a possibilidade de que o prazer possa ser extraído dela. A moralidade que proíbe a arte de esquecer isto por um segundo desliza pelo abismo de seu oposto [...]. Somente nisso, comete-se uma injustiça às vítimas, pois uma arte que

<sup>212</sup> ARISTÓTELES. **Poética**. 2008. p. 96.

<sup>213</sup> BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 2010. p. 20.

<sup>214</sup> Idem. Ibidem. p. 20-21.

<sup>215</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 375.

não desse conta dessas vítimas seria incapaz de cumprir com as exigências da justiça<sup>216</sup>.

Conforme Adorno, a tentativa de minimizar o sofrimento das vítimas e de, por vezes, imprimir beleza às suas narrativas seria uma fragilidade da literatura de testemunho e, também, uma injustiça diante do sofrimento das vítimas. Por isso, narrar o trauma deve ser um trabalho minucioso de elaboração e de seleção das memórias do sobrevivente. A propósito, outra questão delicada quanto à literatura de testemunho diz respeito à sua admissão junto aos leitores em ambientes formais de estudo. Embora o *testimonio* seja um gênero relativamente conhecido, essa literatura ainda parece estar à margem do cânone. Nessa perspectiva, de acordo com Georg Gugelberger,

[p]recisamos mostrar no discurso testemunhal, especificamente, assim como na literatura do Terceiro Mundo e no discurso das minorias em geral, como esse movimento de uma margem autêntica tem sido traído por inclusões no cânon ocidental, o que pode ser considerado ainda como outra forma de colonização<sup>217</sup>.

Assim, se o cânone literário é compreendido como um conjunto de “obras-primas” ou “clássicas” da literatura, dotadas de valores e de grandezas universais, como as obras autênticas de testemunho, com um forte impacto e valor ao sobrevivente e ao leitor, podem estar ausentes do cânone? Se, no momento presente, é dado voz aos sobreviventes das catástrofes através da literatura de testemunho e, contudo, essas vítimas não encontram espaço nas organizações educacionais e nos espaços de diálogo, pode-se dizer que há um segundo silenciamento daqueles que foram/ têm sido/ são postos à margem da história, da sociedade e do cânone literário. Nesse sentido, é importante pensar acerca do

---

<sup>216</sup> ADORNO, Theodor. **Can One Live After Auschwitz?: a Philosophical Reader**. 2003. p. 252. Traduzido do original: “The so-called artistic rendering of the naked physical pain of those who were beaten down with rifle butts contains, however distantly, the possibility that pleasure can be squeezed from it. The morality that forbids art to forget this for a second slides off the abyss of its opposite [...]. By this alone an injustice is done the victims, yet no art that avoided the victims could stand up to the demands of justice”.

<sup>217</sup> GUGELBERGER, Georg M. Introduction: Institutionalization of Transgression: Testimonial Discourse and Beyond. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **The Real Thing: Testimonial Discourse and Latin America**. 1996. p. 13. Traduzido do original: “We need to show in testimonial discourse specifically, as in Third World literature and minority discourse in general, how this movement from an authentic margin has been betrayed by inclusion in the Western canon, which can be considered as yet another form of colonization”.

lugar que a literatura de testemunho vem ocupando e o impacto que ela tem na vida pessoal, social e política dos indivíduos.

### 3.3 O NARRADOR NO RELATO TESTEMUNHAL

A ficção dá olhos ao narrador horrorizado. Olhos para ver e para chorar. [...] [T]alvez haja crimes que não se devam esquecer, vítimas cujo sofrimento peça menos vingança do que narrativa.

(Paul Ricoeur)

Dentre as categorias da narrativa, a figura do narrador pode ser considerada a mais fundamental. É ele quem se propõe a contar uma história, seja ela em primeira ou em terceira pessoa, é ele quem decide o foco narrativo adotado, é dele que depende a organização do tempo e do espaço, são de sua responsabilidade a seleção e a apresentação dos personagens. Por ter um papel essencial na narrativa, merece uma atenção particular, pois, não obstante esse nível de importância, ele tem sofrido alterações ao longo da história. Assim, há diferenças entre o narrador da epopeia e o narrador dos romances, e essas diferenças devem ser consideradas quando da análise dessa categoria nos relatos testemunhais. Essas modificações que se observam na figura dos narradores estão atreladas a seus respectivos momentos históricos e contextos sociais.

Assim, no que diz respeito ao narrador da epopeia, trata-se de uma figura estável que narra a um conjunto de pessoas interessadas em seu relato as façanhas de um herói épico. Ele é um contador de histórias, que confia no conhecimento e nas experiências de seus ouvintes, visando a preservar, por meio de uma narrativa em versos, um passado formado de eventos extraordinários, os quais são capazes de provocar admiração e surpresa. Esse narrador é pleno já que a matéria narrada é estável, porque pertence ao passado; e seu discurso é grandiloquente, porque o herói, figura histórica ou lendária, representa os valores sociais fundamentais da comunidade a que pertence. Uma vez que o herói apresenta tais características, torna-se justificável a violência praticada, pois seu objetivo é justamente defender forças contrárias à integridade da sociedade a que pertence quando a ele é confiada uma missão.

A epopeia foi um gênero legítimo na Antiguidade, pois o imaginário social era povoado por deuses, e os homens lutavam para defender e para preservar suas nações, sempre movidos por um sentimento de coletividade. Passados alguns séculos, esses ideais se desmoronam. A partir do século XVI, mais ou menos, os valores sociais não são mais os mesmos. Superado o obscurantismo da Idade Média, os homens aderem à razão, à técnica e à ideia de progresso. Por isso mesmo, aquele universo povoado por deuses deixa de existir, e os homens passam a ser movidos por desejos individuais, sem o interesse de defenderem valores coletivos. O romance, gênero que havia surgido no início da Modernidade, mas sem grandes ambições, ganha força e se firma na virada do século XVIII para o XIX.

Em seus primórdios, o romance era um gênero popular, isto é, procedente das massas empobrecidas, e, por isso, era desacreditado e sem importância. A burguesia, no entanto, ao perceber que ele era lido e que ganhava notoriedade, adota-o como elemento propagador de seus valores e de suas ideologias. Consolida-se, assim, o romance como gênero burguês. O romance, com isso, ocupa o lugar da epopeia. Diferentemente dessa última, ele não procede da tradição oral nem de experiências coletivas. Sua matéria não diz mais respeito à coletividade, mas ao indivíduo isolado, com problemas pessoais que precisam ser sanados, mas a resolução de tais dilemas é sempre provisória, porque, em uma sociedade em constantes transformações, justamente em virtude de ser regida por valores burgueses, capitalistas e modernos, sempre surgirão novos conflitos e novas dificuldades que exigirão atenção.

Se, nos primeiros tempos, a burguesia desejava difundir e firmar seus valores, surgiram romances cujos narradores eram estáveis e confiáveis. Os personagens modernos não podem ser isentos dos problemas que a sua era lhes inflige, logo o relato é dotado de representação de indivíduos problemáticos que, no seu dia a dia, têm diversos obstáculos a serem enfrentados e superados. Esses conflitos individuais vividos pelo personagem podem ser superados e vencidos – essa é, pelo menos, a ilusão que o romance, enquanto gênero burguês, quer difundir por meio da figura de um narrador seguro, dotado de razão e de certeza. Disso nasce o romance realista – “realista” não considerando (ou não somente

levando em conta) o teor da matéria que o narrador elege narrar, mas enquanto forma de composição.

O romance realista visa à apreensão da realidade pelos sentidos, ou seja, ele objetiva mostrar que o leitor é capaz de conhecer efetivamente a realidade pelos sentidos, de que ele é apto a compreender as articulações de suas experiências, dotando-as de sentido e de valor específicos. Por essas razões, o narrador do romance realista é aquele dotado de onisciência, passando a impressão de que é estável e confiável. A sua matéria é o indivíduo isolado, um sujeito problemático, em busca de valores autênticos, em um mundo em constantes transformações; contudo, mesmo em meio a esse caos, ele passa a impressão de que uma integridade pode ser alcançada, de que problemas podem ser resolvidos e superados, já que ele legitima essas possibilidades.

O grande defensor do romance realista é Georg Lukács (1885-1971). Depois da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, o mundo estava desorganizado, desintegrado, sem valores estáveis e seguros em que se podia confiar. O homem do pós-guerra precisava reestabelecer as suas coordenadas, necessitava ordenar o seu mundo, logo o romance realista parecia ser dotado da capacidade de orientar o indivíduo em uma direção, isto é, conduzi-lo a uma práxis. A obra realista, visando à ordenação do caos e ao reestabelecimento das esperanças perdidas, procurava orientar o seu leitor, apontando-lhe uma direção. O narrador realista, incumbido dessa tarefa, passava a impressão aos leitores que se identificavam com seus personagens problemáticos de que o mundo podia ser apreendido, ordenado e transformado. Por isso, o romance realista se caracteriza pela presença de um narrador onisciente e objetivo<sup>218</sup>, com relato dotado de longas e precisas descrições, de espaço bem definido e de tempo linear.

A crise do romance realista está ligada à falsa ideia de que se é capaz de se apreender a realidade pelos sentidos e de se dar a ela uma ordem e um sentido plenos. Um grande crítico do modelo realista foi Theodor Adorno (1903-1969). Em seu célebre ensaio sobre a posição do narrador no romance contemporâneo, o teórico frankfurtiano tece argumentos cujo propósito é deslegitimar o romance

---

<sup>218</sup> Não existe discurso neutro ou objetivo. O narrador do romance realista ensaja a se apresentar de tal forma, visando a criar a ilusão de que seu relato é dotado de objetividade e de imparcialidade.

realista em prol do romance moderno. Segundo Adorno, a partir do século XIX – principalmente no século XX –, em meio às grandes catástrofes e transformações, tornou-se questionável a pretensa objetividade do narrador realista. A experiência com a guerra e os colapsos vividos desintegraram as experiências de forma que o narrador se viu abalado. Conforme Adorno, “a impaciência e o ceticismo vão ao encontro da narração que surge como se o narrador dominasse tal experiência”<sup>219</sup>. Ou seja, no momento em que o narrador se mostra onisciente, ele está forjando uma realidade que julga apreensível e compreensível. Ainda nas palavras do autor, “[s]e o romance quer permanecer fiel à sua herança realista e dizer como realmente são as coisas, então ele tem de renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, só serve para ajudá-la na sua tarefa de enganar”<sup>220</sup>.

Assim, no romance, a fidelidade do realismo deve corresponder ao abandono da forma realista, porque essa reproduz a fachada, com aparência de totalidade sem fissuras, servindo apenas para enganar. Nesse romance de linhagem tradicional, a ficção se assemelha ao palco italiano que constrói no teatro a ilusão de realidade, mantendo o espectador a uma distância fixa e invariável. No romance moderno, através da revelação da forma de produção, a ilusão de ficcionalidade é quebrada, e o leitor é posto numa distância móvel da ficção. O narrador aparece, nesse caso, como a figura mediadora por excelência que revela o caráter não imediato da experiência estética, o próprio laboratório de sua produção. Consciente da sua precariedade, o narrador revela-se não só problemático como também incorpora em seu relato comentários sobre sua precariedade de modo que sua narrativa vai negar a homogeneidade realista e se mostrar explosiva, desagregadora, fragmentária, revelando o próprio esforço e o sofrimento que a engendrou.

Segundo Adorno, é uma falácia acreditar na ideia de que o narrador é alguém capaz de apreender a totalidade. Para o crítico, o narrador do romance realista fica preso à fachada, fazendo o leitor acreditar que as aparências constituem a verdade. Essa totalidade supostamente apreendida seria uma mera reprodução daquilo que as pessoas veem e não daquilo que de fato a realidade é (embora seja difícil ou mesmo impossível determinar uma verdade das coisas). Ou

---

<sup>219</sup> ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter *et al.* **Textos escolhidos**. 1983. p. 269.

<sup>220</sup> Idem. *Ibidem*. p. 270. Os grifos são do próprio autor.

seja, o narrador do romance realista estaria corroborando aquilo que a ideologia dominante dissemina como verdade, sendo incapaz, pois, de revelar, de pôr a nu, o que essa ideologia esconde. O romance moderno, por ter sua estrutura abalada, opera por choques, destruindo “a tranquilidade contemplativa do leitor diante da coisa lida”<sup>221</sup>. Trata-se de um choque desalienador, que tira o leitor do conformismo, fazendo-o refletir a respeito do conteúdo da matéria narrada.

O narrador do relato testemunhal apresenta algumas características que podem ser pensadas a partir das reflexões sobre o narrador do romance moderno. Acontece que o indivíduo que testemunha assume o papel de narrador de uma história a qual é caracterizada por um grau intenso de violência. A literatura de testemunho, enquanto gênero que se gestou no século XX, devido às catástrofes históricas, apresenta diferentes características conforme o seu contexto de surgimento. Dentro do âmbito europeu, o evento central que motivou esse novo gênero foi a *Shoah*. Por se tratar de um evento limite, tal episódio não se deixa reduzir em termos de discurso, já que a vítima (que vem a ser o autor e o narrador) é acometida pelo trauma do episódio violento, algo que motiva uma narrativa fragmentária, carregada de lacunas e de perplexidade. Como se observa, a tentativa de representação da *Shoah* dentro de chaves realistas de compreensão implicaria a redução do evento a proporções assimiláveis pela consciência humana, o que concorreria para o falseamento de uma realidade<sup>222</sup>.

No contexto latino-americano, de acordo com Seligmann-Silva, a literatura de testemunho (ou *testimonio*) teria como ponto de partida os acontecimentos históricos referentes à ditadura, à exploração econômica, à repressão às minorias étnicas e sexuais. Diferentemente do relato testemunhal definido no âmbito alemão, que se centra num evento limite caracterizado por sua singularidade, a literatura de testemunho latino-americano também se apresenta como um registro da história. Trata-se de uma história a contrapelo que enfatiza a continuidade da opressão e a sua onipresença no continente. Em relação ao narrador, ou seja, da pessoa que testemunha, trata-se de alguém que pode comprovar, certificar, a

<sup>221</sup> Idem. Ibidem. p. 272.

<sup>222</sup> De acordo com Jaime Ginzburg (1999, p. 132), “[a] forma radical de extermínio foi de um impacto tão intensamente violento que, quem tentasse representa-lo em moldes tradicionais, estaria reduzindo-o a um objeto de representação com estatuto de experiência assimilável. O problema reside em que, de fato, não há como assimilar uma experiência como essa sem sofrer o seu impacto, e ter abaladas as bases de nosso pensamento, tão dedicado à acomodação das coisas em lógicas lineares”.

verdade dos fatos. Como ressalta o crítico, “o ponto de vista é essencial aqui e o *testimonio* é parte da política tanto da *memória* como da *história*”<sup>223</sup>.

Seja em se tratando da literatura de testemunho produzida no contexto europeu, seja aquela gestada em contexto latino-americano, não se pode ignorar o fato de o narrador ter sido, de diferentes formas e em diferentes graus, atingido pela violência constitutiva. Devido ao abalo sofrido, as vítimas podem ter dificuldade de narrar o que viveram. Assim, elementos de descontinuidade formal, indeterminações, imprecisões, lacunas, concepções fragmentárias de tempo e de espaço, não podem ser vistos como falhas de composição, pois essas são justamente indicações de uma problematização da constituição do sujeito. Conforme Jaime Ginzburg, em relação à literatura de testemunho, “a dificuldade de narrar a própria experiência pode ser interpretada como um problema a ser considerado dentro do contexto histórico”<sup>224</sup>.

No caso da literatura de testemunho, um sobrevivente que narra suas experiências narra, também, a sua história, a qual, por ser caracterizada pela violência extrema, afeta as suas formas de percepção da realidade. Como resultado, essa realidade deixa de ser para ele o elemento principal de interesse, pois o que lhe importa, agora, é a sua capacidade de percebê-la e de simbolizá-la, isto é, de traduzi-la em palavras. Assim, a pessoa que testemunha tem uma relação singular com a linguagem, pois essa deixa de ser transparente e de comunicar, sem problematizações, o desejável. Em outras palavras, haveria uma dificuldade por parte da vítima, que é também a narradora dos acontecimentos, de verbalizar a sua experiência assinalada pela violência e pelo trauma. Essas dificuldades impediriam a legitimação de um narrador nos moldes realistas uma vez que ele não se definiria pela onisciência nem mesmo pelo controle da matéria narrada.

Essa dificuldade de cobrir o “real”<sup>225</sup> com o verbal pode ser averiguada na narrativa de Carlos Liscano. Em **El furgón de los locos**, o narrador expressa, em

---

<sup>223</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 89.

<sup>224</sup> GINZBURG, Jaime. Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema de teoria da autobiografia. In: \_\_\_\_\_. **Crítica em tempos de violência**. 2012. p. 160.

<sup>225</sup> O “real”, aqui, deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, ou seja, enquanto um evento que resiste à representação. Sobre o assunto, cf. FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. [1920]. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. 1976. p. 17-85.

várias passagens, justamente essa dificuldade de registrar a sua história e de contar sobre os anos em que esteve preso e sob tortura:

[o] prisioneiro tem outros problemas mais importantes, ou apenas um: tortura. E tortura significa tratar de não falar, de esquecer tudo o que você sabe. Mas não é uma boa técnica pensar que poderá esquecer. Porque no momento menos esperado, no tormento, a memória retorna. Então, não se trata de esquecer, mas guardar a informação no lugar mais escondido do cérebro e fechá-lo a qualquer intrusão, até mesmo da própria dor, que obriga a abrir o lugar onde está o que o torturador quer saber.

Mas, caso a dor consiga abrir o lugar da informação, é melhor organizar as respostas para as possíveis perguntas. Se me perguntarem isso, eu digo tal coisa. Eu não conheço o fulano. E eu conheço a fulana desde que éramos crianças, não tenho nenhum relacionamento político com ela, apenas amizade.

O prisioneiro passa horas com isso. Ainda que às vezes não possa impedir que o pensamento percorra ao longo de caminhos que a consciência não se propõe: lembranças agradáveis, familiares de quem não se têm notícias. E uma constante: se conseguir fugir, para onde irei que eles não me encontrem? Então, vem o delírio. A mente vagueia aleatoriamente, conversa, ouve vozes. Quando se dá conta de que está delirando, o prisioneiro tenta se concentrar na única coisa que importa para ele: a tortura que virá, as palavras que deverão ser engolidas<sup>226</sup>.

A tortura tem a capacidade de abalar a integridade da consciência humana de modo que o sobrevivente recorra a estratégias para negar o ocorrido. Dentre esses subterfúgios, o narrador cita o “silêncio” e o “esquecimento”; entretanto, ele próprio relativiza essas possibilidades, afirmando que é impossível simplesmente ignorar um passado violento. Dessa forma, resta “guardar a informação no lugar mais escondido do cérebro”. Acontece, todavia, que, uma vez que a esse trauma não foi atribuída a devida atenção, as memórias retornam de maneira inesperada, involuntária e desorganizada. Destituído de controle, cabe ao narrador apelar para enunciados prontos, acabados, justamente para não ser surpreendido: “é melhor

---

<sup>226</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 97-98. Traduzido do original: “El preso tiene otros problemas más importantes, o uno sólo: la tortura. Y la tortura significa tratar de no hablar, de olvidarse de todo lo que sabe. Pero nos es buena técnica pensar que se podrá olvidar. Porque en el momento menos pensado, en el tormento, la memoria vuelve. Entonces non se trata de olvidar sino de guardar la información en el lugar más escondido do cerebro, y cerrarlo a cualquier intrusión, hasta la del propio dolor, que obliga a abrir el sitio donde está lo que el torturador quiere saber./ Pero, por si el dolor logra abrir el sitio de la información, es mejor organizar las respuestas a posibles preguntas. Si me preguntan esto digo tal cosa. A fulano no lo conozco. Y a fulana la conozco desde que éramos niños, no tengo ninguna relación política con ella, sólo amistad./ En eso se le van las horas al preso. Aunque de a ratos no puede evitar que el pensamiento corra por caminos que la consciencia no se propone: recuerdos gratos, los familiares de los que no se tiene noticia. Y una constante: si lograra fugarme, ¿a dónde voy que no me encuentren? Entonces viene el delirio. La mente vaga al azar, conversa, oye voces. Cuando se da cuenta de que delira, el preso trata de concentrarse en lo único que le importa: la tortura que vendrá, las palabras que deberá tragarse”.

organizar as respostas para as possíveis perguntas. Se me perguntam isso digo tal coisa”. Ao “delírio” provocado pela dor do trauma corresponde uma “mente vaga”, que produzirá, como resultado, uma narrativa destituída de nexos lógicos.

Trata-se, como se percebe, de um narrador que assume a sua incapacidade de falar sobre um episódio de dor vivido. É um narrador problemático que não consegue manter distância da matéria que está narrando, revelando, assim, sua precariedade. Essas seriam condições que prejudicariam a elaboração de um relato pleno, coeso e ordenado, como se verifica neste fragmento:

[n]uma noite, entre amigos, contarei histórias alegres dos presos. Mas durante muito tempo me negarei a escrever sobre a prisão. Serei incapaz de contar por escrito algo mais que uma sucessão interminável de histórias de humilhação, carente de complexidade e de ordem literária<sup>227</sup>.

Chama a atenção, nessa passagem, a dificuldade de o narrador escrever a sua história, de reproduzir, de forma escrita, as humilhações e os sofrimentos por que passou. Não obstante, fica evidente uma combinação de perplexidade e de necessidade de falar sobre a sua história de vida. Trata-se de um narrador ambíguo que, ao mesmo tempo em que faz uma constatação – “me negarei a escrever sobre” –, acaba, em outros momentos da narrativa, por fazê-lo. Conforme se verifica, ele reúne características que se distanciam da concepção de um narrador realista. Se esse tem domínio sobre o seu ofício de escrever, o narrador de **El furgón de los locos** demonstra não possuir tais qualidades: afirma escrever um conjunto de histórias, sem “complexidade” e “ordem literária”.

Se Liscano conta a sua história depois de um considerável distanciamento do ocorrido, após um período de silenciamento, a questão do tempo mostra-se relevante para a análise da narrativa. Ao longo dos seus anos no cárcere, em razão das suas limitações, ele perdeu a noção do tempo, perdeu, assim, a noção entre os acontecimentos vividos na prisão e as suas relações com o tempo cronológico, como relatado no texto: “[n]ão sei que dia nem que horas são. Sei que

---

<sup>227</sup> Idem. Ibidem. p. 183. Traduzido do original: “Alguna noche, entre amigos, contaré historias risueñas de los presos. Pero durante mucho tiempo me negaré a escribir sobre la cárcel. Me sentiré incapaz de contar por escrito algo más que una sucesión interminable de historias de vejaciones, carentes de complejidad, y de jerarquía literaria”.

é de noite, tarde”<sup>228</sup>. Isso se reflete também na narrativa feita anos depois que recebeu a sua liberdade, uma vez que se percebe que o narrador não consegue atribuir uma linearidade ao seu relato, como se pode perceber no seguinte excerto: “[v]olto muito anos atrás. Estou nos calabouços de um quartel do exército. Embaixo dos calabouços fica a sala de tortura”<sup>229</sup>.

Hernán Valdés, por sua vez, em **Tejas Verdes**, faz menção à mesma falta de referências temporais expressas por Liscano. Valdés destaca, logo no início de sua narrativa, que, no seu relato, ele tenta manter a cronologia mais fiel possível aos acontecimentos, mas se trata de um trabalho bastante difícil devido à total ausência de referências e medidas temporais na prisão<sup>230</sup>. Ao contrário de Liscano, que levou quase 30 anos para elaborar a sua narrativa, Valdés o fez logo depois de sair da prisão, ainda no exílio, e demorou cerca de três semanas para escrevê-la. Mesmo com a proximidade temporal entre o acontecimento e a escrita, além da tentativa do narrador de estabelecer uma linearidade na narrativa, há lacunas nesse processo. Ademais, o narrador se propõe a narrar em forma de diário a sua vida na prisão, dia por dia; no entanto, em certa altura do relato, omite um dia, sem fazer qualquer referência ao que ocorreu naquele período, como se ele não tivesse acontecido<sup>231</sup>.

Não há a caracterização de um narrador realista nessas passagens, pois a onisciência foi abalada, uma vez que a integridade do sujeito foi destruída. Há, mais propriamente, traços do narrador moderno, justamente pelo fato de ele expor os limites de sua consciência, refletindo-se na desintegração de uma sequência temporal linear. Dito em outros termos, os narradores de **El furgón de los locos** e de **Tejas Verdes** oscilam em seus relatos com idas e vindas nas memórias de diferentes períodos de vida, em especial, nas memórias do cárcere, sem se ater fielmente a uma ordem cronológica, embora Valdés o consiga fazer em grande parte do seu relato. Na condição de autor e de narrador, os sobreviventes, num processo explicitamente metanarrativo, expõem suas histórias e avançam por lacunas – próprias e alheias – em um tempo-espço que alterna memórias de si

<sup>228</sup> Idem. Ibidem. p. 7. Traduzido do original: “No sé qué día ni qué hora es. Sé que es de noche, tarde”.

<sup>229</sup> Idem. Ibidem. p. 59. Traduzido do original: “Regreso muchos años hacia atrás. Estoy en los calabozos de un cuartel del Ejército. Debajo de los calabozos está la sala de tortura”.

<sup>230</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 5.

<sup>231</sup> Idem. Ibidem. p. 123-124.

mesmo e de outros, pois a dimensão individual não se dissocia da dimensão coletiva. Isso porque, embora as narrativas sejam carregadas de um teor individual, envolve a voz de uma coletividade e/ou o registro de um fato relacionado a essa coletividade.

Conseqüentemente, como o narrador do relato testemunhal não consegue estabelecer um controle sobre o tempo em sua narrativa, suas memórias, emoções e sentimentos também lhe assaltam em momentos inesperados. Nesse sentido, toma-se como exemplo uma passagem do relato **Memórias do esquecimento**, de Flávio Tavares, em que ele conta sobre os pesadelos e a incerteza, ao acordar, a respeito do que era real e do que era imaginário:

[t]udo isso talvez me explique, hoje, essas noites aflitas ao longo de muitos anos, em que o mais duro e terrível não era sonhar a maldade, mas despertar-me imóvel, sem saber ao certo se tudo aquilo fora verdade e tinha mesmo ou era, apenas, uma nuvem do sono<sup>232</sup>.

Fica evidente, nesse trecho, que não é possível ao narrador simplesmente deixar o seu passado de lado. A vivência no confinamento, envolvendo tortura física e psicológica, não pode ficar restrita somente à memória. Elas emergem de forma desordenada e imprevisível na mente do narrador, pois Tavares reconhece que, “[n]a Cidade do México, em Buenos Aires ou em Lisboa, meus pontos fixos de exílio, o sonho perseguiu-me intermitentemente [...]”<sup>233</sup>. A única certeza do narrador é de que, mais cedo ou mais tarde, a prisão, a tortura e todos os demais sofrimentos impostos a ele retornarão à sua mente, seja em maior ou em menor frequência. De qualquer forma, o que se averigua é a presença de um narrador que não consegue dotar sua narrativa de determinada ordem. É um relato fragmentário, repleto de lacunas e de vaivéns temporais.

A vida na prisão, sem referenciais concretos com os quais seja possível estabelecer parâmetros de compreensão da realidade externa, e o exílio fazem com que o sobrevivente e narrador não saiba, em um primeiro momento, como lidar com a sua liberdade, algo que justifica a sua precariedade enquanto narrador. O exílio, em si, também pode ser como um cativo, conforme narra Tavares, em

<sup>232</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 18.

<sup>233</sup> Idem. Ibidem. p. 17.

**Memórias do esquecimento:** “[o] exílio surgia naquela refeição de famintos com todos os seus ingredientes. Com a violência da fome transformada em gula. O exílio era a liberdade. Mas a liberdade do exílio, só isso”<sup>234</sup>. Já Liscano, em **El furgón de los locos**, ao falar de sua liberdade, explicita:

[d]e repente sinto a estranheza de ser um homem livre. Pois, apesar de estar no furgão da polícia, com um policial com cacete à porta, já não estou preso. Posso fazer de minha vida o que quiser. Soa bellissimo, mas é terrível. E agora? O que vem agora? É impossível perguntar a alguém aqui, a estes loucos extremamente concentrados em pensar na liberdade<sup>235</sup>.

A violência vivida no passado e a situação em que se encontra o narrador no momento de sua enunciação fazem com que ele projete um futuro com receios. Trata-se, por isso mesmo, de um narrador melancólico, precário, frustrado, repleto de dúvidas: “[e] agora? O que vem agora?”. Essas incertezas refletem justamente um período de perplexidade que não encontra, no presente, respostas plausíveis e seguras que possibilitem a construção de um sujeito íntegro e confiante em relação às suas decisões. A projeção de um futuro torna-se uma incógnita, mas é algo com o qual o narrador precisa lidar. É no testemunho que ele encontra o seu primeiro refúgio, sua primeira motivação para dar continuidade à vida. Em **La escuelita**, por sua vez, a vítima Alicia Partnoy relata que, logo após a sua chegada ao exílio, começou a trabalhar a favor dos prisioneiros e dos desaparecidos e concluiu: “[c]omo sobrevivente, senti que era meu dever ajudar e testemunhar o que aconteceu”<sup>236</sup>. Assim, a narrativa se tornou um recomeço para a autora, embora não fosse uma alternativa simples narrar a sua história de vida. Nas palavras de Partnoy, “[...] nessas Escolinhas, os limites entre a história e as histórias são tão frágeis que nem mesmo eu consigo detectá-los”<sup>237</sup>.

<sup>234</sup> Idem. Ibidem. p. 132.

<sup>235</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 44-45. Traduzido do original: “De pronto siento la extrañeza de ser un hombre libre. Porque si bien voy en el furgón policial, con una policía con garrote en la puerta, ya no estoy preso. Puedo hacer de mi vida lo que quiera. Suena hermoso, pero es terrible. ¿Y ahora? ¿Qué viene ahora? Imposible preguntar a nadie aquí, a estos locos reconcentrados en pensarse en libertad”.

<sup>236</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuelita**: relatos testimoniales. 2006. p. 13. Traduzido do original: “Como sobreviviente, sentí que era mi deber ayudar y dar testimonio de lo ocurrido”.

<sup>237</sup> Idem. Ibidem. p. 15. Traduzido do original: “[...] en esas Escuelitas, los límites entre la historia y las historias son tan tenues que ni yo misma los puede detectar”.

Nessa perspectiva, Liscano, em **El furgón de los locos**, também aponta para o testemunho como uma forma de dar sentido à sua liberdade e de (res)significar a sua vivência:

[n]o dia seguinte, me levanto às cinco e meia da manhã, obcecado pela ideia de fazer “algo” com minha liberdade. Não saberei o que será de minha vida, exceto uma coisa: que passarei a limpo meus papéis feitos na prisão, **A mansão do tirano, O método e os outros brinquedos carcerários, O informante**, o diário de **O informante**, meus poemas, minhas anotações, e que me dedicarei a escrever. Não sei se pelo resto da vida, mas pelo menos até o dia no qual não tenha mais nada para dizer. Escrever, até novo aviso, será o centro de minha vida<sup>238</sup>.

Nesse fragmento, Liscano tece considerações que levam a concluir que a escrita seria uma necessidade para ele, pois ela seria responsável pelo estabelecimento de um sentido para a sua existência. Na primeira frase, ao utilizar o vocábulo “algo”, o narrador atesta justamente a indefinição de rumos de sua vida a partir do momento de sua libertação. Seria a escrita um elemento que, pelo menos num primeiro momento, preencheria o vazio que a história proporcionou à sua vida. Os textos redigidos criariam para o narrador condições para uma transição e, vale dizer, uma preparação nessa passagem de um período de encarceramento para outro de liberdade. É a escrita que faculta uma base sobre a qual o narrador pode se mover com um relativo conforto e segurança: “[e]screver [...] será o centro de minha vida”.

Se, por um lado, o narrador credita à escrita a atribuição de fundamentos para a sua existência, por outro, ele pode relativizar essa certeza, conforme ocorrem nos diversos relatos e como se observa no exemplo a seguir da obra **Memórias do esquecimento**: “[d]o que contei, tentei não tirar conclusões e preferi que a narrativa concluísse por si mesma [...]”<sup>239</sup>. Por esse viés, não há nos relatos testemunhais a caracterização de um narrador estável e seguro de suas intenções.

<sup>238</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 182. Traduzido do original: “Al otro día me levantaré a las cinco y media de la mañana, obsesionado por hacer “algo” con mi libertad. No sabré qué será de mi vida, excepto una cosa: que pasaré en limpio mis papeles de la cárcel, La mansión del tirano, El método y otros juguetes carcelarios, El informante, el diario de El informante, mis poemas, mis apuntes, y que me dedicare a escribir. No sé si por el resto de la vida, pero por pelo menos hasta el día en que no tenga más nadie para decir. Escribir, hasta nuevo aviso, será el centro de mi vida”.

<sup>239</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 244.

Trata-se de um narrador precário, ambíguo, paradoxal, não dotado de consciência plena. Seus limites de reflexão restringem-se às suas vivências individuais circunscritas em imagens de dor, de sofrimento, de vazio, de solidão, dentro de um espaço com dimensões restritas. Ele não teria, em princípio, fundamentos para a escrita de um livro, mas, paradoxalmente, lança-se à tarefa da escrita. Esse paradoxo encontra correspondência em Adorno quando ele reflete sobre o ato de narrar: “não se pode mais narrar, ao passo que a forma do romance exige a narração”<sup>240</sup>.

Em se tratando dos relatos testemunhais produzidos a partir do contexto histórico latino-americano, a narrativa visaria a fins específicos. Dentre tais finalidades, pode-se citar a importância da escrita e do registro de uma história que seja discrepante da história oficial. Trata-se de uma história escrita de um ponto de vista específico, de quem viveu de dentro a crueldade de um regime autoritário. Com isso, essa narrativa busca, também, não deixar que uma história caracterizada pela violência se perca. Esse não apagamento contribuiria para o não esquecimento de um passado de dor e de traumas que ainda atinge, direta ou indiretamente, as sociedades latino-americanas. Essa literatura formula-se enquanto registro da denúncia da continuidade da opressão e a sua onisciência no continente latino-americano<sup>241</sup>.

Ela serve, ainda, para que o narrador ordene, mesmo que preliminarmente, a sua história e, assim, possa atribuir um sentido à sua existência, sentido esse que lhe foi subtraído pela ditadura. Nesse sentido, a narrativa teria uma função importante para aqueles indivíduos que passaram por uma situação traumática. Para as pessoas que vivenciaram um episódio violento, ela possibilita conferir significação a tais vivências e, por intermédio do seu conjunto de normas, pode conduzir a uma organização coerente, linear e plausível dos fatos envolvidos. Logo, ela faculta ao sujeito constituir seus pensamentos e suas vivências e, conseqüentemente, traduzi-los e comunicá-los aos seus ouvintes ou aos seus leitores. Afora isso, a narrativa, tanto na sua forma escrita quanto oral, é uma maneira de registrar a memória, seja ela individual ou coletiva, para que o passado

---

<sup>240</sup> ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter *et al.* **Textos escolhidos**. 1983. p. 269.

<sup>241</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 89.

não se perca no esquecimento e para que outras pessoas, de diferentes lugares, culturas e épocas, tenham acesso a tais registros.

Retomando o testemunho de Valdés, **Tejas Verdes**, ele enfatiza: “[t]rata-se, evidentemente, de um diário reconstituído (as situações nele descritas tornarão impossível imaginar que alguém pudesse ter conseguido os meios para redigir algumas linhas e, menos ainda, ter ânimo para o tentar) [...]”<sup>242</sup>. O narrador lembra que a vivência passada é difícil de ser narrada, mas, apesar da resistência e da dificuldade, não pode ser contida em sua integridade em sua memória. Para o autor, ele estava “consciente de que pudesse ocorrer, enquanto o escrevia depois, uma alteração da minha sensibilidade”<sup>243</sup>. O próprio narrador reconhece possíveis mudanças em sua sensibilidade através do testemunho e, com isso, a narrativa possibilitaria ao indivíduo traumatizado resgatar o seu passado e reelaborar tais vivências de forma que o sofrimento seja amenizado. Embora a memória de um sobrevivente seja uma memória ferida e fragmentada, que evoca dores e angústias, ela exerce uma função importante na medida em que auxilia o sujeito a narrar e a reorganizar internamente as suas vivências do passado. Vale salientar que o narrador afirma, ainda, que a qualidade estética ou literária e a ordem não são prioridades em sua narrativa, mas sim a capacidade de verbalizar suas vivências.

A tentativa de ressignificação da dor do passado é algo necessário para o bem-estar da humanidade. Porém, isso só pode ser feito a partir do momento em que as tensões desse passado sejam diluídas adequadamente. Portanto, ressalta-se aqui a importância da narração realizada por toda e qualquer vítima de atos violentos bem como o papel da literatura, da escrita e da narrativa para a compreensão dos problemas sociais. Ademais, a literatura de testemunho é também uma forma de denúncia à violência sofrida não apenas pelo narrador, mas por uma coletividade. Nos relatos de Hernán Valdés, Alicia Partnoy, Flávio Tavares e Carlos Liscano, os narradores fazem referência às torturas que eles próprios e outros milhares de presos sofreram no período da ditadura em seus respectivos países:

---

<sup>242</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diário de um campo de concentração no Chile. 1974. p. VII.

<sup>243</sup> Idem. Ibidem. p. VII.

De repente, um golpe me atinge na mandíbula, e novamente a dor parece algo fictício, uma explosão elétrica pura, silenciosa [...] <sup>244</sup>.

Obrigados a permanecer deitados em colchões ou no chão, sem falar, sem ver, as mãos atadas, o estômago vazio, suportando golpes, insultos e a incerteza da bala final [...] <sup>245</sup>.

Quatro dias sem dormir se aguentam, mesmo sob o choque elétrico e os pontapés, sem água, quase sem comer <sup>246</sup>.

A água do barril está suja e fedida. O preso pode vomitar na água, deixar ali sua saliva, pelos, a dentadura postiza. O trabalho dos torturadores não é um trabalho fácil <sup>247</sup>.

Os narradores denunciam, aqui, a condição de milhares de presos políticos na ditadura latino-americana, bem como as condições sub-humanas a que essas pessoas eram submetidas, além das sessões de tortura que, não raro, as levavam à morte. Nessa perspectiva, a literatura de testemunho é um instrumento que conduz a uma reflexão profunda sobre a condição humana. A violência e o autoritarismo dos regimes ditatoriais atingiram profundamente os autores, de modo que ficaram marcados por sequelas físicas e psicológicas, mas eles têm consciência de que essa não foi uma vivência ou condição exclusivamente individual. Se, conforme Adorno <sup>248</sup>, em meio às catástrofes, não é mais permitido um olhar neutro, isento e objetivo, pode-se dizer, então, que os narradores das obras em questão desenvolvem um olhar de perplexidade para a história e para o passado, de maneira que suas narrativas abriguem elementos que denunciem os seus traumas, mas que, ao mesmo tempo, contribuam para a amenização da dor formulada no passado.

A propósito, esse olhar marcado pela perplexidade caracteriza o olhar do anjo do quadro **Angelus Novus**, de Paul Klee, analisado por Walter Benjamin em seu ensaio “Sobre o conceito da história”. Nesse texto, Benjamin descreve o

<sup>244</sup> Idem. Ibidem. p. 37. Traduzido do original: “De pronto me llega un golpe en la mandíbula, y nuevamente el dolor parece algo ficticio, un puro estallido eléctrico, silenciosa [...]”.

<sup>245</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 19-20. Traduzido do original: “Obligados a permanecer tirados en colchones o en el piso, sin hablar, sin ver, manos atadas, estómago vacío, soportando golpes, insultos y la incertidumbre de la bala final [...]”.

<sup>246</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 55.

<sup>247</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 76. Traduzido do original: “El agua del tacho está sucia y maloliente. El preso puede vomitar en el agua, dejar su saliva, pelos, la dentadura postiza. El trabajo de los torturadores no es un trabajo fácil”.

<sup>248</sup> ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter *et al.* **Textos escolhidos**. 1983. p. 269-273.

aludido anjo nos seguintes termos: “[s]eus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. [...] Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e a dispersa a nossos pés”<sup>249</sup>. Nesse sentido, a exemplo do narrador de **Tejas Verdes**, de **La escuela**, de **Memórias do esquecimento** e de **El furgón de los locos**, o anjo da história encontra-se atônito e tomado pelo horror frente a tanta violência que têm ferido a humanidade. Trata-se, assim, de um olhar que desafia a história oficial e que traz à tona as ruínas e as tragédias de um passado definido pela opressão. Portanto, os relatos testemunhais, devido a seus conteúdos, resguardariam uma dimensão utilitária, qual seja, de denúncia dos massacres históricos que as elites, muitas vezes, desejam jogar no esquecimento.

Sobre essa dimensão utilitária da narrativa, Benjamin reserva atenção em seu célebre ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Nesse texto, o autor afirma que a origem a que recorrem os narradores é a experiência transmitida de uma pessoa a outra e que, em se tratando da natureza da narrativa, “[e]la tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos”<sup>250</sup>. Com isso, Benjamin declara que a narrativa não é uma experiência superficial, pois “[e]la mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”<sup>251</sup>. Além disso, as histórias do narrador remetem a uma narrativa que se dá espontaneamente, já que narrar implica a capacidade de trocar experiências. Contudo, essa capacidade nem sempre é desenvolvida com êxito após vivências traumáticas, pois, para narrar certos acontecimentos carregados de dor, o sujeito, na maioria das vezes, sente dificuldade em encontrar nas palavras uma carga semântica que dê conta de forma satisfatória da representação desses eventos. Todavia, superada essa condição, juntamente com a narrativa, surge a possibilidade de algumas transformações.

---

<sup>249</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 1994. p. 226.

<sup>250</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 1994. p. 198.

<sup>251</sup> Idem. Ibidem. p. 205.

Para os sobreviventes de um evento de extrema violência, “[a] situação da narração no testemunho deve envolver uma urgência de comunicação, um problema de repressão, pobreza, subalternidade, aprisionamento, luta pela sobrevivência, e assim por diante, implicados no próprio ato de narrar”<sup>252</sup>. A condição do narrador no relato testemunhal implica representar um grupo ou um dilema coletivo e individual, o qual é “narrado como um destino pessoal”<sup>253</sup>. Assim, o narrador do testemunho traz também uma representação da coletividade, mas a partir de uma perspectiva bastante pessoal dos fatos corridos.

Ademais, a problematização em torno da categoria do narrador no relato testemunhal está intimamente ligada à violência e à opressão social e histórica do século XX, em particular, das ditaduras. Logo, se existe uma relação entre a constituição precária do narrador e o contexto social, é legítimo afirmar que a história deve ser vista não como uma sucessão linear de acontecimentos que visam a uma noção de progresso, mas uma história enquanto uma sucessão de catástrofes, de ruínas, uma “história como trauma”<sup>254</sup>, caracterizada por indeterminações e por contradições, uma história que denuncia as barbáries cometidas no passado e que requer revisões constantes para a reparação das injustiças cometidas.

---

<sup>252</sup> BEVERLEY, John. The Margin at the Center: On *Testimonio*. In: GUGELBERGER, Georg M. (Ed.). **The Real Thing**: Testimonial Discourse and Latin America. 1996. p. 26. Traduzido do original: “The situation of narration in testimonio has to involve an urgency to communicate, a problem of repression, poverty, subalternity, imprisonment, struggle for survival, and so on, implicated in the act of narration itself”.

<sup>253</sup> Idem. Ibidem. p. 27. Traduzido do original: “[...] narrated as a personal destiny”.

<sup>254</sup> Cf. expressão utilizada por SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: \_\_\_\_\_; NESTROVSKI, Arthur (Org.). **Catástrofe e representação**. 2000. p. 73-98.



## 4 MEMÓRIA, TORTURA E TRAUMA NOS RELATOS TESTEMUNHAIS DA DITADURA LATINO-AMERICANA

### 4.1 AS MEMÓRIAS DO CÁRCERE: ENTRE O ESQUECER, O RECORDAR E O TESTEMUNHAR

Sou um homem comum  
de carne e de memória  
de osso e esquecimento.

(Ferreira Gullar)

A memória se constitui num elemento essencial para o sobrevivente e para a elaboração de sua vivência traumática. No entanto, há um difícil embate relacionado a essa questão: a necessidade de narrar e a tentativa de esquecimento. Há uma tensão entre esses movimentos e a impossibilidade de separá-los. Se, por um lado, o esquecimento é desejável por aqueles que passaram por eventos traumáticos, como os sobreviventes da ditadura militar e de campos de concentração, por outro, ele não é uma opção factível.

Embora muitos sobreviventes dos porões da ditadura tenham tentado esquecer e, por conseguinte, silenciar a memória da vivência da barbárie, devido à dimensão e aos efeitos de tais memórias, elas se tornam inerentes ao sujeito. Nesse contexto, a crítica e ensaísta Nelly Richard destaca que

[a] experiência da pós-ditadura vincula a memória individual e coletiva do corpo social às figuras de ausência, perda, supressão e desaparecimento. Figuras todas rodeadas pelas sombras de um duelo tensional suspenso, inacabado, que deixa sujeito e objeto em estado de dor e incerteza, vagando implacavelmente em torno do insuportável do corpo e da verdade que falta (não estão lá) e que são necessários (são perdidos)<sup>255</sup>.

Assim, nota-se que as memórias do sobrevivente são memórias de sofrimento e de perdas que permanecem como uma ferida aberta. São memórias

---

<sup>255</sup> RICHARD, Nelly. **Crítica de la memoria**. 2010. p. 44. Traduzido do original: “La experiencia de la post dictadura anuda la memoria individual y colectiva del cuerpo social a las figuras de la ausencia, la pérdida, la supresión y el desaparecimiento. Figuras rodeadas todas ellas por las sombras de un duelo en suspenso, inacabado, tensional, que deja sujeto y objeto en estado de pesadumbre y de incertidumbre, vagando sin tregua alrededor de lo inhallable del cuerpo y de la verdad que faltan (no están) y que hacen falta (se echan de menos)”.

de um acontecimento que não se encerrou no passado e que, conseqüentemente, acompanha o sobrevivente como algo atual, que constantemente provoca dor e incertezas. Para o sobrevivente, não é possível ter domínio sobre tais memórias, logo, por mais que o esquecimento seja desejável, como uma tentativa de não reviver um passado doloroso, é improvável conduzi-las a esse lugar.

Isso posto, é possível pensar sobre diferentes fatores que influenciam no silêncio ou na escrita do sobrevivente de eventos traumáticos, como a ditadura militar. O que levaria o sobrevivente a uma tentativa de esquecimento ou de silenciamento de suas memórias?. Eliane Robert Moraes, em seu texto “A memória da fera”, faz uma leitura de uma série de obras do pensador Georges Bataille e, nessa perspectiva, infere que somente é possível pensar e, então, compreender a catástrofe a partir de uma definição impiedosa do próprio ser humano<sup>256</sup>. Portanto, pensar a catástrofe exige um conhecimento profundo de si e do outro, pois

[...] se compartilharmos do que é humano, sejam quais forem tais qualidades, somos obrigados a aceitar, por exemplo, que, em meio aos escombros de uma guerra, os moribundos, os corpos mutilados, os feridos, os deformados, permanecem sendo seres humanos, apesar da animalidade do seu sofrimento<sup>257</sup>.

Na continuidade de sua reflexão baseada em Bataille, a autora confronta que, assim como os demais seres humanos, os responsáveis pelas catástrofes tinham nariz, boca, voz, enfim, uma aparência e razão humanas, bem como realizavam atividades corriqueiras, como casar e ter filhos. Nesse sentido, Moraes conduz a uma reflexão íntima e profunda sobre a “essência” do ser humano. Pensar a catástrofe exige a desconfortável tarefa de reconhecer o ser humano em diferentes condições e papéis, seja de sobrevivente marcado por trauma ou mutilação, seja de vítima que sucumbiu à barbárie ou, ainda, de torturadores e de demais responsáveis pela catástrofe. Enfim, todos se situam na mesma essência e condição humanas, embora assumam papéis distintos e, por vezes, opostos. Logo, relacionando o exposto com a questão da memória, a imagem do sobrevivente é inseparável da imagem das demais vítimas e dos seus algozes, o que é possível conferir-lhe uma condição incômoda, pois pode conduzir o sobrevivente a refletir se

---

<sup>256</sup> MORAES, Eliane. A memória da fera. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. 2000. p. 150.

<sup>257</sup> Idem. Ibidem. p. 150.

ele também não poderia estar numa posição diferente ou, ainda, ser inconcebível compreender a sua essência semelhante à daqueles que coordenaram a catástrofe, o sofrimento, as torturas, as mortes e os desaparecimentos.

Moraes afirma ainda que, “[q]uando o instante é vivido sem escapatória, quando o homem aceita a sensibilidade animal que participa de sua humanidade e se abre para descoberta dessa verdade, a experiência da catástrofe atinge a consciência”<sup>258</sup>. Desse modo, o sobrevivente poderia substituir um olhar de fuga por um “olhar lúcido”<sup>259</sup>, mais consciente sobre a sua vivência, possibilitando, assim, um conhecimento e um entendimento da dor que permite refletir e resgatar a sua humanidade.

No que tange a esse enfoque, o relato de testemunho do uruguaio Carlos Liscano, **El furgón de los locos**, chama a atenção devido ao espaço dedicado em sua obra para narrar e descrever sobre o torturador. Por repetidas vezes, Liscano faz comparativos ou referências às condições dos torturados e dos torturadores como, por exemplo, as dificuldades e os sofrimentos de ambos no espaço de tortura. Em sua narrativa, o autor descreve que o torturador também falava de seus sentimentos, preocupações sociais e política, além de ele ser a sua referência na prisão e, inclusive, caracteriza-o como paternal e compreensivo<sup>260</sup>. Portanto, ao construir a sua narrativa, Liscano discerne a humanidade nos responsáveis pela prisão e tortura, o que, num primeiro momento, parece ironia. No entanto, a continuidade do enfoque nos torturadores demonstra que Liscano reconhece neles a mesma condição humana que há em si, atingindo um novo nível de consciência sobre a catástrofe. O sobrevivente faz uma aproximação dos sujeitos em diferentes posições, a saber, vítima e algoz: ambos são seres humanos que, por situações diferentes, sofrem a desumanização, cada qual como um animal ferido.

O conflito entre o esquecer e o recordar é inerente ao sobrevivente de um evento violento e traumático, pois lhe restam as memórias de um acontecimento que o afetou da forma mais profunda e extrema possível, tanto física quanto psicologicamente, e, sobre tais memórias, não é factível um total domínio ou contenção. À vista disso, Richard alega:

---

<sup>258</sup> Idem. Ibidem. p. 153.

<sup>259</sup> Idem. Ibidem. p. 154.

<sup>260</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 84; 86; 88; 89.

Qualquer que seja o motivo doído da renúncia, a condição pós-ditatorial se expressa como “perda do objeto”, em uma marcada situação de “luto”: bloqueios psíquicos, recaídas libidinais, paralizações afetivas, inibições da vontade e do desejo, frente à sensação de perda de algo irrestituível (corpo, verdade, ideologia, representação)<sup>261</sup>.

Nesse sentido, o sobrevivente do período ditatorial é um indivíduo que carrega os efeitos e os sintomas da destituição física, psíquica e ideológica, enfim, da tentativa extrema de anulação do sujeito. Logo, foge do controle do sobrevivente a escolha entre esquecer ou apagar o fatídico passado. A exemplo disso, já nas primeiras páginas das suas **Memórias do esquecimento**, o brasileiro Flávio Tavares enfatiza, por repetidas vezes, que o seu desejo, após a libertação, era esquecer os fatos vividos como prisioneiro nos porões da ditadura: “[t]endo tudo para contar, sempre quis esquecer”<sup>262</sup>.

Durante anos, Tavares vivenciou o conflito entre as suas memórias intensas e a impossibilidade de esquecê-las: “[e]u me lembro tanto de tanto ou de tudo que, talvez por isso, tentei esquecer”<sup>263</sup>. A intensidade e a desordem com que as memórias do cárcere irrompem para o sobrevivente causam-lhe demasiado sofrimento, dor e angústia, e, por isso, dá-se o anseio pelo silenciamento e pelo esquecimento. No entanto, Tavares relata a impossibilidade do esquecimento: “Esquecer? Impossível, pois o que eu vi também caiu sobre mim, e o corpo ou a alma sofridos não podem evitar que a mente esqueça ou que a mente lembre”<sup>264</sup>. À vista disso, o sobrevivente aponta os fatores que, em sua perspectiva, contribuem para o não esquecimento: a sua visão e o seu testemunho das condições e dos acontecimentos das prisões e o seu próprio sofrimento, tanto físico quanto “da alma”.

Ademais, Richard, em concordância com os pensamentos do teórico Alberto Moreiras, enfatiza o efeito do luto pós-ditatorial naqueles que passaram pelo cárcere. O luto gera um embate no sobrevivente entre o seu pensamento em, por um lado, assimilar o passado, tendo em vista a reconstituição, e, por outro,

---

<sup>261</sup> RICHARD, Nelly. Citar a violência: a rotina oficial e as convulsões do sentido. In: \_\_\_\_\_. **Intervenções críticas**: arte, cultura, gênero e política. 2002. p. 80.

<sup>262</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 11.

<sup>263</sup> Idem. Ibidem. p. 12.

<sup>264</sup> Idem. Ibidem. p. 13.

expulsar a corrupção e o corpo morto advindos da prisão e da tortura. Para a autora, o dilema entre

“assimilar” (recordar) e “expulsar” (esquecer), atravessa o horizonte pós-ditatorial, produzindo narrativas divididas entre o *emudecimento* – a falta de fala ligada ao estupor de uma série de mudanças inassimiláveis, por sua velocidade e magnitude, à continuidade da experiência do sujeito – e a *superexcitação*, gestualidades compulsivas, que exageram artificialmente o ritmo e sinais para combater a tendência depressiva com sua mobilidade postiça<sup>265</sup>.

Este confronto entre o recordar e o esquecer acompanha o sobrevivente em seu relato escrito. O sobrevivente chileno Hernán Valdés, mesmo escrevendo o seu testemunho imediatamente após a sua libertação, mostra-se ciente desse conflito interno, ao afirmar, em **Tejas Verdes**: “[...] muitos detalhes me escapam e, fundamentalmente, a possibilidade de transmitir a experiência da passagem do tempo, de esperar o tempo naquela situação de confinamento sem prazos estabelecidos e sem fins conhecidos”<sup>266</sup>. Ao transferir as suas memórias para um registro escrito, o sobrevivente seleciona dentre aquelas que estão vigentes no momento da escrita, ciente de que outras tantas memórias estão obscuras e, ainda, que algumas são indescritíveis ou inexpressáveis.

Por conseguinte, recordar as memórias que o sobrevivente presumivelmente desejaria esquecer é uma tarefa árdua, pois toca na ferida aberta de quem sobreviveu à catástrofe e carrega o trauma dessa vivência. Ainda na prisão, Valdés antevia que seria uma tarefa difícil e intensa registrar a sua condição de prisioneiro e de possível sobrevivente da ditadura chilena. Esse entendimento foi confirmado após a sua libertação, pois o autor optou em manter essa constatação na sua escrita:

Falar daqui sobre tudo isso como uma realidade nebulosa, como uma situação histórica única dilapidada pelo medo, soa como um pesadelo; mas ainda mais para nos reconhecermos, enquanto falamos, como sobreviventes dessa realidade. Porque, se algum dia conseguirmos sair

<sup>265</sup> RICHARD, Nelly. Citar a violência: a rotina oficial e as convulsões do sentido. In: \_\_\_\_\_. **Intervenções críticas**: arte, cultura, gênero e política. 2002. p. 80-81.

<sup>266</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 07. Traduzido do original: “[...] muchos detalles se me escapan y, fundamentalmente, la posibilidad de transmitir la experiencia del paso del tiempo, de la espera del tiempo en esa situación de encierro sin plazos establecidos y sin fines conocidos”.

daqui... o que seremos se não conseguirmos? Na melhor das hipóteses, indivíduos isolados, obscuramente ocupados em manter nossas vidas. Melancólico do que não sabíamos fazer com a história<sup>267</sup>.

No trecho acima, Valdés menciona uma realidade “nebulosa”, ou seja, confusa, imprecisa, sem uma explicação ou razão coerente para o que estava acontecendo. Tampouco após a sua libertação aquela “realidade nebulosa” pôde ter clareza, assim como ainda não há nos dias de hoje e, possivelmente, não haverá no futuro. Logo, para o sobrevivente, abordar essa realidade, permeada de dor, violência, incertezas e injustiça, pode ser comparada a um pesadelo, tamanha as sensações negativas que esse ato pode causar.

Nessa perspectiva, Carlos Liscano também expressa, em **El furgón de los locos**, a dificuldade de recordar e de narrar sobre o longo período em que passou na prisão durante a sua juventude. O escritor uruguaio elaborou a escrita do seu testemunho aos 51 anos de idade, já um homem “maduro”, porém ele reitera: “[p]ermanecerei igualmente desorientado frente ao exercício da liberdade do dia 14 de março de 1985, quando viajava no furgão dos loucos”<sup>268</sup>. A prisão e a tortura impostas pelas ditaduras causaram um impacto e uma desintegração tão profunda sobre o prisioneiro, sobre seu corpo e sua mente, sobre suas emoções e convicções, sobre sua história pessoal como um todo, que ter a sua liberdade restituída causou a sensação de desorientação. Para falar ou escrever sobre seu passado e seu presente, o sobrevivente precisa juntar os fragmentos de uma história desconstruída e de um sujeito que tentou ser anulado, para reformular o passado e se constituir como homem ou mulher novamente. Mesmo após muitos anos depois de sua libertação, Liscano ainda se sente desorientado frente a sua condição de prisioneiro e de sobrevivente. Eis a espinhosa tarefa de recordar e de testemunhar.

No que tange ao recordar e ao narrar as memórias traumáticas, Diego Frichs Antonello, consonante às abordagens anteriores, destaca que “[a]s ‘lembranças’

<sup>267</sup> Idem. Ibidem. p. 72. Traduzido do original: “Hablar desde aquí de todo eso como de una realidad esfumada, como de una situación histórica única dilapidada por el temor, suena la pesadilla; pero más todavía reconocernos a nosotros mismo, en la medida que hablamos, como sobrevivientes de esa realidad. Porque, si logramos salir de aquí alguna vez ¿qué seremos si no? En el mejor caso, individuos aislados, ocupándonos obscuramente de mantener nuestras vidas. Melancólicos de lo que no supimos hacer con la historia”.

<sup>268</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 184. Traduzido do original: “Seguiré igual de desorientado frente al ejercicio de la libertad que el 14 de marzo de 1985, cuando viajaba en el furgón de los locos”.

referentes à neurose traumática também têm como característica imagens muito nítidas e literais do acontecimento traumático, que aparecem na consciência de maneira independente da vontade do sujeito”<sup>269</sup>. O autor usa o termo “lembranças ultraclaras” para se referir “[...] às impressões traumáticas que retornam compulsivamente ao sujeito”<sup>270</sup>, diferentemente das lembranças que se referem à rememoração ou à recordação. Isto é, tais lembranças se manifestam de forma incontrolável e intensa ao sobrevivente, causando um sofrimento compatível ao do momento do evento traumático. Nesse segmento, Carlos Liscano<sup>271</sup> e Flávio Tavares<sup>272</sup> apontam para as lembranças ultraclaras, nítidas e literais que os acompanharam após as ditaduras, que os faziam reviver os episódios traumáticos, mesmo passados anos da libertação. Tais lembranças impossibilitam o esquecimento e, frente a isso, cabe ao sobrevivente recordar: “[a] única solução é não esquecer. E por não esquecer te conto, minha amada. Como um grito te conto. Ouve e lê”<sup>273</sup>.

Portanto, por mais que o sobrevivente tente manter o silêncio e não relatar o que viveu, a fim de evitar mergulhar novamente na vivência traumática, as lembranças nítidas, descontroladas e frequentes o fazem buscar outras alternativas, almejando alguma compreensão e uma forma de melhor conviver com o seu passado. Assim sendo, a literatura do testemunho é um meio, embora não o único, “de resistir, de sobreviver, porque, ao escrever, o autor empreende uma luta para obscurecer as ‘lembranças’ ultraclaras e a claridade devoradora do traumático”<sup>274</sup>.

Quanto à escolha por escrever, Alicia Partnoy, após a libertação da prisão durante a ditadura argentina, destaca em **La escuela**: “[c]omo sobrevivente, senti que era meu dever ajudar e testemunhar o que aconteceu”<sup>275</sup>. Aproximadamente 5 anos após a sua libertação, ocorrida em 1979, ainda no exílio, Partnoy recordou e

---

<sup>269</sup> ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. 2020. p. 42.

<sup>270</sup> Idem. Ibidem. p. 42.

<sup>271</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 94-95.

<sup>272</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento: os segredos dos porões da ditadura**. 2012. p. 11-13.

<sup>273</sup> Idem. Ibidem. p. 13.

<sup>274</sup> ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. 2020. p. 134.

<sup>275</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 13. Traduzido do original: “Como sobreviviente, sentí que era mi deber ayudar y dar testimonio de lo ocurrido”.

reelaborou o seu passado e, então, deu forma ao seu relato testemunhal sobre os horrores vivido na prisão denominada “La Escuelita”, “[...] cuyos profesores se especializan en enseñar a perder la memoria y la convicción ideológica por medio de la tortura y la humillación”<sup>276</sup>. Já os escritores Carlos Liscano e Flávio Tavares protelaram por cerca de 30 anos a escrita de seus testemunhos. Tal demora deve-se, em especial, a dois fatores: o sentimento de incapacidade de verbalizar e expressar a vivência traumática e a tentativa frustrada de esquecimento, ambos mencionados pelos autores, além de outros que podem ter permanecido ocultos.

Nesse contexto, o sobrevivente uruguaio admite que “[p]assarão muitos anos, quase trinta, antes que possa dizer o que sinto. Não dizer-me ‘o que se sente’, mas o que sentimos, ele e eu [o corpo]”<sup>277</sup>. Do mesmo modo, Tavares declara: “[s]ão 30 anos que esperei para escrever e contar. Lutei com a necessidade de dizer e a absoluta impossibilidade de escrever. A cada dia, adiei o que iria escrever ontem”<sup>278</sup>. Logo, percebe-se que o embate entre esquecer e recordar o passado e, também, enfrentar as limitações da linguagem e a inexpressibilidade da vivência traumática, para dar uma configuração para a escrita do testemunho, pode se estender por um longo período de tempo ou, até mesmo, por uma vida. O prisioneiro, através do confinamento e da tortura, é destituído de sua história e sofre um processo de anulação do seu “eu” na prisão. Portanto, por vezes, ele sente necessidade de reconstituir a sua própria história, sem o esquecimento do passado, mas de forma que possa olhar para a vivência passada, restituí-la e compreendê-la (e não concordar!) como parte daquilo que o constitui no presente. E esse é um processo complexo e doloroso, pois é preciso tocar novamente na ferida aberta do passado de terror.

No caso do escritor Carlos Liscano, ele já tinha em mente adentrar no mundo da escrita, para além das escrituras elaboradas na prisão, após ser liberto. Diante da liberdade, Liscano não tem perspectiva do que fazer da sua vida, exceto em um aspecto: “[...] que me dedicarei a escrever. Não sei se pelo resto da minha vida, mas pelo menos até o dia no qual eu não tenha mais nada para dizer.

<sup>276</sup> Idem.Ibidem. p. 15. Traduzido do original: “[...] cuyos maestros se especializan en enseñar a perder la memoria y la convicción ideológica a fuerza de tortura y humillaciones”.

<sup>277</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 07. Traduzido do original: “Pasarán muchos años, casi treinta, antes de que pueda decirme qué es lo que siento. No decirme “que se siente” sino qué sentimos él y yo”.

<sup>278</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento: os segredos dos porões da ditadura**. 2012. p. 11.

Escrever, até novo aviso, será o centro da minha vida”<sup>279</sup>. Contudo, para além da ficção, escrever o seu testemunho enquanto sobrevivente da ditadura militar uruguaia desencadeou um conflito interno que se entendeu por um longo período. Somente após 27 anos, o escritor encontra uma voz que fale dos velhos tempos, uma voz que entende a relação entre o indivíduo isolado e as palavras com suficiente ordem e interesse literário e, então, o autor escreve **A linguagem da solidão**<sup>280</sup>, crendo que esse é o seu limite de escrita sobre o passado. No entanto,

[...] um ano depois, de repente, a voz abrirá caminho, será imponente, vai querer dizer, contar, com ou sem ordem, com ou sem qualidade literária. E a voz não poderá ser detida, dirá o que escrever, resgatará os feitos, sensações, sentimentos de que não se lembrava<sup>281</sup>.

A passagem acima comprova que, mesmo tendo optado pela carreira de escritor, Liscano passou por um longo e conflituoso processo até ser capaz de elaborar e narrar as suas próprias memórias no relato de testemunho **El furgón de los locos** (2001). Destarte, é evidente que cada sobrevivente do período ditatorial sofre consequências diferentes e passa por um processo com características muitos particulares em relação à memória, ao esquecimento, à recordação e à elaboração da vivência traumática. Valdés publicou o seu testemunho imediatamente após a sua libertação, Partnoy o fez cerca de 5 anos após a sua liberdade, já Liscano e Tavares levaram cerca de 30 anos para isso. Independentemente das razões que conduziram cada um dos sobreviventes a narrar o passado com tamanha diferença de tempo entre a libertação e a escrita, é ético respeitar as singularidades, as escolhas e a forma de cada um lidar com a vivência traumática.

No que diz respeito às lembranças dos sobreviventes da ditadura militar, elas estão relacionadas não somente à mente do sujeito, mas também ao próprio corpo, outrora preso e torturado, pois são das sensações do corpo que surge parte dos testemunhos e, geralmente, tal aspecto tem lugar de destaque nos relatos

<sup>279</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 182. Traduzido do original: “[...] que me dedicaré a escribir. No sé si por el resto de la vida, pero por pelo menos hasta el día en que no tenga más nada que decir. Escribir, hasta nuevo aviso, será el centro de mi vida”.

<sup>280</sup> Idem. Ibidem. p. 183.

<sup>281</sup> Idem. Ibidem. p. 183. Traduzido do original: “[...] un año después, de golpe, la voz se abrirá camino, se me impondrá, querrá decir, contar, con o sin jerarquía, con o si calidad literaria. Y la voz se hará indetenible, me dirá qué escribir, rescatará hechos, sensaciones, sentimientos que no recordaba”.

testemunhais. Para Antonello, “[...] o corpo é frequentemente evocado como lugar de memória”<sup>282</sup>. Nota-se, nos relatos testemunhais aqui analisados, que todos os autores dedicam parte da sua escrita para falar dele e, também, da intensa relação e conhecimento que o sujeito desenvolve com o corpo sofrido e torturado no ambiente do cárcere.

Nesse sentido, Liscano, no decorrer do seu testemunho, enfatiza a relação de seu corpo com as suas memórias: “O corpo, que durante tantos anos foi a única coisa que tive, apesar dos golpes, das misérias, do nojo que outrora senti por ele, agora, já no caminho da velhice, amigo animal, continua sendo fiel a mim”<sup>283</sup>. Na prisão, o corpo é o único bem que resta ao prisioneiro e, aqui, Liscano mostra a relação ambígua que desenvolveu para com ele: ao mesmo tempo em que sentia “nojo” do corpo torturado, também sabia que era a única coisa que ele possuía. E esse corpo, uma vez resistindo à tortura e às condições sub-humanas do cárcere, levará sempre consigo as marcas da violência, sendo, por si só, um desencadeador das lembranças do horror a que foi submetido. Numa relação indissociável entre corpo, memória e sujeito, o autor destaca: “[a] única coisa que pedi ao meu corpo durante a tortura foi que me permitisse um dia olhar para o rosto deles com dignidade”<sup>284</sup>, ou seja, o pedido feito ao seu próprio corpo se relaciona às lembranças, às emoções e aos sentimentos futuros, como a possibilidade de ter a sua dignidade restaurada.

Afora isso, em relação à escrita e ao registro dos testemunhos dos sobreviventes da ditadura militar, há outros elementos que podem exercer influência sobre o narrar ou o silenciar. Censura e repreensão são termos familiares para os sobreviventes das ditaduras latino-americanas. A forte censura imposta nos regimes ditatoriais teve continuidade mesmo após o fim dos referidos regimes, seja de forma velada ou, em alguns países, mais explícita. Para o jornalista e escritor Antonio Callado, “[o] controle sobre o pensamento e sobre a imprensa na América Latina não dá sinais de esmorecer. Como sempre tem ocorrido, isso se dá de forma mais violenta em alguns lugares do que em

---

<sup>282</sup> ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. 2020. p. 30.

<sup>283</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 185. Traduzido do original: “El cuerpo, que durante tantos años fue lo único que tuve, pese a los golpes, a las miserias, al asco que una vez sentí por él, ahora, ya en el camino de la vejez, animal amigo, sigue siéndome fiel”.

<sup>284</sup> Idem. Ibidem. p. 185. Traduzido do original: “Lo único que le pedí a mi cuerpo en la tortura fue que me permitiera algún día mirarlos a la cara con dignidad”.

outros”<sup>285</sup>. O fim dos regimes ditatoriais não significou a total exclusão da censura, nem a liberdade de expressão absoluta. Após um acontecimento tão brutal como a ditadura, a liberdade de expressão precisou ser reconstruída aos poucos. Todavia, “[...] sob a aparente paz e ordem encontradas em tantos países da América Latina, uma corrente de inconformismo vai atingindo níveis cada vez mais profundos. [...] Os que pensam e os que sofrem estão confluindo para um mesmo caminho”<sup>286</sup>.

Nessa perspectiva, Nelly Richard afirma que, convenientes com a censura que continuou após as ditaduras em alguns governos, estão até os próprios meios de comunicação:

[...] as dissipativas formas de esquecimento que os meios de comunicação elaboram, diariamente, para que nem a *lembrança* nem sua *supressão* se façam notar, em meio a tantas finas censuras invisíveis, que restringem e anestesiam o campo da visão<sup>287</sup>.

Toda a repressão e censura do período podem ser agravantes para, além da imprensa e dos meios de comunicação, o sobrevivente não expor a sua vivência ou escrevê-la. Contudo, para algumas pessoas que passaram pela prisão e pela tortura, há a necessidade imediata de rememorar e registrar a sua vivência traumática. Toma-se aqui como exemplo o escritor chileno Hernán Valdés, sobrevivente do campo de concentração militar Tejas Verdes, e o seu relato de testemunho. Valdés foi prisioneiro no referido campo no período de 12 de fevereiro a 15 de março de 1974 e, em abril do mesmo ano, já em Barcelona, escreveu o seu relato de testemunho que leva o nome do campo de concentração em que foi prisioneiro, Tejas Verdes, e, também, na continuidade do título, “diário de um campo de concentração”, que chama a atenção para a forma do livro. O sobrevivente escreveu o seu relato em cerca de três semanas, com muita pressa e no calor das suas memórias<sup>288</sup>, ao sentir que estava em uma liberdade incerta. Por isso, Valdés destaca que o leitor não deve buscar em suas páginas qualquer forma de elaboração literária, pois “[a] linguagem é fundamentalmente funcional e isso

<sup>285</sup> CALLADO, Antonio. **Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos**. 2006. p. 94.

<sup>286</sup> Idem. Ibidem. p. 98.

<sup>287</sup> RICHARD, Nelly. Citar a violência: a rotina oficial e as convulsões do sentido. In: \_\_\_\_\_. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. 2002. p. 85.

<sup>288</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes: diario de un campo de concentración en Chile**. 1974. p. 06.

significou uma nova experiência para mim”<sup>289</sup>. Desse modo, o autor deixa claro que o registro dos fatos ocorridos estava acima de qualquer pretensão de estética literária.

Nesse sentido, no caso de Valdés, ao contrário de muitos sobreviventes, a necessidade de escrever as suas memórias criou um estado de urgência, fazendo com que o autor, imediatamente após o evento traumático, registrasse as suas memórias na ânsia de que elas não se perdessem ou, ainda, que ele fosse novamente privado da liberdade e, conseqüentemente, não pudesse contar sobre os terríveis acontecimentos que vivenciou, devido à repressão e à censura. Escrever era uma necessidade imediata e elementar para o sobrevivente, assim como se alimentar ou respirar. Porém, a decisão de escrever o seu relato testemunhal foi uma tarefa complexa: “[a] escrita dessas evocações tem sido um profundo desgosto para mim, mas, se a assumi, não foi com o propósito de exhibir ou comunicar uma experiência pessoal infeliz, mas de mostrar, por meio dela, a experiência atual do povo chileno”<sup>290</sup>. Assim, Valdés enfatiza que optou pela dura tarefa de escrever o seu relato com um intuito maior do que expor a sua história pessoal, mas com o propósito de trazer a público e denunciar os abusos e as atrocidades do governo ditatorial chileno para com o povo.

Para tanto, tendo em mente o seu propósito primeiro e, também, a insegurança e os perigos ainda presentes na época da publicação, Valdés tomou alguns cuidados ao escrever a sua narrativa como, por exemplo, alterar o nome das pessoas mencionadas, embora elas, assim como ele, já estivessem no exterior<sup>291</sup>. Um aspecto que chama a atenção é a sua escrita em forma de diário, seguindo uma ordem cronológica rigorosa, em uma narrativa de cada dia na prisão, datadas com o dia da semana e, na sequência, dia, mês e ano, resultando numa sequência coesa e lógica dos acontecimentos durante a sua condição de prisioneiro, iniciando a narrativa do diário no dia da sua prisão e encerrando no momento exato da sua libertação.

---

<sup>289</sup> Idem. Ibidem. p. 06. Traduzido do original: “El lenguaje es fundamentalmente funcional y esto ha significado para mí una experiencia nueva”.

<sup>290</sup> Idem. Ibidem. p. 05. Traduzido do original: “La redacción de estas evocaciones me ha sido una profunda repugnancia, pero, si la he asumido, no ha sido con el objecto de exhibir o comunicar una desgraciada experiencia personal, sino para mostrar, a través de ella, la experiencia actual del pueblo chileno”.

<sup>291</sup> Idem. Ibidem. p. 07.

Embora Valdés tenha sintetizado as transcrições do interrogatório para não fatigar o leitor, selecionando os episódios e os conteúdos que considera relevante expor, ele preservou os insultos e as deformações verbais usadas no Chile, “pois qualquer adaptação implicaria necessariamente uma mentira”<sup>292</sup>. Percebe-se, então, o comprometimento do autor com a verdade ou, diga-se, a “sua verdade”, a fim de que seu testemunho tenha uma boa recepção, com credibilidade, e sirva como objeto de denúncia contra o regime de governo vigente em seu país e como uma via de esperança e voz para os que foram subjugados a ele.

Ainda pelo prisma da repressão e da censura, Alicia Partnoy, em **La escuelita**, afirma que o fato de ela não estar em seu país, assim como Valdés, garantiu-lhe a segurança para escrever o seu relato após a sua libertação: “[e]sse testemunho foi originalmente o que descreveu com mais detalhes o campo de concentração e a vida nele. Isso se deve ao fato de eu ter sido expulsa do país, o que me permitiu fazer declarações sem temer pela minha segurança pessoal”<sup>293</sup>. A declaração de Partnoy demonstra o clima de insegurança, repressão e censura que cercava os sobreviventes da prisão, mesmo após a libertação, e, possivelmente, essa situação retardou o testemunho de muitos sobreviventes que foram libertos, mas continuaram na Argentina. O exílio, por sua vez, garantiu o ambiente de proteção de que a autora precisava para narrar com detalhamento a vida no campo de concentração La escuelita.

Similar ao período de medo e de incertezas que seguiu após o fim das ditaduras chilena e argentina, os demais países da América Latina que viveram suas ditaduras também tiveram contradições e posições dúbias para tratar sobre o referido período e, em especial, para dar suporte às vítimas e aos sobreviventes do cárcere tal como é o caso do Brasil. Nesse país, as vítimas da ditadura militar não tiveram voz, segundo Jeanne Marie Gagnebin, “pela simples razão de que não existe nenhum estatuto de vítima; de que nenhum texto oficial, de lei ou de história, usa essa palavra, a qual, por sua vez, acarreta uma pergunta complementar: quem

---

<sup>292</sup> Idem. Ibidem. p. 07. Traduzido do original: “[...] pues toda adaptación habría implicado necesariamente un falseamiento”.

<sup>293</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuelita**: relatos testimoniales. 2006. p. 116. Traduzido do original: “Este testimonio era en un principio el que con mayor detalle describía el campo de concentración y la vida allí. Esto debió al hecho de haber sido expulsa del país, lo que me permitió emitir declaraciones sin temer por mi seguridad personal”.

foram os carrascos?”<sup>294</sup>. Logo, se na legislação brasileira não existe a palavra “vítima” para se referir aos desaparecidos, aos assassinados ou aos torturados, mas que sobreviveram; assim como não existe uma palavra para se referir aos direitos dos seus descendentes, como falar em justiça? Nessa perspectiva, são denominados como “[...] aqueles que foram ‘atingidos’, para se referir aos que são considerados oficialmente falecidos ou, quando se trata de pessoas ainda vivas, mas cuja carreira foi prejudicada pela ditadura, como ‘anistiados’”<sup>295</sup>. Com isso, o período ditatorial e os aspectos que o envolvem são tratados pelos governos subsequentes de forma obscura. Além disso, há uma coerção ao esquecimento e, em vista disso, Richard explica:

Frente às múltiplas desvinculações entre passado e presente, fabricadas pelas tecnologias do esquecimento – tecnologias especializadas em suprimir as articulações biográficas e históricas das sequências cronológicas e também apagar a problematidade de seus enlaces –, talvez devamos ativar a proliferação de relatos, capazes de multiplicar as tramas da narratividade, ao colocar para funcionar antecipações e retrospectivas, levando, desse modo, a temporalidade da história a se voltar sobre si mesma, em cada interseção de fatos e palavras, ressaltando a imagem mentirosa de um “hoje” desligado de todo o antecedente e cálculo oficiais<sup>296</sup>.

Por esse viés, observa-se a tentativa de esquecimento coletivo elaborado por alguns governos, em relação aos acontecimentos violentos e indescritíveis dos regimes ditatoriais. Em muitos casos, o poder apagou as provas e consumiu com os sinais dos crimes cometidos, colocando, assim, os responsáveis e os executores da catástrofe a salvo de provas materiais. Porém, aqueles que sobreviveram aos porões da ditadura trazem à tona os vestígios do passado, pois “[r]astrear, escavar, desenterrar, marcam a vontade de fazer aparecer os pedaços de corpos e de verdades que faltam, para juntar, assim, uma prova que complete o que não foi completado pela justiça”<sup>297</sup>. Logo, os fragmentos de um passado silenciado podem ser reinseridos na narrativa, seja com a formalidade de uma narrativa histórica, biográfica ou, ainda, na autonomia dos relatos testemunhais,

---

<sup>294</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Esquecer o passado? In: \_\_\_\_\_. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. 2014. p. 252-253.

<sup>295</sup> Idem. Ibidem. p. 253.

<sup>296</sup> RICHARD, Nelly. Citar a violência: a rotina oficial e as convulsões do sentido. In: \_\_\_\_\_. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. 2002. p. 82.

<sup>297</sup> Idem, Ibidem. 2002. p. 83.

como prova de um passado obscuro e da possibilidade de coexistência dos múltiplos sentidos, versões e interpretações dele. Nesse sentido, não há uma verdade histórica absoluta, mas múltiplas verdades que dão forma a um período histórico ainda enigmático e sombrio. Através do simbólico, é preservada a memória daqueles que tiveram o seu corpo físico eliminado, riscado da história.

A propósito, o sobrevivente também lida com “o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si”<sup>298</sup>. Isto é, a literatura de testemunho toca no âmago das lembranças do sobrevivente e provoca-o a recriar a vivência de dor e sofrimento, reconstituindo também a memória daqueles que não suportaram a tortura e daqueles que foram executados ou desapareceram. Através da compaixão do sobrevivente para com as vítimas, elas ganham identidade e voz através da literatura de testemunho. Ademais, o resgate da memória do passado é um grande anseio também para os familiares dos detidos que foram mortos e/ou que desapareceram nos períodos ditatoriais. Passados anos do fim da ditadura, se não há o resgate da história e do corpo, há a luta contínua pelo resgate da memória dos desaparecidos, pois silenciar a memória deles seria fazê-los desaparecer novamente.

Nos relatos de testemunho de Valdés, Partnoy, Tavares e Liscano, evidenciam-se a memória e a voz dos seus companheiros de prisão que não sobreviveram à ditadura. Valdés, por exemplo, dedica o seu livro aos ex-companheiros de prisão e àqueles que ficaram ou chegaram a Tejas Verdes durante o seu exílio, e, também, aos amigos que criaram condições para que ele escrevesse<sup>299</sup>. O sobrevivente dá voz aos ex-companheiros por meio da reprodução de diálogos, através da referência direta a seus nomes ou apelidos, além de, em alguns momentos, descrever com riqueza de detalhes as memórias narradas pelos que dividiram consigo o cárcere<sup>300</sup>. Além disso, em seu relato, Valdés também faz alusão àqueles que julga apresentar limitação linguística para expor suas vivências no campo de concentração chileno:

Imagino rapidamente a impotência verbal daqueles camponeses, sua incapacidade de dar um relato matizado de sua aventura, sua tendência a

---

<sup>298</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. 2007. p. 101.

<sup>299</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 07.

<sup>300</sup> Idem. Ibidem. p. 64-68.

atribuir os males à fatalidade e a esquecer rapidamente as manifestações dessa fatalidade. O que está escondido por trás dessa história?<sup>301</sup>.

Nessa mesma lógica, Partnoy dedica o seu livro ao seu irmão Daniel, “[p]ara quem a vida se tornou tão absurda que resolveu acabar com ela”<sup>302</sup>. Na obra, também há algumas ilustrações de sua mãe, que representou com traços enérgicos o sofrimento e a realidade brutal da ditadura através pintura<sup>303</sup>. No entanto, como já mencionado, Partnoy afirma que as vozes dos seus companheiros de cárcere ressoavam fortemente na sua memória, e a publicação do seu testemunho é uma maneira de dar continuidade a essas vozes e não permitir que sejam silenciadas. Nas palavras da autora, “[...] ao compartilhar esta experiência com vocês, presto homenagem a uma geração de argentinos perdidos na tentativa de alcançar a justiça e a mudança social. Também presto homenagem às vítimas da repressão na América Latina”<sup>304</sup>.

A escritora argentina mantém o compromisso com a memória dos seus companheiros de prisão ao longo de todo o texto, narrando sobre eles, com nomes e riqueza de detalhes, dando-lhes voz em primeira pessoa e, até mesmo, usando como epígrafes frases dos demais prisioneiros como, por exemplo, a seguinte: “Se eu não a vir de novo, dê um beijo na menina gordinha por mim. Faça dela uma menina feliz, forte, mas ao mesmo tempo sensível, que saiba se doar aos outros”<sup>305</sup>. Tal frase, usada como epígrafe por Partnoy, foi dita pela então companheira Zulma Izurieta, em 12 de abril de 1977, na noite em que a levaram da Escolinha, e reflete o medo e a incerteza sobre a vida e sobre o futuro dos prisioneiros, pois a possibilidade de morte era constante.

Para o brasileiro Tavares, o testemunho tem uma conotação pessoal intensa, no sentido de que serve como uma via para reorganizar as suas memórias

---

<sup>301</sup> Idem. Ibidem. p. 75. Traduzido do original: “Imagino rápidamente la impotencia verbal de esos campesinos, su incapacidad de dar cuenta matizadamente de su aventura, su tendencia a atribuir los males a la fatalidad y a olvidar prontamente las manifestaciones de esta fatalidad. ¿Qué se esconde tras de ese relato?”.

<sup>302</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 05. Traduzido do original: “[...] para quien la vida llegó a ser tan absurda que resolvió ponerle fin”.

<sup>303</sup> Idem. Ibidem. p. 15.

<sup>304</sup> Idem. Ibidem. p. 15. Traduzido do original: “Hoy, al compartir con ustedes esta experiencia, rindo tributo a una generación de argentinos perdida en el intento de lograr justicia y cambio social. También rindo tributo a las víctimas de la represión en América Latina”.

<sup>305</sup> Idem. Ibidem. p. 93. Traduzido do original: “Si no vuelvo a verla, dale un beso de mi parte a la gordita. Hacé de ella una nena feliz, que sea fuerte pero al mismo tiempo sensible, que sepa darse a los demás”.

e mais bem lidar com o passado. Todavia, no decorrer do seu relato, o autor faz uma série de denúncias através da narrativa de episódios da ditadura brasileira, indicando nomes e datas dos acontecimentos, envolvendo tanto os responsáveis e executores do regime político instaurado, quanto as vítimas da ditadura. Essas últimas, por sua vez, mantêm-se na memória e na história através do relato do sobrevivente.

De modo semelhante, Liscano aborda como os acontecimentos afetaram a sua família, os seus amigos e, também, os seus ex-companheiros de cárcere, pois, ao mesmo tempo em que a prisão é uma vivência única para cada sobrevivente, não há como desvinculá-la de uma vivência coletiva, com diferentes impactos em cada pessoa, de uma forma ou de outra, envolvida. O escritor uruguaio conta a sua história, mas também narra um pouco a história de outros indivíduos próximos de si, como, por exemplo, do seu companheiro de cela, Cholo Gonzáles, sobre quem faz uma breve descrição da sua história, descrevendo, ainda, algumas de suas qualidades pessoais: “Cholo é dirigente sindical. Frequentou poucos anos de escola, mas é um homem culto, amável, solidário”<sup>306</sup>. Tal como a história e a memória de Cholo estão registradas na obra de Liscano, muitas outras vítimas da ditadura têm seu nome e sua história contados por meio da literatura de testemunho.

Afora isso, o testemunho dos sobreviventes é um instrumento para que aqueles que não vivenciaram o referido período não ignorem o duro significado da palavra ditadura ou dos regimes ditatoriais. Dessa forma, o relato testemunhal tem um propósito pedagógico, no sentido de ensinar àqueles que não passaram pelo cárcere e pela tortura um sentido mais próximo dessa vivência. Soma-se a isso o fato de que alguns testemunhos, frente aos esforços dos regimes ditatoriais para encobrir as atrocidades e os crimes cometidos, serviram como prova dos fatos. Esse é o caso do testemunho de Alicia Partnoy, o qual “atuou como prova no julgamento dos responsáveis diretos do campo de concentração”<sup>307</sup>, tendo em consideração que a maioria daqueles que poderiam ser testemunhas foram assassinados e os demais sobreviventes temiam retaliações por parte dos

---

<sup>306</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 18. Traduzido do original: “El Cholo es dirigente sindical. Ha ido pocos años a la escuela, pero es un hombre culto, amable, solidario”.

<sup>307</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuelita**: relatos testimoniales. 2006. p. 116. Traduzido do original: “[...] obro como prueba en el juicio a los responsables directos del campo de concentración”.

militares. O relato de Partnoy apresenta em seus anexos uma lista de crimes: sequestros, assassinatos, desaparecimentos, torturas, saques e intenção de roubar a história, além de apontar nomes e datas com precisão<sup>308</sup>. No anexo 5 do seu livro, por exemplo, Partnoy afirma que, devido à iniciativa do fiscal Hugo Cañon, em dezembro de 1999,

[...] esse texto foi incluído como prova nos julgamentos de verdade que foram realizados em Bahía Blanca. Naquela ocasião, no decorrer da minha declaração, o tribunal autorizou a leitura dos contos "Graciela: em volta da mesa" e "Natividad". Selecionei essas leituras porque considerava que a única brecha para a justiça naquela época era a situação das crianças nascidas em cativeiro<sup>309</sup>.

Desse modo, os relatos testemunhais têm a importante missão de contribuir com a justiça, contrapondo a história oficial do poder e trazendo à tona alguns dos fatos que foram encobertos, gerando, assim, uma possibilidade de fazer alguma forma de justiça aos que foram silenciados, para, de alguma maneira, reconhecer os culpados. Obviamente, a aceitação de um relato testemunhal como prova dos fatos ocorridos durante a ditadura militar varia muito de um país para outro. Porém, trata-se de um instrumento que mantém vivas as memórias que os regimes ditatoriais querem negar ou apagar.

Portanto, diante do exposto, nota-se que são vários os aspectos que envolvem o narrar a vivência traumática da prisão e da tortura, tanto relacionados aos motivos que levam o sobrevivente a adentrar no mundo da escrita para registrar as suas memórias, quanto às expectativas e aos efeitos de tais narrativas. Em todo caso, a jornada da escrita de um testemunho é sempre uma jornada intensa, sofrida e incerta. Para o sobrevivente, inclusive pensar no interesse, na aceitação e na credibilidade que o testemunho tem para o leitor pode ser uma fonte de angústia e de medo. Por esse viés, “[a] literatura de testemunho sinaliza, sobretudo, como o reconhecimento do outro é fundamental para aquele que procura narrar o trauma. Reconhecimento que está no âmago da necessidade de

---

<sup>308</sup> Idem. Ibidem. p. 105-122.

<sup>309</sup> Idem. Ibidem. p. 123. Traduzido do original: “[...] este texto fue incluido como evidencia en los juicios por la verdad que se llevaron a cabo em Bahía Blanca. En esa oportunidad, en el curso de mi declaración, el tribunal autorizó a leer los relatos “Graciela: Alrededor de la mesa” y “Natividad”. Seleccioné esas lecturas por considerar que el único resquicio para la justicia en aquel entonces era la situación de los niños nacidos em cautiverio”.

narrar/escrever daqueles que sobreviveram”<sup>310</sup>. Aqueles que sobreviveram a uma situação inexplicável procuram, também, apoio no outro, no caso, o leitor, no sentido de “ajudar a compreendê-la, compartilhá-la e dar sentido ao que foi experienciado”<sup>311</sup>.

Nessa perspectiva, Partnoy faz um pedido e um alerta direto aos seus leitores, já no prefácio de sua obra: “Peço-lhe que fique atento: nessas Escolinhas, os limites entre a história e as histórias são tão tênues que nem eu mesma consigo detectá-los”<sup>312</sup>. A sobrevivente adverte o leitor sobre o sutil perigo de perder-se entre “as histórias” e de não ter discernimento entre a história oficial e aquelas outras tantas que se passaram nas prisões e nos campos de concentração da ditadura. Já Tavares apela para os sentidos daqueles que compartilharão do seu testemunho, pois, como já mencionado, ele conta como um “grito” e pede: “ouve e lê”<sup>313</sup>. Embora a narrativa seja escrita, o sobrevivente apela para outros sentidos do leitor, além da visão. Assim como um grito chama a atenção para a expressão de um sentimento forte, como o desespero ou a liberdade, o sobrevivente deseja que o leitor tenha sensibilidade para além de ler, “ouvir” o testemunho como um grito de libertação de um passado absurdamente cruel que continua a se manifestar no presente. Segundo Eurídice Figueiredo, o sobrevivente que escreve o seu testemunho,

[...] ao se debruçar sobre a memória e sobre o arquivo, cria narrativas a fim de dar um testemunho pessoal da história. Ao escrever para um público mais amplo, o autor encontra no leitor um elemento ativo na transmissão da memória para que não se apague aquilo que afetou a vida das pessoas<sup>314</sup>.

Assim sendo, o escritor Valdés, já na primeira frase da nota preliminar do seu livro, situa o leitor da sua condição, para que tenha consciência do que está lendo e onde aconteceram os fatos descritos na narrativa do horror: “[o] leitor tem diante de si o diário de um prisioneiro em um dos setores do campo de

<sup>310</sup> ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. 2020. p. 161.

<sup>311</sup> Idem. *Ibidem*. p. 92.

<sup>312</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuelita**: relatos testimoniales. 2006. p. 15. Traduzido do original: “Les pido que se mantengan alerta: en esas Escuelitas, los límites entre la historia y las historias son tan tenuous que ni yo misma los puedo detectar”.

<sup>313</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 11.

<sup>314</sup> FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. 2017. p. 46.

concentração militar de Tejas Verdes, localizado a poucos quilômetros do Porto de San Antonio, na província de Santiago”<sup>315</sup>. Ao declarar a sua condição de prisioneiro ao leitor, Valdés afirma a legitimidade e o conhecimento dos fatos descritos em sua narrativa e, portanto, dignos de atenção, credibilidade e transmissão. Portanto, ao ler um relato de testemunho, é importante ter em mente que eles também são formas de registro e de denúncia das atrocidades do período ditatorial, além de um meio de dar voz ao sobrevivente e aos que foram silenciados, bem como um caminho para a reconstrução da memória e da história individual e coletiva.

Contudo, ao recordar e reconstruir as memórias de um período traumático, cada sobrevivente adentra novamente numa vivência singular, alguns com mais destreza enquanto outros com mais morosidade, mas todos enfrentam novamente uma grande carga de sofrimento e angústia. A decisão de testemunhar envolve o conflito interno entre o esquecer, o lembrar e o desafio de representar através das palavras aquilo que é inenarrável. Ademais, conforme Marcelo e Maren Viñar,

[e]ntre o objeto e sua representação, há sempre uma distância. Todo texto pode induzir à ilusão da apropriação de uma realidade e à crença de que podemos domesticá-la com palavras. Quando se trata do horror, a natureza desta distância deve ser mais questionada. Falar da tortura e de suas consequências, dar um sentido ao horror, marcado de uma intencionalidade humana, isto nos faz tocar os limites do impensável<sup>316</sup>.

Assim, para o sobrevivente, há um distanciamento maior entre a realidade experienciada e a possibilidade de sua representação, mas, não obstante, a necessidade de representá-la permanece, latente ou notória, em cada sujeito. Para a sobrevivente argentina, desde a sua prisão, era importante relembrar quem ela era, numa luta contra o esquecimento ou o apagamento de sua memória e de sua história: “[n]a Escolinha não tenho nome. [...] me chamam de ‘A Morte’. Talvez seja por isso que todos os dias, quando acordo, repito para mim mesma que eu, Alicia

---

<sup>315</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 05. Traduzido do original: “El lector tiene ante sí el diario de un prisionero en uno de los sectores del campo de concentración militar Tejas Verdes, situado a pocos kilómetros del puerto de San Antonio, en la provincia de Santiago”.

<sup>316</sup> VIÑAR, Marcelo; VIÑAR, Maren; BLEGER, Leopoldo. Reflexões sobre uma Clínica da Tortura. In: VIÑAR, Marcelo; VIÑAR, Maren. **Exílio e tortura**. 1992. p. 133.

Partnoy, ainda estou viva"<sup>317</sup>. Para ela, reafirmar seu nome, sua identidade e, apesar de tudo, ainda estava viva, era um meio de se manter como sujeito. Por outro lado, Liscano defrontou anos com o desejo de esquecer o passado e a impossibilidade de fazê-lo antes de narrar a realidade inimaginável:

Então acordo e me dá medo. Não medo deles, mas de mim, de meus sentimentos, deste ódio tão velho, tão profundo, que ainda vive em algum lugar dentro de mim. E fico pensando: este sou eu? Eu sou assim, sou capaz de fazê-lo? E pergunto ao meu corpo se é ele que não pôde esquecer<sup>318</sup>.

Na narrativa do sobrevivente uruguaio, evidenciam-se os conflitos internos e os sentimentos intensos que permanecem no sujeito e envolvem a possibilidade de narrar. Nesse sentido, “[s]e os fatos da memória são inapagáveis – porque não se pode desfazer o que foi feito nem evitar que o que aconteceu tenha acontecido –, pode-se reinterpretar o passado”<sup>319</sup>. Portanto, através da literatura de testemunho, é possível resgatar e usar criticamente a memória, a fim de fazer novas interpretações delas e do passado traumático. Embora nem tudo possa ser lembrado e expresso na narrativa, como salienta Tavares, ao afirmar que, “[n]essa viagem ao ventre da tragédia, ainda não contei tudo”<sup>320</sup>, o testemunho pode ser um meio de resgate e de organização das memórias, as quais são representadas, mesmo que parcialmente, pela linguagem, a qual é um instrumento para lidar com aquilo que é irrepresentável ou indizível e, desse modo, “[t]ornando possível ao escritor/sobrevivente depositar parte da dor que o consome no texto, enfraquecendo-a”<sup>321</sup>.

Por fim, convém frisar que a narrativa de testemunho não é a única forma, quiçá a melhor ferramenta, para se lidar com a memória traumática daqueles que viveram as catástrofes organizadas e executadas pelo homem. Porém, “a literatura

<sup>317</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuelita**: relatos testimoniales. 2006. p. 36. Traduzido do original: “En La Escuelita no tengo apellido”. [...] me llaman “La muerte”. Será tal vez por eso que cada día al despertarme repito para mis adentros que yo, Alicia Partnoy, todavía estoy viva”.

<sup>318</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. pp. 94-95. Traduzido do original: “Y me despierto e y me da miedo. No miedo de ellos sino de mí, de mis sentimientos, de este odio, tan viejo, tan profundo, que todavía vive en algún sitio dentro de mí. Y me quedo pensando: ¿Este soy yo? ¿Yo soy así, soy capaz de hacerlo? Y se lo pregunto a mi cuerpo, si es él que no ha podido olvidar”.

<sup>319</sup> FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. 2017. p. 46.

<sup>320</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 227.

<sup>321</sup> ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. 2020. p.126.

de testemunho, com seus vagalumes<sup>322</sup>, sinaliza a possibilidade de criar um lugar, e uma memória, para o irrepresentável – sem a necessidade de inscrevê-lo em representações”<sup>323</sup>. Isto posto, é evidente que, com o testemunho, algumas necessidades do sobrevivente são supridas, como, por exemplo, organizar minimamente as suas memórias, compartilhar o seu passado de dor e de violência, registrar a sua história e a daqueles que não tiveram essa oportunidade, além de denunciar as barbáries cometidas pelo regime ditatorial. Ao suprir essas necessidades, o sobrevivente reelabora a sua vivência traumática, desencadeando um autoconhecimento mais profundo e um novo entendimento sobre ela. Conseqüentemente, representar e registrar o passado torna-se uma prática libertadora para o sobrevivente, que não precisa mais manter apenas para si o fardo da vivência traumática.

#### 4.2 A REPRESENTAÇÃO DA TORTURA E DA DOR NA NARRATIVA DO SOBREVIVENTE

A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.

(Jean-Paul Sartre)

Diferentemente das narrativas ficcionais sobre a violência, a tortura e a dor, os relatos de testemunhos abordam acontecimentos vivenciados pelo autor-narrador. Tais narrativas centram-se menos na estética e mais na possibilidade de apresentar uma escrita fidedigna das vivências narradas. O conhecimento sobre a violência narrada vem da própria história do autor, pois o narrador é também o sobrevivente. Logo, os sobreviventes de acontecimentos de extrema violência, como os que marcaram os regimes ditatoriais, elaboram as suas narrativas expondo os fatos que assinalaram as suas vivências e que permanecem vivos em suas memórias, dentre os quais se destacam os momentos de tortura e a dor vivenciados nas prisões e nos campos de concentração. Os testemunhos dos

---

<sup>322</sup> Idem. Ibidem. 2020. p. 134. O autor se refere a vagalumes como “[...] pequenas luzes fragmentárias, fugazes e frágeis; [...] são lampejos de esperança e vida que pululam em meio a repetição compulsiva, diferenciando-se desta. [...] [S]ão produtos da repetição que engendra a diferença”.

<sup>323</sup> Idem. Ibidem. 2020. p. 162.

sobreviventes não são sobre uma dor e uma tortura que se esgotaram no momento em que conquistaram a liberdade, mas são sobre uma dor do passado que ainda se mantém viva no momento da narrativa do sobrevivente, cuja mente está presa ao mecanismo de repressão e desumanização a que foi submetido.

Independentemente das particularidades em que a tortura pode ser definida, ela sempre envolve “a infligção de dor bem como a perpetração de um representante da autoridade, geralmente do Estado ou, então, do grupo dominante no respectivo local de tortura”<sup>324</sup>. Assim, a dor e o poder, características preponderantes da tortura, também se evidenciam nas narrativas sobre esses eventos. No entanto, a representação da dor e da tortura na literatura ainda ocupa um espaço obscuro, pois não consegue traduzir ou comunicar tais vivências na sua integralidade.

Nos regimes ditatoriais, a tortura e a dor estavam diretamente vinculadas às condições dos prisioneiros. Nesse sentido, é fundamental compreender, mesmo que com limitações, o que essa situação de dor e de tortura significa, suscita e fomenta em suas vítimas e sobreviventes. De acordo com Elaine Scarry, na obra **The Body in Pain: the Making and Unmaking of the World**, a “[t]ortura envolve tanto um ato físico primário, a aplicação da dor, quanto um ato verbal primário, o interrogatório. A primeira raramente ocorre sem o segundo”<sup>325</sup>. Através desses atos primários, dava-se a tentativa de extrair informações dos prisioneiros ou, por vezes, servia apenas para satisfazer o sadismo do torturador. A partir do subtítulo, a autora divide o seu livro em duas partes intituladas *Unmaking* e *Making*, que podem ser traduzidas, respectivamente, como “dissolução” e “composição”. A dissolução se refere à destruição do mundo para o indivíduo que está sob tortura, visto que os torturadores dominam a interpretação e a objetificação da dor, transformando a linguagem do indivíduo, independentemente da sua forma, em aliada, com a finalidade de intensificar a condição de dor, sofrimento e degradação ou anulação do sujeito. Já a composição, para Scarry, diz respeito ao processo inverso à primeira parte, no qual o sujeito, através da objetificação da dor em linguagem, isto é, na tentativa de dar expressão a sua dor em uma maneira que

---

<sup>324</sup> KRAMER, Sven. Dor de tortura e literatura. In: UMBACH, Rosani Ketzer; CALEGARI, Lizandro Carlos. **Estética e política na produção cultural**: as memórias da repressão. 2011. p. 31.

<sup>325</sup> SCARRY, Elaine. **The Body in Pain: the Making and Unmaking of the World**. 1985. p. 28. Traduzido do original: “Torture consists of a primary physical act, the infliction of pain, and a primary verbal act, the interrogation. The first rarely occurs without the second.”

pode ser experienciada por outros, pode operar como um atenuante da dor. Para a autora, “[p]or um lado, o ‘sistema de produção’ é uma materialização da própria atividade da imaginação da “composição” [...]. Por outro lado, é uma extensão engenhosa dos segredos metabólicos e genéticos do corpo humano”<sup>326</sup>.

O poder da dor física é enfatizado por Scarry ao citar exemplos de observações antigas de como ela pode aniquilar a dor psicológica de uma pessoa, pois ela suprime todo o conteúdo doloroso, prazeroso e neutro. A autora menciona a observação de Karl Marx de que o sofrimento físico é um antídoto para o sofrimento psicológico. Nesse sentido, referindo a dor física, ela afirma que o “[n]osso reconhecimento de seu poder de acabar com a loucura é uma das maneiras pelas quais, consciente ou inconscientemente, reconhecemos seu poder de acabar com todos os aspectos do eu e do mundo”<sup>327</sup>. Por esse viés, é plausível afirmar que a dor física, e aqui em especial a advinda da tortura, é um instrumento poderoso na tentativa de anular e subjugar o sujeito.

Scarry menciona que há diferentes formas de provocar a dor física a um indivíduo, e a dor pode ter diferentes objetivos e efeitos sobre aquele que a sofre. Por exemplo, a autoflagelação do asceta religioso, que o faz como uma estratégia de mostrar ao corpo que os conteúdos do mundo são revogados para abrir caminho para a entrada de uma força não-mundana, ou ainda, de uma pessoa idosa que enfrenta a morte, ou de alguém que é machucado durante um tratamento odontológico. No entanto, a posição do sujeito que é submetido à tortura é totalmente diferente da pessoa que experienciou a dor em um contexto religioso, ou em um procedimento médico ou que pela idade avançada enfrentou a morte.<sup>328</sup>

A diferença se dá essencialmente por três pontos principais: a duração, o controle e o propósito da dor física<sup>329</sup>. O torturado não tem conhecimento do período de tempo pelo qual sofrerá a dor, nem controle de como essa dor lhe será infligida e, tampouco, entende o propósito da dor imposta, pois não há sequer

---

<sup>326</sup> Idem. Ibidem. p. 244. Traduzido do original: “On the one hand, the “system of production” is a materialization of the imagination's own activity of “making” [...]. On the other hand, it is an artful extension of the metabolic and genetic secrets of the human body.

<sup>327</sup> Idem. Ibidem. p. 34. Traduzido do original: “Our recognition of its power to end madness is one of the way in which, knowingly or unknowingly, we acknowledge its power to end all aspects of self and world.”

<sup>328</sup> Idem. Ibidem. p. 34.

<sup>329</sup> Idem. Ibidem. p. 34.

fragmentos de uma explicação razoável para esse sofrimento, imposto por um contexto político. É um sofrimento sem justificativa ou propósito, do qual não se sabem as consequências e que conduz o sujeito a um limite tênue entre a vida e a morte.

No entanto, para os prisioneiros, a dor pode começar ainda antes da tortura propriamente dita. A chegada ao cárcere, os interrogatórios, bem como as condições da própria prisão são elementos desencadeadores da dor, do desconforto e do início de uma prova de resistência psicológica. Observa-se, nos relatos testemunhais, que a própria prisão oferece as condições para o sofrimento físico e psicológico, pois ela era preparada exatamente para isso, com diferentes requintes de crueldade, dependendo do contexto. A exemplo disso, toma-se o testemunho do chileno Hérnan Valdés, **Tejas verde**, que relata a fragilidade do seu estado físico devido à cela em que fora confinado inicialmente:

O frio começou a produzir uma sensação de doença, febre e desamparo físico. Meu traseiro dói atrozmente. Não existe uma única posição, carregando o peso para frente ou para trás, com um assento ou com o outro, que eu não tenha experimentado; sinto toda a região glútea inchada, saturada de sofrimento e, se por alguns segundos eu consegui levantá-la uma polegada, inclinando-me com as bordas das palmas das mãos na borda da cadeira, isso, mais do que aliviar, reduz a sensibilidade. E depois há a sensação de peso nos ombros, de afundamento das costas por uma carga indefinida<sup>330</sup>.

Nota-se, nesse excerto do testemunho de Valdés, a debilidade causada já pelas condições de confinamento, que o deixava imóvel na maioria do tempo, provocando dores e ferimentos em seu corpo, pois não era possível ficar em uma posição que trouxesse alívio físico. Para expressar o seu sofrimento na narrativa, o escritor e testemunha faz uso de figuras de pensamento como a gradação, isto é, uma sequência de palavras ou expressões que estabelecem uma progressão: “[...]”

---

<sup>330</sup> VALDÉS, Hérnan. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 26. Traduzido do original: “El frío ha comenzado a producirme una sensación de enfermedad, de fiebre y desamparo físico. El culo me duele atrozmente. No hay una sola posición, cargando el peso hacia adelante hacia o hacia atrás, con una asentadera o con la otra, que no haya ensayado; siento con toda esa región glútea tumefacta, saturada de sufrimiento, y si por unos segundos logro levantarla algún centímetro, apoyándome con los bordes de las palmas sobre el borde de la silla, esto, más que proporcionarme alivio, reduce la sensibilidad. Y luego está la sensación de peso en los hombros, de hundimiento de la espalda por una carga indefinible.”

sensação de doença, febre e desamparo físico. Meu traseiro dói atrozmente.”<sup>331</sup> Através dessa sequência de sensações descrita na narrativa, a testemunha demonstra quão intenso e crescente era o sofrimento a que foi submetido e as múltiplas formas de sofrimento tanto psicológico, expresso através do sentimento de desamparo, quanto físico, expresso através das palavras “doença” e “febre”, até chegar a dor atroz.

Além disso, no trecho citado anteriormente, destacam-se as antíteses, como na frase “mais do que ‘aliviar’, ‘reduz a sensibilidade’. E depois há a sensação de ‘peso nos ombros’, de ‘afundamento’ das costas por uma carga indefinida”<sup>332</sup>. Assim, o narrador expressa as sensações opostas que sobrevinham a ele de modo concomitante no ambiente da prisão, como o alívio e a redução da sensibilidade e, ao mesmo tempo, o peso e a carga que sentia sobre o seu corpo. São palavras de sentidos opostos usadas para descrever a vivência da testemunha, mas que não se anulam, ao contrário, destacam o misto de sensações que o sobrevivente experienciou bem como a intensidade do seu sofrimento.

Consequentemente, o contexto de prisão e de dor do então prisioneiro não o deixava pensar ou refletir com clareza sobre as circunstâncias em que estava envolvido: “[n]ão é que eu pense sobre tudo isso; eu sou incapaz de refletir. São visões e sensações muito rápidas que passam por mim e desaparecem, dominadas pelas seguintes”<sup>333</sup>. As condições do confinamento, além de afetarem o corpo através da dor e da vulnerabilidade física, atingem também o lado psicológico do prisioneiro, debilitando a sua capacidade de raciocínio e de reflexão.

Logo no início de seu testemunho, Alicia Partnoy também expõe as condições em que ficou, juntamente com outros prisioneiros, nas celas do campo clandestino de detenção La Escuelita: em silêncio e imóvel, de olhos vendados e com as mãos amarradas. Além disso, a água era escassa, e os prisioneiros ficavam mais de 18 horas sem comer e, quando recebiam as refeições, elas eram insuficientes. Os prisioneiros se alimentavam de olhos vendados, e “[o] clima de

<sup>331</sup> Idem. Ibidem. p. 26. Traduzido do original: “...sensación de enfermedad, de fiebre y desamparo físico. El culo me duele atrozmente.”

<sup>332</sup> Idem. Ibidem. p. 26. Traduzido do original: “...más que proporcionarme alivio, reduce la sensibilidad. Y luego está la sensación de peso en los hombros, de hundimiento de la espalda por una carga indefinible.”

<sup>333</sup> Idem. Ibidem. p. 26. Traduzido do original: “No es que piense en todo esto; soy incapaz de reflexionar. Son visiones y sensaciones velocísimas que pasan por mí y se desvanecen, avasalladas por las siguientes.”

violência era permanente, nos ameaçavam o tempo todo apontando as suas armas para nossa cabeça ou boca”<sup>334</sup>. Tais condições, além das dores e do definhamento físico, originaram problemas de outras ordens, como sonhos e delírios: “[f]oi na mesma tarde que acordei assustada, tentando lembrar onde havia deixado minha filha naquele meio-dia, para abrir os olhos para a uma venda que os cobria há vinte meios-dias”<sup>335</sup>. Nesse trecho, a autora faz um paralelo entre as expressões “naquele meio-dia” e “há vinte meios-dias” a fim de expressar como o ambiente de cárcere distorce a noção de tempo para os prisioneiros e os distancia da realidade. Na sequência, no desespero de libertar-se e sair da escuridão, Partnoy tenta comunicar-se com a sua família através da telepatia. Novamente, o ambiente bárbaro da prisão afeta o corpo e a mente do prisioneiro.

Ainda nessa perspectiva, Flávio Tavares, em **Memórias do esquecimento**, relata que, quatro dias após a sua prisão, finalmente, é levado a uma cela, a qual tem um colchão de palha sobre o piso frio. Contudo, os prisioneiros deveriam dormir sempre com a luz acesa, “com a claridade sobre os olhos, para que se tenha a sensação de que o dia é interminável e que não há noite nem descanso”<sup>336</sup>. Semelhantemente aos testemunhos dos demais sobreviventes, o uruguaio Carlos Liscano, em **El furgón de los locos**, relata que, de sua cela, “[o]juvem-se gritos, um torturado, outro, outro e outro, por toda a noite”<sup>337</sup>. Assim, o autor, ao referir-se aos torturados, omite essa palavra na sequência da frase e opta pela repetição da palavra “outro”, expressando, dessa forma, a ideia de continuidade e de intensidade do sofrimento infligido aos prisioneiros através da tortura. Tem-se, então, um exemplo de desconforto físico, através de ambientes precários, e psicológico, através do sofrimento imposto ao prisioneiro ao ouvir os gritos dos torturados. Isto posto, é inegável que as prisões e os campos clandestinos de detenção eram moldados para degradar o prisioneiro tanto física quanto psicologicamente.

---

<sup>334</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 11. Traduzido do original: “El clima de violencia era permanente, nos amenazaban todo el tiempo gatillando sus armas en nuestra cabeza o boca.”

<sup>335</sup> Idem. Ibidem. p. 42. Traduzido do original: “Fue la misma tarde en que me desperté sobresaltada tratando de acordarme dónde había dejado a mi hija aquel mediodía, para abrir los ojos a una venda que los tapaba hacía ya veinte mediodías.”

<sup>336</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012, p. 58.

<sup>337</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 07. Traduzido do original: “Se oyen los gritos, un torturado, otro, y otro y otro, toda la noche.”

Para além do sofrimento causado pelas condições das prisões, as torturas sofridas são enfatizadas pelos sobreviventes. Ao registrar seu testemunho, a primeira memória narrada por Flávio Tavares é, justamente, sobre os sonhos relacionados à tortura e ao seu corpo, sonhos esses que o acompanharam ao longo dos seus dez anos de exílio, em diferentes lugares. Em seu testemunho, Tavares conta sobre seu pesadelo: “[m]eu sexo me saía do corpo, caía-me nas mãos como um parafuso solto. E, como um parafuso de carne vermelha, eu voltava a parafusá-lo, encaixando-o entre as minhas pernas, um palmo abaixo do umbigo, no seu lugar de sempre”<sup>338</sup>.

Na passagem acima, o autor primeiramente, opta por usar a palavra “sexo” para se referir ao seu órgão genital, palavra essa que também se refere a um conjunto de características distintivas presentes nos seres humanos, logo é possível inferir que, para além do órgão em si, há um conjunto de particularidades que o autor sente que caem ou deixam o seu corpo. Ainda, ele faz uso de uma comparação do seu “sexo” com um objeto, a saber, um “parafuso”. Essa comparação nos remete ao fato de o parafuso ser um elemento de fixação, que serve para manter estruturas em seu devido lugar, mas que, quando forçado, pode se soltar. Desse modo, o sobrevivente, após as torturas físicas e psicológicas, poderia sentir como se parte daquilo que o constituía como homem havia se deslocado do seu corpo. A comparação do sexo com o parafuso também remete à objetificação do ser humano, com sentimentos e emoções anulados através da tortura, e descartável através do iminente risco de morte nas sessões de tortura.

Do mesmo modo, o escritor Carlos Liscano começa sua narrativa com uma memória envolvendo uma situação de tortura: “[e]les acabaram de me trazer da sala de tortura, que fica no térreo, descendo as escadas, virando à esquerda. Você ouve os gritos, um torturado, outro e outro e outro, a noite toda. Eu não penso em nada. Ou eu penso no meu corpo”<sup>339</sup>. Assim, nota-se que as memórias que são evidenciadas logo no começo dos testemunhos se referem à relação do sobrevivente com a tortura e com o seu corpo. No ambiente do cárcere, a relação do prisioneiro com o próprio corpo toma uma dimensão mais integralizada,

---

<sup>338</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 15.

<sup>339</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 07. Traduzido do original: “Acaban de traerme de la sala de tortura, que está en la planta baja, bajando la escalera, doblando a la izquierda. Se oyen los gritos, un torturado, otro, y otro y otro, toda la noche. No pienso en nada. O pienso en mi cuerpo”.

aguçando a percepção do sujeito sobre o próprio corpo. Conforme Marcelo Viñar e Maren Viñar, o prisioneiro passará a perceber que

[o] corpo é a superfície de expressão de todos os níveis da vida relacional, desde o mais íntimo até ao do sujeito social. É uma sombra e uma presença que não têm necessidade de ser pensada. É o lugar de articulação do ser e do parecer, o que oferecemos a nós mesmos e aos outros. É uma permanência, formal e funcional, em movimento contínuo. É este corpo implícito que serve de suporte ao pensar, ao dizer, ao fazer, que está presente em cada gesto, em cada olhar, na mímica, na música do discurso. Lugar de ancoragem onde se inscreve o símbolo e a especularidade, onde se modela o sujeito<sup>340</sup>.

No ambiente da prisão, com o isolamento e a tortura, a relação e a percepção do indivíduo sobre o seu próprio corpo ficam mais aguçadas, pois o corpo, sendo tudo o que lhe restou, é colocado numa condição de risco iminente de destruição, de morte. Logo, toma-se consciência da importância do corpo na constituição do sujeito bem como da possibilidade imediata de degradá-lo ou perdê-lo. O sobrevivente Carlos Liscano reconhece que toda pessoa tem uma noção do que é a tortura. Porém, não considera possível ter ideia acerca dos detalhes relacionados a ela: “[o]s detalhes têm a ver com um conhecimento íntimo, relacionado ao corpo, não com o corpo humano em geral, mas com o próprio corpo. A tortura é semelhante a uma enfermidade: não dói a todos igualmente, e somente quem a sofreu sabe o que se sente”<sup>341</sup>.

Acima, Liscano faz uma comparação da “tortura” com uma “enfermidade”. Isto é, a tortura impõe uma alteração no estado de saúde do sujeito, físico e psicológico, sendo que cada um pode reagir de uma forma distinta. Como em uma enfermidade, o sujeito pode ser afetado em diferentes graus de intensidade e ter diferentes reações à tortura, podendo sobreviver ou sucumbir a ela. Esse comparativo enfatiza a obscura conjuntura da tortura, a qual já coloca em risco iminente a sobrevivência dos prisioneiros, pois é imprevisível como cada um reagirá a ela.

---

<sup>340</sup> VIÑAR, Marcelo; VIÑAR, Maren. **Exílio e tortura**. 1992. p. 74.

<sup>341</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 60. Traduzido do original: “Los detalles tienen que ver con un conocimiento íntimo, relacionado con el cuerpo, no con el cuerpo humano en general, sino con el propio. La tortura se parece a una enfermedad: no duele a todos por igual, y sólo el que la ha padecido sabe qué se siente”.

Com isso, o ambiente de cárcere e de tortura presente de maneira constante nos regimes ditatoriais conduzia à desestruturação do sujeito, pois os vários elementos envolvidos, como a intensa dor física, a privação de sentidos (capuz, escuridão), e a ruptura com os laços afetivos e físicos do mundo pessoal de cada um “conduzem”, conforme Viñar e Viñar, “à solitária presença constante de um corpo dolorido, sofrido, desfeito, totalmente à mercê do torturador, que faz desaparecer do mundo toda presença que não esteja no centro da experiência atual”<sup>342</sup>. Isto é, o mundo do prisioneiro se reduz à vivência da dor, da degradação, da relação entre o torturador, o torturado e o corpo. Aliás, sobre a relação entre torturado e torturador, Liscano destaca que

[a] um torturador não se pode exigir compreensão. Ele está feito para não entender. Não indaga como um juiz. Quebra, desmantela ossos, fende crânios. Esbofeteia. Nas orelhas, sobre os tímpanos, aplica “telefones” que nos levam à surdez momentânea, porque não lhes interessa que escutemos o que ele nos pergunta. Tudo é sadismo<sup>343</sup>.

Nessa passagem de seu testemunho, o sobrevivente relata a sua percepção sobre o torturador: alguém que demonstra satisfação, prazer, com a dor alheia. Trata-se da subjugação do outro através da dor e do sofrimento intenso para obter informações e, também, trata-se de sadismo, da satisfação em estar numa posição superior, de ter o domínio do prisioneiro. A narrativa de Tavares, por vezes, omite, de algumas frases, o sujeito, a saber, o torturador. Nela, também, observam-se elipses, propositalmente ou não, descaracterizando os aspectos lógicos da língua, tal qual torturador e torturado, nessas condições, são descaracterizados e desconstruídos como seres humanos. Ainda na citação acima, a testemunha se expressa por meio da gradação “quebra”, “desmantela”, “fende” e “esbofeteia”. Essa figura de pensamento estabelece uma sequência, uma progressão e também intensidade do sofrimento ao qual o torturado foi submetido. Para Liscano, “[é] provável que o torturador tenha um conceito de ser humano que só ele pode

---

<sup>342</sup> VIÑAR, Marcelo; VIÑAR, Maren. **Exílio e tortura**. 1992. p. 47.

<sup>343</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012, p. 245.

aceitar”<sup>344</sup>. Isso posto, nota-se que o próprio torturador, ao desconstruir e desumanizar o outro, desumaniza a si mesmo.

No ambiente do cárcere, subcondição de vida e a dor de um prisioneiro se refletem no outro. O chileno Valdés, em **Tejas Verdes**, relata como observa os seus companheiros de prisão, que estão na mesma condição que a sua:

a aparência dos meus companheiros me lembra, na realidade, outra coisa: é a visão de alguma fotografia impressa com manchas de tinta em algum papel ruim de algum jornal antigo e popular. Os meus companheiros parecem um grupo de fuzilados. Só lhes falta o alvo no coração<sup>345</sup>.

Acima, a testemunha estabelece uma analogia entre a visão que ele tinha dos seus companheiros de prisão a uma fotografia antiga, de má qualidade, com manchas e impressa em um papel ruim, apesar de ser uma cena viva diante dos seus olhos. Isso pode refletir o estado de espírito da testemunha, que estava degradado pelo tempo na prisão, com seu físico e psíquico “manchados”, desgastados, danificados pela condição de prisioneiros e torturados. O jornal antigo e popular, de papel ruim, pode demonstrar que aquele momento histórico, embora fosse de conhecimento de muitos, não tinha a atenção e a importância devidos, pois os prisioneiros estavam sujeitos aos abusos do Estado, sem amparo algum, embora a população tivesse algum conhecimento dos acontecimentos da conjuntura política. A figura de uma fotografia impressa também remete ao registro de um momento, como se aquela imagem ficasse congelada em sua mente, uma imagem registrada e perpetuada de horror, que, mesmo depois de anos, continuaria em sua memória. Na sequência, Valdés compara os seus companheiros a um grupo de fuzilados, isto é, os seus companheiros – e, possivelmente, ele mesmo – alcançaram um estado tão deplorável, que é análogo à condição de morte. O fuzilamento é um método de execução usado especialmente em condições de guerra, em que morte é certa, e isso reflete a própria condição em que o prisioneiro da ditadura chilena se considera.

---

<sup>344</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001, p. 119. Traduzido do original: “Es probable que el torturador se haga un concepto del ser humano al que sólo él puede acceder”.

<sup>345</sup> VALDÉS, Héran. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 28. Traduzido do original: “Pero el aspecto de mis compañeros me recuerda en realidad otra cosa: es la visión de alguna fotografía impresa con manchas de tinta en algún mal papel de algún viejo periódico popular. Mis compañeros parecen un grupo de fusilados. Sólo les falta el disco en el corazón”.

Na sequência do seu testemunho, Valdés faz outros comparativos como, por exemplo, quando é levado para o interrogatório juntamente com outros prisioneiros: “[c]omo um rebanho cego, tropeçamos uns nos outros”<sup>346</sup>. Aqui, a testemunho compara a si mesmo e aos seus companheiros a um rebanho cego, que segue irrefletidamente as ordens recebidas, e, ao fazer tal comparação, ele reflete a desumanização a que eram submetidos, bem como a sua vulnerabilidade. Na sequência de sua narrativa, o sobrevivente fala de sua própria condição por meio de uma comparação: “[s]ensação de incapacidade, me sinto como uma máquina velha enferrujada”<sup>347</sup>. Assim, o comparativo do autor remete à objetificação do ser humano e, mais do que isso, à objetificação para algo sem utilidade e valor, pois caracteriza o objeto como velho e enferrujado. As metáforas e as comparações usadas ao longo do testemunho do sobrevivente o auxiliam a descrever a sua vivência de dor e de tortura.

No tocante à dor, Valdés a descreve na seguinte passagem: “[d]e repente, uma pancada chega ao meu queixo e, novamente, a dor parece algo fictício, uma explosão elétrica pura, silenciosa, como se o medo me mantivesse isolado das sensações físicas”<sup>348</sup>. Assim, ao relacionar a dor com algo fictício, evidencia-se a inexpressibilidade da dor física, algo demasiadamente absurdo para ser equiparado com o real. Na sequência, o autor também usa um paradoxo para descrever a dor, ao caracterizá-la como uma “explosão” e “silenciosa”, isto é, ideias opostas, contraditórias, para descrever uma sensação que possivelmente não cabe em palavras.

No decorrer de sua narrativa, Valdés se preocupa em descrever a sua condição e a de seus companheiros de prisão, dando voz à dor, à tortura e ao sofrimento individual e coletivo. Ele descreve em detalhes as diferentes condições a que eram submetidos: o frio e a fome<sup>349</sup>, as péssimas condições de higiene de um ambiente com sujeira e pulgas<sup>350</sup>, a falta de sono<sup>351</sup>, doenças<sup>352</sup> e demais

---

<sup>346</sup> Idem. Ibidem. p. 41. Traduzido do original: “Como un rebaño ciego tropezamos unos con otros”.

<sup>347</sup> Idem. Ibidem. p. 47. Traduzido do original: “Sensación de torpeza, me siento como una vieja máquina oxidada”.

<sup>348</sup> Idem. Ibidem. p. 37. Traduzido do original: “De pronto me llega un golpe en la mandíbula, y nuevamente el dolor parece algo ficticio, un puro estallido eléctrico, silencioso, como si el miedo me mantuviera aislado de las sensaciones físicas”.

<sup>349</sup> Idem. Ibidem. p. 61-64.

<sup>350</sup> Idem. Ibidem. p. 92.

<sup>351</sup> Idem. Ibidem. p. 93.

<sup>352</sup> Idem. Ibidem. p. 122.

circunstâncias que tornavam a vida insustentável<sup>353</sup>. Tais condições, por si só, já causavam dor e grande sofrimento físico e psíquico aos prisioneiros. No entanto, ainda havia a expectativa de que chegaria o momento de cada um passar pela tortura, pois Valdés afirma que os prisioneiros eram conscientes de que todos seriam torturados e até faziam “piadas” com a situação, porém “depois começamos a lamentar a nossa miséria”<sup>354</sup>. Logo, as condições deploráveis do ambiente a que estavam confinados, aliadas ao sofrimento vindouro da tortura, sem perspectiva de saber por quanto tempo essa situação se manteria e se sobreviveriam a ela, se tornaram um mecanismo invisível de terror e angústia<sup>355</sup>.

No dia 04 de março de 1974, Valdés foi, finalmente, levado para o interrogatório, encapuzado, recebendo xingamentos, com as mãos amarradas e sentado no chão de um caminhão<sup>356</sup>. Já na chegada ao local do interrogatório, recebe pontapés violentos e coronhadas<sup>357</sup>. O sobrevivente, então, esmera-se em descrever da forma mais detalhada possível o ambiente de tortura, as suas dores e também a sua relação com o próprio corpo: “[s]into pena do meu corpo. Esse corpo vai ser torturado, é um idiota. E ainda assim, não há nenhum recurso racional para evitá-lo”<sup>358</sup>. Nessa passagem, o sobrevivente expressa sentimentos opostos em relação ao próprio corpo prestes a ser torturado, pois, primeiramente, expressa “pena”, comiseração, lástima pelo o que ele sofrerá e, logo em seguida, insulta o seu corpo, caracterizando-o como um “idiota”. Sentimentos contraditórios para um ato, isto é, a tortura, que não poderia ser concebida de maneira “racional”.

Na continuidade de seu testemunho, Valdés afirma compreender a necessidade do uso do capuz, pois, com ele, o prisioneiro não será uma pessoa, não terá sentimentos e expressões e, portanto, será apenas um corpo<sup>359</sup> à disposição dos torturadores. Com o capuz, o prisioneiro se percebe sem identidade e desumanizado. Em meio a essas condições, o prisioneiro ainda pensava em possíveis respostas ao interrogatório, enquanto todos os seus delitos e

---

<sup>353</sup> Idem. Ibidem. p. 98.

<sup>354</sup> Idem. Ibidem. p. 108. Traduzido do original: “[d]espués hemos comenzado a lamentarnos de nuestra miseria”.

<sup>355</sup> Idem. Ibidem. p. 122.

<sup>356</sup> Idem. Ibidem. p. 128.

<sup>357</sup> Idem. Ibidem. p. 129-130.

<sup>358</sup> Idem. Ibidem. p. 131. Traduzido do original: “Siento pena de mi cuerpo. Este cuerpo va a ser torturado, es idiota. Y sin embargo es así, no existe ningún recurso racional para evitarlo”.

<sup>359</sup> Idem. Ibidem. p. 131-132.

informações se cruzavam em sua mente obscura e confusa. Assim, tem início o primeiro momento da tortura propriamente dita, o qual “visa à aniquilação do indivíduo e à destruição de seus valores e de suas convicções”<sup>360</sup>.

Nesse seguimento, Valdés relata o início e o decorrer da tortura: capuz em parte do rosto para sufocar, insultos, nudez, choques elétricos, socos, golpes violentos, falta de ar e perda da consciência<sup>361</sup> são algumas das técnicas usadas pelos torturadores. Qualquer resposta dada pelo prisioneiro é motivo para mais tortura, como descreve o autor a seguir: “[o]utra descarga elétrica. Eu caio novamente e eles voltam a me levantar a pontapés. Não sei como devo responder para me salvar. Eu sou uma massa pura que treme e ainda tenta tragar o ar”<sup>362</sup>. Isto posto, percebe-se que não há resposta satisfatória para os torturadores e, conseqüentemente, não há escapatória da tortura, o que faz o torturado não se sentir mais como um homem, mas como uma “massa” que treme e tenta respirar.

O discurso de Valdez, diante de uma perspectiva de morte, é um discurso agônico: “Não sei quanto tempo eu vou durar. Não sei qual será o meu limite. Não tenho a menor experiência das minhas forças”<sup>363</sup>. O prisioneiro é torturado até atingir um limite que lhe é desconhecido, no qual não sabe se seu corpo resistirá ou morrerá. Além dos limites do corpo, há uma resistência para manter a mente e a memória ativa durante o interrogatório e tortura. O sobrevivente descreve: “[m]eu cérebro está em branco”<sup>364</sup> e, ao ser interrogado sobre suas atividades em determinada data, ele busca informações em sua mente, mas sem sucesso.

Sobre a dor causada pela tortura, Valdés empenha-se em descrevê-la: “[e]u não aguento mais. A corrente morde os meus ossos, esmigalha os meus joelhos. Eu gostaria de poder dizer qualquer coisa que pusesse fim as descargas elétricas”<sup>365</sup>. Aqui, o autor faz uso da prosopopeia, conferindo características humanas à corrente elétrica usada na tortura, a qual “mordia” os seus ossos. Esse recurso de linguagem auxilia o sobrevivente a explicar as suas sensações e a

<sup>360</sup> VIÑAR, Maren; VIÑAR, Marcelo. **Exílio e tortura**. 1992. p. 45.

<sup>361</sup> VALDÉS, Héran. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 133-143.

<sup>362</sup> Idem. Ibidem. p. 135. Traduzido do original: “Otra descarga de corriente. Vuelvo a caer y vuelven a levantarme a patadas. No sé cómo debo responder para salvarme. Soy una pura masa que tiembla y que trata todavía de tragar aire”.

<sup>363</sup> Idem. Ibidem. p. 139. Traduzido do original: “No sé hasta cuándo voy a durar. No sé cuál será mi límite. No tengo la menor experiencia de mis fuerzas”.

<sup>364</sup> Idem. Ibidem. p. 139. Traduzido do original: “Mi cerebro está en blanco”.

<sup>365</sup> Idem. Ibidem. 140. Traduzido do original: “No puedo soportarlo más. La corriente me muerde los huesos, me triza las rodillas. Quisiera poder decir cualquier cosa que me pusiera fin a las descargas”.

intensidade do sofrimento ao qual era submetido, a ponto de sentir como se seus joelhos fossem “esmigalhados”. Ainda, a verdade e as suas convicções são destituídas, pois o sujeito torturado acaba por focar apenas em alguma possibilidade de cessar a tortura e, para isso, ele está disposto a dizer ou confessar qualquer coisa, ou inventar informações que o livre da tortura<sup>366</sup>.

Valdés também faz uso de comparativos para descrever as sensações da corrente elétrica passando pelo seu corpo, pois ele descreve que sentia os seus joelhos como lâmpadas que explodiam<sup>367</sup>, isto é, sentia o seu corpo sendo destruído, inutilizado, impossibilitado de ser restaurado, como uma lâmpada em pedaços. Nesse contexto, a morte é uma possibilidade cada vez mais iminente e, diante de indescritível sofrimento, até desejada: “[m]e disponho novamente a morrer, agora sem imagens. Vazio, em branco. Apenas a noção de um corpo vivo que vai morrer. Eles colocam uma espécie de anel ou dedal no meu sexo”<sup>368</sup>. Nessa passagem, o sobrevivente usa o termo “me disponho” para se referir à morte, pois ela seria uma saída, talvez a única, para o sofrimento a que estava sendo submetido. Ademais, ele se sente um sujeito destituído de tudo que o constituía, “sem imagens”, “vazio”, para o qual resta somente uma “noção” de corpo vivo. Maren e Marcelo Viñar descrevem esse como sendo um segundo momento da tortura, que “desemboca numa experiência de desorganização da relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo”<sup>369</sup>, chamado de “a demolição”, e que antecede o terceiro estágio, que é a resolução da experiência limite. O sujeito não se reconhece mais, pois se sente destruído, abandonado, numa ruptura com o eu e com o mundo e, talvez por isso, a própria morte se torne desejável. Na continuação da descrição de sua tortura, o sobrevivente afirma que

[a] dor corresponde, por um lado, a uma mutilação. É como se meu sexo fosse arrancado pela raiz, como uma mordida que me deixa aberta e acima, na minha boca, como uma explosão que destruiu toda a carne, deixando nus os ossos do meu rosto e pescoço, os nervos petrificados, no vazio. É mais do que isso, não há memória de dor<sup>370</sup>.

<sup>366</sup> Idem. Ibidem. p. 143.

<sup>367</sup> Idem. Ibidem. p. 139.

<sup>368</sup> Idem. Ibidem. p. 144. Traduzido do original: “Me dispongo otra vez a morir, pro ahora sin imágenes. Vacío, en blanco. Sólo la noción de cuerpo vivo que va a morir. Ponen una especie de anillo o dedal en mi sexo”.

<sup>369</sup> VIÑAR, Maren; VIÑAR, Marcelo. **Exílio e tortura**. 1992. p. 45.

<sup>370</sup> VALDÉS, Hérnan. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 144. Traduzido do original: “El dolor corresponde, por una parte, a una mutilación. Es como si me

Assim, em se tratando da dor da tortura, o sobrevivente descreve uma vivência única, para a qual não tinha referência nem memória. Para dar uma dimensão dessa dor ao leitor, ele usa uma sequência de comparações: como se fosse uma mutilação, como se seu órgão sexual fosse arrancado, como uma mordida, como uma explosão destruidora. Nota-se, então, que um adjetivo não seria referência ou não daria conta para descrever uma dor inigualável. Logo, o autor usa uma sequência de comparações com ocorrências críticas, dolorosas, lastimáveis, na tentativa de mais bem descrever a sua condição de torturado, bem como a dor ímpar que estava sofrendo, e, assim, tentar aproximar o leitor da sua condição de prisioneiro. Ante o inigualável sofrimento, o torturado, a partir desse momento, concorda com qualquer acusação que façam a ele<sup>371</sup>.

Além de, em sua narrativa, detalhar o interrogatório e a tortura, Valdés descreve o fim dela e as condições lamentáveis de regresso ao campo de prisioneiros no Chile, como no fragmento abaixo em que descreve o dia posterior ao seu retorno:

Fiquei muito tempo lá, tendo espasmos que não conseguia conter. O sol parecia impotente para me aquecer. Olhava para os cristos na colina, as vacas pastando, brutalizado e aleijado pelo conhecimento da maldade. Porque o que eu sabia sobre a maldade, antes, eram puras caricaturas, pura literatura. A maldade havia perdido todas as suas referências morais. Agora me foi apresentada como uma ideologia pura<sup>372</sup>.

Desse modo, o sobrevivente descreve um pouco seu estado físico e psíquico. O corpo, que antes era do seu domínio, era frio e tinha espasmos, e já não podia controlá-lo. O psíquico estava abalado, deformado, diante do conhecimento da maldade humana alcançado no interrogatório e na tortura. Novamente, o autor menciona que não havia referências para o que ele vivenciou,

---

arrancaran el sexo de raíces, como una dentellada que me deja abierto y, arriba, en la boca, como una explosión que volara toda la carne, que dejara los huesos de la cara y del cuello desnudo, los nervios petrificados, en el vacío. Es más que eso, no hay memoria del dolor”.

<sup>371</sup> Idem. *Ibidem*. p. 144.

<sup>372</sup> Idem. *Ibidem*. p. 147. Traduzido do original: “Me quedé mucho rato allí, sufriendo es pasmos que no podía contener. El sol parecía impotente para calentarme. Miraba los cristos del cerro, las vacas pastando, embrutecido y lisiado por el conocimiento de la maldad. Porque lo que yo sabía de la maldad, antes, eran puras caricaturas, pura literatura. La maldad había perdido todas sus referencias morales. Ahora se me presentaba como una pura ideología”.

não havia resquícios de moralidade, pois a brutalidade dos eventos o levou a um conhecimento do mal até então inimaginável. No seguimento, o sobrevivente descreve como foi difícil de ver a sua imagem no espelho pela primeira vez após a tortura e aceitá-la: seu rosto arroxeadado, inchado, nariz machucado com um grande coágulo e muitas partes cobertas de sangue<sup>373</sup>, além da dor atroz e do medo de olhar o seu “sexo” torturado<sup>374</sup>.

Por conseguinte, a relação do torturado com o seu corpo se transforma. No caso de Valdés, ele não pensa mais em si como uma possibilidade ou um projeto vital e não se preocupa com um corpo que pode ser novamente torturado e humilhado<sup>375</sup>. Nesse sentido, se, para o torturado, o seu corpo não é mais considerado como essencial, é porque a própria vida deixou de ser significativa para ele diante da perspectiva de passar novamente pela tortura. Valdés confirma essa concepção, na sequência da narrativa, quando expressa a sua vontade de tentar fugir do campo de prisioneiro para ser, por fim, metralhado<sup>376</sup>.

Isso posto, Valdés reflete em sua narrativa, realizada logo após a sua libertação, sobre o que se constitui o interrogatório. Embora afirme que ainda não era capaz de refletir de modo crítico sobre isso, pois todas as perguntas, toda a tortura e todo o sofrimento, segundo o seu conhecimento, não conduziram a nenhum resultado ou ação para os torturadores ou para quem estava no poder, Valdés descreve que é um sistema de humilhação, desconcertos e incertezas, que desmonta todas as defesas do interrogado<sup>377</sup>. Assim, embora o sobrevivente ainda não consiga analisar de forma clara tudo o que lhe sucedeu, ele usa uma sequência de palavras que estabelecem uma progressão das suas sensações como prisioneiro interrogado e torturado.

Prisioneira em um contexto análogo, Alicia Partnoy descreve a sua história como sobrevivente da tortura e da dor sofridas no campo clandestino de detenção chamado La Escuelita, na Argentina. Logo nas páginas iniciais de seu relato testemunhal, Partnoy enfatiza a tortura sofrida no referido campo, afirmando que, “[n]essas Escolinhas, os ‘professores’ ensinam pela tortura e humilhação a perder

---

<sup>373</sup> Idem. Ibidem. p. 147.

<sup>374</sup> Idem. Ibidem. p. 148.

<sup>375</sup> Idem. Ibidem. p. 150.

<sup>376</sup> Idem. Ibidem. p. 155.

<sup>377</sup> Idem. Ibidem. p. 164.

a memória de si mesmo e a reduzir a vontade de lutar para mudar a equação da injustiça”<sup>378</sup>. Aqui, primeiramente, observa-se a sobrevivente usar da mesma ironia que os militares<sup>379</sup> usaram ao denominar o campo de detenção de “A Escolinha” ao descrever os militares e torturadores como “professores”. A seguir, afirma que a tortura e a humilhação eram instrumentos para anular o sujeito, para apagar a memória de si mesmo, numa tentativa de convencer o prisioneiro de que ele não existe mais, assim como o resto do mundo deixou de existir para ele.

O testemunho de Partnoy apresenta semelhanças com a narrativa de Valdés, tanto na descrição da dor e da tortura, quanto nos diferentes elementos ou figuras de linguagem usados para descrever a sua vivência de torturada, bem como a dos seus companheiros de detenção. A autora descreve, ao longo do testemunho, as humilhações, o esgotamento e o sofrimento físico, os golpes<sup>380</sup>, os maus tratos e a fome<sup>381</sup>, a sede e a tortura<sup>382</sup>, a nudez<sup>383</sup> e a falta de higiene<sup>384</sup>, sofridos por todos os prisioneiros. Uma das humilhações praticadas pelos militares era vestir os homens com vestidos de mulheres, alegando não haver mais roupas masculinas e, diante disso, os militares gargalhavam dos prisioneiros. Dessa forma, já era imposto um sofrimento psíquico aos detentos, pois estavam “... em meio ao riso e à humilhação que pairava no ar como um cheiro desagradável”<sup>385</sup>. A humilhação é comparada aqui a um cheiro desagradável, e essa comparação dá a dimensão de algo que afeta e impregna todo o ambiente.

Alicia também se preocupa em dar nome e voz aos companheiros de detenção, que também passaram pela dor e pela tortura. Em um dos capítulos de seu livro, dá nome e voz à companheira Graciela, que narra e denuncia em primeira pessoa à tortura as mulheres grávidas:

---

<sup>378</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006, p. 19. Traduzido do original: “En esas Escuelitas los ‘Maestros’ enseñan a fuerza de tortura y humillaciones a perder la memoria de uno mismo y a que restemos la voluntad de lucha por cambiar la ecuación de la injusticia”.

<sup>379</sup> Idem. Ibidem. p. 10.

<sup>380</sup> Idem. Ibidem. p. 27.

<sup>381</sup> Idem. Ibidem. p. 37.

<sup>382</sup> Idem. Ibidem. p. 39.

<sup>383</sup> Idem. Ibidem. p. 60.

<sup>384</sup> Idem. Ibidem. p. 68.

<sup>385</sup> Idem. Ibidem. p. 43. Traduzido do original: “...entre las risas y la humillación que flotaba en el aire como un olor incómodo”.

A viagem de Cutral-Có à Neuquén: um inferno. Eles sabiam que eu estava grávida. Não tinha me ocorrido que eles poderiam me torturar na viagem... a viagem inteira... O aguilhão... na minha barriga... porque eles sabiam... Um, dois, três, quatro... Então, a cada choque, o terrível medo do aborto... e a dor, para mim e para o bebê; creio que doeu mais saber que o machucou... que eles estavam tentando matá-lo... Às vezes eu penso que talvez fosse melhor ter feito um aborto...<sup>386</sup>.

No trecho acima, é relatada a tortura durante uma viagem da prisioneira, a qual ela usa uma metáfora para descrever, afirmando que a viagem fora semelhante ao inferno e, assim, trazendo ao leitor a ideia de um lugar de sofrimento extremo. Ademais, diante da dor e da tortura, há o medo de um aborto e, também, posteriormente, a dúvida de que, diante do sofrimento de seu bebê, a morte não seria uma boa opção. A narrativa acima é uma narrativa agônica, de quem está em risco de morte, de quem tem um filho ainda no ventre em risco de morte, e essa situação extrema se reflete na escrita, com elipses, omitindo termos das orações como, por exemplo, em “porque eles sabiam”, dando a sensação de uma narrativa urgente, sem tempo para completar as frases, que reflete a condição da prisioneira. O referido trecho também apresenta diversas reticências, e esse recurso de pontuação, subjetivo, pode suscitar diferentes interpretações: as reticências podem simbolizar as pausas que se manifestariam por meio da oralidade, pausas em meio a narrativa da dor, pausas por causa das palavras que faltam para descrever tamanho sofrimento e, essas pausas, também podem deixar em aberto o pensamento ou narrativa, dando margem à reflexão.

Ao longo de **La escuelita**, Alicia descreve repetidas vezes as péssimas condições enfrentadas na prisão, como a falta de alimentação, o desespero causado pela fome<sup>387</sup> e, ainda, compara que “[r]eceptar um pão é como receber um abraço”<sup>388</sup>, comparação essa que remete à um pouco de conforto e alívio quando recebe um alimento em meio à penúria. As privações alimentares e a precariedade da prisão debilitavam a cada dia mais os prisioneiros. A sobrevivente relata que ela e suas companheiras não menstruavam na prisão, como se o corpo tivesse

<sup>386</sup> Idem. Ibidem. p. 45. Traduzido do original: “El viaje de Cutral-Có a Neuquén: el infierno. Sabían que estaba embarazada. No se me había ocurrido que me podrían torturar en el viaje... todo el viaje... La picana...sobre mi vientre... porque ellos sabían... Uno, dos, tres, cuatro... Entonces con cada shock el miedo terrible de abortar... y el dolor, por mí y por el bebé; creo que me dolía más saber que le dolía a él...que lo estaban queriendo matar... A veces pienso que tal vez hubiera sido mejor haber abortado...”.

<sup>387</sup> Idem. Ibidem. p. 70.

<sup>388</sup> Idem. Ibidem, p. 71. Traduzido do original: “Recibir un pan, es como recibir un abrazo”.

desenvolvido uma forma de defesa<sup>389</sup>, fugindo do que lhe era natural ou simplesmente não cumprindo as duas funções básicas por falta de uma alimentação e condições adequadas.

Nas denúncias das torturas sofridas pelos companheiros, Alicia enfatiza que o sofrimento de um prisioneiro era ouvido e compartilhado por todos: "[o]s eletrodos nos testículos...", "os golpes... mais fortes...", "a picanha (haste elétrica)", "o soco no estômago", "chega... por favor"<sup>390</sup>. A sobrevivente reproduz a tortura e a dor dos companheiros de cárcere entre lembranças e versos que cantava para a sua filha, numa narrativa que intercala versos infantis, memórias do seu lar, gritos de dor e descrição dos meios da tortura, todos entrelaçados, com muitas reticências, que dão pausas na expressão dos sentimentos ambíguos e desconexos, numa escrita que reflete o estado de espírito dos encarcerados. Na sequência, Alicia descreve o torturado "[c]omo um animal encurralado"<sup>391</sup> e sobre si mesma afirma: "[e]u cheiro como um animal enjaulado..."<sup>392</sup>. Tais comparativos de seus companheiros e de si mesma com animais refletem o processo de desumanização a que os prisioneiros eram submetidos, através da tortura e de todo o sofrimento causado por ela e pelo ambiente a que estavam confinados.

Por fim, após a dor, o sofrimento e a tortura, Partnoy relata, no capítulo ironicamente intitulado de "sessão de beleza"<sup>393</sup>, as condições físicas daqueles que sobreviveram à tortura: "[c]adáveres apresentáveis? Atenção imbatível? A Escolinha!"<sup>394</sup>, e, ainda, "[e]ntre os pelos e os ossos, quase não há carne, as coxas e panturrilhas da mesma espessura"<sup>395</sup>. A autora novamente usa a ironia para fazer o questionamento acima, pois a excelente atenção da Escolinha os transformou em "cadáveres apresentáveis". Sobreviventes, mas não mais em uma forma humana, pois eram praticamente pele e ossos e, como cadáveres, desprovidos de expressão, de personalidade.

---

<sup>389</sup> Idem. Ibidem. p. 58-59.

<sup>390</sup> Idem. Ibidem. p. 81. Traduzido do original: "Los electrodos en los testículos", "los golpes...más fuertes", "picanha", "la trompada em el estómago", "Basta... por favor".

<sup>391</sup> Idem. Ibidem. p. 81. Traduzido do original: "Como un animal acorralado".

<sup>392</sup> Idem. Ibidem. p. 81. Traduzido do original: "Tengo olor a animal enjaulado".

<sup>393</sup> Idem. Ibidem. p. 99.

<sup>394</sup> Idem. Ibidem. p. 99. Traduzido do original: "¿Cadáveres presentables? ¿Atención inmejorable? ¡La Escolita!".

<sup>395</sup> Idem. Ibidem. p. 99. Traduzido do original: "Entre los pelos y los huesos, casi no hay carne, los muslos y las pantorrillas del mismo grosor".

Nessa conjuntura, o brasileiro Flávio Tavares, em **Memórias do esquecimento**, narra os episódios de dor e de tortura ao longo do seu testemunho e, também, além da voz dada aos demais prisioneiros, ele destaca a relação entre torturado e torturador, bem como descreve a sua percepção sobre o último: “[e]les não são assassinos, apenas torturadores, o estágio mais alto do sadismo. Torturar é a dinâmica desse purgatório perene, onde tudo se sofre e nada se purga”<sup>396</sup>. Nessa descrição, o autor usa de ironia ao afirmar que seus algozes são “apenas” torturadores e, logo em seguida, ressalta a perversão, o prazer que eles sentem com a humilhação e a dor alheia. Também faz uma metáfora da tortura com um “purgatório perene”, isto é, um processo de castigo incessante, para o qual não se alcança objetivo algum. Em diferentes trechos da sua narrativa, Tavares relata o sadismo do torturador, que “se deleita roçando suavemente os fios elétricos sobre os nossos olhos e a vista que queima, arde de calor, porque – mesmo fechados – os olhos continuam abertos de dentro para fora, espreitando esse tigre metálico que leva fogo à retina”<sup>397</sup>. Ao usar o termo “se deleita”, o sobrevivente ressalta o prazer do torturador em seu ato de torturar, que o exerce devagar, para ser mais duradouro. Já para o torturado, o fio elétrico é como um tigre metálico; forte, resistente, perigoso, com poder para causar a morte.

Assim como nos demais testemunhos, Tavares narra a tortura pela qual seus companheiros de prisão passaram e o sofrimento de testemunhar a violência do outro, pois, para ele, “[s]er forçado a presenciar o suplício, como espectador, destroça mais do que o suplício em si”<sup>398</sup>, pois à sua dor somavam-se as dores de seus companheiros. Ao ver a tortura no outro, o sobrevivente descreve que “[d]e simples vítima, passamos a ser vítimas da brutalização da vítima. Nesses quatro dias, o major e a sua equipe tinham me destroçado o corpo, mas agora, em poucos minutos, me trituravam a alma”<sup>399</sup>. Tavares demonstra em sua narrativa que, assim como é possível destruir algo físico, a saber, o seu corpo, também é possível “triturar” algo impalpável, como a própria alma. Na passagem abaixo, ele descreve um desses momentos quando assistiu à tortura:

---

<sup>396</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 29.

<sup>397</sup> Idem. Ibidem. p. 30.

<sup>398</sup> Idem. Ibidem. p. 61.

<sup>399</sup> Idem. Ibidem. p. 61-62.

O filho do pastor da batista da Tijuca acordou, moveu-se no chão, mas, quando se levantou, seus olhos estavam mortos. A descarga leve no braço esquerdo, do lado do coração, o tinha ressuscitado, mas naqueles poucos instantes de choque elétrico as rugas e os vincos surgiram no seu rosto adolescente e ele parecia um sobrevivente da fogueira da inquisição, um ancião muito ancião aos 17 anos de idade<sup>400</sup>.

Na narrativa acima, Tavares manifesta a sua percepção sobre o prisioneiro torturado, e, para tanto, faz uso de diferentes figuras de linguagem. Na cena descrita, o jovem de 17 anos desfalece ao ser eletrocutado e é acordado com outra descarga elétrica e, ao lembrar esse episódio, Tavares faz um paradoxo, retratando alguém que se levantou, que ainda estava vivo, todavia seus olhos estavam mortos. Esse paradoxo dá a ideia de que é possível matar além do corpo físico, que é possível matar o que é impalpável e que também constitui o ser humano, isto é, os sentimentos, as emoções, as suas crenças, os seus valores. Em seguida, o autor compara o torturado a um sobrevivente da fogueira da inquisição, como o condenado que renunciava ao pé do fogo a todas as suas crenças e convicções para ser devolvido aos inquisidores para, assim, ter a possibilidade de preservar a vida, mesmo que ferido, com marcas profundas. Por fim, o torturado é descrito como um “ancião muito ancião”, porém tendo apenas “17 anos de idade”. Essa aparente incongruência – ser ancião, mas ter apenas 17 anos – transmite a ideia de quão avassaladora era a tortura, capaz de desestruturar e envelhecer precocemente o sujeito. Assim, as figuras de linguagem usadas pelo autor o auxiliam a descrever com mais precisão o horror presenciado na tortura.

Semelhante aos demais relatos testemunhais, o sobrevivente brasileiro também descreve as diferentes formas de tortura a que os prisioneiros eram submetidos: palmatória, choque elétrico em diferentes partes do corpo, pau de arara, penduração, asfixia, afogamento, socos e pontapés, entre outros. Adicional, têm-se a fome, a sede, as más condições de higiene e o sofrimento psíquico. Ao longo de seu testemunho, Tavares descreve diversas cenas de tortura, como a seguinte: “[o] choque elétrico é a grande dor profunda, mas a grande humilhação, símbolo da derrota e do ultraje, é despir-se”<sup>401</sup>. Desse modo, o sobrevivente indica a grande dor física da tortura, causada pelos choques elétricos, e também a grande humilhação, ao ficar nu diante dos torturadores, tendo assim, corpo e

---

<sup>400</sup> Idem. Ibidem. p. 30.

<sup>401</sup> Idem. Ibidem. p.33.

mente alcançados e molestados na tortura. Em algumas torturas, o prisioneiro sente-se numa condição limítrofe com a morte, como na tortura com “colgamiento”, ou “penduração”, pois, segundo o sobrevivente, “o corpo e as forças se esvaem, pouco a pouco, e sente o impacto da morte, como eu senti, desfeito, sem forças para sequer rezar”<sup>402</sup>, deixando, com isso, o sujeito totalmente entregue e dominado pelo torturador.

Enfim, Tavares faz algumas reflexões em seu testemunho do que se constitui a tortura. Para o sobrevivente,

[a] tortura – como a ameaça – não é uma invenção a esmo e, nela, não há qualquer acaso. É um sofisticado método de incriminação da vítima e nisso está a sua lógica e, por isso, se recorre a ela e ela é deusa absoluta dos déspotas. [...] A lógica é precisamente esta: destruir o prisioneiro e tornar natural o medo. O interrogatório guiado pelo terror e pelo medo é que não tem lógica humana. O que se pode tirar de uma pessoa desfeita, sem ânimo, sem metas e sem mitos, que sentiu o gosto ou pressentiu o delírio da destruição ou da morte? O que se tira de um derrotado absoluto?<sup>403</sup>.

Portanto, para o sobrevivente a tortura é um método pensado, planejado, para converter as vítimas em criminosos. Ela é a deusa dos tiranos que exercem o seu poder sem escrúpulos, a fim de destruir o prisioneiro e ter total domínio sobre ele. A tortura foge do que é conhecido como humano e visa a uma destruição irracional do prisioneiro. Tavares estabelece uma gradação para descrever os efeitos da tortura sobre o torturado: um indivíduo desfeito, sem ânimo, nem metas ou mitos, que sentiu o gosto da destruição ou da morte, ou seja, a sequência que descreve o torturado indica um sujeito totalmente desconstruído nos diferentes aspectos que o compõem.

Nessa perspectiva, o uruguaio Carlos Liscano, semelhantemente aos demais sobreviventes, traz, em **El furgón de los locos**, vários trechos dedicados às reflexões e à descrição dos episódios de dor e de tortura. Segundo o autor, todos têm uma ideia do que seja a tortura, mas ninguém tem ideia dos detalhes que a envolve sem a ter vivenciado, pois as particularidades estão relacionadas “com um conhecimento íntimo, relacionado ao corpo, não com o corpo humano em geral, mas com o próprio corpo. A tortura se assemelha a uma enfermidade: não

---

<sup>402</sup> Idem. Ibidem. p. 241.

<sup>403</sup> Idem. Ibidem. p. 208.

dói a todos da mesma forma e somente quem a sofreu sabe o que sente”<sup>404</sup>. Portanto, a tortura pode ter impacto e efeitos distintos em cada torturado e, ao compará-la com uma enfermidade, o autor dá a ideia de como esses efeitos podem variar para cada indivíduo, assim como cada pessoa reage de modo diferente a uma doença, alguns conseguindo se recuperar, com níveis de sofrimento variados, e outros, sucumbindo a ela.

Assim como o testemunho de Tavares, por repetidas vezes, Liscano dá ênfase à relação entre torturado e torturador, no entanto, com uma perspectiva um pouco diferente, com uma espécie de complacência para com o papel do torturador, como nos exemplos a seguir: “[q]uando o retiram, o preso se mexe desesperado, golpeia sem querer a quem o segura. Profissão dura a de torturador, exige força, decisão... esquecimento de si mesmo?”<sup>405</sup>, e “[o] trabalho dos torturadores não é um trabalho fácil. Ele tem que fazer muita força para colocar um indivíduo de cabeça no tacho [de água]”<sup>406</sup>. Dessa maneira, ao narrar episódios de tortura por afogamento, o sobrevivente, num primeiro momento, parece estar sendo irônico ao afirmar a “dura profissão do torturador” e que o “trabalho dos torturadores não é um trabalho fácil”. Contudo, numa leitura atenta, percebe-se que Liscano, de fato, vê dificuldades para aquele que exerce o papel de algoz. Ao questionar se do torturador é exigido o “esquecimento de si mesmo”, o autor poderia estar questionando a desconstrução e a desumanização do próprio torturador.

O autor repete a narrativa sobre os esforços dos torturados para se manterem vivos e, ainda, compara situações “semelhantes” vivenciadas pela vítima e pelo algoz: assim como os presos se molham, os torturadores também se molham, e assim como os presos gritam, os torturadores também gritam. Essa poderia ser uma tentativa de equiparar em alguns aspectos os sujeitos em

---

<sup>404</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001, p. 60. Traduzido do original: “Todo el mundo se hace una idea sobre la tortura. Es claro que si uno sabe que puede ser detenido, en el momento de caer ya ha pensado en eso. Pero nadie podrá jamás hacerse una idea sobre los detalles. Los detalles tienen que ver con un conocimiento íntimo, relacionado con el cuerpo, no con el cuerpo humano en general, sino con el propio. La tortura se parece a una enfermedad: no duele a todos por igual, y sólo el que la ha padecido sabe qué se siente”.

<sup>405</sup> Idem. Ibidem. p. 72. Traduzido do original: “Cuando lo sacan el preso se mueve con desesperación, sin querer da golpes a quienes lo sostienen. Oficio duro el de torturador, exige fuerza, decisión, ¿olvido de sí mismo?”.

<sup>406</sup> Idem. Ibidem. p. 76. Traduzido do original: “El trabajo de los torturadores no es un trabajo fácil. Hay que hacer mucha fuerza para meter un individuo de cabeza en el tacho”.

condições opostas. Além disso, há a descrição do ambiente de tortura: “[a]qui há cheiro de dois tipos de miséria: a do torturado e a dos torturadores. Não são iguais os odores. Tampouco as misérias, mas afetam o mesmo animal<sup>407</sup>. Logo, torturado e torturador são colocados lado a lado, pois, embora de modo diferente, ambos “cheiram” à miséria humana, pois ela afeta o mesmo “animal”, indicando, assim, a desumanização e a animalização de ambos.

Os métodos de tortura usados na ditadura uruguaia e as condições das prisões também são descritos na narrativa: asfixia, choque elétrico, golpes, sujeira, fome e sede, enfim, as condições necessárias para acelerar a degradação física. A fragilidade física e as constantes torturas colocam o prisioneiro em uma situação limite entre vida e morte, fazendo-o a recorrer às forças que lhe restam para permanecer vivo: “[o] torturado se sustenta porque o corpo tem uma capacidade de resistência infinita. Se o corpo não resiste, morre. Fim da tortura”<sup>408</sup>. Certamente, a capacidade de resistência do corpo não é infinita, mas essa descrição sugere que o limite de resistência do corpo à dor e à tortura alcança um patamar até então obscuro para o prisioneiro, além do seu conhecimento e das suas expectativas. Ademais, “[o] torturado agarra-se a algo que está além do racional, do compreensível. Sustenta-o a dignidade”<sup>409</sup>. Com base nessa afirmação, nota-se que o sobrevivente não encontra palavras suficientes para descrever na íntegra a vivência da tortura, ao se referir a “algo” a que a vítima se agarrava, pois vai além da sua capacidade de racionalizar ou de compreender o acontecimento. A tortura desencadeia sensações, sentimentos e emoções novas no torturado e lhe apresenta limites físicos e psíquicos insólitos frente a tamanho sofrimento, para os quais ele não encontra linguagem capaz de expressá-los de forma cabal. O sobrevivente também destaca que a dignidade é algo que o sustenta, agarrando-se em memórias da sua família e na esperança de reencontrá-los, como suporte para passar pelo martírio.

---

<sup>407</sup> Idem. Ibidem. p. 76-77. Traduzido do original: “Hay olor a miseria humana, que es un olor indefinible, pero que existe, inunda las salas de tortura del mundo. Aquí hay olor a dos tipos de miseria: la del torturado, y la de los torturadores. No son iguales, los olores. Tampoco las miserias, pero afectan al mismo animal”.

<sup>408</sup> Idem. Ibidem. p. 93. Traduzido do original: “El torturado se sostiene porque el cuerpo tiene una capacidad de resistencia infinita. Si el cuerpo no resiste, se muere. Fin de la tortura”.

<sup>409</sup> Idem. Ibidem. p. 93. Traduzido do original: El torturado se agarra de algo que está más allá de lo racional, de lo formulable. Lo sostiene la dignidad.

A dor e a tortura, ainda, levam o prisioneiro a uma nova relação com o próprio corpo: “[...] o chegar ao limite, onde se é capaz de dar qualquer coisa em troca do alívio da dor, o sentir que nada está tão próximo, nada é tão importante, mais querido que o próprio corpo”<sup>410</sup>. Nesse sentido, a dor conduz a uma forma de autoconhecimento profundo com a única coisa que lhe resta, o seu corpo, fazendo o prisioneiro desejá-lo ainda mais, mesmo sem ter domínio sobre ele.

Nesse contexto, o prisioneiro vira “propriedade absoluta”<sup>411</sup> do seu responsável, e “o responsável é o dono do preso”<sup>412</sup>. Ao usar essa metáfora, com os termos “dono” e “propriedade”, autor traz a ideia de objetificação do ser humano, com um proprietário com poder absoluto sobre aquilo que é de sua posse. Liscano usa a gradação para exemplificar uma sequência de ações que demonstram o sofrimento do torturado: “[e]le o vê sofrer, o ouve gritar, sente a sua inútil resistência de animal encurralado. Quando o preso pede que o deixem respirar, que não lhe batam, pede para ir ao banheiro, mente, inventa, se humilha, o responsável está ali”<sup>413</sup>. Assim, com essa sequência de expressões, o autor expressa uma representação mais intensa da dor dos torturados que sofrem, gritam, resistem e, também, pedem para cessar a tortura, para ter as suas necessidades básicas supridas, mentem e se humilham diante do seu torturador, numa sequência de “acontecimentos” ultrajantes e degradadores. Ademais, ele usa a metáfora de um animal encurralado, que dá a dimensão da falta de humanidade e da coação à qual o torturado estava sujeito. O sobrevivente narra esse trecho da situação que ele mesmo passou enquanto prisioneiro e torturado na 3ª pessoa, pois é a sua condição, mas é a do outro também, é uma vivência pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva.

No ambiente do cárcere, a dor e a tortura eram constantes. Liscano narra que, por várias noites, a tortura transcorria com grande violência<sup>414</sup>. Tamanho padecimento levou o prisioneiro a pensar em uma alternativa final: a “[...] morte

---

<sup>410</sup> Idem. Ibidem. p. 99. Traduzido do original: “[...] el llegar al límite donde uno es capaz de dar cualquier cosa a cambio de aliviar el dolor, el sentir que nada hay más cerca de uno, más importante, más querible que el propio cuerpo”.

<sup>411</sup> Idem. Ibidem. p. 81.

<sup>412</sup> Idem. Ibidem. p. 80. Traduzido do original: “El responsable es dueño del preso”.

<sup>413</sup> Idem. Ibidem. p. 81. Traduzido do original: “Lo ve sufrir, lo oye gritar, siente su inútil resistencia de animal acorralado. Cuando el preso pide que lo dejen respirar, que no lo peguen, pide para ir al baño, mente, inventa, se humilla, el responsable está allí”.

<sup>414</sup> Idem. Ibidem. p. 132.

como solução para a situação insuportável é constante. Ocorre-me uma saída: como lamentavelmente não vou morrer do coração durante a tortura, nem me deixarão eu me afogar no barril, posso tentar fugir e fazer com que me matem”<sup>415</sup>. O prisioneiro expressa um sentimento ambíguo, pois, em alguns momentos, luta pela sua sobrevivência e, em outros, deseja a morte. E até a morte é uma decisão dos seus algozes. Enfim, desejar a morte demonstra o quão insuportável era a condição do prisioneiro torturado.

Os testemunhos aqui analisados trazem à tona uma questão por vezes oculta nos relatos de testemunho: a violência sexual<sup>416</sup>. Nesse seguimento, o “Informe de la comisión nacional sobre prisión política y tortura”, publicado no Chile em 2004, trata, dentre outras questões, sobre a violência sexual sofrida principalmente por mulheres na ditadura chilena, o que semelhantemente aconteceu nos diversos regimes ditatoriais da América Latina, e traz relatos de mulheres prisioneiras que sofreram violência sexual, incluindo menores de idade<sup>417</sup>. O relatório adverte que

[o] estupro é uma experiência traumática que afeta principalmente a vida sexual. Também tem consequências emocionais e físicas imediatas, como uma eventual gravidez ou mesmo para uma doença sexual. O efeito devastador do estupro é agravado quando realizado por vários indivíduos em sucessão. Não é apenas a agonia física sofrida, mas também o desamparo diante da agressão e o fato de que outras pessoas não são apenas indiferentes ao que acontece à vítima, mas participam ativamente da agressão. A tortura, em todos os casos, destrói a confiança em outros seres humanos, mas no caso da tortura sexual nessas circunstâncias, afeta as relações emocionais mais próximas e mais íntimas, tanto da sexualidade quanto da maternidade.<sup>418</sup>

---

<sup>415</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 114. Traduzido do original: “La idea de la muerte como solución a la situación insoportable es permanente. Se me ocurre una salida: como lamentablemente no me voy a morir del corazón durante la tortura, ni me dejarán ahogar en el tacho, puedo tratar de fugarme y hacerme matar”.

<sup>416</sup> Neste estudo, entende-se por violência sexual comentários ou investidas sexuais indesejadas, violações, obtenção do ato sexual por violência ou coerção e práticas referentes à gravidez das prisioneiras.

<sup>417</sup> Comisión nacional sobre prisión política y tortura. **Informe**. 2004, p. 253.

<sup>418</sup> Idem. Ibidem. p. 252. Traduzido do original: “La violación es una experiencia traumática que afecta principalmente a la vida sexual. Tiene, además, consecuencias emocionales y físicas inmediatas por un eventual embarazo o incluso por una enfermedad sexual. El efecto devastador de la violación se agrava cuando es realizada por varios individuos en forma sucesiva. No se trata solamente de la agonia física sufrida, sino también del desamparo ante la agresión y del hecho que las otras personas no solamente son indiferentes a lo que le ocurre a la víctima, sino que participan activamente en la agresión. La tortura, en todos los casos, destruye la confianza en los otros seres humanos, pero en el caso de la tortura sexual bajo estas circunstancias, incide sobre las relaciones afectivas más íntimas y cercanas tanto de la propia sexualidad como de la maternidad.”

A violência sexual praticada durante os períodos ditatoriais deu-se tanto com homens quanto com mulheres. No entanto, sendo os opressores majoritariamente homens, as mulheres foram as principais vítimas dessa forma de violência que, a propósito, se constituiu como uma das agressões mais brutais. Enfatiza-se, ainda, “que as mulheres foram presas por suas ideias, ações e participação política, e não por seu *status* como tal. Contudo, a violência exercida sobre elas usa a sua condição sexual, agravando o impacto sobre sua integridade moral e psicológica”<sup>419</sup>.

Alicia Partnoy narra que, além da exposição e da vulnerabilidade causada em situações de nudez, ela presenciou por baixo de sua venda os guardas do centro de detenção observando-as e “entretendo-se”: “[e]les vão se masturbar olhando para nós, mesmo que não façamos nada”<sup>420</sup>. A descrição feita pela sobrevivente demonstra como as prisioneiras estavam numa posição suscetível ao abuso sexual por parte dos guardas e torturadores. Sob o domínio deles, as condições eram adequadas para sofrer qualquer tipo de abuso e atrocidades.

Tavares também dedica partes de seu testemunho para narrar episódio de abuso com as prisioneiras.

De modo geral, os homens prisioneiros se despiam fácil, mas as mulheres se negavam e resistiam. Primeiro, argumentavam. Com paciência ou com ira, perguntavam se o torturador faria isso com a mulher, a mãe, a irmã ou a filha. Depois, empurravam o sargento que lhes ia arrancar a blusa ou a saia. Outras vezes, mentiam e se diziam menstruadas, sem saber que provocavam, assim, um sadismo abominável e abjeto: dois ou três homens se atiravam sobre a prisioneira e, subjugada, ela era apalpada e cheirada nos órgãos genitais, enquanto lhe arrancavam as roupas. E, logo, “bolinada” por aquelas mãos habituadas ao sangue, que tocavam a pele e o sexo não como carícia nem para amar, mas para “verificar”, para destruir ou para marcar a ferro, como numa rês. E, como ela já estava no chão, deitada e inerme, abriam-lhes as pernas e – para começar e não como um requinte final, como era a norma – metiam-lhe o cabo elétrico diretamente na vagina.<sup>421</sup>

<sup>419</sup> Idem. Ibidem. p. 252. Traduzido do original: “(...) que las mujeres fueron detenidas por sus ideas, sus acciones y participación política, no por su condición de tales. No obstante, la violencia ejercida sobre ellas utiliza su condición sexual, agravando el impacto sobre su integridad moral y psicológica”.

<sup>420</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006, p. 59. Traduzido do original: “Se van a masturbar-se mirándonos, aunque nosotros no hacemos nada”.

<sup>421</sup> TAVARES, Fávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012, p. 33-34.

Na passagem acima, o autor detalha cenas repulsivas de como a tortura contra as mulheres estava relacionada com a questão sexual, com constrangimentos, abusos e violência extrema. A sequência dos verbos “verificar”, “destruir” e “marcar” enfatiza a brutalidade com que as mulheres eram violentadas, torturadas. Já a comparação de marcá-las a ferro como numa rês deixa clara a desumanização no ambiente de tortura, tanto do torturador, que não consegue ver a prisioneira com humanidade, quanto da prisioneira que é tratada com crueldade, como por vezes os animais são tratados, desprovidos de qualquer compaixão.

Em vista disso, Valdés afirma ter poucas informações sobre o tipo de tortura a que as mulheres eram submetidas, todavia, “[a]lgumas contaram algo pelos banheiros. Pelo menos aqui elas não são sistematicamente estupradas, como em outras prisões, mas são mais ultrajadas. Em algumas, ratos são introduzidos na vagina”<sup>422</sup>. Frente a tal descrição, nota-se que o estupro era uma forma de tortura constante para as mulheres nas prisões da ditadura, embora ocorresse de maneira mais esporádica no campo de concentração Tejas Verdes. Ademais, outros meios de tortura estão relacionados às partes íntimas das mulheres, como a introdução de ratos, fios elétricos e outros objetos na vagina, o que também se caracteriza como uma violência sexual. Apesar da violência sexual contra as prisioneiras nas ditaduras latino-americanas ter sido uma prática deliberada, algumas optaram por não expor esse procedimento de tortura em seus testemunhos, seja por vergonha ou estigma, por medo de não serem compreendidas ou serem desacreditadas, e ainda, entre outros fatores, por medo de reviver tais acontecimentos.

Para o sobrevivente, narrar a sua história de dor e de tortura é dar um testemunho daquilo que é desprezível, vergonhoso e que expõe uma história abominável tanto para o sobrevivente quanto para a sociedade e seus (des)governos. A condição de prisioneiro torturado e sobrevivente constitui-se como algo constante e inerente ao indivíduo mesmo depois de sua liberdade, permeando corpo e mente e, conseqüentemente, exercendo influência por toda a sua vida. A tortura não é um evento passageiro, que pode ser deixado no passado, logo todos esses fatores exercem influência no testemunho dos sobreviventes.

---

<sup>422</sup> VALDÉS, Héran. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974, p. 167. Traduzido do original: “Algunas han contado algo a través de los WC. Po lo menos aquí no son sistemáticamente violadas, como en otras prisiones, sino más bien ultrajadas. A algunas les han introducidos ratas en la vagina”.

Isto posto, entende-se que a escrita do testemunho é a narrativa de um sujeito em reconstrução em cima das bases da violência e da sobrevivência. A representação da dor e da tortura é feita por um sujeito que foi desumanizado e desconstruído e que agora busca novamente se constituir como pessoa. Observa-se que a linguagem nem sempre dá conta de expressar ou representar na íntegra a dor e o sofrimento do sujeito torturado. No entanto, o uso de diferentes recursos para a escrita e das figuras de linguagem, seja de forma consciente ou não, auxiliam o sobrevivente na sua narrativa no sentido de dar um enfoque e uma representação mais precisa ao leitor da sua história de dor e de tortura. Se, por um lado, a literatura não consegue representar as vivências de dor e de tortura em sua integralidade, por outro, permite ao sobrevivente-narrador-autor a reconstrução de suas memórias e vivências, a denúncia do sofrido e a reconstrução do sujeito torturado.

Por fim, para o sobrevivente de um acontecimento sem precedentes e, do mesmo modo, de dor e de sofrimento sem referências, todos os elementos da narrativa, como tempo verbal, pontuação, narrador, entre outros, bem como as figuras de linguagem, como metáforas, comparações, antíteses e paradoxos, o auxiliam a narrar sobre a tortura e o cárcere. Ao tentar dizer aquilo que, por vezes, é indizível, figuras de linguagem como, por exemplo, metáforas e comparações, auxiliam o sobrevivente a dar uma ao leitor uma ideia mais próxima daquilo que ele vivenciou, através de elementos conhecidos e que servem de referência para aqueles que não foram prisioneiros, tornando-se, assim, um facilitador tanto para quem escreve quanto para quem lê o testemunho.

#### 4.3 A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA EM HERNÁN VALDÉS, ALICIA PARTNOY, FLÁVIO TAVARES E CARLOS LISCANO

Tão estranho carregar uma vida inteira no corpo e ninguém suspeitar dos traumas, das quedas, dos medos, dos choros.

(Caio Fernando Abreu)

Sobreviver é viver além das expectativas, é resistir ao efeito de algo destrutivo, é continuar contra todas as perspectivas que indicavam o fim. Hernán Valdés, Alicia Partnoy, Flávio Tavares e Carlos Liscano são sobreviventes de uma

situação nefasta e são sujeitos que ousaram narrar as suas memórias e as suas vivências traumáticas. Cada um deles carrega o impacto do trauma na constituição da sua identidade, cuja narrativa apresenta indícios da vivência traumática. Sobreviver a um evento catastrófico deixa marcas singulares em cada indivíduo, assim como a representação dessas vivências também requerem particularidades relacionadas à violência sofrida.

Para o sobrevivente, narrar a vivência traumática é uma tarefa complexa, pois envolve questões individuais de esquecimento, memória, dor, sofrimento e representação, e também aspectos que dizem respeito a uma coletividade. O historiador e filósofo Frank Ankersmit afirma que “[...] o trauma causa uma dissociação de uma realidade experienciada de forma traumática e o sujeito da experiência traumática”<sup>423</sup>. Nesse sentido, o autor discorre que o trauma faz com que indivíduo seja incapaz de assimilar, de compreender e de incorporar a experiência traumática em sua trajetória de vida<sup>424</sup>. Portanto, o sujeito que sobreviveu a uma experiência traumática, como os sobreviventes da ditadura militar que assolou a América-latina, não é capaz de conciliar o próprio sofrimento com a consciência desse sofrimento, havendo, assim, uma dissociação entre ambos.

Nessa perspectiva, embora o sofrimento e a consciência sejam intrínsecos ao sujeito, a consciência tenta lidar com o sofrimento com certo distanciamento, pois ele está ali, mas não deveria pertencer àquela pessoa. Para o sobrevivente, há a incompatibilidade entre o sofrimento de um passado que não pode ser desfeito ou apagado e a resistência de, de fato, incorporá-lo à sua história. Assim sendo,

[o] paradoxo do trauma, portanto, é que ele nos dá um passado que não é esquecido nem lembrado; ele nos dá um passado que continua a existir em nós como uma realidade da qual nos lembramos precisamente porque não podemos lembrá-la e porque não temos acesso real a ela. O trauma ocorre pela incapacidade do sujeito de absorver a experiência traumática em toda a sua história de vida e isso o torna traumaticamente consciente

---

<sup>423</sup> ANKERSMIT, Frank. **Trauma and Suffering: a Forgotten Source of Western Historical Consciousness**. 2002. p. 06. Traduzido do original: “[...] trauma effects a dissociation of a traumatically experienced reality and the subject of the traumatic experience”.

<sup>424</sup> Idem. Ibidem. p. 06.

de uma realidade que se esconde dele assim que se revela e se faz sentir a ele<sup>425</sup>.

Conforme mencionado acima, nota-se que o trauma coloca o indivíduo em uma realidade da qual ele não tem controle, com idas e vindas das memórias da vivência traumática de forma desordenada, que fogem de qualquer domínio do sujeito traumatizado. É um passado que surge inesperadamente no presente do sobrevivente, fazendo com que ele reviva intensamente o sofrimento que tentou manter encoberto. Então, na contramão da história “normal”, que resulta em uma integração narrativa ou numa coordenação de vivências que podem ser “apropriadas” pelo sujeito, a “[...] história 'traumática' é o resultado de um processo de dissociação, de apresentação de nossa faculdade de associação histórica e narrativa com um desafio que ainda não conseguiu enfrentar”<sup>426</sup>. No que tange a continuar a sua vida após uma vivência traumática, Tavares, sobrevivente da ditadura brasileira, destaca, em seu livro **Memórias do esquecimento**, que, após a sua libertação, ele se tornou um “demente escravo da memória”<sup>427</sup>, ou seja, ele não comandava mais a sua memória, pois agora ela trazia à tona, sem qualquer aviso, o sofrimento e a dor do passado. Isso demonstra justamente essa incompatibilidade de conviver com a vivência traumática e de incorporá-la como parte da vida.

Ainda nesse segmento, Tavares indica a impossibilidade de retomar a sua vida após a vivência traumática, como se houvesse uma morte do seu “eu”, que ele expressa em seu testemunho através de uma ironia: “E – como numa daquelas ironias em que o Che era mestre – foi, também, nesse mesmo Uruguai que, 16 anos depois, fui sequestrado, fuzilado e morri. Ou comecei a morrer nas memórias desse esquecimento que quis contar aqui”<sup>428</sup>. O sofrimento extremo imposto aos prisioneiros das ditaduras, deixando-os no limite entre a vida e a morte, visava

---

<sup>425</sup> Idem. Ibidem. p. 06. Traduzido do original: “The paradox of trauma thus is that it gives us a past that is neither forgotten nor remembered; it gives us a past continuing to exist in us as a reality that we remember precisely because we cannot remember it and because we have no actual access to it. Trauma occurs because of the subject's incapacity to absorb the traumatic experience within the whole of his life-story and that makes him traumatically aware of a reality hiding itself from him as soon as it reveals itself and makes itself felt to him”.

<sup>426</sup> ANKERSMIT, Frank. **Trauma and Suffering**: a Forgotten Source of Western Historical Consciousness. 2002. p. 06. Traduzido do original: “[...] 'traumatic' history is the result of a process of dissociation, of presenting our faculty of historical and narrative association with a challenge that it is, as yet, unable to meet”.

<sup>427</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 13.

<sup>428</sup> Idem. Ibidem. p. 250.

também à desintegração psíquica do sujeito, dos seus valores e das suas crenças. Tavares, obviamente, não foi literalmente fuzilado e morto, mas ele indica que essa é uma forma irônica de expressar na narrativa o seu sentimento em relação à vivência traumática, além de representar o embate interno entre o esquecer, o recordar e o narrar o seu passado, como se um pouco dele morresse ao adentrar novamente nas suas memórias, no processo de assumir o seu passado e, por fim, reconhecê-lo como parte de sua história de vida. Nessa perspectiva, retomando os preceitos de Márcio Seligmann-Silva, embora livre após a catástrofe, o sobrevivente continua habitando nela<sup>429</sup>.

A dificuldade em continuar sua vida após sobreviver à prisão, relatado por Tavares, dá-se devido ao fato de que, segundo Diego Frichs Antonello, um “[a]contecimento traumático é conservado, na memória do sobrevivente, como um pedaço da própria realidade, recortada no momento do trauma, o que torna muito difícil ao sobrevivente tomar distância do acontecimento, isto é, enfraquecê-lo”<sup>430</sup>. Logo, o trauma não se encerra depois do evento que o causou, pois ele permanece de maneira intensa e irregular no sujeito, do mesmo modo como ocorrido no momento do acontecimento traumático e, exatamente nesse ponto, encontra-se a complexidade que o sujeito enfrenta ao reelaborar as suas memórias e narrá-las. Portanto, testemunhar é uma tarefa desconfortável e dolorosa porque “[f]az com que o autor mantenha contato com a fonte de seus traumas, mas talvez aí se encontre a chave para criar outro lugar para o traumático”<sup>431</sup>.

Nessa perspectiva, a narrativa, através do relato de testemunho do sobrevivente, pode ser um “outro lugar” para acomodar o acontecimento traumático, pois o sujeito tem a possibilidade de transferir parte da sua vivência traumática, que está em sua memória, para a narrativa escrita. No entanto, ao realizar essa transferência da memória para a redação, a narrativa traz indícios do trauma sofrido pelo sobrevivente, seja nas vivências descritas ou, ainda, na própria forma do testemunho. Nesse sentido, os quatro testemunhos aqui analisados trazem marcas do trauma que os acompanham após a libertação das prisões da ditadura nos seus respectivos países. Para exemplificar, primeiramente, toma-se

---

<sup>429</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. 2005. p. 63.

<sup>430</sup> ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. 2020. p. 44.

<sup>431</sup> Idem. Ibidem. p. 124.

aqui o fato de que alguns dos sobreviventes, depois de todo o sofrimento, dor e tortura vivenciados no cárcere, embora desejassem sair de tal condição, não se sentiam confortáveis com a própria liberdade.

Tal situação é descrita pelo uruguaio Carlos Liscano em **El furgón de los locos**. Após passar mais de uma década na prisão e ali ter conhecimento da morte do seu pai e da sua mãe, enquanto o furgão o levava para longe da prisão, prestes a entrar em liberdade, ele expressa o seu sentimento de confusão sobre a sua nova condição: “[d]e repente, sinto a estranheza de ser um homem livre. [...] Soa bellissimo, mas é terrível”<sup>432</sup>. Nota-se, assim, que a ideia de recomeçar ou de reconstruir a vida fora da prisão gera desconforto e certa desorientação ao sobrevivente. Para Liscano, “[n]a cadeia era mais cómodo, isto não pode e aquilo também não, e há apenas uma coisa que se pode. Se a comida chega na hora, come-se na hora. Se chega tarde, come-se tarde. E se não chega nem na hora e nem tarde, não se come”<sup>433</sup>. Antes mesmo de iniciar a sua liberdade, Liscano já demonstra uma distorção da realidade, considerando o terror da prisão mais “cómodo”, mais confortável, que a própria liberdade, ou seja, o sobrevivente em iminente liberdade se sente parte ou preso à sua vivência traumática, a ponto de causar estranheza a possibilidade de sair dela.

A rotina de anos na prisão, de luta para sobreviver à violência, às torturas, às condições precárias impostas e, até mesmo, a batalha contra o próprio pensamento de morte, tornaram a vida em liberdade uma incógnita para o sobrevivente: “Para o preso, viver é resistir um dia, uma noite mais. Para ele, cidadão livre o que é, como é viver?”<sup>434</sup>. A referência de vida para Liscano passou a ser a prisão, de forma que a liberdade era sentida como algo abstrato<sup>435</sup>, como uma situação totalmente nova para enfrentar. Em sua narrativa, o sobrevivente faz menção à desumanização a que foi submetido nos anos de prisão: “Dentro de pouco sentirei que estou no momento mais difícil de minha vida. Para seguir em frente tenho um instinto de um animal em um morro, que é o hábito do preso: ver

---

<sup>432</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 44-45. Traduzido do original: “De pronto siento la extrañeza de ser un hombre libre. [...] Suena hermoso, pero es terrible”.

<sup>433</sup> Idem. Ibidem. p. 45-46. Traduzido do original: “En la cárcel era más cómodo: esto no se puede y lo otro tampoco, y apenas algo que se puede. Si la comida llega en hora, se come en hora. Si llega tarde, se come tarde. Y si no llega ni en hora ni tarde, no se come”.

<sup>434</sup> Idem. Ibidem. p. 46. Traduzido do original: “Para el preso vivir es un día, una noche más. Para el ciudadano libre, ¿qué es, cómo es vivir?”.

<sup>435</sup> Idem. Ibidem. p. 46.

sem olhar, ouvir sem escutar, saber sem demonstrar”<sup>436</sup>. A referência usada pelo autor a um instinto animal demonstra como a vivência traumática da prisão o embruteceu, fazendo-o agir e perceber o mundo de forma automática, impensada, sem a sensibilidade que deveria ser típica do ser humano. Portanto, ao receber a liberdade, o sobrevivente tem a difícil tarefa de encontrar o seu espaço e se reconstituir como ser humano.

Ao passo que Liscano foi liberto e pôde continuar em seu país, os sobreviventes Hernán Valdés, Alicia Partnoy e Flávio Tavares sofreram uma segunda vivência traumática, para além da prisão e da tortura, a saber, o exílio. A “liberdade” recebida pelos sobreviventes das ditaduras chilena, argentina e brasileira foi condicionada ao exílio, haja vista que os três foram enviados a países estrangeiros para, então, serem considerados livres. Nesse contexto, o psicanalista Marcelo Viñar destaca:

O homem se constrói a partir de suas ilusões e de seus projetos, e uma das dimensões da existência é o fato de remodelar permanentemente este jogo de ilusões e de projetos, que se dá entre o ser e as pessoas de sua convivência. O exílio faz abortar esse movimento e o destrói, para retomá-lo na estranheza do não familiar. Daí a sua dimensão do traumatismo. Ele se apresenta como um tempo de inércia e contemplação, que emerge após a tormenta, o naufrágio e a catástrofe: propõe o desafio do que podemos construir a partir da perda, da desilusão, do desencorajamento, da derrota<sup>437</sup>.

Conforme o autor, o exílio rompe com as expectativas do sobrevivente e o joga mais uma vez na estranheza de uma condição desconhecida, originando, assim, uma nova situação propícia a gerar um trauma. O exílio, ainda não é uma retomada, mas sim um tempo de estagnação, de uma “liberdade” subordinada, na qual o sobrevivente ainda não tem total domínio e escolha sobre a sua vida, de maneira que passa a enfrentar uma nova realidade imposta. O chileno Valdés, que escreveu o seu testemunho em forma de diário logo após a libertação, salienta, na nota preliminar do seu livro **Tejas Verdes**, o seguinte: “Parei o diário apenas no momento da minha libertação, caso contrário, teria que continuar com um tema,

<sup>436</sup> Idem. Ibidem. p. 46. Traduzido do original: “Dentro de un rato sentir é que estoy en el momento más difícil de mi vida. Para salir adelante tengo el instinto del animal en el monte, que es el hábito del preso: ver sin mirar, oír sin escuchar, estar enterado sin demostrarlo”.

<sup>437</sup> VIÑAR, Marcelo. A experiência do exílio: do traumatismo ao inesperado. In: \_\_\_\_\_; VIÑAR, Maren. **Exílio e tortura**. 1992. p. 111.

senão diferente, pelo menos ambiental e humanamente muito distinto, ou seja, o mundo sufocante dos refugiados nas embaixadas”<sup>438</sup>. Assim, o autor explica a sua escolha em parar a narrativa no momento exato da libertação, pois narrar o exílio seria adentrar em uma narrativa de um novo período que também causou sofrimento e angústia no sobrevivente ou, em suas próprias palavras, um período que o conduziu a um “mundo sufocante”.

Semelhantemente, Partnoy expressa, em **La escuela**, as sensações que sentiu ao retornar à Argentina, no verão de 1984, após viver quatro anos e meio no exílio:

[...] voltei para minha terra envolta em luto pela perda de meus amigos que desapareceram ou foram assassinados nas mãos dos militares. Mais uma vez chorei por aqueles membros da minha família que morreram durante a minha odisseia de sete anos de prisão e ostracismo e de sofrer diante do espetáculo de um país arruinado por anos de ditadura<sup>439</sup>.

A passagem acima demonstra que, para a sobrevivente, o período entre o exílio até o regresso à sua terra natal foi marcado pelo luto devido a perdas de amigos e de familiares que foram assassinados. O retorno à Argentina se fez fundamental para que ela chorasse e assimilasse as perdas ocorridas durante aquele intervalo de tempo em que esteve na prisão e no exílio. Logo, o exílio se converteu em uma continuidade do sofrimento da prisão, ao tirar-lhe a perspectiva de voltar ao seu lar e aos seus familiares e amigos, e conduzi-la a um período de exclusão, gerando, assim, um novo trauma.

Flávio Tavares, em seu livro, também faz referência à sua condição de exiliado. Ele e seus 14 companheiros de prisão começaram o exílio e, em seguida, estavam na condição, até então desconhecida, de “banidos”. O autor conta que, alguns dias após a libertação, “num Ato Institucional com data atrasada, como se fosse anterior à [sua] partida, a Junta Militar decretou o [seu] ‘banimento do

<sup>438</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 7. Traduzido do original: “He detenido el diario justo en el momento de la puesta libertad, pues de otro modo habría tenido que continuar con un tema, si no diferente, por lo menos ambiental y humanamente muy distinto, esto es, el asfixiante mundo de los asilados en las embajadas”.

<sup>439</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 7. Traduzido do original: “[...] volví a mi patria envuelta en el luto dejado por la pérdida de mis amigos desaparecidos o asesinados en manos de los militares, volví a llorar por aquellos miembros de mi familia muertos durante mi odisea de siete años de cárcel y ostracismo y a sufrir ante el espectáculo de un país arruinado por años de dictadura”.

território nacional”<sup>440</sup>, e, portanto, ele não tinha a possibilidade de retornar ao seu país de origem. A repressão política fez com que Tavares perdesse o direito à sua nacionalidade, tornando-se, assim, um apátrida, longe de suas origens. Além de ficar sem pátria, o sobrevivente brasileiro ficou sem segurança, pois ele voltou a ser preso, no Uruguai, durante o exílio, e experienciou novamente o cárcere “[c]om requintes de uma crueldade que nem sequer conheci no quartel da Rua Barão de Mesquita, no Rio”<sup>441</sup>.

Dessa maneira, a libertação da prisão e o exílio não representaram a liberdade ou a reconstituição da sua vida para o sobrevivente, ao contrário, a partir do momento em que foi liberto da prisão no Brasil, deu-se uma sucessão de acontecimentos difíceis e dolorosos. Tavares destaca que, “[d]urante 10 anos e dois meses, eu e todos nós fomos “os banidos”. Livres e desterrados”<sup>442</sup>. E o seu testemunho traz indícios da vivência traumática que foi o exílio, visto que, ainda na introdução do seu livro, o autor se questiona por que lembrar, entre outros tantos fatos dolorosos, o exílio. Ao que ele afirma que escreve porque simplesmente não pode esquecer e controlar as suas memórias, assim como não o pode fazê-lo com as memórias relacionadas à prisão e à tortura. Por isso, Tavares também rememora o exílio no seu testemunho e aquilo que ele possivelmente deixou de viver por causa dele:

Agora, quando roço a tua pele e no silêncio te sinto estremecer, me pergunto para que evocar o exílio, aqueles longos dez anos em que fomos os “banidos”, algo extravagante que nos obrigava a vagar pelo mundo sem jamais poder voltar à pátria e ouvir teus sussurros ou descobrir teus olhos verde-azuis ao sol do lugar onde nasci<sup>443</sup>.

Com isso, pode-se dizer que os sobreviventes da ditadura militar latino-americana, visto que ela ocorreu de modo semelhante em diversos países, passaram, além do trauma da prisão e da tortura, pela vivência traumática do exílio. Tais marcas são manifestas em diferentes aspectos da narrativa de testemunho, trazendo características do próprio sujeito traumatizado em seu

---

<sup>440</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 133.

<sup>441</sup> Idem. Ibidem. p. 12.

<sup>442</sup> Idem. Ibidem. p. 133.

<sup>443</sup> Idem. Ibidem. p. 12.

testemunho. Ao narrar um passado que é inenarrável, ao transformar em palavras aquilo que não tem uma definição, o sobrevivente enfrenta conflitos para encontrar uma forma de expressar a complexidade, a estranheza e o horror da vivência traumática, e sem banalizá-la ao fazer uso da linguagem.

Quanto à narrativa das vivências traumáticas, os sobreviventes demonstram consciência de algumas das limitações na seleção e na transferência das memórias para a narrativa escrita. A impossibilidade de representar o passado catastrófico e incompreensível causa certa confusão e ambiguidade para o sobrevivente, como se pode observar no exemplo a seguir:

É impossível, ou pelo menos enganoso, tentar explicar com os olhos e a realidade de hoje o que víamos com os olhos de ontem na realidade de ontem. Tudo o que houve é ainda recente – a nossa entrega e despojo pessoal, os erros, os pequenos êxitos, os grandes fracassos, a aventura em si. Centenas, como eu, estão vivos e lúcidos para sentir tudo como se entre o passado e o presente hajam passado apenas algumas horas nesses trinta e tantos anos que nos separam daquele 1965 em que éramos jovens, românticos e puros. No entanto, entre os dias de ontem e os de hoje, há uma distância de séculos<sup>444</sup>.

No fragmento acima, do testemunho de Tavares, é notável a sua consciência sobre a dificuldade existente para expressar ou narrar na íntegra, ou de forma adequada e convincente, as memórias do seu passado, visto que o autor usa as palavras “impossível” e “enganoso” para se referir a tentativa de explicar a suas vivências. O sobrevivente também afirma que, após passados tantos anos, tudo o que lhe sucedeu “é ainda recente”, que entre o passado e o presente passaram “algumas horas” e, logo em seguida, afirma que, entre o ontem e o hoje, “há uma distância de séculos”. Essa imprecisão da percepção do tempo entre o passado e o presente é um sinal do trauma que acompanha o sobrevivente, pois, ao mesmo tempo em que ele revive e sente a vivência traumática com grande intensidade, como se tivesse ocorrido em um tempo muito próximo, ao tentar rememorar-la e transferi-la para a narrativa escrita, ele enfatiza que há uma distância de séculos entre o passado e o presente e, portanto, não seria possível explicá-la, pelo menos de forma suficiente, nos dias de hoje, longe do contexto ditatorial.

---

<sup>444</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 178.

Nos relatos de testemunho, a questão temporal é um aspecto marcante na narrativa. A escritora Regina Igel, em seu livro **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**, publicado em 1997, trata da literatura da Shoah, em suas diferentes formas, incluindo os relatos testemunhais e as suas características. Embora se trate de contextos distintos, os testemunhos da ditadura latino-americana também apresentam algumas características semelhantes quanto à sua forma. Em relação ao tratamento do tempo, segundo a autora, trata-se de uma narrativa que corresponde a um “tempo desenterrado pela memória”<sup>445</sup> e, conseqüentemente, “o seu reavivamento desencadeia uma série de lembranças de acontecimentos, simultâneos ou sucessivos, ocorrendo, em certas narrativas, um esfacelamento do tempo convencional”<sup>446</sup>. Assim, os relatos de testemunho podem apresentar partes descoordenadas e fora de ordem cronológica.

A exemplo disso, observa-se, nos relatos testemunhais dos sobreviventes das ditaduras, que, por vezes, não é possível estabelecer uma narrativa coordenada e numa ordem cronológica. No caso do relato testemunhal de Hernán Valdés, **Tejas Verdes**, há um esforço para manter a ordem cronológica dos acontecimentos e, para tal, o autor faz a sua narrativa em formato de diário, datando cada dia em que esteve preso, e, assim, consegue ser mais fiel ao seu objetivo, estabelecendo uma seqüência temporal. Já nas narrativas de Partnoy, Tavares e Liscano, observa-se que eventos do passado, antes da prisão, da própria prisão e do presente, podem ser intercalados no decorrer do texto, sem uma seqüência lógica ou cronológica.

Esse aspecto exemplifica-se aqui com a narrativa de Liscano. Antes de iniciar o primeiro capítulo do seu livro, o autor já apresenta uma descrição da sua condição de prisioneiro: “Faz dias que estou no quartel do exército, encapuzado até os ombros; a calça, a cueca, os sapatos encharcados. Tenho 23 anos. Não sei que dia nem que horas são. Sei que é de noite, tarde. Trouxeram-me há pouco da sala de tortura [...]”<sup>447</sup>. Na seqüência, o sobrevivente volta a sua narrativa para as memórias da sua infância: “Acabo de fazer sete anos. Estou aprendendo as horas,

<sup>445</sup> IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**: o componente judaico na literatura brasileira. 1997. p. 228.

<sup>446</sup> Idem. Ibidem. p. 228.

<sup>447</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 7. Traduzido do original: “Hace días que estoy en un cuartel del Ejército, encapuchado hasta los hombros: el pantalón, la camiseta, el calzoncillo, los zapatos empapados. Tengo 23 años. No sé qué día ni qué hora es. Sé que es de noche, tarde. Acaban de traerme de la sala de tortura [...]”.

mas não tenho relógio. Nesta época só os adultos usam relógio”<sup>448</sup>. Nessa breve prossecução inicial da narrativa, nota-se a inversão cronológica dos fatos narrados, começando pela descrição do sobrevivente na prisão e, em seguida, voltando às memórias da infância. Esse movimento de alternância de (des)ordem cronológica é realizado ao longo da narrativa, sendo, pois, uma indicação do trauma vivido por Liscano, como se as memórias da vivência traumática surgissem em meio às memórias de outras fases da vida do sobrevivente, sem ordenação e sem controle. Além disso, as duas passagens fazem menção à questão do tempo, num comparativo de diferentes situações em que o sobrevivente não tinha acesso ao tempo nem controle dele, indicando que, na prisão, ele voltou à submissão e à dependência semelhante ao que fora nos seus tempos de criança.

As lacunas de memória também são uma marca das narrativas dos sobreviventes de vivências violentas e traumáticas. Certamente é inviável narrar tudo o que se viveu no cárcere das ditaduras, devido à extensão dos fatos, mas, mesmo para aqueles acontecimentos que o sobrevivente deseja narrar, as lacunas e as falhas da memória podem dificultar a narrativa e deixam os seus traços nela. Nessa perspectiva, Igel argumenta que, “[c]omuns à maioria dos narradores, as falhas de memória são geralmente compensadas com situações ocorridas com outros, adaptadas como próprias, dada a repetição dos males coletivos”<sup>449</sup>. Todavia, essas lacunas não são um problema na narrativa, e, sim, mais uma característica do discurso do sujeito traumatizado, dado que a singularidade “[...] do discurso isenta a pessoa narradora desse tipo de transgressão estilística, pois, ao deixar de contar acontecimentos referentes a um determinado período, o curso do fio narrativo não chega a ser disperso pela voz memorialista”<sup>450</sup>. Nesse contexto, alguns dos sobreviventes admitem as suas falhas de memória, como o chileno Valdés, em **Tejas Verdes**:

Claro que me escapam muitos detalhes e, fundamentalmente, a possibilidade de transmitir a experiência da passagem do tempo, de

---

<sup>448</sup> Idem. Ibidem. p. 11. Traduzido do original: “Acabo de cumplir siete años. Estoy aprendiendo la hora, pero no tengo reloj”.

<sup>449</sup> IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**: o componente judaico na literatura brasileira. 1997. p. 227.

<sup>450</sup> Idem. Ibidem. p. 227.

esperar a passagem do tempo naquela situação de confinamento sem prazos estabelecidos e sem fins conhecidos<sup>451</sup>.

No trecho acima, o sobrevivente destaca a sua consciência a respeito das limitações da sua memória e, conseqüentemente, da sua narrativa, pontuando que algumas partes do que foi vivenciado na prisão não são possíveis de serem transmitidas, pois são indescritíveis e sem um propósito. Já Partnoy relembra o próprio mecanismo da prisão, que conduzia o preso a se esquecer de quem era, a romper com suas memórias: “O nome... meu nome, já esqueci meu nome. Não importa, melhor. Eu também esqueci os nomes dos meus colegas, seus rostos, o que eles fizeram...”<sup>452</sup>. Embora, na sequência, a autora enfatize que não esqueceu as suas convicções, fica evidente o mecanismo de repressão que conduzia o prisioneiro ao esquecimento e, conseqüentemente, à perda de suas memórias. Na narrativa da sobrevivente, os sinais desses acontecimentos traumáticos se refletem na forma como o texto é narrado, como, por exemplo, a pontuação com muitas reticências em vários trechos da sua narrativa, deixando lacunas para aquilo que não pode ser lembrado ou descrito, ou mesmo deixando esse espaço para a imaginação do leitor: “‘Abaixo os militares assassinos. Pátria ou Morte. A gente vai ganhar’... uma coisa assim... é melhor eu não pensar nisso, é melhor eu não lembrar... Tenho sede, mas se eu o chamar vai começar tudo de novo... os golpes...”<sup>453</sup>.

No exemplo acima, Partnoy faz uma transição brusca do seu tempo de militância antes da prisão com a sua condição na prisão, deixando uma lacuna temporal e de memória no meio do próprio parágrafo. Ademais, a autora compensa as suas lacunas de memória, assim como os demais sobreviventes, com narrativas sobre os seus companheiros de prisão, expondo os males e a violência que atingiam a coletividade. Além disso, ela faz uso de outros recursos ao longo de sua narrativa para expressar os acontecimentos da ditadura argentina, como o uso das

---

<sup>451</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 6-7. Traduzido do original: “Desde luego, muchos detalles se me escapan y, fundamentalmente, la posibilidad de transmitir la experiencia del paso del tiempo, de la espera del paso del tiempo en esa situación de encierro sin plazos establecidos y sin fines conocidos”.

<sup>452</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuelita**: relatos testimoniales. 2006. p. 37. Traduzido do original: “El nombre... mi nombre, ya me olvidé mi nombre. No importa, mejor. También me olvidé los nombres de los compañeros, las caras, lo que hacían...”.

<sup>453</sup> Idem. Ibidem. p. 38. Traduzido do original: “‘Abajo a los milicos asesinos. Patria o Muerte. Venceremos’... algo así... mejor no pienso en eso, mejor no me acuerdo. Tengo sed pero si lo llamo va a empezar todo de nuevo...los golpes...”.

pinturas feitas pela sua mãe, Raquel Partnoy, durante a ditadura, poemas e pequenos versos de sua autoria e de terceiros, bem como uso de epígrafes antes de cada capítulo, sendo que algumas são frases de seus companheiros de prisão.

A propósito, para exemplificar o uso de tais recursos, toma-se aqui o momento da narrativa em que Partnoy cita um pequeno fragmento do poema “Padrenuestro Latinoamericano”, do poeta, escritor e ensaísta uruguaio Mario Benedetti, que faz referência ao contexto latino-americano da época:

Pão  
O pão de cada dia,  
ontem você tirou-o de nós,  
dá-nos hoje...<sup>454</sup>.

A sobrevivente usa esse fragmento para expressar que, em meio a tantas incertezas do cárcere, o pão é a única coisa que lhe dá certa segurança. Além disso, o poema de Benedetti ajuda a contextualizar e, talvez, a ratificar a situação que a sobrevivente desejou expor. Entende-se, assim, que esse recurso a auxilia a expressar a sua vivência e o próprio contexto traumático em que estava inserida. Logo em seguida, ao observar por debaixo da venda a sua companheira de cárcere, María Elenita, com um pedaço de pão, expressa-se novamente através de seu próprio poema:

María Elenita  
doce e pequena,  
sentada em sua cama  
comendo um pedaço de pão.  
Duas lágrimas  
molham o seu rosto  
e eles nunca saberão  
de María Elenita  
doce e pequena  
sentada em sua cama  
comendo um pedaço de pão<sup>455</sup>.

---

<sup>454</sup> Idem. Ibidem. p. 69. Traduzido do original: “Pan/ El pan de cada día,/ ayer nos lo quitaste,/ dánoslo hoy...”.

<sup>455</sup> Idem. Ibidem. p. 71. Traduzido do original: “María Elenita/ dulce y chiquita,/ sentada en su cama/ comiendo un pedazo de pan/ Dos lagrimitas/ mojan si rostro/ y ellos nunca sabrán/ de María Elenita/ dulce y chiquita/ sentada en su cama/ comiendo un pedazo de pan”.

Descrever a cena presenciada na prisão, que reflete as condições sub-humanas e a alimentação precária, através de um poema, talvez seja um facilitador para a sobrevivente para narrar o horror vivido e testemunhado. Logo na sequência do poema, Partnoy explica que histórias como aquelas se multiplicavam e, certamente, a memória do sujeito traumatizado não daria conta de representar tudo o que os seus olhos viram. Assim, o poema representa uma situação que a sobrevivente rememorou e tantas outras semelhantes que se perderam nas lacunas da memória. Portanto, todos esses recursos, como narrar fatos sobre os companheiros da prisão e de uma coletividade, fazer uso de artifícios como epígrafes, poemas e imagens, podem servir de apoio aos sobreviventes para suprir parte das lacunas de sua memória. Essas, por sua vez, são características do sujeito que carrega o trauma do passado e, por isso, as narrativas dos sobreviventes aqui analisadas demonstram o uso de diferentes recursos a fim de obter uma forma de mais bem contextualizar e descrever a história vivida e, também, aqueles fatos que acompanham os autores, mas que o trauma manteve em um lugar obscuro.

Os grandes saltos temporais na narrativa também estão presentes no testemunho de Tavares, como na cena em que ele descreve o momento em que foi torturado com choques elétricos e sobreviveu graças à sujeira do seu corpo, a qual serviu como uma espécie de proteção contra as descargas elétricas, e, na sequência, parte para a narrativa de lembranças da infância e da juventude:

E, assim, a sujeira me salvou. Voltei à cela e, inesperadamente vitorioso, acariciei o meu cascão.

A primeira bicicleta. A primeira comunhão. O primeiro beijo. Para a mulher, o primeiro homem. Para o homem, a primeira mulher. Ou o primeiro salário do primeiro trabalho. Ou, então, a primeira letra escrita para compor a primeira palavra no primeiro caderno da escola: eu escrevi “o”, logo “v” e quando compus “ovo” senti-me no turbilhão do mundo adulto aos 6 anos de idade.

Insuperável e inesquecível tudo. Mas eu ousou dizer que nada disso teve o poder e a emoção da primeira metralhadora<sup>456</sup>.

Após descrever a cena de tortura na prisão, Tavares dá um grande salto temporal e narra as suas memórias da infância e juventude, de momentos insuperáveis e inesquecíveis, assim como seria a sua história como prisioneiro, só

---

<sup>456</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 75-76.

que uma forma negativa e traumática. Ele também faz referência à emoção da primeira metralhadora e à sua militância. Memórias e narrativas que se entrecruzam de forma desordenada, assim como a memória traumática do sobrevivente. Nesse mesmo viés, é possível observar os indícios do trauma na escrita de Partnoy, ao expressar aspectos como a confusão mental e saltos entre memórias do passado e a realidade da prisão, ao ouvir outros prisioneiros passarem pela tortura:

Ninguém sabe onde ele mora / ninguém na casa o viu, / mas todos nós escutamos/ o sapinho Glo-glo-glo... Filha, minha língua dói e não posso falar “glo-glo-glo”. Você igualmente não pode ouvir-me. Este verso te acalmava quando você chorava, você podia adormecer ouvindo-o. Estou repetindo há um dia e não consigo dormir... Glo-glo-glo pode ser ouvido no telhado.../ Glo-glo-glo... Não vou mais ver você... Os eletrodos nos testículos... Encurralado... como o Sapinho... mas todos nós escutamos...<sup>457</sup>.

No trecho acima do testemunho da sobrevivente argentina, a realidade da prisão e a da tortura se entrecruzam com as memórias de sua filha e dos momentos em que ela cantava a canção “O Sapinho Glo-glo-glo” para acalmá-la e fazê-la dormir. As memórias dos momentos com a filha são intercaladas com os gritos dos torturados, que todos escutavam e que causavam tanto sofrimento quanto a tortura em si. Na tentativa de fuga de testemunhar a tortura e o sofrimento dos demais prisioneiros, Partnoy afirma que há um dia vinha repetindo a mesma canção que acalmava a sua filha, porém sem efeito. A autora reflete esse momento traumático neste capítulo do seu testemunho, que leva como título o nome da canção infantil, e cuja narrativa é fragmentada do começo ao fim, com uma narrativa que mistura memórias e falas dirigidas à filha, cenas e percepções da tortura, e partes da canção infantil, que se repete constantemente. Além disso, a autora pontua essa narrativa com muitas reticências, deixando em aberto aquilo que não pode ser dito ou, ainda, aquilo que deseja silenciar naquele momento e,

---

<sup>457</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 81. Traduzido do original: “Nadie sabe dónde vive/ nadie en la casa lo vio,/ pero todos escuchamos/ al sapito Glo-glo-glo... Hija, me duele la lengua y no puede decir “glo-glo-glo”. Vos igual no podés oírme. Te calmaba este versito cuando llorabas, te podías dormir escuchándolo. Yo hace un día que lo repito y no puedo dormir... Glo-glo-glo se oye en la azotea.../ Glo-glo-glo... Ya no te voy a ver... Los electrodos en los testículos... Acorralado...como el Sapito... pero todos escuchamos...”.

consequentemente, deixa em aberto um espaço para as possíveis interpretações do leitor.

No contexto dos relatos testemunhais, narrar o que aconteceu nas prisões das ditaduras latino-americanas pode parecer algo tão absurdo para o sobrevivente, a ponto de ele questionar se a sua narrativa terá uma recepção adequada e se os fatos narrados serão tidos como reais e verdadeiros, haja vista a própria dificuldade do sobrevivente em recordar, assimilar e transmitir um episódio tão violento e traumático. Logo, um sintoma do trauma manifesto na escrita pode ser a busca e a expressão da fidelidade aos fatos vividos, bem como a ênfase de que aquela narrativa é comprometida com a verdade. A necessidade de afirmar a veracidade dos fatos narrados aparece nos quatro testemunhos analisados, seja nas notas preliminares, no prefácio, na introdução ou no decorrer do texto. As narrativas dos sobreviventes têm como característica um forte apego em expressar e destacar que o seu testemunho é verdadeiro, como o faz o brasileiro Tavares, ao afirmar que a sua história foi

[v]ivida – não inventada –, essa história deixou marcas, cicatrizes, neuroses, patologias de alma e corpo, as vezes diagnosticáveis até no olhar das vítimas – uma mirada atormentada, medrosa e deslumbrada. Ou tímida, recolhida e encapsulada em si mesma<sup>458</sup>.

Na passagem acima, Tavares destaca que o seu testemunho apresenta fatos e emoções reais, livres de invenções, e que ainda carrega consigo as marcas e os efeitos de tudo que lhe aconteceu nos porões da ditadura e no exílio. São marcas físicas e psicológicas do trauma que se refletem no sobrevivente e que deixam traços nos seus testemunhos. Por sua vez, Hernán Valdés, em **Tejas Verdes**, afirma ter preservado até os insultos e as deformações verbais usados nos diálogos na prisão, no intuito de que seu testemunho ficasse isento de falseamentos ou de mentiras<sup>459</sup>, e que seja um diário fidedigno<sup>460</sup> dos acontecimentos. O medo e a insegurança de que as suas vivências do período ditatorial não sejam compreendidas ou dignas de crédito ou confiança pelos leitores também pode ser uma marca do trauma do sobrevivente.

<sup>458</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 244.

<sup>459</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 7.

<sup>460</sup> Idem. Ibidem. p. 5.

Além de o sobrevivente carregar, no seu testemunho, o compromisso com a verdade e a fidelidade aos fatos, ele também enfrenta dificuldades e limitações para narrar, pois, de acordo com Igel, “[a]s testemunhas narradoras têm enfrentado não só as dificuldades inerentes ao ato de narrar, como também a ausência de recursos léxicos – em todas as línguas – [...] e de um apoio metafórico para as cenas testemunhadas”<sup>461</sup>. Assim, as testemunhas recorrem a diferentes recursos linguísticos para dar forma aos acontecimentos violentos, às torturas, às situações de limítrofes entre a vida e a morte, enfim, recursos que podem dar expressão e contorno à memória traumática do indivíduo. O escritor Carlos Liscano afirma que não encontra meio para descrever o que sente em relação ao próprio corpo sujo e torturado, pois é um conhecimento único e que o acompanhará por toda a vida, numa dimensão além da vida normal, pois é um aspecto primitivo que faz com que reconheça o aspecto animal em si<sup>462</sup>. Essa animalização e/ou objetificação do sujeito, para além de uma condição humanamente aceitável, foram impostas nas prisões com o objetivo de desintegrar o ser humano, tanto física como psicologicamente. Como já mencionado neste estudo, uma vivência de extrema violência tem “impacto desintegrador da personalidade”<sup>463</sup> do sobrevivente. Para expressar tais condições e situações nas narrativas, os sobreviventes fazem uso de metáforas e comparações simples, recorrendo ao reino animal e à objetificação.

Por esse viés, toma-se como exemplo a comparação que Valdés faz dele e de seus companheiros de prisão: “Como um rebanho cego, tropeçamos uns nos outros, sem saber a direção que devemos tomar”<sup>464</sup>. Aqui, dada a situação deplorável do sobrevivente e de seus companheiros, é estabelecida, na narrativa, uma comparação dos prisioneiros com um rebanho, com o gado que segue fielmente o seu dono, cego, sem questionamentos. Partnoy, por sua vez, usa a comparação para se autodescrever: “Eu cheiro como um animal encurralado”<sup>465</sup>. Esse recurso serve para indicar a animalização e a degradação do sujeito encarcerado, visto as péssimas condições sanitárias das prisões. Já Tavares, ao

<sup>461</sup> IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**: o componente judaico na literatura brasileira. 1997. p. 228.

<sup>462</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 102.

<sup>463</sup> BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. 1989. p. 34.

<sup>464</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 41. Traduzido do original: “Como un rebaño ciego tropezamos unos con otros, ignorantes de la dirección que debemos tomar”.

<sup>465</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 82. Traduzido do original: “Tengo olor a animal enjaulado”.

relatar a tortura e os abusos sofridos pelas mulheres, afirma que os atos eram executados “[...] para destruir ou marcar a ferro, como numa rês”, indicando, assim, também, a desumanização por parte dos torturadores, que não viam os prisioneiros como seres humanos, mas como animais, como um rebanho de gado.

Ainda nesse mesmo contexto, Liscano, juntamente com os demais prisioneiros, se descreve como um simples objeto: “Isso nos faz rir, parecemos mercadoria”<sup>466</sup>. Há uma certa ironia ao se referir à questão de parecerem mercadorias, meros objetos nas mãos de seus algozes. O uso desses recursos linguísticos, para fazer referência à animalização e à objetificação de si e de outros indivíduos, é claramente um indício do sobrevivente que sofreu uma tentativa de desumanização na prisão e que carrega consigo o trauma dessa vivência.

Ademais, as narrativas geralmente limitam-se ao restrito espaço físico da prisão e, para descrevê-lo, os autores também fazem uso de comparativos simples. Tavares, por exemplo, ao chegar à sua cela e ver um colega de prisão morto, representa aquele espaço da seguinte forma: “Tudo é como se fosse uma tumba e eu também fosse um morto, não apenas uma testemunha da morte”<sup>467</sup>. A comparação elaborada pelo sobrevivente reflete o risco iminente de morte do ambiente prisional e também o trauma vivenciado ao ver o corpo sem vida do companheiro de prisão, fazendo com que a própria testemunha se sentisse morta, com seus sentimentos e emoções destruídos e, anos depois, continuasse com o mesmo sentimento para descrever aquele episódio.

Diante do exposto, verifica-se que o propósito do sobrevivente é comunicar de modo simples e objetivo a sua vivência, e, para tanto, os recursos linguísticos utilizados, como nos exemplos anteriores, o auxiliam a descrever e a dar uma dimensão mais congruente às histórias passadas e, portanto, registrar a sua memória. Com isso, uma vez que Valdés, Partnoy, Tavares e Liscano passaram por situações de cárcere semelhantes e, conseqüentemente, devido às limitações linguísticas em razão dos traumas vividos, observa-se, por vezes, em seus relatos, a constância de determinados temas.

---

<sup>466</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 172. Traduzido do original: “Eso nos hace reír, parecemos mercadería”.

<sup>467</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 97.

Entre tantos aspectos que permeiam os relatos de testemunho, as denúncias à indiferença é uma característica em comum das narrativas analisadas, pois parte da população dos períodos ditatoriais permaneceu indiferente aos acontecimentos, às prisões, às torturas, às mortes e aos desaparecimentos dos cidadãos. Frente a tal condição, os sobreviventes expressam, em suas narrativas, sua contrariedade e sua indignação a essa postura. A exemplo disso, Valdés é um dos autores que reclama dessa apatia por parte da sociedade em geral. A primeira denúncia acontece enquanto ele descreve o momento em que era transportado em um caminhão pelos militares: “Todo o burburinho da cidade nos rodeia: uma cidade que finge, em grande parte, continuar vivendo na inocência”<sup>468</sup>. Aqui, o sobrevivente afirma que grande parte da cidade “fingia” não saber dos fatos, pois era mais cômodo não se envolver com os acontecimentos da época.

Mais adiante, no campo de concentração Tejas Verdes, em meio ao horror em que estava vivendo lá, Valdés novamente faz uma denúncia da indiferença da sociedade frente aos acontecimentos: “Há, obviamente, uma vida cotidiana a poucos metros daqui e, mais do que isso, uma vida festiva de quem passa as suas férias”<sup>469</sup>. O campo de concentração no qual o autor e muitos outros prisioneiros estavam confinados em condições precárias, vivendo o horror da ditadura, era próximo a um local utilizado para o turismo, no qual muitas pessoas costumavam passar as suas férias. No entanto, mesmo próximo ao campo de concentração, as pessoas continuavam agindo de forma indiferente e com descaso ao que acontecia lá.

Além das denúncias presentes nas obras, outras características psicológicas dos sobreviventes são descritas ou são perceptíveis no testemunho, como os sonhos, o medo, a culpa, a solidariedade e, também, algumas perspectivas. Conforme os estudos de Braunstein<sup>470</sup> mencionados previamente, o sujeito traumatizado tem que lidar com as imagens violentas do passado, e o reflexo na sua narrativa se dá também por meio de *flashbacks*, problemas na constituição e identidade do sujeito, esquecimentos e contradições, entre outras particularidades.

---

<sup>468</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. p. 44. Traduzido do original: “Todo el rumor de la ciudad nos rodea: una ciudad que pretende, en buena parte, seguir viviendo en la inocencia”.

<sup>469</sup> Idem. Ibidem. p. 76. Traduzido do original: “Existe, evidentemente, una vida cotidiana a pocos metros de aquí y, más que eso, una vida festiva de quienes pasan sus vacaciones”.

<sup>470</sup> BRAUNSTEIN, Néstor A. **Sobrevivendo ao trauma**. s. d.

Nesse sentido, os sonhos e os *flashbacks* das situações traumáticas vivenciadas pelos sobreviventes estão presentes em seus testemunhos. Tavares, já no primeiro capítulo do seu relato de testemunho, dedica-se a enfatizar, de forma repetida, a dificuldade em conviver com os pesadelos e as memórias que surgiam inesperadamente, a partir do momento em que ingressou no seu exílio. Tamanho foi o impacto desses sintomas do trauma, que o autor decide começar a sua narrativa justamente pelo exílio, invertendo a ordem dos fatos na narrativa. Segundo o autor, por dez anos, os pesadelos o acompanhavam regularmente, o que trazia sentimentos intensos de angústia e de sofrimento:

Tudo isso talvez me explique, hoje, essas noites aflitas ao longo de muitos anos, em que o mais duro e terrível não era sonhar a maldade, mas despertar-me imóvel, sem saber ao certo se tudo aquilo fora verdade e tinha acontecido ou era, apenas uma nuvem no sono<sup>471</sup>.

Tal descrição, apresentada no excerto acima, é consonante com as teorias de Freud, de que há a indicação de que a raiz da neurose traumática ocasiona uma fixação no momento do acidente traumático. Consequentemente, o acontecimento pode ser repetido de maneira contínua, por exemplo, através do sonho, e esse pode conduzir o indivíduo a um retorno completo para a circunstância que ocasionou o trauma. Logo, o indivíduo revive o trauma com a impressão de que essa situação ainda faz parte do seu presente<sup>472</sup>. Tavares expressa a intensidade dos seus sonhos, a ponto de, por momentos, fazê-lo questionar o que é real e o que é imaginação, e isso lhe provoca grandes aflições.

Tavares também afirma que a sua sobrevivência não foi pela sua coragem em resistir e lidar com a condição de prisioneiro, mas sim pelo medo: “Só por medo me salvei. Por medo de ser valente, só por medo de ter coragem de morrer por coragem”<sup>473</sup>. Semelhantemente, outros sobreviventes expõem suas fraquezas e não demonstram nenhum orgulho ou vaidade por terem sobrevivido. Ao contrário, o seu pensamento se volta para aqueles que não tiveram a mesma oportunidade. Já Valdés externaliza como a prisão e a tortura afetaram a sua constituição e a sua identidade, pois ainda naquele contexto ele já não se sentia mais como um ser

<sup>471</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 18.

<sup>472</sup> FREUD, Sigmund. Fixação em traumas – o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. 1996. p. 282-283.

<sup>473</sup> TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. 2012. p. 43.

humano: “[...] eu não serei uma pessoa, não terei expressões”<sup>474</sup>. Ademais, o ambiente de incerteza e a falta de informação da prisão também instigavam o prisioneiro a pensar sobre o sua papel e a sua importância na sociedade: “[...] ficamos nos olhando como órfãos da realidade, como seres irreais cujo destino está esquecido ou suspenso em algum centro indiscernível da nova e caótica realidade da burocracia policial”<sup>475</sup>. Nota-se, então, que, no cárcere, o sujeito que até então tinha uma identidade e um papel na sociedade torna-se um órfão e, mais ainda, um ser irreal, sem rosto e sem relevância, o que conduz a uma desintegração da constituição e identidade do indivíduo.

Por outro lado, passado o cárcere, em uma condição de liberdade, reflexão e reconhecimento da vivência traumática, o sobrevivente tem a possibilidade de atingir um novo conhecimento, por vezes, profundo e complexo sobre a sua condição humana e, a partir disso, expressar suas perspectivas, como o faz Liscano:

Apesar de algumas vezes ter dúvidas, nunca deixarei de acreditar no ser humano, em seu aspecto luminoso, capaz de indescritíveis atos de solidariedade e sacrifício. Mas saberei também que o ser humano é um animal capaz de cometer o mal absoluto, humilhar o outro por diversão, de fazê-lo morrer no tormento. Antes de ser preso não sabia que esta descida ao abismo, esta degradação infinita, era possível. Aterroriza-me olhar neste espelho. Isso aprendi nestes calabouços<sup>476</sup>.

Assim, entende-se que o sobrevivente precisa constituir-se novamente a partir de um novo conhecimento do ser humano, assustador, para além daquilo que se espera ou se imagina que um indivíduo possa atingir em nível de maldade e de perversidade. É uma nova consciência do bem e do mal que atua através dos homens.

---

<sup>474</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. p. 132. Traduzido do original: “[...] no seré una persona, no tendré expresiones”.

<sup>475</sup> Idem. Ibidem. p. 106. Traduzido do original: “[...] nos quedamos mirándonos como huérfanos de la realidad, como seres irreales cuyo destino está olvidado o en suspenso en algún centro indiscernible de la nueva y caótica realidad burocracia policial”.

<sup>476</sup> LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. 2001. p. 106. Traduzido do original: “Pese a que alguna vez tendré dudas, nunca dejaré de creer en el ser humano, en su aspecto luminoso, capaz de indescritibles actos de solidaridad y sacrificio. Pero también sabré que el ser humano es un animal capaz de cometer el mal absoluto, de vejar a otro por diversión, de hacerlo morir en el tormento. Antes de caer preso no sabía que este descenso al abismo, esta degradación infinita, era posible. Aterra mirarse en ese espejo. Eso habré aprendido en estos calabozos”.

Isso posto, percebe-se que narrar o inenarrável é uma tarefa complexa, que se realiza através da fragmentação, da desordem temporal, de repetições, multiplicação de detalhes e referências a cheiros, sons e sensações corporais, além do prolongamento da narrativa em determinadas situações, como as descrições da tortura. Nesse último caso, nota-se que as descrições mais extensas e detalhadas se referem aos momentos de tortura. O chileno Valdés, por exemplo, em seu texto em forma de diário, relata que foi torturado numa segunda-feira, no dia 04 de março de 1974. A narrativa desse dia se estende ao longo de 19 páginas, numa extensão superior aos demais dias narrados no testemunho<sup>477</sup>. Chamam a atenção, também, a reprodução detalhada dos longos diálogos do interrogatório que o sobrevivente teve em meio à tortura, bem como as diversas particularidades descritas. Esse prolongamento da narrativa reflete o momento traumático da tortura, em que o prisioneiro ficava no limite entre a vida e a morte, no qual a noção de tempo tinha seu significado alterado, e, portanto, cada minuto parecia um tempo muito mais demorado, como se aquele momento de sofrimento fosse infindável, conforme descreve o sobrevivente: “Tenho a impressão de que já passei muitos dias aqui e de que continuarei aqui, sempre”<sup>478</sup>.

Apesar de cada sobrevivente ter como base a sua vivência pessoal como prisioneiro para elaborar a sua escrita, a narrativa de testemunho dos sobreviventes das ditaduras latino-americanas ultrapassa a perspectiva pessoal para um âmbito coletivo. Visto a grande proporção histórica dos períodos ditatoriais, pode-se dizer que o trauma atingiu também a coletividade. O sociólogo Jeffrey C. Alexander define como trauma cultural os eventos catastróficos que atingem uma coletividade. Segundo o autor,

[o] trauma cultural ocorre quando membros de uma coletividade sentem que foram submetidos a um evento horrendo que deixa marcas indelévels em sua consciência de grupo, marcando suas memórias para sempre e mudando sua identidade futura de maneiras fundamentais e irrevogáveis<sup>479</sup>.

<sup>477</sup> VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. 1974. p. 128-146.

<sup>478</sup> Idem. Ibidem. p. 143. Traduzido do original: “Tengo la impresión de he pasado muchos días aquí y de que voy a seguir aquí, siempre”.

<sup>479</sup> ALEXANDER, Jeffrey C. Toward a Theory of Cultural Trauma. In: \_\_\_\_\_ *et al.* **Cultural Trauma and Collective Identity**. 2004. p. 01. Traduzido do original: “Cultural trauma occurs when members of a collectivity feel they have been subjected to a horrendous event that leaves indelible marks upon their group consciousness, marking their memories forever and changing their future identity in fundamental and irrevocable ways”.

É inegável o fato de que a violência e a barbárie ocorridas nas ditaduras latino-americanas atingiram não só os que foram diretamente vítimas delas, mas também as gerações futuras, de filhos e netos que carregam a dor da perda de um ente querido ou compartilham o sofrimento do sobrevivente. Um trauma que, em diferentes proporções, é transmitido de uma geração à outra. Nesse sentido, o conceito de trauma cultural também envolve o domínio da “responsabilidade social e da ação política”<sup>480</sup>.

Nessa perspectiva, no momento em que os membros da coletividade reconhecem o evento traumático, eles têm a possibilidade de assumir a responsabilidade de serem solidários uns com os outros, compartilhando os sofrimentos de forma grupal ou comunitária. Embora nem sempre isso aconteça, pois determinados grupos podem não reconhecer o trauma dos outros, quando há o reconhecimento do trauma coletivo, há também o compartilhamento dos sofrimentos com aqueles que passaram por situações iguais ou semelhantes, de forma mais confortável para o sobrevivente, pois há empatia e uma melhor compreensão da vivência traumática.

Nessa acepção, o sociólogo e estudioso das consequências sociais de eventos catastróficos, Kay Theodor Erikson, também faz uma diferenciação do trauma individual e do trauma coletivo:

Por trauma individual, eu me refiro a um golpe na psique que rompe as defesas de alguém tão repentinamente e com uma força tão brutal, que não se pode reagir a ele de forma eficaz... por trauma coletivo, por outro lado, quero dizer um golpe nos tecidos básicos da vida social, que danifica os laços que unem as pessoas e prejudica o senso comunitário prevalecente. O trauma coletivo abre caminho lentamente e, até mesmo, insidiosamente na consciência daqueles que sofrem com isso, então... [é] uma compreensão gradual de que a comunidade não existe mais como uma fonte efetiva de apoio e que uma parte importante de si mesmo desapareceu...<sup>481</sup>.

---

<sup>480</sup> Idem. Ibidem. p. 01. Traduzido do original: “[...] social responsibility and political action”.

<sup>481</sup> ERIKSON, Kay Theodor. **Everything in its Path**. 1976. p. 153-154. Traduzido do original: “By individual trauma I mean a blow to the psyche that breaks through one’s defenses so suddenly and with such brutal force that one cannot react to it effectively...by collective trauma, on the other hand, I mean a blow to the basic tissues of social life that damages the bonds attaching people together and impairs the prevailing sense of communality. The collective trauma works its way slowly and even insidiously into the awareness of those who suffer from it, so it... [is] a gradual realization that the community no longer exists as an effective source of support and that an important part of the self has disappeared...”.

Portanto, quando acontece um evento violento ou trágico, que afeta parte de uma sociedade, há uma ruptura com a visão de proteção e de expectativas em relação a ela. Conseqüentemente, os laços que uniam esse coletivo se rompem, devido ao trauma da vivência sofrida. Como já mencionado, os sobreviventes fazem algum tipo de denúncia em suas obras, relacionado ao fato de que parte do coletivo estava nas prisões, sofrendo torturas, e outra parte continuava vivendo as suas vidas de forma indiferente, demonstrando, com isso, uma ruptura com parte dos laços sociais. Portanto, compartilhar a vivência traumática com o coletivo, seja em forma de narrativa oral ou escrita, além de demonstrar a solidariedade para com os que compartilham a mesma dor e, até mesmo, para com aqueles que não puderam continuar a sua trajetória, é também uma maneira de reatar os tecidos sociais que foram rompidos com o evento traumático. Nesse caso, a narrativa escrita, isto é, a literatura de testemunho, pode ter uma abrangência maior e mais duradoura.

Ainda tratando sobre coletividade e solidariedade, Partnoy já estava imbuída do desejo de se envolver com a dor e o sofrimento dos outros, ciente do que acontecia na ditadura, antes mesmo de virar uma prisioneira: “Me informei do mecanismo de ‘desaparecimento’ que envolvia sequestro, tortura e detenção clandestina, que os militares negaram ter em seu poder. Eu não sabia, então, que logo seria uma pessoa desaparecida”<sup>482</sup>. Após sua prisão e libertação, Partnoy seguiu com o seu compromisso com a coletividade, através do seu relato de testemunho. Nessa perspectiva, as quatro obras aqui analisadas podem ser consideradas exemplares, ao representar, através do testemunho, a história individual e também a de outros, pois dão voz e compartilham a vivência traumática de uma coletividade.

Por fim, seja na esfera pessoal, seja na esfera coletiva, testemunhar é realizar um esforço incomum e necessário para narrar o inenarrável, a fim de compartilhar a vivência de dor e de sofrimento e, conseqüentemente, aliviar a

---

<sup>482</sup> PARTNOY, Alicia. **La escuela**: relatos testimoniales. 2006. p. 09-10. Traduzido do original: “Me enteré del mecanismo de la ‘desaparición’ que involucraba secuestro, tortura y detención clandestina, a quienes los militares negaban tener en su poder. No sabía entonces que en breve me convertiría en una persona desaparecida”.

carga traumática do sobrevivente através dessa narrativa. Em consonância com outros autores já mencionados no decorrer deste estudo, Maurice Blanchot afirma:

Escrever é não mais localizar a morte no futuro, sempre já passado, mas aceitar sofrê-la sem torná-la presente e sem estar presente diante dela, saber que ela aconteceu, embora não seja vivida, e reconhecê-la no esquecimento que ela deixa e cujos rastros apagados eles convidam a se isentar da ordem cósmica, ali onde o desastre torna o real impossível e o desejo indesejável<sup>483</sup>.

Assim, a literatura de testemunho auxilia o sobrevivente a reorganizar e a ressignificar a vivência traumática, possibilitando-o a conviver com ela já não mais com a mesma intensidade, a tê-la em suas memórias, mas sem revivê-la constantemente. A literatura de testemunho auxilia, ainda, o sobrevivente a se reconstituir como ser humano, a se reintegrar e a resgatar os seus vínculos com uma coletividade.

Ao escrever, o sobrevivente transfere parte da vivência traumática e seus sintomas para a narrativa e, com isso, ressignifica e alivia a sua carga de dor e de sofrimento. Nos relatos de testemunho, por sua vez, os sinais do trauma se manifestam de diferentes formas: nas palavras não ditas, naquilo que não pode ser lembrado ou verbalizado, em trechos contados aos pedaços, em outros que são narrados com profusão de detalhes e, ainda, em figuras de linguagem e em elementos textuais que dão suporte à escrita, num esforço de reorganizar e reconstruir a memória do período sombrio que foi a ditadura.

---

<sup>483</sup> BLANCHOT, Maurice. **La escritura del desastre**. 1987. p. 61. Traduzido do original: “Escribir es no ubicar más en el futuro la muerte siempre ya pasada, sino aceptar sufrirla sin hacerla presente y sin hacerse presente ante ella, saber que tuvo lugar, aunque no experimentada, y reconocerla en el olvido que deja y cuyas huellas que se borran invitan a exceptuarse del orden cósmico, allí donde el desastre torna imposible lo real, e indeseable el deseo”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apenas uma coisa permanecia ao alcance, próxima e protegida em meio a todas as perdas: a linguagem. Sim, a linguagem. A despeito de tudo, ela permanecia protegida contra a perda. Porém, teve de passar por sua própria falta de respostas através do silêncio aterrador e das milhares de trevas do discurso assassino. Ela passou. Não me ofertou palavras para o que estava acontecendo, mas passou. Passou e pôde voltar à superfície, enriquecida por tudo aquilo.

(Paul Celan)

Os livros **Tejas Verdes**, do chileno Héran Valdés, **La escuela**, da argentina Alicia Partnoy, **Memórias do esquecimento**, do brasileiro Flávio Tavares, e **El furgón de los locos**, do uruguaio Carlos Liscano, são testemunhos escritos a partir de um horizonte em comum: a condição de sobreviventes das ditaduras latino-americanas. Portanto, essas obras têm uma ligação direta com a violência e o autoritarismo da ditadura militar que se estabeleceu nos respectivos países dos autores, assim como em diversos países da América Latina, na segunda metade do século XX, e cujo pensamento autoritário persiste em se perpetuar mesmo após o fim dos referidos regimes, conduzindo a uma reflexão sobre a ideia de solidez e de segurança dos atuais regimes democráticos. Ademais, embora o termo ainda suscite discussões, é possível classificá-las como literatura de testemunho, na medida em que diz respeito a um sujeito que (sobre)viveu a um acontecimento histórico marcado pela violência e pelo autoritarismo, a saber, a ditadura militar, e tem a possibilidade de dar testemunho sobre ele, como forma de reação a tal acontecimento.

Os acontecimentos de extrema violência põem em questionamento a racionalidade do ser humano e da sociedade, pois visam à desconstrução e à destruição do outro. Ao sobreviver a uma catástrofe, como os períodos ditatoriais da América Latina, o sujeito tem, por vezes, a necessidade de reconstruir o seu passado de ruínas e, nesse sentido, a literatura de testemunho é um instrumento para reconstrução do indivíduo e da história. Ademais, a literatura de testemunho dá ênfase ao vínculo com a realidade, pois quem testemunha faz uma narrativa caracterizada pelo “real”<sup>484</sup> traumático. Contudo, nesse contexto, o grande desafio

---

<sup>484</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2003. p. 48.

do sobrevivente é a sua capacidade de perceber e simbolizar a vivência traumática, ultrapassando as barreiras e as limitações da linguagem.

Contextualizando as obras aqui abordadas, o Chile, a Argentina, o Brasil e o Uruguai têm suas histórias caracterizadas por períodos em que houve uma ruptura com a democracia, sendo esses países tomados por regimes ditatoriais. Tais períodos foram marcados pela forte censura, pela violência do Estado para com a população, pelo grande número de prisões, pelas agressões descabidas, pelo uso das mais diferentes técnicas de tortura como prática constante, além de mortes e desaparecimentos de prisioneiros. A vida de Valdés, Partnoy, Tavares e Liscano são marcadas pela prisão, pela dor e pela tortura e, nos três primeiros casos, o exílio. Todos esses acontecimentos constituíram a vivência traumática dos narradores, que a transmitem em suas narrativas de testemunho, cada qual com suas particularidades.

Em todas as narrativas, é possível notar o signo de um acontecimento verídico, pois elas são elaboradas a partir do relato de sobreviventes de vivências traumáticas. Os autores de cada obra destacam seu teor de veracidade a tal ponto que negam a possibilidade de uma abordagem da narrativa pelo viés meramente estético, pois o seu objetivo é dar ênfase à postura ética de um relato verídico. Aliás, os autores declaram explicitamente que, ao elaborarem o seu testemunho, abrem mão de qualquer pretensão ou qualidade estética, a fim de representar as suas memórias do modo mais fidedigno possível. No entanto, é plausível vislumbrar uma abordagem estética, observando a forma como a narrativa é construída e, também, como as sensações e as emoções são elaboradas em tais relatos. Porém, essa perspectiva estética em nada afeta o viés ético, de um episódio verídico que acometeu o sobrevivente.

É importante destacar que, para um melhor entendimento e análise da literatura do testemunho, faz-se necessário ir além do âmbito da teoria literária. Em vista disso, o conhecimento e as teorias dos campos da historiografia, psicanálise, sociologia, entre outros, são fundamentais para compreender os diferentes aspectos que envolvem os relatos testemunhais dos governos ditatoriais. As teorias do trauma, categoria tomada da psicanálise, se fazem essenciais para compreender a literatura de testemunho produzida na América Latina, a constituição do sobrevivente e do autor/narrador, bem como a relação entre aquilo

que é inenarrável, devido ao grau de dor e de sofrimento trazido pela memória dos acontecimentos traumáticos, e o testemunho.

Quanto à constituição dos sobreviventes, observa-se, nos testemunhos de Valdés, Partnoy, Tavares e Liscano, tanto pelos episódios descritos quanto pelos elementos de linguagem, que se trata de sujeitos que, primeiramente, viveram no cárcere e, portanto, foram destituídos de todos os seus bens e convívio familiar e social. Além disso, na prisão, foram sujeitados às condições sanitárias degradantes, comida escassa e de má qualidade, humilhações diversas, sofrimentos em todos os âmbitos, além da dor extrema e da tortura, que visava, para além do interrogatório, à degradação e à anulação física e psíquica do prisioneiro, conduzindo-o a uma condição limiar entre a vida e a morte.

Em vista disso, a violência extrema tem um “impacto desintegrador da personalidade”<sup>485</sup> para aqueles que a sofreram. Portanto, o sobrevivente é um sujeito que foi afetado como um todo, pois o físico e o psíquico foram violentados e desestruturados, sofrendo danos profundos. Ademais, é um sujeito que teve as bases e as convicções de sociedade esfaceladas, perdendo uma referência confiável e, também, o seu espaço de conforto e de segurança no mundo. Logo, o sobrevivente é um indivíduo traumatizado, que carrega consigo as consequências do passado catastrófico, vivendo uma realidade confusa e imprecisa, com memórias sob as quais ele não tem controle. A propósito, a respeito da memória, ela é fragmentada, confusa e desordenada, a qual faz o sobrevivente reviver a dor do acontecimento traumático de forma intensa, como se o acontecimento se repetisse no presente.

Nesse sentido, os sobreviventes das prisões da ditadura vivem, para além de memórias do passado, como se o acontecimento traumático não pudesse ser concluído, ou seja, o sujeito continua a viver nele. Assim, a vivência traumática não é algo completo, acabado, distante e que ficou no passado. Ao contrário, o sobrevivente revive o passado no presente com a mesma intensidade do evento traumático, através de memórias sobre as quais não tem domínio e que permanecem como uma ferida aberta. As memórias relacionadas à neurose traumática também têm como característica imagens muito nítidas, literais e

---

<sup>485</sup> BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. 1989. p. 34.

detalhadas do acontecimento traumático, e elas surgem na consciência de maneira independente da vontade do sobrevivente<sup>486</sup>.

O sujeito em sua constituição de sobrevivente de um ou mais acontecimentos traumáticos tem, então, outra questão que o afeta: entre a tentativa de esquecer, o recordar e o testemunhar, ele trava um conflito interno que, independentemente de suas escolhas, ocasionarão dor e sofrimento. São decisões entre diferentes sofrimentos: 1) a tentativa de esquecimento, que será frustrada, pois o trauma não permite o esquecimento completo dos acontecimentos vividos; 2) o recordar, que conduzirá o sobrevivente a reviver de forma intensa os acontecimentos traumáticos; e 3) o narrar e/ou testemunhar, que conduzirá ao difícil e doloroso processo de transpor da mente para a escrita a vivência traumática, suscitando um sentimento de incapacidade de verbalizar e expressar a vivência traumática, pois o sobrevivente não tinha referências até vivê-la e, tampouco, há recursos linguísticos em um nível adequado para descrevê-la. Todavia, a última opção se torna, também, a mais benéfica ao sobrevivente, pois, ao decidir narrar as suas memórias, ele tem a possibilidade de reorganizá-las e de compartilhar a vivência traumática, aliviando-a e ressignificando o seu passado.

Nas narrativas analisadas neste estudo, dois sobreviventes registraram suas memórias logo após saírem da condição de prisioneiros, enquanto dois resistiram por décadas, na luta inútil para esquecer os acontecimentos traumáticos, pois o esquecimento é desejável por aqueles que passaram por eventos de extrema violência, como os sobreviventes da ditadura militar e de campos de concentração, mas, ele não é uma opção factível. O chileno Valdés e a argentina Partnoy, diferentemente de muitos sobreviventes, sentiram urgência em registrar as suas memórias, no anseio de que elas não se perdessem, mas com um propósito muito marcante, além do pessoal, que era de trazer a público e denunciar os abusos, as atrocidades e os crimes do governo ditatorial dos seus respectivos países. Cabe ressaltar que ambos escreveram seus testemunhos durante o exílio, pois sentiram um pouco mais de segurança para isso, longe da repressão e da censura de seus países, enquanto gozavam de liberdade, apesar de incerta.

---

<sup>486</sup> ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. 2020. p. 42.

Por sua vez, o brasileiro Tavares e o uruguaio Liscano passaram décadas tentando inutilmente reprimir e esquecer vivência traumática e, assim, sofrendo com os sintomas do trauma, pois ele é conservado na memória do sobrevivente como parte da própria realidade, dificultando ao sujeito distanciar-se daqueles eventos que causaram o trauma, compreendê-los de forma minimamente coerente e, conseqüentemente, enfraquecê-los. Passados muitos anos, ambos os sobreviventes viram na narrativa de testemunho uma possibilidade de reorganizar as suas memórias e ressignificar o passado como prisioneiros, reconhecendo tal período como parte de suas histórias, e, assim, possibilitando retomar as trajetórias de suas vidas de forma mais amena, mais controlada e com uma carga mais leve em relação à vivência traumática.

Portanto, seja de forma imediata ou após transcorridos muitos anos, os sobreviventes sentem a necessidade de reconstituir a sua própria história, sem o esquecimento do passado, mas de modo que possam olhar para ele e compreendê-lo como parte daquilo que o constitui no presente. Essa reconstituição não precisa ser necessariamente em forma de narrativa escrita, pois se tem aqui consciência de que alguns sobreviventes também reconstituem seu passado de forma oral, em ambientes adequados a tal tipo de narrativa. No entanto, para muitos dos sobreviventes das ditaduras latino-americanas, que vivenciaram a dor e a tortura das prisões, a narrativa escrita possibilita conferir significação a tais vivências e, por intermédio do seu conjunto de normas, conduzi-los a uma organização um pouco mais coerente e racional dos fatos vivenciados para, então, incorporá-los de forma mais razoável a sua trajetória.

Nesse contexto, para escrever sobre seu passado, o sobrevivente precisa juntar os fragmentos de uma história desconstruída e de um indivíduo que tentou ser anulado, a fim de reformular as suas vivências e de se constituir novamente como sujeito. A partir dos relatos de testemunho dos sobreviventes Valdés, Partnoy, Tavares e Liscano, observam-se algumas características em comum das narrativas dos períodos ditatoriais, bem como alguns sinais do trauma do sobrevivente manifestos nelas. Primeiramente, é válido destacar que os sobreviventes demonstram alguma consciência sobre as limitações da sua memória e da sua narrativa, pois nem tudo pode ser lembrado, escrito ou representado, há vivências que são inexprimíveis. Em segundo lugar, todos enfatizam o compromisso ético com

a veracidade da narrativa, e que abriram mão de qualquer pretensão estética nas referidas obras.

Além do mais, há uma série de características que, contextualizadas nas narrativas de testemunho, também indicam sinais do trauma que afeta o sobrevivente. São eles: o aspecto temporal da narrativa, com partes descoordenadas e fora da ordem cronológica; os grandes saltos temporais na narrativa; fragmentação da narrativa; confusão e ambiguidade de pensamento; as lacunas de memória do autor/ narrador; repetições e multiplicação de detalhes; o prolongamento da narrativa de determinadas situações, como as descrições das torturas; denúncias; a preservação e a reprodução de diálogos do sobrevivente e de seus companheiros de prisão, conservando os insultos, vocabulário e deformações usados nos diálogos; e, ainda, grande parte das narrativas limita-se ao restrito espaço físico da prisão em que estavam confinados. Somam-se a isso os usos dos recursos de linguagem, que ajudam a estabelecer uma conexão entre os fatos do passado e a transição para a linguagem escrita, como, por exemplo, as figuras de linguagem, como as metáforas e comparações simples que recorrem ao reino animal e à objetificação do ser humano, antíteses, paradoxos e gradações, entre outras, que ajudam a fornecer uma dimensão mais próxima dos sofrimentos passados pelos sobreviventes do cárcere e da tortura.

Observa-se, ainda, o emprego da pontuação, como, por exemplo, o uso de muitas reticências, deixando em aberto aquilo que não pôde ser dito ou o que se deseja silenciar naquele momento e, assim, dando espaço para as possíveis interpretações do leitor. Na narrativa do testemunho, há a tríade sobrevivente-autor-narrador indicando um único sujeito. Para esse último, o narrador, não há a caracterização de um narrador realista, pois a sua onisciência foi abalada, visto que a integridade do sujeito foi destruída. Assim, há, mais propriamente, traços do narrador moderno, especialmente pelo fato de ele expor os limites de sua consciência e das suas dificuldades e limitações, refletindo-se na desintegração de uma sequência temporal linear, sem controle sobre o tempo de sua narrativa e de suas memórias, sentimentos e emoções, que surgem de forma desordenadas e, por vezes, confusas e ambíguas. A exceção dos quatro testemunhos aqui analisados, quanto à sequência temporal, é o relato de Valdés que elabora a sua narrativa imediatamente após a sua libertação, em forma de diário datado,

justamente na perspectiva de estabelecer uma ordem temporal dos fatos, com o propósito de evitar o esquecimento e dar mais credibilidade à narrativa. Embora ainda assim surjam algumas irregularidades, de fato, uma ordem mais coerente é estabelecida se comparado às narrativas de Partnoy, Tavares e Liscano.

Ainda nesse viés, diversas características psicológicas dos sobreviventes são descritas ou são perceptíveis no testemunho, como os sonhos e pesadelos relacionados ao acontecimento traumático com grande carga emocional, *flashbacks* das memórias do passado, o medo, a culpa, a solidariedade, algumas perspectivas dentro do cárcere e fora dele, problemas na constituição e na identidade do sujeito, esquecimentos e contradições, entre outras particularidades. Conforme os estudos de Braunstein<sup>487</sup> mencionados previamente, o sobrevivente traumatizado tem que lidar com as memórias e imagens violentas do passado, e o reflexo se dá na sua narrativa, através dos diversos elementos citados. Além disso, os sobreviventes expõem as suas fraquezas e não demonstram nenhum orgulho ou vaidade por terem sobrevivido aos porões da ditadura militar; ao contrário, o sentimento é de pesar por aqueles não conseguiram sobreviver.

Diante do exposto, embora a literatura de testemunho seja complexa pela sua constituição, verifica-se que o propósito do sobrevivente é comunicar de modo simples e objetivo a sua vivência, e, para tanto, os recursos linguísticos aqui mencionados o auxiliam a descrever e a dar uma dimensão mais congruente às vivências traumáticas do passado e, conseqüentemente, registrar a sua memória e a sua história através da linguagem, sem banalizá-la. A relevância da literatura de testemunho se dá em diferentes perspectivas, visto que ela abrange uma dimensão individual e coletiva.

Em termos de coletividade, a literatura de testemunho desempenha diferentes funções tanto para os sobreviventes, quanto para os familiares daqueles que foram vítimas das ditaduras latino-americanas. Nessa perspectiva, a partir do momento em que os sobreviventes e os membros de uma coletividade reconhecem o evento traumático, há a possibilidade de eles assumirem a responsabilidade de serem solidários uns com os outros, compartilhando as vivências e os sofrimentos passados de forma grupal ou comunitária, amenizando, assim, a dor do passado e reconstituindo o senso de coletividade e sociedade que foi desestruturado para os

---

<sup>487</sup> BRAUNSTEIN, Néstor A. **Sobrevivendo ao trauma**. s. d.

prisioneiros do regime ditatorial. Outro aspecto essencial exposto pelos sobreviventes e visível nas quatro obras analisadas diz respeito ao fato de que a literatura de testemunho tem a importante missão de contribuir com a justiça, contrapondo as histórias oficiais das ditaduras latino-americanas e trazendo à tona alguns dos acontecimentos que foram encobertos, através das narrativas repletas de sentimentos, emoções e detalhes, contrárias à suposta neutralidade que se espera de um historiador, mas comprometida com a veracidade dos fatos. Portanto, a literatura de testemunho abre a possibilidade de ser uma forma de fazer justiça e de dar voz aos que foram silenciados, como é o caso do testemunho de Alicia Partnoy, que foi usado como prova em tribunal para o julgamento dos responsáveis diretos do campo de concentração La escuelita.

Ainda em se tratando da importância da literatura de testemunho para a coletividade, através dela, os sobreviventes têm a possibilidade de exercer a compaixão para com aqueles que não sobreviveram, dando a eles identidade, voz e um registro em suas memórias. A propósito, o resgate da memória do passado é um grande anseio também para os familiares dos prisioneiros que foram mortos e/ou que desapareceram nos períodos ditatoriais, pois, se não houve a possibilidade de resgate da história e do corpo, há ainda luta constante pelo resgate da memória dos desaparecidos. Por fim, através do testemunho, é possível construir uma narrativa que contraponha e ofereça resistência à ideologia dominante e à história oficial, devido às particularidades e às perspectivas expostas nos testemunhos.

De um ponto de vista individual, vale lembrar que o trauma faz com que o sobrevivente não seja capaz de assimilar e de incorporar as vivências traumáticas como parte da sua história de vida, revivendo-a, pois, de maneira descontrolada. Com isso, para organizar minimamente e narrar um passado que é inenarrável, o sobrevivente enfrenta conflitos internos para encontrar uma forma de expressar a complexidade, a estranheza e o horror da vivência traumática. Isto posto, fica evidente que a literatura de testemunho é a narrativa de um sobrevivente em reconstrução em cima das bases da violência, da dor e do trauma. E, embora a linguagem nem sempre dê conta de expressar ou representar na íntegra a dor e o sofrimento do sobrevivente, ainda assim ela possui um papel fundamental na sua reconstrução.

Ao adentrar no âmbito da escrita do testemunho, a linguagem e a narrativa auxiliam o sobrevivente a dar forma à vivência traumática que não pôde ser esquecida. A narrativa conduz o indivíduo 1) a reorganizar as suas memórias, mesmo que persista certa desordem cronológica na organização dos eventos, 2) a retramar a sua história, e, por fim, 3) a simbolizar e a externalizar, ainda que de modo incompleto, os acontecimentos passados que eram fontes de dor e de sofrimento, conduzindo-o a compreender a sua realidade e a incorporar as ocorrências passadas em sua trajetória de vida. Por mais doloroso que seja, ao escrever o seu testemunho, o sobrevivente tem uma nova compreensão de sua história de vida, e uma nova consciência de si, do outro e do bem e do mal que pode atuar através dos seres humanos, de modo que todos esses elementos são importantes para o sobrevivente se reconstituir como sujeito histórico e reestabelecer o seu lugar no mundo.

Para o sobrevivente, ao tentar expressar aquilo que, por vezes, é indizível, o uso de diferentes recursos para a escrita, como as figuras de linguagem, a pontuação, o vocabulário, as referências conhecidas, entre outros, seja de forma consciente ou não, auxiliam-no na sua narrativa para dar uma representação mais precisa ao leitor da sua vivência de dor e de tortura, tornando-se, assim, um facilitador tanto para quem escreve o testemunho, quando para quem o lê. Dessa maneira, o testemunho se torna mais acessível e compreensível tanto para o sobrevivente que o narrou quanto para aqueles que terão acesso a ele, mesmo não tendo representado a violência, a dor e a tortura na integralidade. Assim, a literatura de testemunho possibilita ao sobrevivente conviver com a vivência traumática já não mais com a mesma intensidade, a tê-la em suas memórias, mas sem revivê-la constantemente.

Portanto, com base na análise dos relatos de testemunhos que constituem o *corpus* desta tese, evidenciou-se que algumas necessidades do sobrevivente são supridas através da narrativa, como, por exemplo, a possibilidade de organizar minimamente as suas memórias e ter uma melhor compreensão delas, compartilhar o seu passado de dor e de violência, registrar a sua história e a daqueles que não sobreviveram ou que não tiveram a oportunidade de fazê-lo, além de estabelecer um senso de justiça e de resistência ao denunciar as barbáries cometidas pelos regimes ditatoriais. Uma vez supridas, em certa

instância, tais necessidades, o sobrevivente reelabora a sua vivência traumática, desencadeando um autoconhecimento mais profundo e uma nova compreensão sobre os fatos passados e a sua perspectiva presente.

Logo, representar o passado de violência, dor e tortura através da escrita do testemunho é um ato libertador para o sobrevivente, visto que ele não precisa mais manter apenas em sua mente e para si o fardo e o sofrimento da vivência traumática, mas pode externalizá-la e compartilhá-la. Ao escrever, o sobrevivente transfere parte da vivência traumática e seus sintomas para a narrativa e, com isso, confirma a tese inicial de que a literatura de testemunho ressignifica a história, a dor e as memórias do passado e, também, alivia a carga traumática, de sofrimentos relacionados ao período sombrio das ditaduras latino-americanas, dando, assim, uma nova perspectiva de continuidade de vida ao sobrevivente.

Por fim, tratar sobre o passado dos períodos ditatoriais latino-americanos é uma invocação à reflexão e à evolução humana, para que, através do conhecimento e da conscientização, a democracia não volte a ser ameaçada, e os homens não cometam os mesmos erros que podem conduzir à violência e à destruição de sua própria espécie. Antes, que haja a compreensão de que o poder e os interesses políticos de grupos específicos não devam estar acima de tudo, mas sim que se construa a consciência de que o respeito, a solidariedade, a empatia e a compreensão das diferenças são valores indispensáveis à humanidade.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter *et al.* **Textos escolhidos**. Trad. José Lino Grünnewald *et al.* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 269-273.

\_\_\_\_\_. **Minima moralia**. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **Can One Live After Auschwitz?: a Philosophical Reader**. Rolf Tiedmann (Ed.). Trad. Rodney Livingstone *et al.* Stanford: Stanford University Press, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALEXANDER, Jeffrey C. Toward a Theory of Cultural Trauma. In: \_\_\_\_\_; EYERMAN, *et al.* **Cultural Trauma and Collective Identity**. Berkeley: University of California Press, 2004. p. 01-30.

ALMEIDA, Agassiz. **A ditadura dos generais: estado militar na América Latina: o calvário na prisão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ANKERSMIT, Frank. **Trauma and Suffering: a Forgotten Source of Western Historical Consciousness**. 2002. Disponível em [http://culturahistorica.org/wp-content/uploads/2020/02/ankersmit-trauma\\_and\\_suffering.pdf](http://culturahistorica.org/wp-content/uploads/2020/02/ankersmit-trauma_and_suffering.pdf). Acesso em: 05 out. 2021.

ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. Curitiba: Appris, 2020.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BARTHES, Roland. O discurso da história. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 163-180.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BENJAMIN, Walter. Conto e cura. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 255-256.

\_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119.

\_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

\_\_\_\_\_. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas. Vol. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103-149.

BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BEVERLEY, John. The Margin at the Center: On *Testimonio*. In: GUGELBERGER, Georg M. (Ed.). **The Real Thing: Testimonial Discourse and Latin America**. 1996. p. 23-41.

BLANCHOT, Maurice. **La escritura del desastre**. Trad. Pierre de Place. Venezuela: Monte Ávila Editores, 1987.

BRAUNSTEIN, Néstor A. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. s. d. Disponível em <<http://nestorbraunstein.com/escritos/index>>. Acesso em: 21 out. 2016.

CALLADO, Antonio. **Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos**. Trad. Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CARUTH, Cathy (Ed.). **Trauma: Explorations in Memory**. Baltimore/ London: Johns Hopkins University, 1995.

COMISIÓN Nacional Sobre Prisión Política Y Tortura. **Informe**. Santiago: La Nación S.A., 2004.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CORNELSEN, Élcio Loureiro. O testemunho na chave do trauma: aspectos teóricos. In: UMBACH, Rosani Ketzer; CALEGARI, Lizandro Carlos (Orgs.). **Estética e política na produção cultural: as memórias da repressão**. Santa Maria: UFSM. 2011. p. 9-30.

\_\_\_\_\_. Totalitarismo. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 14, p. 125-139, jul./dez., 2009.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História**,

**memória, literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. p. 125-140.

Erikson, Kay Theodor. **Everything in its Path**. New York: Simon and Schuster, 1976.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. Trad. Cláudia Valladão de Mattos. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-71.

\_\_\_\_\_. Education and Crisis, or the Vicissitudes of Teaching. In: \_\_\_\_\_; LAUB, Dori (Eds.). **Testimony:** crises of witnessing in literature, psychoanalysis, and history. New York/ London: Routledge, 1992. p. 1-56.

\_\_\_\_\_. The Return of the Voice: Claude Lanzmann's Shoah. In: \_\_\_\_\_; LAUB, Dori (Eds.). **Testimony:** crises of witnessing in literature, psychoanalysis, and history. New York/ London: Routledge, 1992. p. 204-283.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. p. 355-374.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. [1920]. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Vol. XVIII. Trad. Jayme Salomão e Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85.

\_\_\_\_\_. Fixação em traumas – o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição *standard* brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVI. p. 281-308.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição *standard* brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XII. p. 161-171.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Esquecer o passado? In: \_\_\_\_\_. **Limiar, aura e rememoração:** ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014. p. 251-263.

\_\_\_\_\_. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GANDSMAN, Ari. The Ex-Disappeared in Post-Dictatorship Argentina: The Work of Testimony and Survivors at the Margins. In: HIGH, Steven (Ed.). **Beyond Testimony and Trauma:** Oral History in the Aftermath of Mass Violence. Vancouver/ Toronto: UBC, 2015. p. 31-55.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

\_\_\_\_\_. **A ditadura derrotada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. **Letras**, Santa Maria, n. 18-19, p. 121-144, jan./dez., 1999.

\_\_\_\_\_. Escritas da tortura. **Diálogos Latinoamericanos**, Arhus, n. 30, p. 131-146, 2001.

\_\_\_\_\_. Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema de teoria da autobiografia. In: \_\_\_\_\_. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012. p. 159-169.

GUGELBERGER, Georg M. Introduction: Institutionalization of Transgression: Testimonial Discourse and Beyond. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **The Real Thing: Testimonial Discourse and Latin America**. 1996. p. 1-22.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARTMAN, Geoffrey. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 207-235.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IGEL, Regina. **Imigrantes judeus/ Escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva; Associação Universitária de Cultura Judaica; Banco Safra, 1997.

KRAMER, Sven. Dor de tortura e literatura. Trad. Rosani Ketzer Umbach. In: UMBACH, Rosani Ketzer; CALEGARI, Lizandro Carlos (Orgs.). **Estética e política na produção cultural: as memórias da repressão**. Santa Maria: UFSM. 2011. p. 31-52.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAUB, Dori. Bearing Witness, or the Vicissitudes of Listening. In: FELMAN, Shoshana; \_\_\_\_\_. (Eds.). **Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History**. New York/ London: Routledge, 1992. p. 57-74.

\_\_\_\_\_. Truth and Testimony: the Progress and the Struggle. In: CARUTH, Cathy (Ed.). **Trauma: Explorations in Memory**. Baltimore/ Londres: Johns Hopkins University, 1995. p. 61-75.

LEŚNIAK, Roman. Post-Camp Personality Alterations in Former Prisoners of the Auschwitz-Birkenau Concentration Camp. In: RYN, Zdzisław Jan; SUŁOWICZ, Władysław (Eds.). **Auschwitz Survivors: Clinical Psychiatric Studies**. 2.ed. Kraków: Wydawnictwo Przegląd Lekarski, 2013. p. 37-54.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: \_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 215-236.

LIMA, Luiz Costa. **A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LISCANO, Carlos. **El furgón de los locos**. Montevideo: Planeta, 2001.

\_\_\_\_\_. **O furgão dos loucos**. Trad. Hugo Adrian Martinez. São Paulo: Garçon, 2003.

MARCO, Valéria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. **Lua Nova, Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 1, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2018.

MORAES, Eliane Robert. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 149-156.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na história. **Letras: Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 22, p. 79-95, jan./jun., 2001.

PARTNOY, Alicia. **La escuelita: relatos testimoniales**. Buenos Aires: La Bohemia, 2006.

RICHARD, Nelly. **Crítica de la memoria**. Santiago: Universidad Diego Portales, 2010.

\_\_\_\_\_. Citar a violência: a rotina oficial e as convulsões do sentido. In: \_\_\_\_\_. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 75-92.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain Fraçois *et al.* Campinas: Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. p. 45-58.

\_\_\_\_\_. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. p. 371-386.

\_\_\_\_\_. A história como trauma. In: In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

\_\_\_\_\_. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**: Literatura, Violência e Direitos Humanos, Santa Maria, n. 16, p. 09-37, jan./jun., 1998.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

\_\_\_\_\_. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**: os segredos dos porões da ditadura. Porto Alegre: L&PM, 2012.

VALDÉS, Hernán. **Tejas Verdes**: diario de un campo de concentración en Chile. Barcelona: Ariel, 1974.

\_\_\_\_\_. **Tejas Verdes**: diário de um campo de concentração no Chile. Trad. Fernando Batinga. Lisboa: Edições 70, 1974.

VEYNE, Paul. “Apenas uma narrativa verídica”. In: \_\_\_\_\_. **Como se escreve história**. Trad. Alda Baltar e Maria A. Kneipp. Brasília: UnB, 2008. p. 17-21.

\_\_\_\_\_. **Como se escreve a história**: e Foucault revoluciona a história. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: UnB, 1998.

VIÑAR, Marcelo; VIÑAR, Maren. **Exílio e tortura**. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.

VIÑAR, Maren Ulriksen de; VIÑAR, Marcelo N. Exilio y tortura. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Fracturas de memoria**: crónicas para una memoria por venir. Montevideo: Trilce, 1993. p. 51-65.

VIÑAR, Marcelo N. Especificidad de la tortura como trauma: el desierto humano cuando las palabras se extinguen. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis APDEba**, Uruguay, n. 100, p. 29-63, jul./dez., 2005.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. Trad. José Laurêncio de Melo. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

YÚDICE, George. Testimonio and Postmodernism. In: GUGELBERGER, Georg M. (Ed.). **The Real Thing**: Testimonial Discourse and Latin America. Durham: Duke University, 1996. p. 42-57.